

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**



**O COLÉGIO SALESIANO EM JUAZEIRO DO NORTE E O PROJETO  
EDUCACIONAL DO PADRE CÍCERO: OS BENFEITORES DA  
JUVENTUDE (de 1939 aos anos de 1970)**

**NÚBIA FERREIRA ALMEIDA**

**FORTALEZA-CE  
2011**

**NÚBIA FERREIRA ALMEIDA**

**O COLÉGIO SALESIANO EM JUAZEIRO DO NORTE E O PROJETO  
EDUCACIONAL DO PADRE CÍCERO: OS BENFEITORES DA  
JUVENTUDE (de 1939 aos anos de 1970)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará – Faced/UFC, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Área de Concentração: História da Educação Comparada.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Juraci Maia Cavalcante

**FORTALEZA-CE  
2011**

A449c Almeida, Núbia Ferreira

O Colégio Salesiano em Juazeiro do Norte e o projeto educacional do Padre Cícero: os benfeitores da juventude (de 1939 aos anos de 1970) / Núbia Ferreira Almeida. 2011.

282p.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. PhD Maria Juraci Maia Cavalcante

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Fortaleza, 2011.

1. Educação Comparada – História – Brasil 2. Educação Cristã – História – Brasil. I. Cavalcante, Maria Juraci Maia. II. Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira.

CDD 370.9

**NÚBIA FERREIRA ALMEIDA**

**O COLÉGIO SALESIANO EM JUAZEIRO DO NORTE E O PROJETO  
EDUCACIONAL DO PADRE CÍCERO: OS BENFEITORES DA JUVENTUDE  
(de 1939 aos anos de 1970)**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Educação.

Área de Concentração: História da Educação Comparada.

Aprovada em: 04/ 08/ 2011

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> PhD. Maria Juraci Maia Cavalcante (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará – UFC

---

Prof. Dr. Francisco Régis Lopes  
Universidade Federal de Ceará – UFC

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Zuleide Fernandes de Queiroz  
Universidade Regional do Cariri – URCA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Elizabeth Bastos de Miranda  
Universidade Federal do Ceará – UFC

---

Prof. Dr. Eduardo Girão Santiago  
Universidade Federal do Ceará – UFC

---

Prof. Dr. Jorge Carvalho de Nascimento  
Universidade Federal de Sergipe – UFS

Aos meus amigos, padre Antenor de Andrade Silva, Geová Sobreira Magalhães, padre Antonio Gomes de Medeiros Filho, Raimundo Rodrigues Araújo e Renato Casimiro, pelas alegrias e dúvidas compartilhadas. Com vocês, as pausas entre um parágrafo e outro de elaboração, melhorou tudo o que tenho produzido no trabalho.

Ao amigo Pedro Ferreira Barros, pelos vários momentos de discussão e debate, que me proporcionaram crescimento profissional. Com você aprendi que sempre precisamos de outras pessoas para alcançar os nossos objetivos. Muitas vezes, um simples gesto pode mudar a nossa vida e contribuir para o nosso sucesso, portanto, é a você, de modo muito especial, que dedico este trabalho.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que se mostrou cada dia mais amigo quando enviou, através da amiga Zilsa Maria Pinto Santiago, seu fôlego de vida em mim e, assim, me deu coragem para questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades, através dessa longa jornada. Agradeço por tudo que fui, sou e serei.

À professora Dra. Juraci Maia Cavalcante, orientadora da tese, agradeço o apoio, a partilha do saber e as valiosas contribuições para o trabalho. Acima de tudo, obrigada por me acompanhar de uma forma tão próxima nesta jornada, por estimular o meu interesse pelo conhecimento na área da História da Educação e pelo exemplo ético de conduzir a vida acadêmica.

À Congregação Salesiana, por abrir seus arquivos para que a memória de suas atividades educacionais ficasse registrada nas histórias contadas sobre Juazeiro do Norte e o Padre Cícero Romão Batista.

A Antonio Pequeno Mena Barreto Linhares, pessoa com quem amo partilhar a vida. Com você tenho me sentido mais viva de verdade. Obrigada pelo carinho, paciência e por sua capacidade de me trazer paz na correria desses quatro anos.

A minha família, por sua capacidade de acreditar em mim e especialmente à minha mãe pelo forte apoio intelectual ao ter me ensinado, desde os tempos de criança, o valor da educação.

Aos meus irmãos: Marcus Fábio Soares Junior, Lindon Johnson Ferreira, Raniere Ferreira, Quitéria Lucia Ferreira, Assunção Ferreira, José Rubens (*in memoriam*) e Francisco Sávio Ferreira. O orgulho que sentiam significou para mim, a esperança de seguir e a certeza de que eu não estava sozinha nessa caminhada.

Ao meu irmão de coração, Antonio Chessman Alencar Ribeiro, por ter iluminado o meu caminho através da sua sabedoria.

Às minhas irmãs e sobrinhas de coração, Maria do Socorro Linhares Pinheiro, Maria de Fátima Pequeno Mena Barreto Linhares, Maria Joselúcia Mena Barreto de Carvalho, Pollyanna Barreto Linhares Bastos de Nazaré, Camila Linhares Pinheiro, Carolinne Linhares Pinheiro, Ladaha Pequeno Mena Barreto Linhares, Bárbara Mena Barreto de Carvalho, Cauanne Linhares Pinheiro.

Aos meus sobrinhos e sobrinhas, a quem dedico esta jornada como incentivo intelectual: Ramon Saraiva Ferreira de Oliveira, Ramsés Saraiva Ferreira de Oliveira, Rubens

Ferreira, Túlio Cícero Ferreira de Alencar Ribeiro, Robson Ferreira Almeida, Mara Rúbia Ferreira Almeida, Fabiana Ferreira Almeida, Débora Ferreira Almeida, Sara Ferreira, Mirela Ferreira Almeida, Karoliny Saraiva Ferreira de Oliveira, Raiane Medeiros Mendes Almeida, Adryelle Medeiros Mendes Almeida, Bárbara Ferreira de Almeida Ribeiro, Sofia Ferreira.

Aos membros da banca, pela gentileza e cordialidade em aceitarem o convite, o que me envaidece e enche de responsabilidade.

Aos meus professores e colegas de grupo de pesquisa, por todos esses anos de discussão, debate e aprendizado mútuo.

À Universidade Federal do Ceará (UFC) por, desde os tempos do Mestrado, ter mostrado caminhos intelectuais e afetivos que jamais deixarei de trilhar.

A Suélida Kátia Deodato Brito, digitadora, guerreira, disponível e divertida, pelo companheirismo nestes momentos finais de produção; amiga querida e prestativa, pela força e horas que tirou de si e de seu pai, para dedicá-los a mim.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACB	Ação Católica no Brasil
AC	Ação Católica
ACSJN	Arquivo do Colégio Salesiano de Juazeiro do Norte
AEC	Associação de Educação Católica
AFAJ	Associação dos Filhos e Afilhados de Juazeiro do Norte
AFS	Ação Fraterna Salesiana
AI-5	Ato Institucional nº 5
CADES	Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário
CCI	Centro de Cultura Inglesa
CNBB	Confederação Nacional dos Bispos do Brasil
CNEA	Campanha Nacional para a Erradicação do Analfabetismo
CSJN	Colégio Salesiano de Juazeiro do Norte
CV's I e II	Concílios Vaticano I e II
DNER	Departamento Nacional de Estradas e Rodagens
FEBEM	Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor
FUNCAP	Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico
IBEU	Instituto Brasil-Estados Unidos
ICVC	Instituto Cultural do Vale Caririense
ITEP	Instituto Teológico-Pastoral do Ceará
JOC	Juventude Operária Católica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LEDS	Liga Esportiva Domingos Sávio
MEC	Ministério da Educação
SDB	Salesianos de Dom Bosco
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UPS	Universidade Pontifícia Salesiana
URCA	Universidade Regional do Cariri

## LISTA DE FOTOS

Foto 1	Imagem de Dom Bosco entregando as Constituições Salesianas ao padre Michele Rua. Encontra-se na entrada da Casa Geral – Roma (2011) .....	30
Foto 2	Sessão de Instalação Oficial da Congregação Salesiana em Juazeiro do Norte. Círculo Operário São José .....	113
Foto 3	Alunos do Oratório Festivo e o padre Agra (1942) .....	118
Foto 4	Sessão Inaugural, Colégio Salesiano São João Bosco (1940) .....	118
Foto 5	Instituto Salesiano em Juazeiro do Norte, rua São José (1939). Primeira casa da direita para a esquerda .....	119
Foto 6	Fábrica de Relógios .....	126
Foto 7	Pelúcio Correia de Macêdo .....	126
Fotos 8, 9 e 10	Oficinas de Mecânica, Marcenaria, Alfaiataria e Sapataria (1950) .....	127
Foto 11	Leigo Pedro Mielle (1950) .....	127
Foto 12	Festa de Nossa Senhora Auxiliadora (1949) .....	129
Foto 13	Procissão de Nossa Senhora Auxiliadora (1949) .....	130
Foto 14	Alunos da Escola Agrícola São José (1962) .....	135
Foto 15	Pequeno Clero (1951) .....	136
Foto 16	Padre Manoel Isaú e alunos da Escola Agrícola São José (1962) .....	137
Foto 17	Francisco Osani de Lavo, com farda de gala (1950) .....	142
Fotos 18 e 19	Construções da Capela de Nossa Senhora Auxiliadora e do Colégio Salesiano ao lado (1940) .....	147
Foto 20	Banda original e seus chefes: padre Lurenço Gatti, (falecido no Recife em 1953), padre Carlos Cattaneo e maestro Arlindo Cruz .....	150
Foto 21	Sessão Inaugural (1942) – Solene Pontifical: Dom Francisco de Assis Pires .....	153
Foto 22	Professores e alunos do Colégio Salesiano, década de 1940 .....	155
Foto 23	Festa em homenagem ao aniversário de nascimento do Padre Cícero (1944) .....	164
Fotos 24 e 25	Desfiles do Dia 7 de Setembro – Cícera Viana da Silva e José Bezerra e Silva .....	177
Foto 26	Visita do Padre Renato Ziggotti, reitor-mor (1958) .....	186
Foto 27	Alunos do 4º ano Ginásial – Colégio Salesiano de Juazeiro do Norte (1961) .....	195

Foto 28	Os “Canarinhos do Cariri” e o padre Osvaldo Honório de Freitas. Festa de 15 anos de Fátima Menezes Barbosa .....	203
Fotos 29 e 30	“Canarinhos do Cariri” (1966) .....	204
Foto 31	Gurilândia Salesiana (Turma de 1968). Diretor: padre Osvaldo Honório de Freitas e Professora: Cícera Viana da Silva .....	205
Foto 32	Time de futebol dos alunos do Colégio Salesiano, anos de 1970 .....	207
Foto 33	Desfile de ex-alunos do Colégio Salesiano. Encontro de gerações (s/d) .....	215
Fotos 34 e 35	Partes externa e interna do Centro Artesanal Padre Cícero (1965) .....	217
Foto 36	Alunos e alunas do Colégio Salesiano de Juazeiro do Norte (1969) .....	222
Foto 37	Gurilândia Salesiana (01/11/1969). Inauguração da Estátua do padre Cícero no Horto .....	223
Foto 38	Colégio Salesiano (01/11/1969). Inauguração da Estátua do padre Cícero no Horto .....	224
Foto 39	Desfile de 7 de Setembro, organizado pelo professor Luiz Magalhães .....	225
Foto 40	Padre Francisco Pinkowsky ao lado de Dom Pietro Garneiro e salesianos da Casa de Juazeiro do Norte, out. 1970 .....	227
Foto 41	Oratório Festivo Feminino (padre Nestor Sampaio e irmã Lourdes) .....	228
Foto 42	Corpo docente do Colégio Salesiano – década de 1970 .....	229

## RESUMO

O presente trabalho integra o campo da História da Educação Comparada, sob o prisma da Instituição Escolar. Trata da criação e implantação do Colégio Salesiano de Juazeiro, no período de 1939 a 1970, com o objetivo principal de comparar a sua prática educativa com o projeto de educação do Padre Cícero Romão Batista, líder religioso daquela cidade, que deixa em testamento os seus bens para a Congregação dos Salesianos, com vistas à educação escolar de crianças e jovens. Como ponto de partida, buscamos compreender o processo de organização da Congregação dos Salesianos, na Itália, os fundamentos teológicos, filosóficos e pedagógicos da formação intelectual de seu criador, Dom Bosco; analisar o contexto político e educacional no qual o Colégio foi criado em Juazeiro e, também, o desenvolvimento do Colégio, que se dá em meio ao embate entre um meio social, onde predomina o catolicismo popular, e o projeto de romanização da Igreja Católica que se espalhou pelo mundo. Foi de suma importância, além da historiografia consultada, o contato com os documentos do período, em especial as *Crônicas da Casa*, as *Atas de Reuniões do Conselho da Casa*, os *Relatórios Anuais*, os *livros de visita*, as revistas, jornais e *Boletins Salesianos*, em arquivos e acervos encontrados em Juazeiro do Norte, Recife, Natal, Fortaleza e Roma, bem como, as *entrevistas*, com *testemunhos* e *relatos* de ex-professores e ex-alunos. Como resultado, encontramos evidências de que a instituição salesiana manteve sua identidade confessional católica, empenhando-se por fazer da educação um espaço de explicitação de suas crenças a respeito da pessoa humana e da sociedade. Trabalhando em parceria com um dado segmento da população da cidade, desejoso de proporcionar uma educação formal para os seus filhos, tornou-se um projeto bem sucedido de romanização em terras sertanejas, quando a juventude da cidade se apropria da nova dinâmica emprestada, através do mecanismo de *circularidade cultural*, que os leva a ter acesso aos conhecimentos produzidos por uma determinada cultura letrada e esta, adaptando, em alguma medida, as suas novas leituras do mundo às vivências cotidianas de uma comunidade sertaneja.

**Palavras-Chave:** História da Educação Comparada. Instituição Escolar. Educação Católica.

## SINTESI

Questo lavoro è parte del campo della Storia di Educazione Comparata, attraverso il prisma Istituzione Scuola. Si tratta della creazione e realizzazione del Colegio Salesiano Juazeiro, nel periodo 1939-1970, con l'obiettivo principale di fare un confronto tra la sua pratica educativa con il progetto educativo di Padre Cicero Romão Batista, guida religioso della città che ha lasciato in un testamento i suoi beni materiali a favore della Congregazione dei Salesiani, al fine di scolarizzazione dei bambini e dei giovani. Come punto di partenza abbiamo cercato di capire il processo di organizzazione della Congregazione dei Salesiani in Italia, teologiche, filosofiche e pedagogiche formazione intellettuale del suo creatore, Don Bosco; analizzare il contesto politico e formazione in cui è stato istituito il Collegio di Juazeiro e anche lo sviluppo College, che si svolge nel bel mezzo di uno scontro tra ambiente sociale, dove predomina il cattolicesimo popolare, e la progettazione di romanizzazione della Chiesa cattolica che si è diffuso in tutto il mondo. È stato di fondamentale importanza, e la storiografia trovata, il contatto con i documenti del periodo, in particolare le Cronache della Casa, i verbali delle riunioni Council House, relazioni annuali, visitare i libri, riviste, Salesiani giornali e notiziari, archivi e collezioni custodite nelle Juazeiro Nord, Recife, Natal, Fortaleza e Roma, così come le interviste con i testimoni e dichiarazioni di ex insegnanti ed ex studenti. Come risultato, abbiamo trovato prove che l'istituzione ha mantenuto la sua identità confessionale cattolica salesiana, cercando di rendere l'istruzione uno spazio del loro credo esplicito rispetto per gli esseri umani e della società. Lavorando insieme ad un segmento della popolazione della città, disposto a fornire l'istruzione formale per i loro figli, la romanizzazione è diventato un progetto di successo nella regione campagnuola, quando i giovani della città si appropriano prestando nuovo slancio, attraverso il meccanismo della circolarità culturale, che li porta ad avere accesso a conoscenza prodotta da una cultura particolare e questo letterato, adattando, in una certa misura, le loro letture del nuovo mondo alle esperienze quotidiane di una comunità campagnuola.

**Parole-Chiave:** Storia di Educazione Comparata. Istituzione Scuola. L'Educazione Cattolica.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>2 A CONGREGAÇÃO SALESIANA: ORIGEM, PRINCÍPIOS EDUCACIONAIS E MISSÃO NO BRASIL</b> .....	<b>30</b>
2.1 Origens e princípios educacionais .....	30
2.2 A espiritualidade salesiana e sua ação pedagógica .....	40
2.3 Missão da Congregação Salesiana no Brasil .....	47
2.4 Dom Bosco, o bispo e os romeiros: esboço histórico desses encontros e desencontros .....	58
2.4.1 <i>Testamento do padre Cícero</i> .....	58
2.4.2 <i>Caminhos percorridos: as cartas do padre Cícero</i> .....	62
<b>3 TEORIA E PRÁTICA DE UMA IDENTIDADE CONFSSIONAL: OS SALESIANOS EM JUAZEIRO DO NORTE</b> .....	<b>77</b>
3.1 Ambiente histórico e educacional de Juazeiro do Norte nos anos de 1910, 1920 e 1930: formadores e escolanovistas .....	78
3.2 Considerações históricas sobre o Município e as primeiras escolas .....	84
3.3 A pedagogia de Dom Bosco, estrutura e funcionamento da Congregação .....	95
<b>4 O COLÉGIO SALESIANO DE JUAZEIRO DO NORTE ENTRE OS ANOS DE 1939 E 1950</b> .....	<b>110</b>
4.1 Primeiros tempos da chegada .....	110
4.2 Instalação oficial da Congregação Salesiana .....	114
4.2.1 <i>Escolas profissionais</i> .....	125
4.3 Procissões, vocações e desfiles cívicos .....	128
4.4 Construção e inauguração do Colégio Salesiano São João Bosco .....	146
4.5 Colégio e comunidade: indícios da constituição da família salesiana .....	158
4.6 O Colégio Salesiano em Juazeiro do Norte nos anos de 1950.....	174
4.7 Padres e professores colaboradores da educação salesiana nos anos de 1950 .....	183
<b>5 O CARISMA DE DOM BOSCO: O COLÉGIO ENTRE OS ANOS DE 1960 E 1970</b> .....	<b>193</b>
5.1 As necessidades dos tempos modernos e a pedagogia de Dom Bosco .....	194
5.2 “Os canarinhos do Cariri” e as artes no Colégio: música, teatro e cinema no Sertão ...	202
5.3 Pequeno clero e vocações no período dos anos de 1960 .....	213
5.4 Os capitulares da casa e a criação do Curso Colegial .....	216
5.5 A abertura do Curso Colegial .....	219
<b>6 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS</b> .....	<b>231</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>241</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>253</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui exposta tem como temática central o Colégio Salesiano e a educação da juventude da cidade do Juazeiro do Norte, como parte do projeto educacional do padre Cícero Romão Batista, que, ao destinar à Congregação dos Salesianos essa missão, conforme consta em seu testamento, parecia ter a intenção de elevar o nível educacional e social dos jovens da referida cidade e, ao mesmo tempo, estabelecer uma *identidade cultural sertaneja* que viesse a ser mais valorizada. Portanto, a sua pretensão suscita a possibilidade de discutir a função da educação como uma atividade humana capaz de transformar uma sociedade, por meio de um projeto pedagógico adequado às suas necessidades. Permite ainda a defesa de uma tese que consideramos inovadora, a qual procuraremos agora delinear.

Este trabalho busca recuperar a história de um colégio dirigido por padres salesianos que se instalou em Juazeiro do Norte em um dos momentos mais conturbados da história, que foram os anos iniciais após o falecimento do padre Cícero, em 1934. Assim, em 1939 chegou a Cidade essa Congregação e marcou a história da educação local, traçando novos rumos em termos pedagógicos para o trato da organização local. Queremos entender em que medida correspondeu às expectativas do padre Cícero ou dela se distanciou, em especial no que se refere à abertura de uma perspectiva de romanização do popular catolicismo que caracteriza a cidade de Juazeiro do Norte como centro de romaria.

O líder de Juazeiro do Norte, como é conhecido, tornou-se um herói legendário com presença marcante na cultura popular, tendo sido os seus “milagres” divulgados ao longo do tempo por uma história mítica, presente na voz de cantadores nordestinos e de todo tipo de literatura e arte popular, eleita como um importante veículo de propagação e luta contra a Igreja Católica e o Estado, que não aceitavam a liderança religiosa do padre Cícero. Por essa razão, configura-se um longo período histórico de contestação e enfrentamento da população, dividida entre os católicos e os considerados católicos “fanáticos”, disputa esta que foi capaz de formar uma base política sólida, que permitiu as articulações necessárias ao desenvolvimento e fortalecimento daquela cidade, direcionando todo o enredo e/ou percurso da história local, num entrelaçamento entre cultura popular, política e religião.

Trata-se de uma disputa, na qual cada setor tem representantes, que vão estabelecer versões distintas dessa história, que agora pretendemos investigar, com vistas a entender o impacto que teve naquele ambiente social uma educação católica confessional trazida pelos padres salesianos depois da morte do padre Cícero. Travou-se ali um conflito político que

utilizou como argumento a inferioridade de uma dada cultura, no caso, a sertaneja, rural, considerada atrasada e de uma cultura moderna e sofisticada, oriunda dos grandes centros urbanos. Tal fato evidencia, entre outras questões, que havia nos anos 1930 e 1940 a difusão de um forte apelo político e ideológico por uma modernização de setores básicos que compunham a sociedade brasileira e a industrialização nacional. Imerso nessa atmosfera, os defensores da Modernidade entendiam que o projeto de constituição e consolidação de uma identidade cultural para o Juazeiro do Norte significava superar o estigma de um *Sertão atrasado, abandonado, ridicularizado e esquecido*.

Inserindo-se no campo de estudos de História da Educação, este trabalho constitui uma tentativa de debater a função educacional e social que viria a ter o Colégio Salesiano, mediante a escolarização por ele desenvolvida para alcançar, ou não, os objetivos educacionais pretendidos pelo padre Cícero.

O campo empírico escolhido para guiar esta investigação é o Colégio Salesiano, fundado em 26 de abril 1942, na cidade de Juazeiro do Norte. Essa instituição congregou, desde a sua fundação, jovens de várias classes sociais do Município e cidades vizinhas, desenvolvendo atividades que abrangiam não só a educação formal, como acontece atualmente, mas, também, práticas de Oratório Festivo, Escola Agrícola São José, Oficinas e Escolas Profissionalizantes para crianças pobres. O Oratório Festivo é uma das atividades mais importantes no campo de trabalho dos padres salesianos, que pode ser diário ou dominical. Trata-se de uma reunião de meninos e jovens que, sob a assistência de salesianos e seus colaboradores, passam dias, tardes ou manhãs em alguma obra salesiana, onde recebem formação religiosa, social e também moral. Praticam esportes e recebem um atrativo lanche. São quase sempre meninos carentes, mas encontram-se também outros. Ex-alunos e mesmo alunos ajudam os SDBs<sup>1</sup> nesta tarefa.

Consideramos relevante salientar que, sendo nascida na cidade de Juazeiro do Norte, nossa história de vida está intimamente ligada à história dessa cidade, o que requer de nossa parte cuidados metodológicos redobrados para garantir que a investigadora não seja devorada pela participante dos acontecimentos aqui relatados, seja por meio de repasse de memórias familiares e/ou coletivas, seja por vivências diretas que levaram a ter interesse pessoal e primordial pela temática aqui tratada.

Fazemos questão de salientar que o interesse pelo tema surgiu da nossa trajetória de vida que, como as demais, foi composta por fatos *marcantes* que a enredaram numa

---

<sup>1</sup> SDB – Salesiano de Dom Bosco.

complexa rede de fatores sociopolíticos e culturais, onde foi sendo gradativamente, a nossa identidade, tanto pessoal, por meio da partilha de valores e forma de agir, como coletiva, que nos situam no mundo como um ser histórico.

Reportamo-nos, após essa reflexão, à nossa história de vida, e encontramos dois momentos importantes que se interpuseram ao longo dessa experiência: o primeiro refere-se ao encantamento e curiosidade que sentíamos, ao ouvir as histórias de padre Cícero, e o segundo trata-se da paixão que sempre dedicamos à causa da educação. O primeiro momento surgiu ainda na infância, por intermédio dos primeiros contatos com eventos religiosos e as histórias que, ouvíamos sobre “os milagres” do padre Cícero, e as conversas que tínhamos com o nosso pai, que, apesar de ter sido amigo do padre Cícero e ter nascido no final do século XIX, no ano de 1895, fazia observações fleumáticas sobre tais eventos, mostrando razões econômicas, políticas e sociais para justificar tais histórias que, no seu modo de ver, eram fantasias, fruto de fanatismo religioso, fato que expressava com palavras e um discreto sorriso maroto. Assim, fomos desenvolvendo um interesse particular por esta cidade, formando opiniões pessoais sobre tais eventos e refletindo sobre eles, sempre imbuída de conceitos que conduziam a uma confusão entre os fundamentos da razão e da fé.

Ao ingressarmos como aluna na Escola Normal Rural do Juazeiro do Norte, o interesse pelas histórias tomou proporções bem maiores. Ali foi possível perceber como o passado e o presente estavam impregnados de uma historicidade deveras significativa e reveladora de uma luta que se travava naquela cidade em busca de uma identidade local. Portanto, esse passado de luta que tinha como pano de fundo “a questão religiosa” de Juazeiro do Norte ainda se materializava nas ações político-pedagógicas implementadas por professores e diretoras como Amália Xavier de Oliveira, Assunção Gonçalves, padre Murilo de Sá Barreto, dr. Geraldo Meneses Barbosa, dona Generosa, entre outros atores sociais que tomaram para si o papel de transmitir para as novas gerações as memórias que eles consideravam a “verdadeira história” de Juazeiro do Norte e do padre Cícero.

A formação que recebíamos deveria acompanhar os costumes da época, sobretudo no que se relacionava aos dogmas religiosos da Igreja Católica. Recordamo-nos bem das vezes que tínhamos que participar das celebrações do mês de maio, em homenagem a Nossa Senhora das Dores, vestidas em fardas de gala. Imerso nesse âmbito sociocultural, a escola se caracterizava por um misto das pedagogias tradicionais e da Escola Nova. Essas características mesclavam elementos patrióticos, como o canto rotineiro e disciplinado do Hino Nacional, até os poemas de Casimiro de Abreu, a influência literária, muito presente na nossa infância e adolescência, mas que não conseguimos dar continuidade mais tarde como professora, visto

que o ambiente sociocultural estava mudando, em função da crescente influência ideológica da televisão. Esse ambiente caracterizou os anos iniciais da nossa formação escolar. São lembranças que mostram como o modo de entender o passado é constituído, processado e integrado à vida das pessoas. A memória individual está sempre posta num plano familiar, escolar e social e é um elemento essencial de formação da identidade e da percepção de si e dos outros. De acordo com autores como Maurice Halbwachs e Pollak, por meio do trabalho de si mesmo, o indivíduo tende a definir seu lugar social e sua relação com os outros.

Assim supondo de saída, podemos dizer que o segundo momento começou a ser esboçado com a nossa experiência de trabalho como monitora de grupo, no Projeto Juazeiro (FEBEM), que marcou nosso ingresso, no início dos anos de 1980, aos 18 anos, na área da educação. O que marcou esse momento foi o despertar da necessidade de ter uma posição crítica ante a questão das classes sociais. Conhecemos um mundo diferente do nosso, nessa aproximação com outra classe social, sofrida e discriminada, mas com uma leitura de mundo que nos deixava inquieta quanto ao que considerávamos ser verdadeiro. Mais tarde, conseguimos uma vaga como professora *substituta* em escolas públicas municipais e estaduais, passando pela experiência de conviver com colegas professoras, em cursos regulares. Foram momentos edificantes, mas, também, cheios de contradições, conhecendo-lhes a realidade e a precariedade das suas atividades docentes, que nos deixavam descrente da educação. Culminou com uma experiência de trabalho na qual os dois momentos se encontraram: a experiência de pesquisa sobre educação em Juazeiro do Norte, que nos levou a refletir, um pouco, sobre a origem desses problemas educacionais.

A grande contradição da luta de segmentos da população de Juazeiro do Norte é que eles, em certas conjunturas, se aliam às forças conservadoras para se fortificar. Hoje temos como projeto de vida a dedicação à pesquisa educacional e envolver esses profissionais, aos quais nos referimos nesta pesquisa, participando ativamente por meio da formação de grupos de pesquisadores e, assim, valorizar as suas experiências de vida, bem como os arquivos da cidade para refletir historicamente sobre essa realidade.

O contato com a temática educacional nesta cidade permitiu-nos questionar sobre como ocorreram as experiências educacionais dos padres salesianos nesse contexto social, político e educacional, sobretudo, em uma sociedade com fortes referências de religiosidade e cultura popular, especificamente, nos bairros da periferia, onde deveria, segundo a vontade do padre Cícero, ser bastante significativa a sua presença, não só como missionários de uma Igreja, mas também como educadores e herdeiros do padre Cícero, mediante um testamento lavrado em 1923. Essas experiências de vida despertaram em nós alguns questionamentos

acerca dos conflitos, impasses ou dilemas que se interpuseram na constituição de experiências educacionais, vivenciadas por esses padres, por meio da educação ofertada por eles à juventude desta cidade. Esses questionamentos serão expressos ao longo desta proposta de trabalho com a intenção de objeto de estudo.

Como falar de Juazeiro do Norte sem situar o homem sertanejo, representando a cultura do “homem simples”, “inferior”, como elaborador desse saber, um saber que transcende a ciência totalizante com significado único e inscreve o homem como elaborador de uma história, mediante o uso da razão e dos sentidos? As histórias de Juazeiro do Norte, normalmente, demarcam posições de classe ou posicionamentos políticos partidários, a luta por espaço e a vergonha de ser ou não ser sertanejo de Juazeiro do Norte. Conhecer o homem que integra os fatos singulares de uma história leva a uma compreensão mais ampla de ciência e da história, como é o caso da História cultural. Esta conduzirá este diálogo para uma questão central que abordamos neste estudo: a de circularidade cultural. Seguindo a trilha de Mikhail Bakhtin e Carlo Ginzburg, pensamos dispor de ferramentas conceituais capazes de nos fazer entender o embasamento cultural da presença e ação dos padres salesianos nesta cidade.

Cultura popular e religiosa é uma expressão ambígua de definição difícil, porém, ao nos apropriarmos do tema, procuramos conhecer a forma como os atores sociais com modos de vida distintos, mas não inferior, estabelecem a sua forma de consumo *social do Colégio Salesiano*. Não se trata de fazer uma simples distinção entre as elites e as camadas populares, até mesmo porque trabalhamos aqui com vários e distintos segmentos sociais que compartilham expectativas, valores e atitudes associados às diversas instituições sociais, mas que fazem parte do tecido social que chamamos de mosaico, mas, não por se pôr lado a lado e, sim, por estarem imbricados, produzindo investimentos simbólicos compartilhados, independentes da posição social que ocupam. Com o apoio de Ginzburg (1985), procuramos perceber outras formas de racionalidade e sentidos que formam a cidade como um todo, em seu caráter singular, onde ressaltam suas maneiras dinâmicas de estabelecer relacionamentos e conflitos e de fazer mediações e pactos que o autor chama de *circularidade cultural*. No trecho seguinte, encontramos um relato exemplar de Otacílio Anselmo, em seu livro *Padre Cícero mito e realidade*, dessa circulação feita por diferentes mediações de sujeitos:

[...] Falei em processo de mitificação. Realmente nas minhas conversas diárias com o povo de Juazeiro, no qual coexistiam sem atritos, mas visivelmente distintas duas camadas que se justapunham – a dos habitantes mais velhos, amigos do Padre Cícero, porém, sem exibição de fanatismo, e a dos povoadores mais novos, facilmente identificados por uma fé mais a vista e exibição de medalhas com a efígie do patriarca e de Nossa Senhora das Dores – aquêlo processo sociológico se mostrava evidentiíssimo.

P. Cícero líder religioso e político: Numa área caracteristicamente feudal sob qualquer aspecto: a ínsula caririense, com uma geografia humana, uma cultura e uma economia próprias de ilha verde, molhada e de costumes sociais e políticos cristalizados e perpetuados em pleno Nordeste Seco – região sempre em mudança, pela presença cíclica de calamidades climáticas, as quais deslocam o homem, matam a lavoura, destroem o gado, em intervalos de medida quase idênticos no tempo, com esquecimento natural de tradução, de hábitos, de cultura (ANSELMO<sup>2</sup>, 1968, p. 4).

O Colégio Salesiano, como é conhecido, completou em 2009 uma longa caminhada, com os seus 70 anos de fundação. Sendo um dos colégios mais antigos da região, ajudou a formar significativa parcela da população, e é responsável pela formação da maioria dos profissionais liberais juazeirenses do Norte, visto que se dedicou à formação da juventude, com um elevado nível de qualidade do ensino, levando-se em consideração as aprovações em exames vestibulares e o relato de ex-alunos, como veremos adiante.

Apresentamos assim uma retrospectiva histórica ordenada, procurando estudar fatos, eventos e grandes forças sociais que dinamizaram essa história, vista por meio de uma dada instituição escolar, tendo como referência as orientações teóricas e conceituais sugeridas pelos autores lidos. Ao tratar das características das instituições educativas, organizamos a análise do Colégio em partes do texto que apresentamos com base nas sugestões metodológicas de Justino Magalhães.

Ao nos dispor a estudar tal problemática histórica e social, partimos de um ponto importante suscitado por autores que ressaltam a importância da utilização da Micro-história e da nova História Cultural para empreender esse tipo de análise. Vainfras (2002) chama a atenção para a necessidade de adotar uma história que problematize o social, preocupada com as massas anônimas, seus modos de pensar, viver e agir. Trata-se, portanto, de um modo mais complexo de estudar aspectos culturais de uma população. Assim, parece-nos oportuna a referência a alguns aspectos que caracterizam essas contribuições teórico-metodológicas.

Como sabemos, a pesquisa social apresenta-se como busca de compreensão das redes de relações e significados atribuídos pelos atores sociais, tornando-os elementos componentes de sua realidade ou de sua história de vida. Desta forma, a compreensão dessa rede de relações leva à análise dos conceitos que surgem de acordo com o desenrolar da pesquisa: instituição escolar, cultura e circularidade cultural. Referimo-nos a elaborações culturais ocorrentes no entrelaçamento entre a sociedade local e os padres italianos, tornando-se lugares onde foram inscritos, pelos atores e que, desde aí conduzirão formas de percepção e

---

<sup>2</sup> Otacílio Anselmo e Silva nasceu na cidade de Jatí-CE, no dia 11 de dez. de 1909. Escritor e militar do Exército. Publicou em 1968 o livro: *Padre Cícero: Mito e realidade*, além de outros trabalhos. Pertenceu ao Instituto Cultural do Cariri (Crato-CE).

ação que normalmente revelam a posição social em que foram também definidos como identidade. Não se trata apenas de relações sociais que revelam uma luta entre classes sociais ou da disputa entre cultura popular e cultura de elite, mas de um misto de projetos, interesses e sentidos que formam toda uma sociedade.

Por isso, a posição que esses atores sociais ocupam em determinado espaço social forma os esquemas mentais responsáveis pelas suas falas e formas de agir, portanto, ao nos situar neste âmbito, também pertencemos a um campo de onde formularemos conceitos sobre a sociedade, a ciência e a pesquisa, com base em determinada perspectiva.

Esse entendimento permite conhecer as especificidades do campo educacional e relacioná-las a várias instituições, como é o caso da Congregação Salesiana, podendo observar o lugar de origem dos alunos por ela formados, dos professores, dos diretores, coordenadores, entre outros participantes. Dentro desse esquema conceitual de pesquisa, cabe a busca pelas representações sociais que os atores têm de escolarização e identidade cultural. Neste caso, o conceito de representação social, segundo Moscovici (1978), procura dar conta de fenômenos em que o homem manifesta sua capacidade de conhecer o mundo, por meio de conceitos e explicações originadas no dia a dia, nas interações sociais, a respeito de objetos naturais ou sociais para torná-los familiares e, assim, interagir nos grupos a que pertencem. Neste estudo, acrescentamos os conceitos originados no dia a dia e que explicam os mitos.

Roger Chartier (1998), ao propor um conceito de cultura como prática, sugere para seus estudos as categorias de representação e apropriação. *Representar* significa trazer para o presente o ausente vivido e, dessa forma, poder interpretá-lo, enquanto *apropriar* é elaborar uma história social das interpretações remetidas para suas determinações fundamentais que são: o social, o institucional e, sobretudo, o cultural. Dessa forma, cultura é um conjunto de significados partilhados e organizados pelos homens para explicar o mundo e, nesta perspectiva, revela uma especial afeição pelo informal, por análises historiográficas que apresentam caminhos alternativos para a investigação histórica, onde as abordagens tradicionais não alcançam.

Nessa circunstância de mudanças epistemológicas, a Micro-história traz um avanço nas pesquisas historiográficas, por centrar-se no humano, empregando um modelo de ação que passa a dar voz a personagens que sempre ficaram no esquecimento. Sendo assim, tomamos como válida a perspectiva da Micro-história para a pesquisa pretendida, por saber que ela valoriza a interpretação dos acontecimentos, em vez dos textos; e o *espaço local* pode ser alçado à categoria central de análise. Neste caso, a observação revelará acontecimentos ou fatos significativos que poderão ser interpretados na trama de um discurso cultural (LEVI

*apud* BURKE, 1992).

Adotando as perspectivas dos estudos de História da Educação Comparada, conforme elementos distintos, Ferreira e Amado (2001), Pollack (1989) e Bosi (1979) apontam suas características que podem ser observadas, com suporte nas considerações a seguir. A expressão memória social tem sua significação básica de lembrar o registro biográfico; também cabe o sentido de escrito para ser gravado. Não se deveria confundir memória com história, uma vez que esta, ao contrário da outra, é uma disciplina de análise e de crítica. A memória é depósito de dados, naturalmente estática, pois denota um princípio de conservação. Somente a história é análise crítico-dinâmica dos fenômenos de mudança da sociedade.

A memória é viva, sempre trazida pelos grupos vivos e, por esta razão, ela está em evolução permanente, aberta à lembrança e ao esquecimento. É necessário que exploremos as múltiplas dimensões da memória, pois o estudo da verdade histórica repercute no presente.

A pesquisa não pretende analisar o passado tal como foi “de fato”, pois o passado, uma vez realizado, é irrepetível, porém pode ser reconstituído “à luz dos significados do presente”. É esse fenômeno que denominamos de memória, sabendo-se que esta somente existe permeada por significados, pelas representações. Ainda nessa perspectiva, trabalhar com o passado ancora-se na reelaboração da fala dos depoentes, desde presente. Trata-se, portanto, de um passado edificado por vivências coletivas que revelam um universo de significados.

As trajetórias de vida desses atores revelam tanto as experiências pessoais como a da instituição (salesiana). Por isso, é dessa forma que suas histórias se confundem com as histórias de suas organizações (HALBWACH, 1990) e, ainda, com momentos da história da cidade (LE GOFF, 2003); é também nesta perspectiva que a fala como representação revela ser fundamentadora da memória individual e coletiva.

Dada a especificidade do objeto de estudo aqui proposto, que evidencia a elaboração de um conhecimento subjetivo, são abertas possibilidades para uma abordagem sintonizada com a Micro-história, visto que esta analisa o modo como funciona a sociedade na sua base.

No campo da História, desenvolve-se o debate acerca do uso de uma multiplicidade de fontes, que passam, assim, a compor o que se denomina como *Nova História*. Nesse sentido, deparamos com uma gama de trabalhos que tratam de um conjunto teórico-metodológico cada vez mais diversificado e inovador. As preocupações com questões como a identidade, a violência, as mentalidades, a religião, a cultura, dentre outros, estão alicerçando as pesquisas, nos meios de pós-graduação, formando um importante horizonte de possibilidades temáticas e investigativas no grande campo chamado “Ciências Humanas”.

Para finalizar este tópico, apresentamos uma justificativa quanto à escolha de

alguns conceitos fundamentais e que também são considerados muito controversos, como é o caso de cultura, sociedade, religiosidade, instituição escolar, ideologia, entre outros; estes aparecem vinculados a temas inter-relacionados no interior da pesquisa, comportando maior ou menor significado para esclarecer o significado da nossa temática de estudo.

A intenção é apresentar aqueles autores que confirmam a nossa maneira de pensar esses conceitos, para exibir o norteamento teórico deste trabalho, ainda que sob o formato mais de uma apresentação dos dilemas do que de uma discussão aprofundada sobre teorias formuladas acerca de uma conjunção de problemas tão ampla.

Não podemos deixar de lembrar as fontes de inspiração, mesmo lamentando algumas ausências de autores importantes para a formação do sentido filosófico da nossa visão a respeito de pontos culturais e sociais. Referimo-nos àqueles autores estudados no início do curso de doutorado e apresentados aos alunos, nos diversos seminários e disciplinas do Programa. Trata-se de uma retrospectiva sobre o modo como os recebemos, enquanto buscávamos elementos elucidativos de nossa elaboração temática. Com efeito, tivemos a contribuição de Justino Magalhães, na conceituação de Instituição Escolar, e Roger Chartier, com a formulação teórica de “práticas” e “representações”, uma distinção conceitual valiosa que possibilita análise mais acurada das diversas formações culturais produzidas pela relação interativa desses dois polos, ao ponto de observarmos a forma como os sujeitos produtores e receptores de cultura circulam entre um e outro, operando uma simbiose, quantas vezes, de elucidação difícil.

Queremos apresentar, ainda, a influência recebida dos estudos que realizamos sobre o filósofo italiano Antonio Gramsci, quando desenvolve as suas teses de luta contra-hegemônica via cultura popular, um campo potencialmente rico para a luta social. Ao lado disso, aparecem aqueles autores que contribuíram para outra perspectiva sobre a política e o poder. É o caso de Raul Girardet, falando sobre mitos e mitologias políticas, sabendo-se que ele parte do princípio de que a política opera baseada em mitos. Por isso, assevera que a política se alimenta de um campo de representações, onde o mito resulta de uma constituição social, um elemento que a humanidade utiliza para ensinar as regras sociais, um mecanismo que depois atua como regulador dos comportamentos.

Mediante a identificação dos mitos criados em sociedade, encontramos uma forma de organização social. Essa percepção quanto à importância dos mitos da composição da política constitui importante dimensão de leitura que auxiliou na fundamentação do projeto inicial da pesquisa, porque exerceu grande influência na nossa formação, a qual reconhecemos como muito positiva e bastante útil em nossos estudos até hoje.

Georges Balandier, em *O poder em cena*, mostra a teatralidade em outro nível, o do poder, ressaltando que este, para se manter, necessita de fabricação. Assim, a teatralidade é analisada em uma dimensão histórica. Portanto, podemos ver o poder em sua dimensão espetaculizada. No caso de nossa pesquisa, podemos ver a constituição da política de uma cidade sob a forma de um espetáculo que tem o protagonismo da religiosidade popular.

Desta lista de teóricos, não poderia estar ausente o teórico russo Mikhail Bakhtin, com sua tese sobre *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, com base na qual poderemos ouvir um confronto diferenciado de vozes, que promove o encontro entre Sociologia da Cultura e Linguística, quer para identificar o contraste entre estratos culturais diversificados no interior de uma sociedade, quer para identificar o choque cultural e o diálogo entre duas culturas distintas. A sua maneira de lidar com o tema nos leva ao encontro de Carlo Ginzburg, autor por ele influenciado, quando fazemos referência ao conceito de *Circularidade Cultural*. Tendo-o como noção de fundo de seus estudos, Bakhtin no livro acima citado examina a cultura popular partindo de um intelectual renascentista que se apropria de elementos da cultura popular.

Já Ginzburg faz o caminho inverso, no seu estudo *O queijo e os vermes*, onde o moleiro originado da região Friule, na Itália, Menochio Scandella (1532-1599) é figurado como leitor e intérprete das obras da cultura hegemônica. Ao direcionar a atenção nessas relações de troca entre culturas e classes sociais, pretendemos observar como sucede a transmissão de vários elementos comuns em diferentes classes sociais que convivem de alguma forma em uma única realidade histórica, como ocorre de modo ímpar no caso a cidade de Juazeiro do Norte.

Feito isso, enfrentamos o segundo desafio na nossa investigação, quanto ao *uso social dos saberes* veiculados pelos padres salesianos. Estes chegam à cidade do Juazeiro do Norte com sua formação europeia, representando uma cultura religiosa cristã de matriz italiana, católica romana, e vão interagir no papel de educadores com a cultura de vários segmentos de população da cidade, onde estão presentes desde a elite letrada, profissionais liberais, coronéis proprietários, comerciantes e funcionários públicos, a expoentes do catolicismo popular, trabalhadores, artesãos, sertanejos e romeiros.

Consideramos importante buscar entender o impacto dessa presença educativa dos salesianos, no entrecruzamento com a cultura local e os pontos que podem ser considerados de intersecção, para, então, ver se eles intentavam formar naquela cidade uma consciência social que também envolvessem valores originais, assentados na especificidade do saber/fazer juazeirense, sem esquecer que buscamos relacionar poderes e instituições que viabilizaram a

expressão de Juazeiro do Norte, como formação social e cultural.

A história dos salesianos contada em uma cidade peculiar como Juazeiro do Norte justifica a escolha do conceito de circularidade de Ginzburg, dando curso à reflexão que teve início antes de iniciar esse trabalho. Reflexo de uma curiosidade que envolve a busca de conhecer o relacionamento daqueles padres italianos perdidos num sertão, considerado violento e fanático, que vão ali dar curso a uma luta a favor da catolização com raízes romanizadas.

A escrita dessa história é permeada pelos desafios e possibilidades de adotar teorias como suporte de reflexão, pouco convencionais para estudar cultura, religião e educação, sem ter que admitir sistemas sociais já saturados pelo seu uso. Também temos a intenção de rejeitar temas que nos levem a analisar a juventude juazeirense com origem em processo de aculturação, ou seja, estes passariam de uma atitude de defesa da autenticidade de suas crenças para uma aceitação gradativa da acusação de que foram alvo ao longo de suas histórias.

Buscamos uma maior flexibilidade para olharmos as questões que envolvem o encontro dessas culturas diferentes convivendo em um mesmo lugar. Assim, para o alcance da complexidade desse encontro, optamos pelo termo “cultura” em sua acepção antropológica, que é o conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamento, próprios das diversas classes sociais envolvidas num certo período histórico, conhecendo as suas diferentes formas de enfrentamento.

Foi dessa forma que Ginzburg encontrou Bakhtin, para a formulação do conceito de circularidade cultural. Ao nos apropriar desse conceito esperamos compreender o movimento recíproco e contínuo que influencia os diferentes níveis culturais nesta cidade, por intermédio da educação confessional católica ofertada pelos padres italianos.

Ginzburg encontra nos processos contra Menocchio um momento precioso para o fortalecimento de sua tese da circularidade entre culturas, quando o moleiro Friulano inverte os papéis no interrogatório, pedindo para que o juiz o ouça, tentando convencê-lo de suas ideias. Neste ponto Ginzburg se pergunta:

[...] Quem representa o papel da cultura dominante? E quem representa a cultura popular? Não é fácil responder. [...] Cada vez com mais nitidez, vemos como ali se encontram, de modos e formas a serem ainda precisados, correntes cultas e correntes populares [...] (GINZBURG, 1985, p. 114).

Avançando um pouco mais, Ginzburg tenta demonstrar como Menocchio cruza com as correntes cultas, examinando uma expressão culta (“caos primordial”) que aparece na descrição de sua cosmogonia.

[...] É provável que Menocchio tenha tomado conhecimento desse termo erudito num livro ao qual se referiu incidentalmente durante o segundo processo (mas em 1584, como se verá, já o sabia): o *Supplementum supplementi delle croniche*, do ermitão Jacopo Filippo Foresti [...] (GINZBURG, 1985, p. 118).

A invenção da imprensa foi a grande responsável pela circularidade de cultura, na medida em que permitiu uma real socialização da palavra, rompendo com o monopólio entre cultura escrita e poderosos.

Assim, na companhia de tantos autores, nos foi possível fazer uma leitura das fontes encontradas com base nessas vozes e indicações na qualidade de intérpretes da cultura. Nossa intenção, portanto, ao citar alguns autores é mostrar, no percurso da pesquisa, o lugar acadêmico onde está a composição da nossa perspectiva sobre o tema. A ausência de referência em relação a outros autores e suas teorias poderá ter acontecido em virtude da incorporação desses saberes que já consideramos comuns, de domínio público, sendo desnecessário realizar discussões repetidas. Procuramos vincular-nos a autores e teorias capazes de fortalecer nossa busca situada no ponto de inter cruzamento da história de uma instituição educacional e da história cultural, o qual está perpassado por outras dimensões e/ou implicações conceituais originárias do campo histórico, como procuramos demonstrar a seguir.

Expressa em linhas gerais a nossa maneira de ver o sentido social e cultural das coisas, é mister esclarecer como fazer para chegar aos objetivos pretendidos, por via de um tratamento qualitativo. Como entender a história produzida por meio de documentos, mediada pela leitura de textos contidos em cartas, atas e crônicas deixadas por pessoas e instituições, sem nos esquecer de que, como alerta Foucault (1996, p. 8-9), no seu livro *A ordem do discurso*,

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada e organizada e distribuída por um certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, denominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Paralelamente, a história oral é uma das abordagens usadas por este trabalho, como caminho de produção de fontes, por acreditarmos ser este um excelente meio de investigação e reflexão, com nas entrevistas e nas falas de testemunhos, quando podemos obter novas informações sobre os acontecimentos e vivências envolvidos no período estudado, não presentes na documentação escrita, mas espelham cotidianos e falas que também podem compor a interpretação do passado pretendida.

A operacionalização do nosso estudo acontece com uma pesquisa inicial sobre a Congregação Salesiana, sua origem, princípios educacionais e missão no Brasil; a

espiritualidade salesiana e sua ação pedagógica. Introduzimos uma reflexão sobre Dom Bosco (1815 a 1888) e o padre Cícero Romão Batista, apresentados como membros de uma comunidade cristã/católica, e explicitamos a forma de encontro dessa Congregação com a história do padre Cícero em Juazeiro do Norte.

Em outro momento, discutimos sobre a teoria e a prática de uma identidade confessional, analisando a história dos salesianos em Juazeiro do Norte. Para tanto, tentamos estudar o ambiente histórico e educacional da cidade nos anos 1910, 1920 e 1930, em uma discussão que apresenta uma disputa política que envolve, por um lado, a história fundamentada pelos *reformadores e escolanovistas*, e, por outro, a resistência do padre Cícero em acatar as diretrizes da reforma da instrução pública de 1922 no Ceará, dirigida pelo educador paulista Lourenço Filho<sup>3</sup>, fato que contribui para uma polêmica sobre a educação no Juazeiro do Norte, e enseja uma sequência de ideias sobre qual deva ser a sua natureza e dirigida pelo Poder Público e/ou iniciativa privada local, Poder público estadual e/ou federal, ou mesmo pela Igreja Católica. Foi esse quadro, afinal, que nos incentivou a realizar este estudo, que tem como foco a chegada da Congregação dos Salesianos para abertura de um colégio, num contexto de confronto entre ideias liberais e católicas, considerando pontos em que se evidencia uma intersecção de pedagogia católica e pedagogia renovadora – escolanovista, que tão bem caracterizam a década de 1930 no Brasil.

Após a apresentação da pedagogia de Dom Bosco e a estrutura de funcionamento da Congregação e do Colégio, iniciamos uma leitura sobre o Colégio Salesiano de Juazeiro do Norte, entre 1939 e os anos 1970, com a perspectiva de entender o lugar ocupado pela Congregação na sociedade juazeirense e sua influência educacional para a formação da juventude da região, em confronto com as expectativas do padre Cícero em relação ao perfil de escola, educação e clientela a ser atingida pelos salesianos. Para tanto, foram abordados temas referentes ao tipo de educação efetivamente ofertada, as vocações religiosas e profissionais despertadas e evidenciadas uma perspectiva do Colégio Salesiano, visto pelos seus ex-alunos, entre outros testemunhos.

Deter-nos-emos na análise dos resultados em relação à história do colégio dirigido por padres salesianos que se instalou em Juazeiro do Norte em um dos momentos mais conturbados da história, que são os anos iniciais após o falecimento do padre Cícero, em

---

<sup>3</sup> Manuel Bergström Lourenço Filho (1897-1970). Intelectual paulista, educado por um pai português e uma mãe sueca. Participou do movimento dos pioneiros da Escola Nova. Teve importante colaboração no Estado Novo de Getúlio. Em 1922, a convite do governo cearense, assume o cargo de Diretor da Instrução Pública. As reformas por ele empreendidas no Ceará influenciaram os movimentos nacionais de renovação pedagógica das primeiras décadas do século.

1934. Mostraremos como, ao chegar em 1939 àquela cidade, essa Congregação demarcará a história da educação local, traçando novos rumos em termos pedagógicos e interferindo inclusive no modo de ordenamento religioso das festas e ritos e expressão cultural das suas romarias. Temos a pretensão de constituir por meio deste foco de estudo e reflexão histórica uma perspectiva nova de interpretação, seja do referido Colégio, seja da organização da sociedade local.

O tratamento do objeto aqui pretendido busca, pois, aportes em importantes elementos de confluência deste campo, Ciências Humanas, notadamente com relação à memória. Tem como premissa dar visibilidade, voz e reconhecida existência, na qualidade de históricos, a pessoas que tiveram a sua trajetória negada ou rejeitada por uma chamada “história oficial”. Assim, a memória dos envolvidos no processo que aqui delimitamos será componente de importância expressiva para o encaminhamento, apontado por Bourdieu, de recorrer inicialmente à história social dos problemas e conceitos, para, assim, fugir dos objetos pré-elaborados.

Objetivamos, com efeito, a configuração de espaços e realidades presentes, como formadores do processo, a exemplo de ex-alunos, funcionários, padres, componentes familiares, professores, dirigentes, entre outros. Entendemos que as falas e ações dos informantes são o fruto de uma representação social, a partir de uma determinada posição pessoal em um determinado espaço, sobre a realidade na qual estão inseridos, portanto, são experiências cotidianas que estarão em evidência,

Para a abordagem dos entrevistados, procuraremos desenvolver o que se costuma tratar como “entrevista semiestruturada”, e entrevista explicativa, compreendida no estabelecimento de premissas condutoras de um diálogo, sem a rigidez de uma forma de questionamentos fechados.

Os frutos desses contatos, por sua vez, serão analisados, com suporte na “análise do discurso”, quando será importante, como nos alerta Michael Foucault, considerarmos o lugar onde essa memória se manifesta.

Para concretizar este estudo, serão utilizadas as seguintes técnicas: pesquisa bibliográfica e documental sobre os anos iniciais de criação do Colégio Salesiano e entrevistas com o corpo de profissionais do colégio – diretores, professores, coordenadores, responsáveis pelas orientações pedagógicas utilizadas. Com essa técnica, pretendemos perceber as representações sociais desses profissionais e captar as especificidades do trabalho que cada um deles desenvolveu, e, assim, conhecer as características das orientações pedagógicas e o tipo de educação oferecida aos alunos nesse período, entre 1930 e 1970.

Relatos de experiências e entrevistas dos alunos no período citado serão utilizados para perceber a diversidade de relatos sobre o Colégio em relação às experiências vivenciadas, ao longo do tempo, e como os alunos percebem a sua experiência de escolarização.

Pretendemos, também, conhecer a imagem que o Colégio tentou passar para a sociedade e de que forma essa ideia é percebida, mediante levantamento da trajetória do Colégio. Faz-se necessária a análise de artigos de jornal e de todos os instrumentos utilizados como matéria de propagação daquela instituição escolar – folhetos, *folders*, vídeos, eventos públicos e outros.

Recorreremos à história de vida de alguns alunos para fazer um levantamento das trajetórias percorridas por eles, com a intenção de analisar as experiências vividas no que se refere à incorporação de hábitos e práticas culturais em sua permanência no Colégio.

As observações em campo, que permitem conhecer a vida dos ex-alunos, foram importantes para estabelecer um diálogo entre o discurso e as ações desses depoentes, a fim de desvendar e caracterizar a dinâmica de funcionamento do Colégio no passado.

Vistos assim, os entrevistados são narradores privilegiados da história educacional e social, diversada sob o ângulo da incorporação em cada um dos fragmentos da história. É preciso lembrar, também, que o trabalho com memória requer compreensão das diferentes perspectivas de cada vez em que se fala sobre o passado. O mesmo ator poderá oferecer diferentes versões sobre o mesmo acontecimento; portanto, é importante considerar aspectos como os silêncios, os gestos e as hesitações.

Thompson (1992) e Burke (1992) enfatizam que a História se interessou pela oralidade para obter e desenvolver conhecimentos novos e análises históricas, com base na criação de fontes inéditas. Portanto, ao se interessar pela oralidade, a história oral procura destacar e deixar como centro de sua análise a visão e versão das experiências mais profundas dos atores sociais, oferecendo interpretações qualitativas dos processos histórico-sociais.

Vislumbramos a possibilidade de aproximação daquilo que é considerado informal, pois o que pretendemos é reconstituir a história e a memória dessa investigação escolar, seja ela advinda das próprias narrativas, seja mediada por documentos, livros, entre outros. Assim, podemos conhecer as relações estabelecidas pelos protagonistas entre suas lembranças do passado, as experiências vivenciadas na educação, seja como professor, aluno ou profissional ligado à educação.

A escrita deste trabalho segue um roteiro de buscas que inicia por encontrar Dom Bosco e o padre Cícero como membros de uma comunidade cristã/católica, conhecedores de uma Teologia e propagadores de uma fé, ainda que tenham vivido em épocas e lugares

diferentes, bem como estabelecido relações distintas com a Igreja Católica. Seguem-se elementos que apontam o encontro entre os padres salesianos e povo da cidade em visões e posições distintas, que compõem os “nativos” e os “romeiros” em um ambiente histórico dado, para, finalmente, encontrarmos os meios de debater a teoria e a prática do Colégio Salesiano e sua identidade confessional atuando na formação da juventude.

O contato com os dirigentes do Colégio e da Congregação deu-se inicialmente de maneira muito cautelosa, visto que informações advindas de outros pesquisadores davam conta de que aqueles padres não costumavam disponibilizar os seus arquivos para pesquisadores. Assim, para quebrar essa barreira, foi necessária a colaboração de um ex-aluno, Raimundo Araújo. Por meio de um convite, para participar do encontro de ex-alunos, foi possível estabelecer importantes relações e elaborar uma lista de entrevistados. Naquele momento, fomos apresentadas ao diretor do Colégio, padre Antonio Gomes de Medeiros Filho. Na ocasião, a ele entregamos o projeto de pesquisa e solicitamos sua colaboração.

No dia seguinte, estávamos diante do padre João Carlos Perini, membro da Comunidade Salesiana do Juazeiro do Norte e estudioso da história do padre Cícero Romão Batista, para o qual fui encaminhada pelo diretor do Colégio, indicando que era dele essa atribuição. O contato inicial que travamos revelou um ponto de conflito entre os salesianos e os juazeirenses, percebido quando o padre, mesmo antes de ser abordado por nós, falou sobre o sítio Faustino (Caldeirão) e o testamento do padre Cícero de forma defensiva. Deixamos claro que nosso interesse era o Colégio e a formação ofertada aos jovens da cidade. Desde então, o Padre mostrou-se confiante e satisfeito com a pesquisa que pretendíamos realizar, quebrando uma barreira importante que, no nosso entendimento, foi imposta por conflitos que evidenciam a forma turbulenta do relacionamento entre os salesianos e alguns segmentos da sociedade local, e com alguns pesquisadores da história da cidade.

O levantamento de fontes bibliográficas, documentais e orais, foi realizado em diferentes lugares, em Juazeiro do Norte, no arquivo do Colégio Salesiano (ACSJN), entre as quais destacamos: *As crônicas da casa*, que são um documento manuscrito, o registro diário dos acontecimentos mais importantes que envolvem o Colégio e a Congregação. Foram elaboradas, desde o ano de 1939, por diferentes pessoas. Esse registro foi interrompido em 1967, quando o cronista da casa, na época, o sr. Oliveira (SDB) adoeceu, em razão do excesso de trabalho e da escassez de funcionários. Somente em 1970, foi possível continuar a escrita das Crônicas, registrando-se apenas um resumo dos anos de 1967 a 1969. O artigo 170 dos Regulamentos manda terem em dia as *Crônicas da Casa*, onde se devem registrar primeiramente as notícias sobre sua natureza e escopo e depois todos os acontecimentos de

alguma importância, com as respectivas datas. O artigo 171 determina conservá-la no arquivo. Outros documentos manuscritos consultados foram as cartas do padre Cícero Romão Batista e as Atas do Conselho da Casa. Tivemos oportunidade de estudar, também, os relatórios anuais, que são os registros da vida escolar dos alunos, algumas cartas circulares, e, também, consultar livros antigos na biblioteca.

Ainda em Juazeiro do Norte, tivemos importante passagem pela biblioteca do Memorial Padre Cícero, onde foi possível o contato com uma bibliografia indicadora de conteúdos necessários à discussão histórica.

Em Fortaleza (2010), estivemos no Seminário da Prainha<sup>4</sup>, consultando jornais que abordavam assuntos sobre educação e catolicismo e no Colégio Salesiano Dom Bosco, onde entrevistamos o padre Valdemar Pereira, os professores Alexandre Gonçalves Frota (salesiano cooperador) e Thirza Maria Bezerra Bindá, que são importantes conhecedores da história da religião católica.

Na cidade de Natal, em (2008), entrevistamos o padre Antenor de Andrade Silva; em Roma (2010), visitamos o Arquivo Salesiano Central e o Instituto Histórico Salesiano; no Recife (2009 e em 2011), entrevistamos o professor Luiz Gomes de Moura e Arquivo da Inspeção Salesiana do Nordeste do Brasil. Este constitui o caminho sobre o qual nos aventuramos para descobrir e elaborar saberes, embrenhada nessas instituições.

Uma especial menção deveremos fazer para os companheiros que conosco realizaram essa caminhada de pesquisa, com total reconhecimento dessa generosa colaboração dada por inúmeros representantes e integrantes da Congregação Salesiana, por meio da Inspeção Salesiana do Nordeste do Brasil, especialmente o padre Antenor de Andrade Silva e o padre Antônio Gomes de Medeiros Filho – diretor do Colégio Salesiano de Juazeiro do Norte, que nos abriram as portas da Casa Geral em Roma, por meio das suas cartas de recomendação. Contamos com a importante colaboração dos padres Francesco Motto, diretor da referida casa, e padre Luigi Cei, diretor do Arquivo Histórico Salesiano. Cabe reconhecer aqui que, sem a orientação especializada desses padres, este estudo não teria sido possível na íntegra.

Tivemos a oportunidade de entrevistar o sr. Luiz Moura, em Camaragibe, Recife, em 2009, e o sr. Francisco Osani de Lavo (encontro de ex-alunos) na Colônia Salesiana, em

---

<sup>4</sup> Seminário da Prainha ou Seminário Arquidiocesano de Fortaleza. Hoje Instituto Teológico-Pastoral do Ceará (ITEP) foi fundado a 10 de outubro de 1864, pelo bispo de Fortaleza, Dom Luiz Antonio dos Santos. Durante mais de um século, ficou sob os cuidados dos padres lazaristas. Foi um grande centro de formação do clero diocesano do Nordeste do Brasil, sendo considerado por muitos o berço da formação superior no Ceará.

Jaboatão-PE, em 2011; encontramos-nos com o senhor Robério Ramos, que abriu as portas do Arquivo da Inspetoria Salesiana do Recife, possibilitando a consulta de importantes documentos e publicações.

Em Juazeiro do Norte, contamos com a generosa colaboração de Geová Sobreira Magalhães, Raimundo Rodrigues Araújo, do professor Luiz Magalhães, de Paulo de Tarso Gondim Machado, Anchieta Martinez de Mont'Alverne, Professor Antonio Renato Soares Casimiro, Daniel Walker, Cicera Viana da Silva e Aguinaldo Carlos de Sousa, os quais foram importantes colaboradores, apontando caminhos por meio de entrevista e disponibilizando documentos e fotografias para compor esta história.

Em lugares diversos no Brasil, tivemos entrevistados e colaboradores salesianos: João Carlos Perini (SDB, Juazeiro do Norte), padre Antonio Gomes de Medeiros Filho (SDB, Juazeiro do Norte), Antenor de Andrade Silva (SDB, Recife), José Dantas Silva (SDB, Juazeiro do Norte), leigo Robério Morais Ramos (SDB, Recife), Raimunda Santos Silva (Secretária do Colégio em Juazeiro do Norte), Luiz Gomes de Moura, coordenador da Ação Fraterna Salesiana (AFS) e professor universitário no Recife.

Em Roma, contamos, como já adiantamos, com o apoio inicial do padre Francesco Motto (SDB, Roma) e do padre Luigi Cei (SDB, Roma). Tivemos, ainda, a ajuda importante do padre Rocildo Alves Lima Filho, doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma) e professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri, Crato-CE, portanto, um colega de trabalho que tornou possível o nosso contato com a cultura e história da cidade, visto que o nosso interesse naquele lugar não era apenas ter acesso a documentos inéditos, mas conhecer a cultura italiana e a sua religiosidade, para melhor alcance dos objetivos do estudo.

Lembramos com a mesma importância o sr. Odilon Pereira da Silva<sup>5</sup>, que enviou de Brasília um importante relato sobre a sua experiência de educação salesiana na Escola Agrícola São José, em Juazeiro do Norte, nos anos de 1940.

Para tanto, contamos com a ajuda de uma bolsa da FUNCAP, e da URCA, que nos liberou das atividades docentes, no período de doutoramento.

---

<sup>5</sup> Odilon Pereira da Silva foi aluno da Escola Agrícola São José em Juazeiro do Norte no ano de 1949, quando cursava o 4º ano primário. Hoje é diplomata aposentado, residente em Brasília.

## 2 A CONGREGAÇÃO SALESIANA: ORIGEM, PRINCÍPIOS EDUCACIONAIS E MISSÃO NO BRASIL



Foto 1 – Imagem de Dom Bosco entregando as Constituições Salesianas ao padre Michele Rua. Encontra-se na entrada da Casa Geral – Roma (2011). Arquivo particular: Núbia Ferreira Almeida.

O texto a seguir procura mostrar quem é Dom Bosco, constituído na visão de autores que imprimiram uma imagem sobre ele, ao tratarem de reelaborar a sua história desde o lugar e do tempo de profundas transformações sociais em que viveu e se consolidou. O caminho escolhido leva ao fundador, ao santo e ao empreendedor em favor da juventude, por meio de sua reconhecida praticidade que rapidamente lhe deu publicidade e possibilitou a vitalidade crescente da educação católica. Essa fama foi adquirida ainda em seu tempo, quando, na Europa, já era reconhecido o valor do seu método pedagógico, tendo, assim, a sua imagem difundida das mais diferentes formas e literaturas.

### 2.1 Origens e princípios educacionais

A Congregação dos Salesianos de Dom Bosco foi fundada em Turim, no ano de 1874. São João Bosco, reunido com um grupo de sacerdotes e irmãos, decidiram fundar uma família com regras definidas, direcionadas às atividades paroquiais, apostolado, prática de

caridade cristã e ensino, inspirados na vida de São Francisco de Sales<sup>6</sup> (1565-1622), daí o nome de salesianos (Sales). São Francisco de Sales ficou conhecido na história como pastor zeloso e caridoso, inspirou Dom Bosco com seu humanismo otimista e sua dedicação absoluta ao cuidado pastoral das almas.

Em 1854, Dom Bosco declarou: “Nossa Senhora quer que criemos uma Congregação”; será chamada de salesianos. “Colocamo-nos sob a proteção de São Francisco de Sales, com a finalidade de participar da sua imensa amabilidade”. No mesmo ano, Dom Bosco deu o nome de “Pia Sociedade de São Francisco de Sales” ao primeiro pequeno grupo de 17 jovens que desejavam seguir os seus passos trabalhando pela juventude. O grupo que já atuava em diversas obras educativas para a juventude abandonada tomou força e vigor, inspirando a criação de várias outras ramificações, contando sempre com o apoio integral e entusiástico também de colaboradores leigos (ZARBINO, 1987).

De acordo com Ferreira<sup>7</sup> (2008), o criador dessa obra chamava-se Giovanni Melquior e Bosco. Nasceu no dia 16 de agosto de 1815, distante 20 quilômetros da cidade de Chieri, no lugarejo de Benchi, no Município de Castelnuovo d’Asti. Seus pais, Francisco e Margarida, eram pequenos agricultores. Pertenciam a uma categoria social então em constante progresso nas colinas de Montserrat, mas, com a morte de seu pai, a mãe assumiu a tarefa de educar e manter os três filhos sozinha, com todo o sacrifício. João, que ficara com um ano de idade quando o seu pai faleceu, cresceu em meio às árvores e animais – tendo uma infância sacrificada, mas, ao mesmo tempo, feliz. Desde então, já manifestava o seu espírito de liderança.

O trabalho dedicado aos necessitados, segundo consta em autores como Aubry (n/d), Zarbino (1987), Brocardo (2005), entre outros, nasceu de uma ideia que surgiu ainda na infância. Aos 9 anos de idade, teve um sonho que foi considerado o embrião do método de trabalho que usaria para com as crianças, método este que confrontava o seu jeito rebelde e durão de resolver problemas. Este sonho foi contado diversas vezes por ele, ao longo de sua vida. Segundo João, encontrava-se, certa vez, entre crianças que riam, brincavam e blasfemavam (comum na Itália). Como reflexo de sua maneira de ser, ele avançou sobre aquelas crianças e ordenou que se calassem em meio aos socos. Eis que surge um homem de

---

<sup>6</sup> São Francisco de Sales nasceu na França em 1567. Ele estudou em Annecy, Paris e em Pádua, na Itália, e recebeu o doutorado em leis aos 24 anos. Ordenado em 1593, tornou-se reitor em Genebra, Suíça, e foi depois para Chablai onde trouxe 8.000 chauvinistas de volta à Igreja. Em 1599, bispo coadjutor em Genebra. Ele sucedeu o bispo em 1602 e tornou-se líder da “Contra-reforma”. Faleceu em Lyon, na França, em 1622. Foi canonizado em 1653 e declarado Doutor da Igreja em 1877.

<sup>7</sup> Padre Antonio da Silva Ferreira (SDB). Membro do Instituto Histórico Salesiano, Roma. Retornou ao Brasil. Atualmente, encontra-se em S. Paulo.

aspecto bondoso que diz: “Não é com socos, mas pela ternura e caridade que você deverá ganhar amigos”. Neste momento, os garotos pararam de discutir e aproximaram-se do homem. Chegou então uma senhora com um longo manto. Os meninos desapareceram e surgiram muitos animais ferozes, que representariam o seu futuro campo de ação. Neste momento lhe entrega a responsabilidade de cuidar desses animais ferozes, que representavam as crianças, para transformá-las em cordeiros. A sua grande força, segundo esta senhora que representa Nossa Senhora, estava na humildade, em ser forte e dedicado.

Dom Bosco tornara-se um rapaz desembaraçado e esperto. Gostava de ler histórias dos reis da França para os camponeses, pessoas com quem convivia e inventava, também, representações teatrais divertidas e instrutivas. O relato desse sonho de Dom Bosco faz lembrar a análise feita por Della Cava (1976), quando aborda o tema “As origens sociais do milagre em Joazeiro”: Cristo apareceu em sonho ao padre Cícero e lhe mostrou um bando de camponeses miseráveis, e ordenou ao padre Cícero: “tome conta deles”. E assim o Padre obedeceu. Tal como aconteceu com Dom Bosco, o sonho foi fundamental para mudar a sua vida em termos de ações sacerdotais.

Apresentar uma interpretação da ação educacional de Dom Bosco e do padre Cícero remonta aos cuidados sobre a utilização da literatura pertinente que nos faz lembrar Certeau (1982), quando a história de vida desses padres e o relato desses sonhos fazem evocar o discurso de um antigo gênero literário chamado de hagiografia, que estuda os atores do sagrado, os santos, e visa à edificação. É uma história que se refere àquilo que é essencialmente exemplar:

Como o Padre Delehayé esclareceu em 1905, numa obra que marcou época, *Les légendes hagiographiques*, ela privilegia os atores do sagrado (os santos) e visa a edificação (uma ‘exemplaridade’): ‘Será necessário, pois, reservar este nome a todo monumento escrito inspirado pelo culto dos santos, e destinado a promovê-lo’. [...] Como a *Vida de São Martinho* (um dos seus protótipos antigos), a vida de santo é ‘a cristalização literária das percepções de uma consciência coletiva’ (Jacques Fontaine). Do ponto de vista histórico e sociológico é preciso retrair as etapas, analisar o funcionamento e particularizar a situação cultural desta literatura. Mas o documento hagiográfico se caracteriza também por uma organização textual na qual se desdobram as possibilidades implicadas pelo título outrora dado a este tipo de relato. *Acta*, ou mais tarde, *Acta sanctorum*. Deste segundo ponto de vista, a combinação dos atos, dos lugares e dos temas indica uma estrutura própria que se refere não essencialmente ‘àquilo que se passou’, como faz a história, mas ‘àquilo que é exemplar’. As *res gestae* não constituem senão um léxico. Cada vida de santo deve ser antes considerada como um sistema que organiza uma *manifestação* graças à combinação topológica de ‘virtudes’ e de ‘milagres’. (CERTEAU, 1982, p. 242-243).

Admitimos a necessária leitura desse tipo de documento, porém, procuramos fazer uso crítico de seu conteúdo. Rodríguez (2003) e Schièlé (2008), nos relatos a seguir, mostram

a maneira como se deu a aproximação de Dom Bosco e o seu encaminhamento para a vida religiosa. Foi no ano de 1828, aos 12 anos, quando João Bosco foi obrigado a se decidir pelo trabalho. Não poderia mais continuar a sua vida de garoto brincalhão. Passando a exercer trabalho pesado em uma fazenda próxima a Castelnuovo, mesmo nessas condições, ele lia muito e não se esquecia do catolicismo e das acrobacias. No ano seguinte (1829) retornou a Bencchi, participou de uma pregação na Paróquia de Buttigliera. O capelão de Murialdo, paróquia a que Bencchi pertencia, perguntou a João se ele se lembrava de alguma coisa sobre o sermão e João o surpreendeu, ao repetir-lhe o sermão inteiro. Este capelão percebeu a sua vocação e tornou-se, assim, um pai, mestre e benfeitor. João tinha uma grande admiração por esse Padre. Perto dele aprendeu a sentir o que é uma vida espiritual. O padre João Calosso, de Chieri, capelão de Murialdo, faleceu em 1830, deixando João, mais uma vez, sozinho. Teve influência, também, de Comollo<sup>8</sup>, modelo de virtude, como deduz das “memórias do oratório”, e do padre José Cafasso<sup>9</sup>.

Com o apoio da mãe, matriculou-se, então, no Colégio de Chieri e para lá se mudou em 1831. Destacava-se como aluno dedicado, competente e inteligente. Totalmente adaptado à vida em Chieri, João criou, junto com seus amigos, a “SOCIEDADE DA ALEGRIA”: nada de palavras ou atos que pudessem envergonhar um cristão, fidelidade aos deveres escolares e religiosos e alegria em todas as situações.

Em 1834, percebeu que era o momento de escolher o seu caminho. Assim, procurou o Convento da Paz, dos franciscanos, em Chieri. Optou, porém, pelo Seminário Diocesano, onde passou sete anos. Não gostava do distanciamento que existia entre os padres e os seminaristas, isso o desagradava e, ao mesmo tempo, dava-lhe ânimo para tornar-se padre e mudar esse costume.

De acordo com Brocardo (2005) e Rodríguez (2003), no seminário, mostrou ser um líder nato; tinha um temperamento arrebatado e violento. Possuía inquietação intelectual – “Nem a Filosofia, nem a Teologia especulativa preenchiam as horas de estudo do seminarista Bosco. Ele preferia as Ciências Religiosas positivas, muito pouco cultivadas nos seminários da época”. Ele era agitado, nas férias de volta a Bencchi trabalhava no campo e reunia os jovens para fazer excursões. “Seu modo de vida nem sempre correspondia ao ideal de Clero

---

<sup>8</sup> Luis Comollo nasceu na aldeia de Para, Cinzano, província de Turim, em abril de 1817, e faleceu em Chieri em abril de 1839. Foi nomeado reitor e formador de novos sacerdotes no Seminário Diocesano de Chieri, Arquidiocese de Turim, e lá conheceu João Bosco.

<sup>9</sup> José Cafasso nasceu em Castelnuovo d'Asti, em 1811, e faleceu em 1860. Foi canonizado em 1947. Desenvolveu suas atividades como moralista, confessor, formador de sacerdotes e de leigos. Sugeriu como modelo a imitar São Francisco de Sales e São Felipe Néri. Dom Bosco foi um dos vocacionados por ele.

Tridentino<sup>10</sup>, que seus mestres queriam inculcar-lhe”. No dia 6 de julho de 1841, o diácono Bosco recebeu o Sacerdócio na Capela do Arcebispo de Turim. A partir de então, passou a ser chamado de Dom Bosco.

Segundo Ferreira (2008), Dom Bosco é um sacerdote italiano dotado de carismas extraordinários, como o descrevem os seus filhos, os chamados, *Salesianos de Dom Bosco* (SDB). Conforme *Boletim Salesiano*, da Inspeção Salesiana do Recife (2011), o trabalho teve seu início em um grupo de colaboradores, a quem Dom Bosco deu o nome de salesianos, em 1854. Daí originou-se a Sociedade de São Francisco de Sales ou Congregação Salesiana, composta por padres e irmãos colaboradores. “Atualmente são cerca de 16700 e estão presentes em 127 países, trabalhando em mais de 2mil obras” (BOLETIM SALESIANO, 2011).

Dom Bosco desenvolveu um sistema pedagógico considerado inovador e conseguiu reunir em torno de si um prodigioso movimento de apostolado. É apresentado na literatura como alguém que tinha frequentes sonhos de caráter sobrenatural, nos quais recebia luzes sobre o estado de alma de seus alunos e sobre acontecimentos do seu tempo e futuros.

É bom lembrar, porém, que existem outros grupos que trazem o nome de salesianos. São Francisco de Sales, doutor da Igreja Católica, deu origem a uma escola de espiritualidade que normalmente é reconhecida como “Espiritualidade Salesiana”. Existem grupos que vivem essa mesma espiritualidade e se consideram também eles “salesianos”. O título “Salesiano de Dom Bosco” (SDB) refere-se a todos os que vivem ou deveriam viver a espiritualidade de São Francisco de Sales segundo o estilo e o carisma de Dom Bosco.

Ser Salesiano de Dom Bosco, portanto, significa entrar numa congregação católica de pessoas que dedicam toda a sua vida a Deus por meio do serviço generoso aos jovens, especialmente os mais pobres e necessitados. Entra-se nesta forma de vida com a profissão dos votos religiosos, vivendo em comunidade, educando e evangelizando os jovens segundo o exemplo de Dom Bosco.

Nas Constituições Salesianas<sup>11</sup>, Cap. I, artigo 3, encontramos elementos para entender a natureza e missão dessa sociedade, bem como a sua consagração apostólica:

Com a profissão religiosa oferecemo-nos a nós mesmos a Deus para caminhar no seguimento de Cristo e trabalhar com Ele na construção do Reino. Missão apostólica, comunidade fraterna e prática dos conselhos evangélicos são os elementos inseparáveis da nossa consagração, vividos num único movimento de caridade para com Deus e com os irmãos.

<sup>10</sup> Concílio de Trento, 1545-1563. 19º Concílio Ecumênico. Busca unidade da fé e a disciplina eclesiástica.

<sup>11</sup> Constituição Salesiana é o código fundamental de todo salesiano, sua identidade. O manual utilizado nesta pesquisa é um trabalho repensado e reelaborado segundo exigências do Concílio Vaticano II. Foi promulgado pelo reitor-mor em 8 de dezembro de 1984. Contém o Estatuto dos Regulamentos Gerais e alguns escritos de Dom Bosco.

Os Salesianos de Dom Bosco (SDB) formam uma Congregação sem fins lucrativos. É reconhecida pelo governo italiano como pessoa jurídica com finalidades civis sob o nome de “Direção Geral Obras de Dom Bosco” – situada, na atualidade, em Roma, rico local de pesquisa sobre a obra salesiana, embora na visita realizada por nós, com a intenção de buscar documentos, tenhamos constatado que, sobre o trabalho dos salesianos em Juazeiro do Norte existem poucos documentos, principalmente se levarmos em consideração a história controversa de uma cidade mística e a história do seu fundador, principal responsável local, pela vinda dessa Congregação. Sobre o testamento do pe. Cícero, não há nenhum documento. O padre Antenor, no entanto, em relato, faz a seguinte observação: “durante as duas Grandes Guerras os navios que uniam a América e a Europa não singravam o Atlântico. Sobretudo na Segunda Guerra, os oceanos estavam infestados de submarinos alemães e aliados. No Arquivo Salesiano Central de Roma, como você bem observa, são pouquíssimas as notícias sobre os Salesianos não só da América, mas também de outros Continentes”.

Realizam projetos em favor da juventude em todo o mundo por meio de paróquias, missões, escolas agrícolas, colégios, universidades, oratórios e centros juvenis, movimentos juvenis, casas editoras, centros de comunicação social, produção de multimídia, cine fórum, teatro e círculos musicais, círculos esportivos, escolas de artes gráficas, publicações, programas de educação para a paz e a democracia, centros catequéticos, projetos de desenvolvimento rural, meninos de rua, creches, centros de reabilitação, centros de orientação, centros de desintoxicação para drogados, centros para refugiados, centros vocacionais, centros de voluntariado, agências para coleta de fundos, centros de pesquisa juvenil de desenvolvimento (BOLETIM SALESIANO, 2011).

Nem todos os salesianos são sacerdotes. A vocação é ser salesiano de Dom Bosco e essa vocação pode ser vivida de duas formas: como irmão leigo ou coadjutor, ou como Sacerdote, de acordo com as Constituições Salesianas, eles “que vivem a mesma vocação Constituição Salesiana, em fraterna complementariedade [...] indicou-nos um programa de vida na máxima: *‘Da mihi animas coettera tolle’*”. Essa expressão constituiu seu lema de vida e sua mística, está baseada nas palavras que o rei de Sodoma dirige a Abraão – *Da mihi animas, coettera Tolle* “Entrega-me as pessoas e fica com os bens” (Gn 14,21), mas, Dom Bosco assume a seguinte interpretação: ‘Ó Senhor, dá-me almas e toma para ti todas as outras coisas’ (FERREIRA, 2008).

Segundo Pietro Stella<sup>12</sup> (*apud* BROCARDO, 2005), o vocábulo *animas* é o termo-

---

<sup>12</sup> Padre Pietro Stella é professor de História da Pontifícia Universidade Salesiana de Roma e autor de várias obras sobre Dom Bosco.

chave porque há séculos, na linguagem cristã, esse vocábulo significa o elemento espiritual do homem, imortal, “[...] entre salvação e ruína eterna, entre pecado e graça, entre Jerusalém e Babilônia, entre Deus e Satanás”. Segundo Dom Bosco (escritos Espirituais de São João Bosco), Coordenação de Joseph Aubry (n/d) “Se salvares a alma tudo irá bem e gozarás para sempre; mas, se errares perderás alma e corpo, Deus e o paraíso serás condenado para sempre”.

O salesiano leigo ou coadjutor, como o sacerdote, emite os três votos de Pobreza, Castidade e Obediência. Vive a vida de comunidade com os outros irmãos salesianos e a mesma missão a serviço dos jovens, modelando sua vida em Cristo e fazendo seu o sistema de Dom Bosco no campo educativo. A diferença consiste no fato de o seu trabalho desenvolver-se, sobretudo, em atividades de natureza secular. O salesiano coadjutor pode desenvolver a sua vocação como educador, médico, professor, perito agrário, diretor de projetos para o desenvolvimento, administrador, contador, catequista, guia escoteiro, escritor, bibliotecário, arquiteto, técnico de informática, treinador esportivo, músico etc. Atualmente, os salesianos coadjutores são 2.221 no mundo.

Assim como o irmão coadjutor, também o salesiano sacerdote emite os três votos de Castidade, Pobreza e Obediência, vivendo em comunidade com os outros salesianos e dedicando a sua vida ao serviço da juventude, modelando a sua existência no exemplo de Cristo, seguindo o exemplo e o carisma de São João Bosco no campo da educação. Diversamente do salesiano coadjutor, o sacerdote dedica-se particularmente ao Ministério próprio do sacerdote: pregar o Evangelho e administrar os sacramentos.

Segundo Brocardo (2005), Dom Bosco deve ser observado desde a memória e profecia, porque representa aquilo que Deus quer: “santo do passado e profecia viva.” Partir de uma abordagem histórica e profética. O autor considera que, assim, é possível ressuscitar a história sem deformá-la, dentro dessa perspectiva:

Dom Bosco é e será sempre um típico santo piemontês da Itália que ressurgia como Santo Inácio de Loyola é um típico santo basco da Espanha do século XVI. Ele foi sensível aos valores da cultura emergente necessitada de fermentação evangélica, e aos desvalores, ambigüidades e males a combater, defender e prevenir. Foi ainda mais sensível aos problemas da juventude carente e abandonada, às novas necessidades da vida religiosa e da igreja do seu tempo, duramente combatida no seu chefe e na sua instituição.

A aproximação de D. Bosco deve desembocar no conhecimento de ‘D. Bosco total’, tal como o forjaram seus 72 anos de vida e o trabalho intenso como realizou sobre si mesmo. Compreender-se-á então como ele se nutriu da teologia da espiritualidade de seu tempo, como participou da consciência que a igreja tinha de si, sob o pontificado de Pio IX, e como determinadas disposições suas são reflexo da formação eclesial recebida no tempo da Restauração. (BROCARD, 2005, p. 16).

Resumidamente, o tempo da Restauração tem como marco importante a derrota

militar de Napoleão Bonaparte (1769-1821), e para Matos (2003), em 1815, representantes dos países europeus tentaram abafar os ideais liberais da Revolução Francesa e restaurar as monarquias locais. Uma das medidas foi a criação da Santa Aliança, cujo objetivo era fortalecer os governos de natureza cristã. Este período é marcado pelo retorno a Roma do Papa Pio VII, que se encontrava exilado, e o restabelecimento do Estado pontifício.

Na Igreja Católica, a divisão interna de princípios políticos data dos séculos XVIII e XIX – período em que os católicos da Europa se dividiam em dois grupos: 1º os católicos regaletos, galicianos ou jansenistas, defendiam uma igreja vinculada à sua Nação, dependente do poder civil, de cunho político; e o 2º grupo, os católicos “romanos ou ultramontanos,” defendiam uma adesão ao Papa, incondicional, uma igreja de caráter universal com orientação exclusiva da Santa Sé (AUBRY, n/d).

Pela perspectiva profética, Brocardo (2005) adverte para o fato de que esta é uma forma de encontrar o seu significado e, também, de ser fiel ao “Deus da história”, pois a perspectiva profética é portadora de futuro, de valores insuperáveis e perenes:

Entre esses valores, recordamos: as intenções permanentes de Deus sobre as suas vidas; os elementos essenciais da sua índole e do seu espírito, dinamicamente aberto para o futuro; a realidade real e vital de sua missão; os aspectos positivos de seu tempo. A igreja sempre se apropriou de quanto há de bem na vida dos povos-, relançados como profecia em nossa cultura. Afirmou Paulo VI: ‘Os princípios humanos e cristãos nos quais se baseia a sabedoria de Dom Bosco carregam em si valores que não envelhecem’, pois ‘esse incomparável exemplo de humanismo pedagógico [...] está enraizado no evangelho. (BROCARD, 2005, p. 16-17).

Portanto, especialmente para os católicos romanos, é preciso levar em consideração a autoridade da Igreja, “guardiã vigilante dos carismas que Deus faz desabrochar no seio dela”. (BROCARD, 2005, p. 17).

A elaboração de um pensamento sobre Dom Bosco tem relação com a forma como ele fundamentou a sua concepção teológica e pedagógica, fato considerado importante para entender a sua ação pedagógica. Na literatura, mostra-se de duas formas que, certamente, leva esse texto a momentos distintos de elaboração teórica quando nos referimos ao *padre santo educador* refletido em autores que tendem, como esclarece Aubry (n/d), a preservar uma tradição heroica, maravilhosa, e outros que levam essa tradição ao estudo mais apurado e crítico da ciência, colocando-o num lugar mais humano do que santo, mediante um estudo criticamente fundamentado, afastando-o do sobrenatural.

Os tempos do segundo pós-guerra (1946) são, em parte, edificantes dessa nova literatura crítica, fato que levou a uma revisão do que se diz de Dom Bosco e dos seus próprios escritos. Assim, textos relativos às “memórias do oratório”, que continham testemunhos

autobiográficos, a vida de Domingos Sávio, que constituía um paradigma de ação, e uma “marca divina” impregnada nos jovens por meio da ação educativa salesiana, mereciam uma revisão (AUBRY, n/d). Como a imagem de Domingos Sávio foi largamente utilizada como exemplo de virtude para os alunos do Colégio, acreditamos ser importante utilizar esse conhecimento, conforme Certeau (1982, p. 247-248):

[...] A hagiografia é, a rigor, *um discurso de virtudes*. [...] Cada vida de santo oferece uma escolha e uma organização próprias destas virtudes, utilizando para este fim o material fornecido seja pelos fatos e gestos do santo, seja pelos episódios pertencentes ao fundo comum de uma tradição. As ‘virtudes’ constituem *unidades* de base; sua rarefação ou sua multiplicação produz no relato efeitos de retorno ou de progresso; suas *combinações* permitem uma classificação das hagiografias.

[...] Uma teologia está sempre investida no discurso hagiográfico. Ela é particularmente evidente lá onde a vida do santo serve para provar uma teologia (principalmente entre os Bizantinos ou no Ocidente nos séculos XVI e XIX): a tese é verdadeira já que foi professada por um homem que era um santo. Fundamentalmente é uma combinação de signos que dá o sentido do relato. Por eles mesmos o quadro e a ordem das virtudes expõem, como uma ficção, uma teoria da manifestação. A organização de uma *Vida* obedece, portanto, a diversos tipos de projeções do quadro sistemático sobre o eixo temporal. Pode ser *antropológica* (assim o relato dará, sob a forma de etapas sucessivas, a distinção filosófica dos ‘atos’, dos ‘poderes’ e da ‘maneira de ser’, ou a tripartição do homem em ‘sensível’, ‘psíquico’ e ‘espiritual’), ou ética (assim os elementos serão classificados segundo ‘catálogos de virtudes’, segundo os três votos da religião, etc.), ou *teológica* (assim a expansão cronológica segue a divisão em três virtudes teológicas e em quatro virtudes cardeais), etc. Durante o período moderno a eucaristia, condição da passagem do ser ao parecer, é o objeto privilegiado pelo milagre que se torna o duplo e a ‘prova’ daquilo que torna o relato de uma ‘manifestação’ possível.

O texto ora elaborado segue orientação das duas tendências consideradas importantes elementos do pensamento sobre a fundamentação do trabalho educativo de Dom Bosco, e utilizamos, largamente, as *Constituições e Regulamentos da Sociedade de São Francisco de Sales* (1984), mais conhecida como Constituições Salesianas. Assim, são importantes referências os autores: Pietro Stella, Robert Schiélé, Pietro Braido, Pietro Brocardo, Antonio Ferreira da Silva, Joseph Aubry, Rodríguez, entre outros.

A marca da tradição pós-tridentina exprimia-se naquela mentalidade católica, compartilhada por Dom Bosco, que se plasma originalmente na família e na paróquia, através das práticas religiosas, dos sacramentos da penitência e da eucaristia, da missa e da comunhão, da pregação e dos catecismos. [...] Essa mentalidade fora consolidada pela experiência teológica, moral e pastoral, antes assinalada no seminário, depois especificada no Colégio, com claro acento benignista, na escola de Guala e de Cafasso. [...] Dom Bosco não sofreu o fascínio da idéia dos ‘dogmas geradores da piedade’. Ele foi essencialmente um seguidor da moral ligoriana e cafassiana, baseado no binômio lei-consciência, indiscutivelmente deontológica, muito mais necessária no momento pedagógico. Nela, porém, integram-se como realização mais elevada da lei de Deus e do dever religioso das *pietas*, quer a glória de Deus e a salvação das almas quer a caridade ativa, explicitamente proposta como caminho privilegiado à santidade. (AUBRY, n/d, p. 74).

Encontram-se nas Constituições dos Salesianos, Cap. 40, art. 11 dos Regulamentos, os critérios inspiradores para as ações e obras salesianas, sendo o Oratório um ambiente educativo, que se abre, com ardor missionário, aos meninos e aos jovens.

Dom Bosco viveu uma típica experiência pastoral no seu primeiro oratório, que foi para os jovens casa que acolhe, a paróquia que evangeliza, escola que encaminha para a vida e pátio para se encontrarem como amigos e viverem com alegria. Seja organizado como um serviço comunitário que, visando a evangelização, oferece a cada um e aos grupos a possibilidade de desenvolver os próprios interesses, segundo modalidades e métodos modificados. As atividades tenham sempre em vista finalidades educativas e orientem para o emprego sadio do tempo livre. (CONSTITUIÇÕES SALESIANAS, 1984, p. 43).

Conforme pudemos entender, o principal objetivo dos salesianos é realizar um trabalho que possibilite a promoção integral do homem por meio do serviço educativo pastoral que realizam. O projeto pedagógico-pastoral foca sobretudo os jovens pobres, física, moral e espiritualmente. Em conformidade com o artigo 31 das Constituições Salesianas (1984), “Educamos e evangelizamos segundo um projeto de promoção integral do homem, orientado para Cristo, homem perfeito. Fiéis às intenções de nosso fundador, visamos formar ‘honestos cidadãos e bons cristãos’”.

O projeto pedagógico de Dom Bosco é o meio pelo qual se concretizam as suas ações, chamado de Sistema Preventivo:

Consiste em tornar conhecidas as prescrições e as regras de uma instituição, e depois vigiar de modo que os alunos estejam sempre sob os olhares atentos do diretor ou dos assistentes. Estes, como pais carinhosos, falem, sirvam de guia em todas as circunstâncias, dêem conselhos e corrijam com bondade. Consiste, pois, em colocar os alunos na impossibilidade de cometerem faltas.

O sistema apóia-se todo inteiro na razão, na religião e na bondade. Exclui, por isso, todo o castigo violento, e procura evitar até as punições leves. (REGULAMENTO GERAL *in* CONSTITUIÇÕES SALESIANAS, Cap. II, 1984, p. 230).

A origem das suas ações, no expoente católico encontra-se na história do seu tempo. Foi um sacerdote da Igreja Católica que viveu em Turim, em pleno século XIX, um momento em que o país estava passando por profundas crises sociais, porque, nesse período, ocorreu a Revolução Industrial em Turim. Muitos jovens e adolescentes vinham do interior para as cidades grandes em busca de trabalho, mas quando chegavam ficavam à mercê de toda sorte. Com isso, verificamos que Dom Bosco não era alheio aos problemas do seu tempo, portanto, as suas ações e atuações passaram, ao longo dos anos, por diversas modificações, para atender às demandas de novas realidades. Ele não conservava um espírito determinista, no sentido de adaptação às situações novas. É tanto que, fundou instituições educacionais que

foram aparecendo em fases sucessivas da sua vida, como oratórios festivos, aulas noturnas, hospícios (a palavra hospício é ambígua, tratava-se de instituições para atender, hospedar pessoas idosas e necessitadas e tinha, também, o sentido de internato), escolas de artes e oficinas, para atender as camadas mais humildes da sociedade, bem como colégios voltados para atender a classe média e rica.

Dom Bosco, influenciado por vários pensadores da Itália, como Felipe Néri e Vitorino Da Feltre, começa a desenvolver o Oratório Festivo, na cidade de Turim, com a intenção de mudar essa realidade social, embora cidades como Turim e Milão já possuíssem seus Oratórios. O trabalho de Dom Bosco era especial por suas características específicas: a casa que acolhia, a Igreja, onde o jovem podia rezar, e o pátio, onde ele brincava com seus colegas. Graças a essas práticas, os seus sucessores salesianos começaram a difundir essa atividade em todo o mundo até chegar ao Brasil em 1883, por intermédio de negociações da Igreja Católica com o Império Brasileiro (AZZI, 1982), conforme veremos à frente.

## 2.2 A espiritualidade salesiana e sua ação pedagógica

Os princípios educacionais salesianos encontram-se no *Regulamento Geral* em seu capítulo VIII, onde informa os meios dos quais se valem os salesianos para efetuar a formação destinada à missão dos educadores-pastores, no artigo 82, falando sobre Formação Intelectual:

A missão salesiana orienta e caracteriza de modo próprio e original a formação intelectual de seus sócios em todos os níveis. A organização, pois, dos estudos harmonize as exigências da seriedade científica com as da dimensão religioso-apostólica do nosso projeto de vida.

Cultivem com particular empenho os estudos e as disciplinas que tratam da educação, pastoral da juventude, da catequização e da comunicação social. (REGULAMENTO GERAL *in* CONSTITUIÇÕES SALESIANAS, Cap. VIII, art. 82, p. 160, 1984).

O modo próprio e original da formação intelectual dos salesianos em todos os níveis inspira a que se observe a “espiritualidade salesiana”, outro ponto conceitual que caracteriza seus princípios educacionais. Azzi (1982) faz comentário sobre esse assunto, de modo que consideramos pertinente mostrar aqui, e que se refere à existência de uma só espiritualidade e santidade cristã, embora os institutos religiosos, ao longo dos séculos, apresentem suas formas particularizadas de viver a espiritualidade, o que, com os discípulos de Dom Bosco, não foi diferente. Dar um conteúdo mais específico a essa espiritualidade torna-se difícil, porque Dom Bosco não deixou escritos que possibilitassem uma elaboração

teórica mais profunda. Isto porque, na sua praticidade, característica do seu modo de agir, costumava dizer que era pela prática que os seus princípios iam sendo elaborados.

As explicações elaboradas pelos seus sucessores e outros estudiosos sobre a sua pedagogia foram feitas mediante um pequeno roteiro de normas teóricas, chamado de *Sistema Preventivo*. Em relação à espiritualidade salesiana, não ficou nada elaborado em termos teóricos. Por isso, indica Braido (2008, 152-7), os estudos sobre a sua formação e os norteadores dessa discussão, como, por exemplo, a influência do teólogo Giuseppe Antonio Alasia<sup>13</sup>, da Universidade de Turim, e a formação que recebeu no Centro de Aperfeiçoamento Moral, fundado pelo teólogo Guala em Turim, e dirigido na época por Cafasso, são indicativos de uma influência afonsiana<sup>14</sup>.

Braido (2008) comenta sob o ponto de vista cultural a formação filosófica e teológica de Dom Bosco, em relação ao curso de Dogmática e de Moral. Acredita que ele não deve ter sido iniciado num estudo propriamente científico da Teologia e que sua formação teológica não exerce influência suficiente para que considere os dogmas cristãos como centro da espiritualidade e catequese.

Sua concepção teológica gira ao redor do problema da salvação eterna e encontra seu centro em Deus Criador, Pai e Remunerador, que envia à humanidade o Filho, que em Jesus de Nazaré, se torna o Redentor e Salvador.

Sua mentalidade cristã parece mais influenciada diretamente pela instrução catequética originária e pela vivência da religiosidade popular, e reforçada culturalmente mais pela literatura secundária, que, sobretudo, que o apaixonará e ocupará como escritor-educador juvenil e popular: histórico-religioso, sacra e eclesiástica, apologética, eucológica. (BRAIDO, 2008, p. 142).

Tais fundamentos teológicos que o influenciaram nos leva a crer que Dom Bosco parecia conservar alguns traços do rigorismo moderado de Alasia em relação a vários problemas de moral.

[...] ele já se tinha familiarizado através da aprendizagem em família e no curso de latinidade e Chiere, com o breve catecismo, com o catecismo para uso dos jovens já admitidos à comunhão e dos adultos, contidos no Compêndio da doutrina cristã para uso da diocese de Turim, do arcebispo cardeal Gaetano Costa. Essas obras [tocavam] em situações e comportamentos morais: ocasiões de pecado e obrigações relativas, comportamentos práticos em relativos à observância do sexto e nono mandamentos, integridade da confissão e dever de manifestar também os pecados duvidosos quanto à sua gravidade e ao fato de já tê-los confessados ou não, frequência da confissão e da comunhão. (BRAIDO, 2008, p. 149).

<sup>13</sup> Giuseppe Antonio Alasia nasceu em março de 1731 em Sommariva Del Bosco. Doutor em Teologia, foi prefeito do Seminário de Turim, 1758-1761 – chefe da Conferência da Teologia Moral para designar o Arcebispo (1761), e agregado da Universidade de Turim na Faculdade de Teologia.

<sup>14</sup> Afonso Maria de Ligório nasceu em 1696, em Marianella, reino de Nápoles, Itália. Faleceu em 1787, em Pagani, Itália. Em 1762, foi ordenado bispo de Santa Ágata dos Godos. Fundou a Congregação do Santíssimo Redentor. Sua maior contribuição para a Igreja foi na área da reflexão teológica moral.

A exposição feita no texto sobre o perfil ativo e a personalidade forte de Dom Bosco é compreensível quando o autor faz essa observação acerca da formação do referido padre, sob o ponto de vista cultural. Braido (2008, p. 150) diz que

[...] a formação filosófica e teológica não levou Dom Bosco à adesão crítica formal de qualquer sistema formal dogmático e moral bem definido, estruturado e estruturante. Ele não sai dessa formação na posse de um método científico de pesquisa e elaboração conceitual que o habilite, nos vários setores, a crítica formal das fontes das quais haure. Isso o levará a aproximar-se dos vários autores com mentalidade largamente disponível e eclética, quer quando escreve sobre temas teológicos religiosos, quer na narração histórica, bíblica, eclesiástica, civil, quer ainda quando se empenha na produção apologética e polêmica.

A espiritualidade vigente na época de Dom Bosco era marcada por uma dicotomia da realidade, quando aparecem, nitidamente, as oposições entre matéria e espírito, entre corpo e alma, trabalho e oração, atividade e contemplação, e os valores espirituais prevaleciam sobre a axiologia terrena. Esta tendência, porém, não o afetou de forma definitiva, pois a sua prática de vida espiritual mostra elemento que poderia levar a uma renovação da espiritualidade católica, o que se deu, quando ele proclamou o trabalho como fonte de espiritualidade e santidade. Assim, era um poderoso instrumento de fundamentação do reino de Deus.

[...] A afirmação de que a congregação teria seu momento de glória quando um salesiano morresse em plena atividade no campo de trabalho é sem dúvida muito expressiva da nova cosmovisão que Dom Bosco estava articulando e vivenciando. A época do Vaticano II, com as afirmações das novas teologias do Reino de Deus, das realidades terrenas do trabalho e da técnica confirmam a validade das intuições de Dom Bosco. (AZZI, 1982, p. 125).

Ainda segundo comentários do autor, com a sua morte e a falta de um religioso da Congregação que levasse adiante o seu pensamento e com as pressões da Santa Sé, a formação dos novos religiosos foi orientada com visões tradicionais das demais congregações dentro de uma uniformidade de orientação romana.

A tônica espiritualista dessa nova época passa a ser centrada nos valores da alma, da oração, da contemplação, atentos ao risco do materialismo do trabalho e dos perigos inerentes ao ativismo. Tiveram uma formação teórica voltada para os clássicos tratados de ascetismo e espiritualidade, com uma concepção pessimista da matéria, com raízes platônicas e agostinianas. Nessa leitura, o trabalho constitui um castigo pelos pecados, porém a Igreja, imbuída do espírito do Concílio Vaticano I<sup>15</sup>, é ultramontana, antiliberal e antimodernista.

---

<sup>15</sup> Concílio Vaticano I (CVI) aconteceu no século XIX, na Basílica de São Pedro em Roma, com o Papa Pio IX. Tendo decorrido mais de trezentos anos da última Assembleia do Concílio de Trento em 1563.

Os padres salesianos que chegaram a Juazeiro do Norte traziam consigo a admiração por Dom Bosco e a formação com saberes diferentes da sua espiritualidade. Portanto, havia um contraste entre a espiritualidade e a prática salesiana, que muitas vezes não encontrava suporte teórico de espiritualidade durante a sua formação.

Observa-se que, assim como a vida de padre Cícero, a vida de Dom Bosco representa “trabalho e oração” – inspirados ou guiados por um sonho que dá início ao seu trabalho com a juventude e os menos afortunados. Outra característica da personalidade desses sacerdotes aponta que eles possuíam, além do apego ao trabalho incansável, a determinação quando queriam alcançar os seus objetivos, lutavam contra as convenções sociais e políticas, caso se tornassem um entrave para o desenvolvimento do seu trabalho.

A historiografia mostra a grande admiração, por parte dos padres, pelo trabalho da igreja realizado de acordo com os preceitos de Dom Bosco: transmitiu à Congregação o seu carisma e o amor ao trabalho e à oração, assim como a necessidade de manter viva e atuante a Congregação Salesiana pela qual tanto lutara para edificar.

As Crônicas da Casa relativas ao Colégio Salesiano de Juazeiro do Norte encontradas no arquivo do Colégio Salesiano da cidade e no Arquivo Central da Casa Geral em Pisana, Roma, mostram que a Congregação era, também, aberta e, por isso, em vários momentos, agiu em colaboração com as autoridades locais, de forma que essas ações se revertessem em benefícios para a comunidade. Nos seus preceitos pedagógicos, encontram-se, também, indicações para nortear a vida de professores e padres que ele consagrou como continuadores de sua obra evangelizadora e educativa.

A pedagogia salesiana segue os caminhos do seu fundador, que deixou uma forma pedagógica diferenciada de abordar jovens e crianças, a qual foi denominada de *Sistema Preventivo*. Não se trata de uma pedagogia teórica, mas de um modo pedagógico baseado na experiência e na sensibilidade de um homem que tinha preocupação com a prevenção do jovem, praticando uma educação com diálogo e paciência fundamentado nos princípios de São Francisco de Sales, explicando, assim, a origem do seu nome.

A expressão “educação” no fazer pedagógico salesiano: trata-se de uma pedagogia fundamentada na prática e na sensibilidade de um homem, da qual nascem os conceitos de *preventividade, espírito de família e formação religiosa, auto-valorização por meio de uma profissão, atividade cultural praticada no pátio como sinônimo de alegria*. Mas alegria com responsabilidade, disciplina moral e cristã, gerando assim a tríade que compõe a pedagogia salesiana: Razão, Alegria e Amabilidade.

Para o entendimento de como os salesianos conseguem conciliar um trabalho

orientado sob a óptica romana em um espaço que estava plenamente na contramão dessa história, temos como uma das respostas, prováveis, o espírito aberto de Dom Bosco, que permitia e até encorajava decisões que viessem a facilitar um acesso melhor ao povo carente das ações evangelizadoras e educacionais da Igreja. Observamos que os salesianos também sofriam pressão quanto à concepção de vida romanizada ao estilo, rigidamente europeu e, também, ao estilo mais latino-americano de vida. Em se tratando de Juazeiro do Norte, essa dificuldade acentua-se em razão das especificidades das manifestações culturais e religiosas que a caracterizam como cidade de romeiros.

Assim, também, os salesianos sucessores de Dom Bosco foram introduzindo modificações na prática cotidiana dentro da Congregação, como, por exemplo, nas expressões da prática religiosa ou exercícios de piedade, como anotam os entrevistados, ex-professores do Colégio Salesiano de Juazeiro do Norte e, sobretudo, na reformulação do Texto constitucional da Congregação. Como acentuam os Salesianos de Dom Bosco (SDB)<sup>16</sup> por nós entrevistados, entre eles o padre Dantas, as práticas dos salesianos de hoje são muito diferentes das antigas quanto à forma, mas, permanecem iguais em seu conteúdo. Seguindo a trilha do tempo, tais mudanças são novamente impulsionadas pelo Concílio Vaticano II<sup>17</sup> e com base numa reflexão atenta e empenhada de que toda a Congregação participou.

Tomando como base a vida desse Santo e o exemplo dado por ele, como educador cristão, de uma vida religiosa pautada em atividades constantes, evidencia-se em parte o interesse do pe. Cícero por essa Congregação, com base no perfil de seu fundador, que tomou para si uma missão voltada para a educação de jovens, assumindo-a diante da Igreja Católica e da sociedade. O Santo ativo, ao qual Brocardo (2005) se refere, é uma forma de explicar uma espiritualidade apostólica da ação, que no ambiente cultural de hoje provoca ambiguidades:

[...] muitos pensam que a ação é a única categoria com a qual o ser humano se interpreta e age sobre si mesmo, sobre os outros, sobre o mundo. Práxis e ortopráxis são sempre um ponto polêmico da teologia espiritual, que é ciência do agir humano verificado pelo espírito.

A Igreja não é alheia a esses problemas, como o demonstra a história dos grandes apóstolos dos séculos passados. Em um tempo em que enfatiza fortemente, palavras como práxis, trabalho, atividade e ação, a vida de Dom Bosco, dominada pela ação, [...] está fortemente vinculado e dependente do agir salvífico de Deus. [...] podemos distinguir nisso um duplo movimento: o imanente, que justifica e comanda as ações e obras externas, e o movimento diretamente voltado à transformação das coisas. Apenas o primeiro leva, de fato, à perfeição da pessoa e dos seus valores. Dom Bosco vale por aquilo que faz ou leva a fazer, mas muito mais por aquilo que é e deseja. Eis o modo correto de considerá-lo. (BROCARD, 2005, p. 17-18).

<sup>16</sup> Padre José Dantas da Silva, ex-diretor e ecônomo do Colégio Salesiano.

<sup>17</sup> O Concílio Vaticano II (CVII) teve início com o Papa João XXIII em 1961 e terminou em 1965 já sob o papado de Paulo VI.

O trabalho dos investigadores torna evidente que o exemplo de Dom Bosco na história do cristianismo é real e não uma elaboração mítica de sua pessoa, uma faceta levada a efeito pela vontade de Deus: “Seu modo sacramental de ser Igreja leva-o a ‘agir como Igreja’ consiste exatamente no empenho de ‘agir como Igreja’. Sabe que entre oração e trabalho existe uma relação dialética permanente: uma conduz a outra e vice-versa”. (BROCARD, 2005, p. 118).

É oportuno lembrar que o “Oratório”, sendo marca principal do trabalho de Dom Bosco, não foi inventado por ele. Desde os séculos XV e XVI, já se tinham indícios, na Itália, dessa experiência pedagógica, como indicamos anteriormente. Portanto, Vitorino Da Feltre foi a influência laica, no período da Renascença. Ele fundou uma obra chamada Casa *Giocosa* (Mansão da Alegria). Tratava-se de um leigo que viveu na cidade de Pádua no período do século XV, sabendo-se que sua casa atendia aos jovens do sexo masculino e feminino mais carentes, proporcionando-lhes formação moral e intelectual. Ele já utilizava também jogos para atrair esses jovens. Sua ação educativa era envolvida por seus ideais humanistas e cristãos.

Sintetizando o levantamento de vários autores, [...] diz que neste ambiente se pretendia era desenvolver a educação integral, segundo o ideal humanista, por isso os alunos tinham formação moral e intelectual, sem distinções entre homens e mulheres, com ensino de grego, literatura, filosofia, história, declamação e leitura pública para melhorar a eloquência, aritmética, geometria, astronomia, música. A apropriação desses conhecimentos relativos mais os domínios cognitivos, valia-se da prática de jogos para ser aprendidos como: equitação, salto, corrida, esgrima, guerra simulada e jogos de bola, além de exercícios ginásticos. (BORGES, 2005, p. 4)<sup>18</sup>.

A influência religiosa recebida por Dom Bosco vem do padre Filipe Neri (1515-1595). Filipe Romolo Néri nasceu num bairro popular de Florença, a 22 de julho de 1515, viveu em Roma no século XVI, em um contexto sociopolítico conturbado e muitos jovens e adolescentes passavam enorme necessidade. Filipe Neri criou um ambiente educativo alegre para ajudar, tanto material, como espiritualmente, todos esses jovens. Sua obra assistencialista estendia-se aos doentes, encarcerados, órfãos, solteiras, entre outros. A obra de Dom Bosco segue os mesmos métodos pedagógicos inspirados na doutrina cristã e nas letras, bem como o entretenimento e o trabalho realizado em um ambiente de cantos e alegria.

Por último, devemos relacioná-lo, nessa edificação, a São Francisco de Sales que, depois de Nossa Senhora Auxiliadora, é considerado o padroeiro principal da Congregação Salesiana. O tripé da pedagogia bosquiana – Razão, Religião e Amabilidade – tem muita

---

<sup>18</sup> Carlos Nazareno Ferreira Borges. “A casa Giocosa” “Oratório São Girolamo” “Oratório de São Francisco de Sales” experiência que se refazem e se aprimoram. *In*. Anais do V Congresso Brasileiro da História da Educação: o ensino e a pesquisa em História da Educação. Sergipe: 2005.

relação com a vida e a práxis do Santo da Saboia. O início da ligação da obra dos catecismos com São Francisco de Sales nasceu com iniciativa de Dom Bosco e dois capelães que o ajudavam no “Oratório” – o teólogo Giovanni Battista Borel<sup>19</sup> e padre Cafasso o padre Sebastiano Pacchiotti, além da marquesa Barolo<sup>20</sup>, que o auxiliava em questões financeiras. Esse contato com São Francisco de Sales, no entanto, procede, também, do período de estudos no seminário e no Colégio Eclesiástico, em Turim, onde foram adotadas as doutrinas de São Francisco de Sales e de Antoine, da Companhia de Jesus, entre outros, chamados rigorosos autores, que adotavam a doutrina probabilista, que, por sua vez, seguia a linha de Santo Afonso, referido anteriormente. O sucesso deste trabalho estava no desvio da doutrina herética de Jansênio. Assim, podemos apontar essas influências recebidas, como fontes da doutrina de Dom Bosco, mas, sem confundi-lo com seguidor de um modelo, pois a sua espontaneidade muito viva, como se pode constatar, não permitia essa limitação:

[...] já antes notamos que, para escrever suas obras e opúsculo de caráter hagiográfico, apologético e doutrinal, não tinha escrúpulo de servir-se dos autores mais acreditados e seguros. Seus verdadeiros ‘autores’ foram os modernos da Contra-Reforma e do humanismo anti-jansenista [...] que preponderavam na Itália de 1800: no primeiro grupo: Os jesuítas italianos e de modo particular Paulo Segneri (1624-1694), São Filipe Neri (1515-1595), muito admirado, São Francisco de Sales (1567-1622), escolhido como patrono, o autor do *Combate Espiritual* (1598), S. Carlos Borromeo (1538-1584) e S. Vicente de Paulo (1581-1660); no segundo grupo: o bem aventurado sebastião Valfré, Filipino (1629-1710) e São Afonso de Ligório (1697-1785), a fonte espiritual de que mais se serviu e que apontou aos Salesianos como autor oficial de moral e de ascética religiosa. Mas Dom Bosco, que aceitava o bem onde quer que o encontrasse, inspirou-se também, em autores contemporâneos: ‘humildes anônimos, como o autor da *Guida Angélica*, escritos políticos e religiosos um pouco inquietantes, como o abade de Barruel e Joseph de Maistre, ou neo-humanistas mais simpáticos, como o oratoriano Antonio Cesari (1760-1828), e ainda, filósofos, teólogos e escritores espirituais de renome, como Antonio Rosmini, João Perrone, Mons. De Ségur e José Frassinetti. (AUBRY, s/d, p. 27).

Pedro Stela, no segundo volume do seu livro *Dom Bosco nella storia della religiosità cattolica*, exprime as maiores convicções doutrinárias de Dom Bosco, mostrando que, ao procurar conhecer a sua vida com base em seus esquemas mentais, descobriu a matriz da sua ideia de salvação redentora na Igreja Católica, que para ele é a única depositária dos meios salvíficos e que a situação da juventude abandonada o leva a uma experiência educativa para promover a sua inserção no mundo e na igreja, com a ânsia de promover a salvação do jovem. Daí, edificou sua santidade e a que propõe aos demais, com apoio na “grandeza da

<sup>19</sup> Giovanni Battista Borel- nasceu em maio de 1804 e faleceu em setembro de 1873. Teólogo, primeiro sacerdote da Congregação dos Cooperadores Salesianos. Seguidor de Dom Bosco.

<sup>20</sup> Marquesa Barolo: rica e influente, dedicada a instituições de caridade na região do Piemonte, Itália. Foi uma das copradoras da obra de Dom Bosco em Turim, no início da formação dos Oratórios Festivos.

salvação, dignidade dos fracos, urgência da caridade ativa”.

Essa pedagogia cristã que inspirou e inspira até hoje diversas escolas confessionais católicas tem origem, também, laica. A possibilidade do uso aconfessional do Sistema Preventivo atrai, também, outros colégios de origem, por exemplo, mulçumana, mas essa é uma outra história que pode ser encontrada em Aubry (n/d) no livro: *Escritos espirituais de São João Bosco*.

### **2.3 Missão da Congregação Salesiana no Brasil**

Riolando Azzi é um dos principais pontos de referência para entendermos o sentido da missão salesiana no Brasil. Em primeiro lugar, é necessário compreender a atuação desses religiosos no contexto da Igreja Católica no Brasil, desde 1883, em particular, desde sua especificidade em Juazeiro do Norte, onde os salesianos estão instalados há 70 anos. Assim, deve-se compreender que o objetivo dos salesianos, em sua ação, vai além do trabalho com a juventude pobre, porque, antes de tudo, está vinculado, também, às metas definidas pela Santa Sé.

A chave hermenêutica desse relato é o projeto de romanização da Igreja Católica por meio da educação. Por isso, torna-se importante conhecer o movimento ideológico de determinada época e a mentalidade daqueles que se encontram em seu interior, tentando encontrar o lugar no mundo onde se concretiza essa cristianização e direcionada a que povo. A Congregação Salesiana é uma instituição fundada como expressão de serviço dentro da Igreja Católica. Outra vertente de análise é a ação educativa salesiana, sob o aspecto de influência e impacto na sociedade local aqui estudada.

Para entender as articulações da presença dessa congregação na história da educação de Juazeiro do Norte, devemos nos perguntar sobre os saberes veiculados e o ambiente salesiano constituído na cidade para a difusão desses saberes, partindo do ponto de vista dos valores e prioridades do Sistema Preventivo de Dom Bosco e de como eles foram incorporados na prática educativa específica da referida cidade. É com essas questões que trabalharemos agora.

Ao lado de outras congregações, os salesianos são considerados agentes importantes na educação da juventude, como é o seu propósito – tendo formado ao longo da história um contingente de pessoas destinadas a compor o quadro para a elite social brasileira. Revisitando as páginas dessa história por meio da historiografia, encontramos uma questão que deve ser

lembrada aqui para situar o leitor em relação às dificuldades e necessidades da implantação dessa obra no ambiente histórico ora focalizado. Trata-se do sistema de *Padroado*, e depois, da separação entre Igreja e Estado nos anos iniciais da República, para que, desde então, tornemos possível fazer uma análise da articulação dessa Congregação com a história eclesial local.

Conforme tradição herdada do período colonial, no regime do Império, a Igreja se encontrava vinculada ao sistema do *Padroado*, segundo o qual o Imperador era o seu verdadeiro chefe, ficando em segundo plano qualquer ato pontifício. O aspecto divino não era o único elemento representativo nas ações da Igreja, já que tal vínculo de subordinação ao Estado tornava padres e bispos integrantes do corpo de funcionários públicos. A ação pastoral estava restrita à evangelização e, desta forma, proibia-se a fundação de seminários e conventos. Portanto, neste período, tinha-se um clero escasso e em decadência de costumes (AZZI, 1982, p. 59).

Dom Pedro II, que governou o Brasil de 1840 a 1889, entendia que os frades e monges constituíam um grupo de pessoas inúteis para a sociedade, pois levavam uma vida contemplativa e que a reforma se tornava cada vez mais necessária, diante do quadro de decadência em que se encontrava a Igreja no Brasil. O bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro Maria de Lacerda (1830-1890), vislumbrava nos salesianos uma contribuição para o projeto pastoral do episcopado, na busca de consolidação do Movimento de Reforma Católica em sua diocese, bem como o bispo do Pará, D. Antônio de Macedo Costa, conforme Matos (2003).

Lasagna é importante edificador da obra salesiana no Brasil. Foi nomeado em 1881, por Dom Bosco, Inspetor do Uruguai e do Brasil. Essa atitude expressa a confiança que Dom Bosco nutria em relação à expansão de sua obra, pois no Brasil ainda não existia nenhuma Casa Salesiana. Foi uma grande conquista religiosa para a fé. Era assim que se entendia naquela época. Lasagna partiu de Villa Cólón, no Uruguai, para o Brasil, em companhia do clérigo Teodoro Massano, a fim de conhecer as terras brasileiras e escolher o melhor lugar de implantação da obra. Iniciou-se, pois, a criação de várias casas, começando pelo Rio de Janeiro em 1883 (AZZI, 1982).

Antes, em 1882, em visita ao Brasil, o clérigo Teodoro Massano escreveu uma carta aos superiores em Turim, falando do deserto em que se encontram os conventos, e ressaltou que a vinda dos salesianos seria um sucesso como havia acontecido em outros lugares. Lasagna, em carta escrita em 1883 ao padre Barbéres, também expressa esse quadro:

Lembre-se, ó caríssimo, de que o clero está aqui numa situação que causa espanto; e as velhas ordens das carmelitas, beneditinas, mercedários e franciscanos estão

para extinguir-se, o que, aliás, é uma fortuna, porque eles já não têm mais o espírito religioso. Nadam na abundância e na devassidão, com rendas fabulosas, com milhares de escravos (que horror!) às suas ordens. (LASAGNA *apud* AZZI, 1982, p. 6).

Além de não obedecer ao celibato eclesiástico, os padres estavam envolvidos politicamente com ideias liberais enquanto a política imperial tinha suas bases na estrutura do latifúndio escravocrata. E, assim, esses ideais poderiam comprometer a ordem social, ponto de vista que mostra um choque de poderes institucionais.

Os bispos reformadores entendiam que a reforma do clero deveria ter como via importante a reforma dos seminários para melhorar ou ensinar novos costumes. Com suporte nesse ideal, e com metas estabelecidas e bem definidas – como dedicar-se, especificamente, às atividades missionárias, à formação do clero ou à educação religiosa da juventude – foi possível criar a possibilidade de ingresso de outros institutos religiosos. Neste intuito, a Congregação Salesiana se encaixou no caminho traçado por Dom Bosco, que caracterizava o perfil da sua missão, fato que os deixa em posição privilegiada junto à Família Imperial.

O bispo de Mariana, Dom Antônio Ferreira Viçoso<sup>21</sup> iniciou o movimento que lutava pela liberdade da Igreja. O objetivo era sair do domínio do Império, naquele momento, era uma exigência do Padroado Real que consistia na permissão concedida de Roma ao Imperador, o título de chefe da Igreja no Brasil e não os bispos, situação conservada desde a Colônia, para vincular-se à Santa Sé. Desta forma, os bispos do Brasil tiveram grande importância nessa luta, pois foram os primeiros a não mais aceitar a condição de altos funcionários da *Coroa*, declarando, abertamente, serem membros hierarquicamente dependentes do Sumo Pontífice. Foi uma luta difícil que se travou entre Igreja e Estado, visto que era a própria concepção de Igreja que estava sendo modificada. As personagens que possibilitaram o avanço positivo desta luta foram os padres lazaristas, a ordem dos frades capuchinhos e a Companhia de Jesus, que retornaram no século XIX.

Foi em 1872, ainda sob o impacto da crise entre Igreja e Império, que os salesianos visitaram o Brasil em viagem para a Argentina, seguindo orientação de Dom Bosco. Nessa oportunidade, Dom Pedro Maria de Lacerda, Bispo do Rio de Janeiro, conheceu os salesianos e passou a vislumbrar a possibilidade de que estes se unissem a essa luta reformista com base na educação da juventude pobre e desamparada.

Este é o primeiro momento em que percebemos a utilidade prática da pedagogia de

---

<sup>21</sup> Antonio Ferreira Viçoso foi indicado, no regime do padroado, por Dom Pedro II para ser bispo de Mariana e nomeado em 1844. Pertencia ao grupo dos bispos ultramontanos, reformadores.

Dom Bosco na formação da juventude, no Brasil, com a finalidade de interferir na realidade política, social e religiosa. Mostrando a dimensão da credibilidade dessa congregação em todos os lugares onde se tornou conhecido o seu trabalho educativo, eram sempre chamados a educar para transformar a realidade em alguma medida. Segundo Azzi (1982), naquele momento, também auxiliados pelo trabalho de Dom Lacerda, os lazaristas franceses foram os responsáveis pela formação do novo clero brasileiro dentro da concepção tridentina de Igreja.

Ao anunciar a sua vinda ao Brasil em carta escrita no dia 6 de maio, Lasagna escreveu ao fundador da Congregação Salesiana, dizendo:

V.R. conhece as súplicas comovedoras com que nos pedem auxílio os zelosos bispos do Brasil, os quais vendo-se tão sós numa região vasta e sem limites, desencorajados e tristes, imploram socorro, com vozes de cortar coração. [...] Ao término dessa visita, em carta escrita de Volta a Colón a 24 de novembro de 1882, o Inspetor volta a insistir na necessidade da presença dos salesianos, a fim de cooperarem com a atividade pastoral dos bispos. No Brasil, portanto, o lugar dos Salesianos estava bem definido na mente de Lasagna: seria ao lado dos bispos reformadores, onde aliás já se situavam os membros de outros institutos religiosos. (BOLLETINO SALESIANO, ano VI, jul. 1882, p. 118-119).

Em 1882, em visita ao Brasil, acompanhando o padre Luís Lasagna, que na época era inspetor salesiano em Montevidéu, um seminarista chamado Teodoro Massano, diante do que observou, escreveu uma carta relatando as suas observações: “em todos os lugares da cidade, nas ruas, no porto e em todos os cantos, víamos grupos de pobres meninos vestidos com um pobre farrapo, mas a maior parte sem nada, em plena nudez, abandonados à desventura. Ninguém, a não ser a polícia, pensa neles”. Na carta escrita aos superiores em Turim, fala, também, sobre o deserto em que se encontram os conventos e ressalta que a vinda dos salesianos seria um sucesso como tem acontecido em outros lugares. Assim, os salesianos chegaram ao Brasil, em Niterói, Rio de Janeiro, em 1883, vindos do Uruguai.

Diante das necessidades observadas, o padre Luís Lasagna optou por ocupar-se principalmente dessa categoria de meninos abandonados, sem excluir os demais jovens, e foi assim em todos os outros Estados do Brasil onde se instalaram. No ano de 1882, no Pontificado de Leão XIII (o Pontífice da *Rerum Novarum*), chegou ao Brasil, o padre Luiz Lasagna, com o objetivo de instalação da Primeira Casa Salesiana. No ano seguinte (1883), em Niterói, fundou uma casa, composta pelos seguintes salesianos: padre Miguel Borghino, padre Carlos Peretto, Domingos Delpiano, João Bologna e José Daneri.

Matos (2003) destaca o episcopado de Dom Antonio Joaquim de Melo, bispo de São Paulo, e do já citado, Dom Antônio Ferreira Viçoso, bispo de Mariana, pelo fato de representarem um período de grande avanço, no que diz respeito à autonomia da Igreja, pois

com eles começou uma fase histórica representada pela reforma do clero nacional. Pedro Maria de Lacerda aderiu ao movimento reformador dos bispos de São Paulo, e foi nomeado para a sede episcopal do Rio de Janeiro. Este bispo foi um dos responsáveis pela vinda dos padres salesianos para o Brasil.

Percebe-se que o seu trabalho teve intensivos laços com os problemas das comunidades, onde atuava como meio para, com criação de uma família, resolver os problemas que afligiam ou afetavam a juventude. A obra salesiana se insere nesta luta em razão das características do trabalho que executava nas comunidades. Portanto, o lugar dos salesianos no Brasil era ao lado das instituições religiosas instaladas aqui para auxiliar no projeto pastoral do episcopado, ou seja, ao lado dos bispos reformadores. Para Lasagna, a vinda dos salesianos para o Império brasileiro significava o fortalecimento do catolicismo nacional (AZZI, 1982).

Esta fase do movimento reformador, em meados do século XIX, é a da romanização da Igreja no Brasil. Roger Bastide (*apud* DELLA CAVA, 1976, p. 50) destaca os aspectos principais do conceito de romanização:

Afirmção de uma Igreja Institucional e hierárquica que se estende sobre todas as variações populares do catolicismo; a emergência reformista do episcopado, em meados do século XIX, para controlar a doutrina, a fé, as instituições e a educação do clero e do laicado; a dependência cada vez maior, por parte da Igreja brasileira, de padres estrangeiros, vindos da Europa, principalmente das congregações e ordens religiosas, para realizar a transição do catolicismo colonial ao catolicismo de caráter mais universalista, com absoluta rigidez doutrinária e moral; a busca desses interesses mesmo contra os interesses políticos locais.

Della Cava (1976) acrescenta que a igreja católica romana brasileira ainda seria integrada além dos planos institucional e ideológico nas estruturas centralizadas da Igreja Católica, sob a direção da Cúria Romana. Para entender, no entanto, o que aconteceu no Ceará com o processo de romanização, sob o viés da política educacional católica, é preciso visualizar uma dinâmica que, à época, não significa somente afirmar a ortodoxia da fé, mas disciplinar o culto, as devoções populares e a organização do laicato.

Nesse sentido, a criação do Seminário Diocesano de Fortaleza (Seminário da Prainha) vai-se constituir no núcleo gerador de todo o processo de disciplinarização. A partir daí, são formados os padres alinhados a hierarquia romana, quebrando-se, assim, os laços ideológicos com o regime de padroado.

Num segundo momento, a substituição das antigas irmandades católicas pelas sociedades assistencialistas (como a Sociedade São Vicente) desorganiza a atuação autônoma dos leigos, subordinando-os à hierarquia diocesana. Além das escolas católicas e de toda uma gama de instrumentos, a pressão cotidiana dos bispos sobre as antigas práticas devocionais transformam o catolicismo no Ceará, embora com sérias resistências por parte do catolicismo devocional, de aspectos messiânicos. (AMARAL, 2006, p. 81).

Esse viés indica que a reforma visava à instituição de seminários eclesiásticos, sob orientação de congregações religiosas europeias. Em relação ao povo, deveria melhorar a instrução catequética, como forma de afastá-lo de práticas supersticiosas, das manifestações de irreverência e de fanatismo no culto, constituindo uma forma diferente dos costumes locais, a que já estavam habituados.

A cidade de Juazeiro do Norte não se adaptou a esse modelo de Igreja, como se observa até hoje, especialmente com relação às práticas características como sendo de fanatismo, bem como demonstravam uma fidelidade maior ao padre Cícero do que à Igreja. O poder da Igreja para os romeiros jamais poderia impedir que eles prestassem culto ao padre Cícero – não importa se a Igreja é nacionalizada ou romanizada.

Dom Joaquim José Vieira (1883), sucessor de Dom Luis Antônio dos Santos, publicou uma célebre Carta Pastoral advertindo os católicos dos perigos do positivismo, do republicanismo e do protestantismo. Esse bispo, nascido em Itapetininga, São Paulo, educado e ordenado no Sul, foi mais tarde o principal adversário político do povo de Juazeiro do Norte e do padre Cícero, embora tenha sido o responsável pela ordenação dele, contrariando a objeção do padre Chevalier; parece ter sido antes, também, um admirador do trabalho de padre Cícero em Juazeiro do Norte.

Para o povo simples do Cariri, essas recomendações chegaram de modo místico e foram tomadas como indícios do fim do mundo “[...] e com ele as perspectivas tenebrosas de cruéis privações para os crentes de Nosso Senhor, do martírio infligido a todos os fiéis”. (DELLA CAVA, 1976, p. 40). Isto significa que o tipo de ação pastoral que deveria ser promovido pela Igreja tinha um vetor diferente dos costumes religiosos naquele ambiente de reforma e romanização.

Foi uma visão de mundo alimentada por padres que antecederam ao padre Cícero, como o padre Félix de Moura, que fundou a Legião da Cruz em Crato e conservava práticas de um catolicismo medieval; e monsenhor Francisco Monteiro, também da cidade de Crato, que fazia discursos comovedores que levavam os fiéis às lágrimas de arrependimento dos pecados, durante a missa. Essas práticas foram, com o passar do tempo, incorporadas à tradição religiosa da cidade e, contribuíram depois para demarcar um limite cultural e social que diferenciou o povo da cidade de Crato do povo de Juazeiro do Norte: aquele, mais tarde, evoluiu para um distanciamento também territorial.

Como bem analisa a professora Antonia Otonite de Oliveira Cortez, quando faz comentário sobre o desenvolvimento de uma mentalidade voltada para a superioridade do Crato sobre Juazeiro do Norte, alimentada pelo imaginário dos cratenses. Assim, a autora

analisa as raízes dessa possível diferença como sendo uma elaboração social que eclodiu depois do propalado milagre de Juazeiro do Norte. Fatores que denunciavam de forma negativa o comportamento simples daqueles romeiros que se instalavam nessa cidade.

O movimento de distinção foi encetado pelos intelectuais, seja no exercício das suas funções de padre, médico, professor, jornalista, historiador, advogado, etc., seja nas funções inerentes aos cargos políticos que ocuparam – prefeito, vereador, deputado e senador.

Portanto, foi somente a partir daquele fenômeno do Padre Cícero, de Juazeiro do Norte, que os cratenses passaram a denominar o Crato “cidade da cultura”.

A produção do Crato como ‘cidade da cultura’ não foi, evidentemente, resultante de uma ação planejada apriori por aqueles ‘especialistas’, mas um movimento que recebeu o influxo do projeto civilizador. Com este, foi produzido o arsenal conceitual e mesmo a configuração mental com os quais a intelectualidade cratense percebeu as condutas sociais em Juazeiro como discrepantes em relação a uma estética social tida como “normal”, bem como forjou a intolerância para com essa discrepância. (CORTEZ, 2000, p. 39).

É nesse mundo de muitas práticas culturais, não condizentes com a igreja romanizada, que os salesianos edificam a sua obra. Portanto, a inserção dos salesianos, nesta cidade teve que enfrentar dificuldades de natureza variada, inicialmente de ordem financeira e política e, também, religiosa.

De acordo com Silva (2000) e Azzi (1982), Dom Bosco mostrava entusiasmo pelo trabalho no Brasil e falou ao padre Felipe Rinaldi<sup>22</sup> que era necessário fundar 200 casas no Brasil. Conforme D. Bosco planejou, em 05 de julho de 1885, os salesianos se estabeleceram, também, em São Paulo, com o *Liceu do Coração de Jesus*, tendo como diretor o padre Lourenço Giordano. Este sacerdote foi responsável pela instalação da primeira casa do Norte e Nordeste, no Recife, 1895, doze anos depois da chegada ao Brasil. Fundou, também, as casas de Salvador, Tebaida-SE, fechada em 1922, Aracaju e Jaboatão dos Guararapes-PE.

Esses autores destacam, também, o fato de que o primeiro inspetor salesiano, Luiz Lasagna, ainda foi responsável pela expansão da obra salesiana no Brasil, ao relatar a Dom Bosco a necessidade de atender os bispos do Brasil. Foi, porém, no episcopado de D. Manuel da Silva Gomes<sup>23</sup> que eles se estabeleceram no Ceará; chegaram primeiro em Baturité, tendo como diretor o padre Luiz de Brito. Em seguida, instalaram-se em Fortaleza, assumindo a paróquia da Piedade e, mais tarde, do Centro Educacional Dom Lustosa. Chegaram a Juazeiro

<sup>22</sup> Filippo Rinaldi (1856-1931). Religioso italiano. Reitor-mor de 1922 a 1931, foi por 21 anos vigário dos primeiros dois sucessores de Dom Bosco; foi eleito superior geral.

<sup>23</sup> Dom Manoel da Silva Gomes (1874-1950). 3º Bispo do Ceará, sagrado por Pio X em 1912; em 1915 foi nomeado 1º Arcebispo Metropolitano de Fortaleza. Criou as Dioceses de Crato, Juazeiro do Norte e Limoeiro do Norte. Fundou o Círculo de Operários Católicos, Responsável pela instalação de alguns institutos religiosos, como os jesuítas, salesianos, franciscanos, entre outros.

do Norte em 1939, fundando um colégio e assumindo uma paróquia. Tinham por objetivo educar a juventude e cuidar da formação religiosa dessa sociedade em nome do padre Cícero.

Na concepção de Silva (2000, p. 81), o padre Luiz Lazagna, o “bispo dos índios”, estabeleceu metas no Brasil e o seu plano missionário constava, inicialmente, de assistência aos imigrantes e seus filhos, aos índios nas missões em Mato Grosso, cuidar dos *ingênuos*, filhos dos escravos após a Lei do Ventre Livre, atender aos órfãos da Guerra de Canudos e à atividade missionária, com destaque para a colaboração dada ao Movimento dos Bispos Renovadores. Todo esse trabalho, entretanto, não teria sido possível sem o consentimento do Governo, em virtude das restrições políticas que havia desde a proclamação da República em relação às ordens religiosas, crise que já existia desde o final do século XVIII, instalada pela política do ministro de Dom José, o Marques de Pombal (Sebastião José de Carvalho e Melo).

Apesar de existirem opiniões contrárias, os padres foram bem acolhidos e os jornais da época viam com otimismo a sua chegada, expressavam confiança no sucesso deles, pois que eram vistos como especialistas em todos os ramos de atividade humana. Desta forma, entendemos que eles, além de “salvar as almas”, cuidariam da formação educacional e profissional da juventude, representando um importante instrumento de desenvolvimento social. A qualidade dessa formação seria garantida pelos conhecimentos que detinham sobre línguas, ciências, indústrias, artes, comércio e agricultura.

Apesar de a imprensa brasileira reverenciar o nome de Dom Bosco, existia, também, aqueles que criticavam as ações da Igreja. Os liberais viam nessa exaltação ao nome de D. Bosco uma grande aceitação da obra salesiana, despertando neles uma certa hostilidade, em vista da colaboração que estes dariam à reforma da Igreja Católica, configurando-se como um “[...] reforço à afirmação progressiva do movimento dos Bispos Reformadores, com sua marca ultramontana e clerical”. (AZZI, 1982, p. 23).

O catolicismo do período republicado apresentou duas tendências: aqueles que apreciavam de forma otimista o novo regime, em razão da liberdade concedida à Igreja, e aqueles que lamentavam as perdas de privilégios e o anúncio de um tempo em que vigoraria uma política sem Deus.

Considerado um grande apóstolo da cristianização no Brasil, o primeiro padre redentorista brasileiro chamava-se Julio César de Moraes Carneiro (1850-1916), ordenado em 1891, sacerdote da Congregação dos Missionários do Santíssimo Redentor, que teve o mérito de propor a abertura do diálogo entre Igreja e Estado. Recusava-se de ver a República como grande rival, em razão da sua tendência racionalista e secularizadora; além do que foi dito por

Matos (2003, p. 20), quando trata a respeito da contribuição do padre Júlio Maria, nesse período de transição em que se encontrava a Igreja no Brasil, mostrando que,

‘Vós todos sabeis’, disse em uma de suas famosas ‘Conferências da Assunção’ (1897-1900), promovido no Rio de Janeiro pela Sociedade de São Vicente de Paulo, ‘as minhas idéias, o meu nenhum pesar pela extinção dos aparentes e enganosos privilégios dados à Igreja no passado regime, os quais não foram senão o pretexto para que o Estado concentrasse, com a supremacia política, a supremacia religiosa, graduando a seu bel-prazer o sentimento católico da nação, cuja vitalidade religiosa entorpeceu enormemente a educação, o ensino, as leis, o parlamento, o clero deixando em tudo isso estampado o cunho da sua incredulidade.

Para o clero, a Igreja Católica precisava voltar a ter influência na vida pública, constituindo tal feito uma condição para que pudesse orientar diretamente a educação. Dessa forma, seria possível combater a ignorância religiosa do povo brasileiro e este seria o caminho pelo qual teria acesso às instâncias do poder da República e, assim, realizar a obra principal da missão da igreja, que consistia na recristianização dos brasileiros, conforme o ideal de D. Leme<sup>24</sup>, que, ao analisar o fenômeno da ignorância religiosa em sua Carta Pastoral de 1916,

Aponta o mal causado pelo positivismo e a lacuna que a boa vontade dos homens de letras católicos ainda não conseguiu preencher. Dirige-se, em seguida, às ‘camadas populares’, nas quais a exterioridade da religião mostra seus bons sentimentos, inutilizados, porém, pela superstição e por credices. (MATOS, 2003, p. 49).

O Bispo de Olinda entendia que a solução para esses problemas seria a instrução religiosa em todos os níveis e com o emprego de todos os meios disponíveis, como pregação, evangelização do operário, a leitura, a instrução religiosa no lar e, principalmente, a escola. Investiu contra o ensino leigo e propôs uma obra corajosa no campo da catequese e da educação católica.

Matos (2003) ainda diz que o projeto da Igreja, no Brasil, teve resultados positivos e ganhou força com a separação entre Igreja e Estado. Observamos o grande número de congregações religiosas que chegaram ao Brasil entre os anos de 1890 e 1930. Do exterior, foram 31 congregações masculinas e 71 femininas, somando-se as 22 congregações que foram fundadas no Brasil. Este aumento, porém, decorre também, da política anticlerical de vários países europeus no início do século XX com a expulsão de muitos religiosos. Naquele período, também merece destaque o fato de o Papa Pio X (1903-1914) ter elevado ao

---

<sup>24</sup> Sebastião Leme da Silveira Cintra: (1882-1942) entrou no seminário de São Paulo em 1894, prosseguiu seus estudos em Roma e foi ordenado em 1904; a partir de 1905, trabalhou em São Paulo, em 1911, foi nomeado bispo-auxiliar no Rio de Janeiro e arcebispo de Olinda em 1916; tornou-se arcebispo-coadjutor do Cardeal Arcoverde, no Rio de Janeiro, em 1930.

cardinalato Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcante, em 1905, tornando-se ele o primeiro cardeal da América Latina e, quando a representação brasileira junto à Santa Sé foi elevada à categoria de Embaixada, enquanto isso, a Nunciatura no Brasil era promovida para 1ª classe, em igualdade com outros países católicos, como Espanha e Áustria.

O padre Cícero viveu todo esse período de transição e, assim como Dom Bosco, estava empenhado no processo de transformação da vida das populações mais pobres, teve a mesma raiz teórica de formação, visto que o Seminário Arquidiocesano de Fortaleza, onde estudou, foi criado com a intenção de ajudar na romanização da Igreja, o qual exerceu o seu apostolado voltado para o projeto da Igreja, de cristianização, espalhado por todo o mundo e, especialmente, no Brasil, esse projeto auferiu importância em virtude dos problemas enfrentados pela Igreja, acima mencionados. No caso de Juazeiro do Norte contou com a ajuda de um padre que desenvolveu um estilo pastoral de serviço, caracterizado pela disponibilidade para atender à população e um apostolado do diálogo. Teve, também, a marca de adaptar-se ao povo nordestino, no lugar de exigir que os sertanejos se moldassem a ele.

Foi um período em que a vida consagrada se transformou em um meio de promoção social e também se tornou campo importante de educação escolar, atraindo a classe média e burguesa, fato que confere poder contra o espírito laico da República. Desta forma, as congregações encontraram os seus meios de subsistência depois da separação do Estado. A burguesia e a classe média tiveram importante papel para este fim, enquanto os colégios educavam seus filhos, em troca de altas mensalidades, porém, a presença de padres estrangeiros trazia, também, desconforto social, em termos de adaptação, visto que os padres estrangeiros não possuíam formação adequada para entender as diferenças apresentadas pelo povo brasileiro, dando mostras de que não era um caso isolado o de Juazeiro do Norte. Por isso, na Pastoral Coletiva de 1915, os bispos do Sul fizeram um alerta aos religiosos estrangeiros que só conseguiam ver o lado negativo do catolicismo brasileiro:

Aos sacerdotes que escrevem em revistas ou jornais estrangeiros, mandamos que não sejam injustos ou parciais na apreciação dos costumes e caráter do nosso povo e das qualidades de nosso clero. Essa maneira infeliz de criticar e depreciar as coisas no Brasil revela *falta de caridade*, [...] manifesta *falta de bom senso*, porque muitos sacerdotes estrangeiros fazem parte do clero brasileiro. [...] Indica ainda *falta de critério*, porque contribui para antipatizar os sacerdotes com nossos patrícios, hospitaleiros e católicos. (MATOS, 2003, p. 40).

Os bispos reformadores entendiam que a reforma do clero deveria ter como via importante a reforma dos seminários, para melhorar ou ensinar novos costumes. Com base nesse ideal e com metas estabelecidas e bem definidas – como dedicar-se, especificamente, às

atividades missionárias, à formação do clero ou à educação religiosa da juventude – foi possível criar a possibilidade de ingresso de novos institutos religiosos.

De acordo com Azzi (1982, p. 95), “Os salesianos eram considerados modernos quando comparados a outras instituições religiosas, devido [...] sua inserção no mundo do trabalho, através das escolas de arte e ofícios, e pela maior facilidade em assimilar os valores da cultura moderna”.

Ao chegar a Juazeiro do Norte e ao fundar o Colégio, eles tinham como objetivo cumprir a missão, que era a razão maior de se encontrarem nesse território e, ao mesmo tempo, norteadora de suas ações na política educacional católica de educar a juventude. Somando-se a essa missão, havia ainda a preocupação de cuidar da formação educacional da juventude pobre e da religiosidade dessa sociedade, conforme solicitação do padre Cícero em seu testamento.

Revestia-se de importância fundamental para a cidade de Juazeiro do Norte que a missão da Igreja Católica, no que se refere à cristianização dos povos e à romanização, seguisse por um caminho iluminado pelos preceitos de Dom Bosco, por ter transmitido aos seus “filhos”, como ele mesmo os tratava, o seu carisma, amor ao *trabalho e oração*, de uma forma que o identificava como um ser atuante junto às camadas populares. Sabemos que outras congregações religiosas também tinham uma filosofia de trabalho encaminhada para este fim, o que torna diferente a história de Dom Bosco, e que o assemelha ao padre Cícero. Foram o empenho dedicado ao trabalho junto às camadas populares e uma ação social e política tão intensa, que os situaram em destaque na história da religiosidade popular.

Traçar essas características nos leva a perceber desafios enfrentados pelos salesianos para conseguir conciliar um trabalho orientado sob a óptica romana, em um espaço situado em via aparentemente contrária a essa história. Isso porque eles reconheciam a autoridade do Papa, esperavam que ele opinasse em favor do padre Cícero, contrariando o bispo de Crato. Embora o padre Cícero tivesse a mesma educação eclesiástica de Dom Bosco e os mesmos objetivos junto à Igreja Católica, também tinha traços comuns, como, por exemplo, o espírito aberto de Dom Bosco e de Francisco Sales, que foi educado pelos jesuítas no século XVI, que encorajava decisões que viessem a permitir um acesso melhor ao povo carente das ações evangelizadoras e educacionais da Igreja, mostrando que os salesianos também sofriam pressão quanto à ideia de vida romanizada ao estilo rigidamente europeu e ao *modus operandi* mais latino-americano de vida. Em se tratando de Juazeiro do Norte essa dificuldade se acentuaria em virtude das manifestações culturais e religiosas que ali constituem expressão de um catolicismo bem peculiar.

## 2.4 Dom Bosco, o bispo e os romeiros: esboço histórico desses encontros e desencontros

### 2.4.1 Testamento do padre Cícero

Os passos iniciais que marcaram o processo que levaria ao encontro entre os padres europeus, por intermédio dos “filhos” de Dom Bosco, e dos sertanejos, representados pelos “afilhados” do padre Cícero, serão aqui retratados como um fenômeno histórico de implantação e expansão de uma rede de ensino em Juazeiro do Norte.

Um fato chama a atenção, preocupado com encontrar sucessores para continuar o seu projeto social, padre Cícero, por *Testamento Cerrado*, doou todo o seu patrimônio à Congregação Salesiana e, desta forma, confiou aos padres salesianos o prosseguimento da sua missão, na qualidade de *herdeiros universais e sucessores*. A história, então, começou assim: ele nomeou, em *testamento cerrado*, de 4 de outubro de 1923, a Congregação Salesiana como herdeira universal, e, em seguida, comunicou por carta ao padre Carlos Leôncio da Silva, diretor do Colégio Salesiano do Recife, que havia feito dos salesianos seus herdeiros universais e o convidou a visitar Juazeiro do Norte. Não encontramos registro dessa visita, mas o padre Antenor de Andrade Silva, em seu livro *Os arquivos do padre Cícero* (1977), revela que o primeiro contato do padre Cícero com os salesianos, foi com o inspetor de então, o padre Pedro Rota<sup>25</sup>. Ambos se encontraram no mesmo trem de Caruaru a Recife, quando da viagem do padre Cícero a Roma.

O controvertido patrimônio do padre Cícero, condenado por Dom Joaquim José Vieira (1884-1912), bispo de Fortaleza, e por Dom Quintino Rodrigues Vieira de Oliveira e Silva, (1916-1929) bispo do Crato, por ser adquirido, segundo esses bispos, graças ao “milagre” condenado pela Igreja, considerado como uma crença falsa, propagada como sacrilégio, resultado de um “embuste”, tornou-se mais tarde disputado pela Diocese do Crato, que não aceitou os padres salesianos como principais herdeiros.

Padre Antenor de Andrade Silva, ex-diretor do Colégio Salesiano de Juazeiro do Norte, em seu livro *Cartas do padre Cícero* e em entrevista a nós concedida em Natal, em 2008, assevera que os salesianos não são os maiores beneficiários dos bens deixados pelo

---

<sup>25</sup> Padre Pedro Rota: inspetor salesiano responsável pelas primeiras negociações para instalação da Congregação Salesiana em Juazeiro do Norte. Concluído o seu mandato em 1932, viajou para a Europa, diminuindo a correspondência com o padre Cícero.

padre Cícero.

Após a Revolução de 1914, apesar de ter sido vitoriosa, destituindo o presidente do Estado, cel. Franco Rabelo, o pe. Cícero percebeu que as estruturas políticas e eclesiásticas não viam com bons olhos o movimento religioso popular de Juazeiro do Norte e que havia articulações para esmagá-lo mediante ações do governador do Estado, Cel. Benjamin Barroso, que, na pretensão de combater o cangaço com os “batalhões patrióticos” havia clara e intensa perseguição aos romeiros que visitavam Juazeiro do Norte. Além disso, com a criação da sede da Diocese, na cidade do Crato, ficava evidente o fato de que a perseguição religiosa seria intensificada, principalmente porque o poder episcopal fora confiado ao padre Quintino, o mais ferrenho adversário da causa de Juazeiro do Norte.

Com esse quadro político adverso, o padre Cícero, criando táticas de sobrevivência para si e para a sua cidade, concebeu buscar apoio de instituição religiosa que gozasse de prestígio junto à Santa Sé para defendê-lo no processo canônico ainda pendente de solução para reassumir plenamente as “ordens” sacerdotais, das quais se encontrava suspenso. Para obter esse apoio, o padre Cícero legava todos os seus bens.

Depois de duas tentativas de escolha de seu herdeiro universal, o padre Cícero, finalmente, em 04 de outubro de 1923, legou todos os seus bens à Congregação Salesiana, que, na condição de herdeira universal, cuidasse da educação da juventude de Juazeiro do Norte e desse continuidade a sua obra social.

[...] A Diocese do Crato quis, em primeiro lugar, anular o Testamento do Padre Cícero, recorrendo aos tribunais civis brasileiros e não obteve êxito em suas demandas. Diante de suas fracassadas tentativas, a Diocese do Crato articulou-se com a alta hierarquia da Igreja no Brasil, de modo especial com Dom Sebastião Leme, para negar a permissão de entrada dos salesianos em Juazeiro.

Com fundamento nas normas do Direito Canônico, o titular da Diocese do Crato não concedia o *'placet'* para que os salesianos viessem se estabelecer em Juazeiro.

Essa dura disputa, Diocese do Crato e Salesianos, durou 10 (dez) anos.

Finalmente, no início de 1934, chegou-se a um termo essa disputa, numa negociação intermediada pelo Núncio Apostólico, Cardeal Sebastião Leme, Diocese do Crato e a Congregação Salesiana. O acordo foi o seguinte: o Padre Cícero faria uma doação, mediante Escritura Pública de 50% dos seus bens à Diocese do Crato e os outros 50% ficariam com os Salesianos. Essa doação ocorreu mediante Escritura Pública lavrada no L 17, fls.1/5, datada de 17 de janeiro de 1934, no Cartório Machado.

Como essa doação à Diocese do Crato continha ‘cláusulas especiais’ para sua efetivação, para evitar demandas jurídicas, a Diocese do Crato só permitiu a vinda dos Salesianos, em fins de 1938, quando já tinha sido alienada a quase totalidade dos bens doados à Diocese do Crato.

A demora da vinda dos Salesianos a Juazeiro se deu não em razão da questão religiosa – ‘Milagres de Maria de Araújo’ e sim pela disputa dos bens legados aos salesianos. (Entrevista: GEOVÁ SOBREIRA MAGALHÃES, Brasília, 2011).

Assim, nasceu a curiosidade de conhecer melhor essa história. Para tanto, encontrei o livro *Padre Cícero entre os rumores e a verdade*, obra escrita por Paulo Machado, com a intenção de analisar o inventário do padre Cícero Romão Batista, autuado no dia 20 de agosto de 1934, pelo escrivão substituto Antonio Machado, do Cartório Machado – 2º Ofício, desta Comarca de Juazeiro do Norte, Estado do Ceará, tendo como inventariante Antônio Luiz Alves Pequeno e o juiz, dr. Plácido Aderaldo Castelo.

Passaremos a seguir a indicar alguns pontos dessa análise, conforme o autor, quando ele apresenta os maiores legatários do total Partível Líquido: “Congregação Salesiana fica com 66,29%; Matriz de Nossa Senhora das Dores: 19,57%; Antônio Luiz Alves Pequeno: 9,09%; Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro: 3,60%; Legatárias: 1,08%; São Miguel: 0,36%” (MACHADO, 2001, p. 106).

Salienta-se que o auto de partilha deixa claro que os salesianos foram os maiores beneficiados com o espólio do padre Cícero, porém, ele observa que o Testamento Cerrado foi lavrado:

[...] no dia 4 de outubro de 1923. E, este TESTAMENTO somente foi aberto no dia 27 de julho de 1934, ou seja, 7 dias após o óbito do Padre Cícero – 20 de julho de 1934. Nesse período compreendido de 1923 a 1934, mais precisamente, 11 anos, o patrimônio inserido no mesmo Testamento sofreu alteração por força de circunstâncias previsíveis. [...] Em que pese à impiedosa necessidade do Padre Cícero vender os seus bens para se manter, permutas para atender às conveniências particulares, doações para contemplar aos apelos circunstanciais ou alienações para pagar compromissos assumidos; as transações, nesse período de 11 anos, oscilaram entre compras e vendas permutas e doações, arrendamentos e hipotecas, etc. (MACHADO, 2001, p. 111-112).

Esclarece na sua análise que houve grande disputa por esses bens, entrando em cena a Diocese do Crato, reivindicando para si o direito de ser a herdeira, e assim, aconteceu, conforme carta enviada ao padre Cícero, consoante é citado por Silva (1982, p. 318-319):

Nº 10.127

Em 5 de Junho de 1933

Excia. Revma.

Junto com a prezada carta de V. Excia. Revma. de 17 de maio PP. Recebi a cópia da resposta do Revdº Cícero Romão Batista de Juazeiro de cujo conteúdo me inteirei com viva satisfação.

Espero agora quanto antes ser informado de que os bens em questão foram entregues a Mitra e que o Governo deu isenção dos impostos solicitada.

Rogo a V. Excia. queira significar ao R.P. Cícero que continue os seus empenhos para obter a isenção dos impostos e dizer-lhe que o abençôo.

Aproveitando a oportunidade reitero a V. Excia. as seguranças da effectuosa e distincta consideração com que prezo-me de ser.

Seu mui dedicado em Christo

Bento, Arcebispo de Cesarea.

Núncio Apostólico.

O autor ainda acentua que o espaço de tempo entre o falecimento do padre Cícero (1934) e a chegada da Congregação à cidade (1939) favoreceu o desaparecimento de muitos dos bens deixados para a congregação e que a solução do problema relacionado aos impostos foi dada pelos juristas brasileiros e não pelos juristas canônicos de Roma. Assim, por não conseguir a isenção de impostos pretendida pela Diocese de Crato, esta desistiu da posse dos bens, passando para os salesianos a responsabilidade de pagar essa dívida. Isto nos leva a repensar sobre a propalada riqueza herdada pelos padres salesianos. Como verificamos, trata-se de um tema controvertido, portanto, havendo interesse em aprofundar o conhecimento sobre o assunto, recomendamos consultar os autores citados.

Pretendemos verificar por que a obra de Dom Bosco foi escolhida pelo padre Cícero para que este desejasse ver a continuação do seu trabalho e de seu apostolado nas ações da Congregação Salesiana, que por intermédio da educação e da formação religiosa da juventude de Juazeiro do Norte, especialmente a parcela mais pobre, textualmente especificada no testamento, conduzisse as transformações sociais necessárias neste sertão nordestino. Desde então, podemos conhecer as sonhadas funções da educação formal pelo padre Cícero e a intenção da Igreja Católica, por meio do clero regular, deter o monopólio da educação na região sob o controle do bispo do Crato.

A insistência do padre Cícero para que os salesianos viessem logo para Juazeiro do Norte para início de suas obras, e o intenso diálogo mantido com a Congregação Salesiana, mediante uma vasta e rica troca de correspondências com as quais tivemos contato durante a pesquisa feita no Arquivo do Salesiano em Juazeiro do Norte, e a maioria delas publicadas pelo padre Antenor de Andrade Silva, elucida as razões de sua intenção de trazer a obra salesiana para Juazeiro do Norte, tornando esta causa não apenas dele, mas parte do desejo de muitos habitantes da cidade.

Este fato é verificado quando a sociedade local e alguns comerciantes de Juazeiro do Norte, em 1939, se cotizaram doando em dinheiro vivo a importância de 60 contos de réis para que os salesianos iniciassem imediatamente a construção do Colégio, e estender a sua ação educacional a toda juventude da cidade, independentemente de posição social. Cidadãos de Juazeiro do Norte doaram, também, o terreno onde foi edificado o Colégio, contendo algumas casas, para que os salesianos não alienassem bens imóveis constantes do testamento do padre Cícero; a Prefeitura de Juazeiro do Norte também doou a antiga praça Pio X, onde se encontra hoje edificado o Santuário do Sagrado Coração de Jesus, de propriedade dos salesianos, fato que discutiremos adiante.

#### 2.4.2 Caminhos percorridos: as cartas do padre Cícero

Como herdeiros universais dos bens do padre Cícero, os padres salesianos receberam, também, todo o acervo documental, inclusive suas cartas e livros. As epístolas formam importante fonte histórica, porque, por seu intermédio, se obtêm informações precisas e detalhadas sobre a negociação que envolve o padre Cícero e essa Congregação, antes de seus integrantes chegarem a Juazeiro do Norte. Estas cartas foram cuidadosamente selecionadas e catalogadas, inicialmente, pelo padre Manoel Isaú, um historiador que muito se interessou pelos arquivos do padre Cícero, e pelo pesquisador, professor Ralph Della Cava. Posteriormente foram publicadas pelo padre Antenor de Andrade Silva<sup>26</sup>, ex-diretor salesiano, pessoa importante da elaboração desta história.

As fontes utilizadas neste tópico são, na sua maioria, cópias de cartas manuscritas, encontradas nos livros escritos pelo padre Antenor de Andrade Silva, que citaremos adiante. Serão utilizadas, além dessas, outras cópias de manuscritos encontradas no arquivo do Colégio Salesiano de Juazeiro do Norte e no Arquivo Central da Casa Geral, em Roma.

O padre Cícero parecia ter plena consciência da dimensão histórica da sua atuação em Juazeiro do Norte, assim como dos problemas que enfrentou na região e, principalmente, a perseguição sofrida, em particular, por parte de Dom Quintino e Dom Joaquim. Em abril de 1924, Dom Quintino fez declarações no Rio de Janeiro, que foram bastante prejudiciais para as negociações que padre Cícero iniciava com os salesianos. “Quintino disse claramente a influentes elementos do clero do Rio de Janeiro que ‘o Joazeiro não merecia nada’”. (DELLA CAVA, 1976, p. 307).

A decisão de fazer dos salesianos seus herdeiros universais, incluídos entre seus bens os seus arquivos e acervos documentais, testemunha talvez a sua intenção de que esta Congregação, uma vez instalada na cidade, fizesse a sua defesa, pois que conheceriam a sua história, por intermédio dos documentos e dos relacionamentos e negociações guardadas nestes arquivos; seria a verdade dita por ele mesmo. Por esta razão, o padre Antenor, preocupado em “clarear os caminhos da verdade”, como ele mesmo diz, tratou de publicar este arquivo que ora utilizamos, com o objetivo de reconstituir o percurso dessa história, no que se refere à vinda dos salesianos para o Juazeiro do Norte.

---

<sup>26</sup> Antenor de Andrade Silva, ex-diretor do Colégio Salesiano em Juazeiro do Norte de 1974 a 1976, publicou vários livros sobre o Padre Cícero. Licenciado em Filosofia e Letras. Ex-vice-diretor da Casa Geral em Roma. Atualmente é membro da Inspeção Salesiana do Nordeste do Brasil, em Recife.

O cuidado meticuloso e zelo do padre Cícero em guardar todos os documentos, de modo especial aqueles relacionados com a Questão Religiosa de Juazeiro do Norte e toda a sua vasta, diversificada e complexa atividade epistolar para fundamentar os argumentos de sua defesa era de tal monta que ele costumava copiar toda a correspondência remetida. A maioria das cartas foi escrita por ele, sendo manuscritas ou datilografadas; outras foram ditadas, em virtude do problema de visão, que o acometeu a partir de 1926 (SILVA, 1982, p. 3). José Marrocos e o conde Conde Adolfo Achille van den Brule foram grandes colaboradores na escrita destas cartas. “Todas as cartas seguem com o reconhecimento da letra, feita pelo Tabelião Luiz Teophilo Machado”.

Para o padre Cícero, contudo, não importava apenas zelar por sua reputação religiosa e realizar empreendimentos e ações para consolidar a vida religiosa, econômica, social e política de Juazeiro do Norte. Ele terá pretendido ir muito além, na sua luta para implementar a infraestrutura mais favorável à formação da cidade, e foi assim que, em meio às tarefas cotidianas, buscava expedientes para a transformação da economia, como a eletrificação da cidade, instalação de usina elétrica de beneficiamento de algodão, implantação de via férrea ligando Juazeiro do Norte e Fortaleza para escoamento da produção local e, ao lado disso, educar a juventude para que ela pudesse dar novas contribuições ao desenvolvimento da cidade.

As cartas a que nos referimos revelam, entre outras coisas, o longo caminho percorrido pelo padre Cícero e a sua determinação em trazer a Congregação para Juazeiro do Norte.

Em 1924, mais precisamente no dia 22 de setembro, escreveu uma carta endereçada ao padre Rota (inspetor salesiano – Recife), na qual ele mostra ter havido já um contato do padre Pedro Rota com Floro Bartolomeu, e que, por intermédio deste, tomou conhecimento da vontade que o citado padre nutria em fundar, em Juazeiro do Norte, um Colégio Salesiano; assim, aproveitou a ocasião para mostrar que este também é um sonho por ele alimentado há muitos anos.

Justifica esta intenção como sendo o maior benefício que pode deixar para esse “povo aqui domiciliado”, sendo a forma como o padre Cícero se refere à população juazeirense no seu testamento, demonstrando também a sua afeição por um “povo” que considera seguidor obediente e devoto da religião católica, o que constitui uma tentativa de elevar o nível educacional da população sob o aspecto da educação escolar. Complementa, dizendo já ter tomado providências no que se refere à parte financeira, por meio de um testamento, porém, advertiu para o fato de que gostaria de participar, ainda em vida, da

instalação dessa escola.

Escreveu outra carta, também nesta data (22 de setembro de 1924) ao padre Della Via. Nesta, ele apela para a salvação deste povo e pela tranquilidade do seu próprio espírito (padre Cícero). Desta vez, intermediado por dr. Floro e, também, seu compadre dr. José Geraldo de Menezes. Nesta, já agradecendo pelo interesse que o Padre demonstra em fundar na cidade um dos seus colégios. Assim, implora que auxilie junto ao padre Rota, dizendo:

É aspiração de um velho sacerdote cuja vida tem sido em se esforçar, sem medir sacrifícios, pela propaganda da fé católica, por estes sertões. Já me sinto no final da minha existência e por isso mesmo desejo morrer tranqüilo, vendo iniciada aqui a grande, notável e benfazeja obra Salesiana. (1982, p. 295).

O padre Neri Feitosa<sup>27</sup> (em um livro ainda não publicado) diz que a capacidade de sonhar e a determinação que marca a vida desse padre, mostram o segredo da sua longevidade, pois, apesar de tantos problemas que teve de enfrentar, não desistia nunca, e tudo o que conseguiu para a cidade foi motivo de luta contra forças políticas e religiosas que tentavam impedir que ele continuasse a manter o poder que exercia sobre as pessoas na cidade e na região do Cariri.

A luta para trazer esta Congregação foi, também, entrecruzada pelos seus problemas com as forças de poder local, que tentavam eliminar qualquer forma de poder que alimentasse o espírito obstinado do padre Cícero. No plano estadual, seria uma forma de eliminar a terceira força política que a região representava naquele período.

Os salesianos, com todo o prestígio que possuíam junto ao Papa, como congregação religiosa, seria naquele momento um elemento a mais para consolidar o poder do Padre na região, em virtude dos benefícios que trariam à Congregação e o raio de ação que esta poderia, também, abranger e um grande aliado para reaver as ordens sacerdotais. Portanto, tudo conspiraria contra a realização desta obra e se não fosse a forma perseverante de agir do padre Cícero, como demonstram as cartas por ele escritas, estes padres talvez jamais tivessem se instalado aqui. O Colégio, também, como um elemento a mais na rivalidade entre Crato e Juazeiro do Norte (DELLA CAVA, 1976, p. 263).

Estando consciente da proximidade da morte e da sua decadência política, o Padre

---

<sup>27</sup> Padre Neri Feitosa nasceu em Arneiroz-CE, no ano de 1926. Foi ordenado em 1950. Escreveu vários trabalhos sobre o Juazeiro do Norte e o padre Cícero, entre eles: em 1982 – *O Padre Cícero e a opção pelos pobres*; 1986 – *Padre Cícero, vítima do autoritarismo*; em 1999 – *O Padre Cícero e o milagre*; em 2005 – O livro não publicado a que nos referimos no texto foi entregue pelo próprio autor ao Sr. Raimundo Rodrigues Araújo – Junto com o material datilografado, está um bilhete do autor autorizando Raimundo Araújo a publicar esse material da forma como desejar.

passa a travar uma luta incansável para instalar a Congregação, fato que ele reconhece como sendo a luta mais importante dos seus últimos dez anos de vida. Por isso, não foi sido em vão que entregou seu arquivo pessoal aos salesianos e, talvez, seu objetivo não expresso tenha sido delegar a eles a sua defesa, quem sabe, até após sua morte.

Em todo caso, e isso é mais provável, talvez tenha pretendido preservar os documentos, em especial, da época de negociação entre ele e os salesianos, relativo à sua atividade político-educacional, num período em que ele travava uma luta contra o seu declínio político ocasionado pela morte do dr. Floro Bartolomeu.

O arquivamento dessas cartas seria, pois, a ocasião para que ele pudesse ser guardado como memória e, assim, ele conseguiria fazer-se ver, como ele se vê, em meio a esta história, e como desejaria ser visto. Percebe-se que ele desejava que todos os vissem como alguém que nunca parou de lutar, e que nem mesmo a proximidade da morte o fazia recuar diante dos obstáculos que se lhe apresentavam para desistir dos seus projetos. Desta forma, estamos diante de um padre com ativa participação no meio político e educacional, em favor do seu projeto de vida que, no momento, era reaver as ordens sacerdotais e reconquistar poderes políticos essenciais para conseguir proporcionar melhor educação para os romeiros e sertanejos pobres.

Em carta datada do dia 23 de setembro de 1924, o padre Pedro Rota, inspetor salesiano, respondeu à carta do padre Cícero, fazendo referência ao desejo dele em delegar aos salesianos a continuidade do seu trabalho. Apresentou, porém, duas dificuldades, que considera barreiras impeditivas da realização deste pedido: uma delas é a escassez de pessoal para trabalhar nas obras então em curso e a segunda, e mais importante, é a situação do padre Cícero em relação à autoridade eclesiástica, acreditando que este caso poderia ser objeto de impedimento, pois os salesianos não poderiam entrar numa diocese sem o consentimento do bispo. Assim, aconselhou o Padre a tentar uma reconciliação, visto que se tratava de uma ação que teria uma repercussão, consideravelmente positiva no meio católico brasileiro, justificando esse sacrifício.

Em carta respondida no dia 23 de novembro de 1924, dois meses depois de ter sido enviada, é uma resposta de acatamento em que ele revela a boa vontade em resolver sua situação perante o bispo, mostrando a sua humildade que, segundo revela o padre Cícero, são orientadores do seu espírito. Tal gesto revela, também, a falta de boa vontade e o ódio que o bispo dedica ao padre Cícero, motivo dessa história de perseguição, muito divulgada pelos historiadores e cronistas locais. Ele aproveita a ocasião para dizer que, naquele momento, se encontrava sozinho diante de um problema tão grande “sem ter quem o defenda com

eficiência”. No dia 11 de dezembro de 1924, em carta escrita para um amigo, dr. Lopes, Martins, ele faz referência a sua situação em relação ao bispo, dizendo:

E agora aparecendo, de toda alma, ao meu distintíssimo amigo os inestimáveis serviços que generosamente me oferece e eu desvanecido aceito, peço ajudar-me, com todos os seus esforços, não só para a vinda dos beneméritos Salesianos, como para a minha tranqüilização, atualmente, desconsolada velhice de sacerdote católico, cheio de fé e de esperança.

Mais uma vez, a questão religiosa de Juazeiro do Norte se expressa como entrave para a vinda dos padres salesianos, estando os seus objetivos impedidos de alcance em razão dos castigos impostos pelo bispo, que não aceitou nem mesmo executar o decreto do Santo Ofício, dado por ocasião da visita que ele fez ao Papa Leão XIII, em Roma, no ano de 1898. Neste decreto, ele foi absolvido de todas as censuras que incorriam sobre ele. Assim, a vinda dos salesianos estava, também, atrelada a esta questão.

Apesar das dificuldades, no entanto, o Padre não desistiu da ideia de trazer os salesianos para Juazeiro do Norte, e em mais uma das suas cartas enviadas ao padre Pedro Rota, datada de 9 de abril de 1925, reafirmou seu intento e determinação para encontrar uma solução breve para esses problemas e, assim, alcançar esse objetivo (carta enviada em 9 de abril de 1925).

O sr. Lopes Martins foi um grande aliado do padre Cícero em relação à luta pela vinda dos salesianos e, com este, ele também trocou correspondências. Assim, no dia 21 de junho de 1925, padre Cícero pediu ao amigo que esclarecesse junto ao padre Rota as razões políticas que impulsionaram o padre Manoel Macêdo a fazer campanha contra ele e o seu amigo dr. Floro, fato que estava, naquele momento, dificultando a relação amigável que conseguira manter com o Dom Bento Lopes, um visitador apostólico a quem, por ocasião da sua visita ao Juazeiro do Norte, o pe. Cícero teve oportunidade de explicar todos os problemas que enfrentava. E, agora, estava perdendo um apoio imprescindível, esperando, com a interferência do amigo, manter este bom relacionamento conquistado junto ao Dom Bento.

Parece que o silêncio do padre Rota deixou o padre Cícero preocupado. Ele queria resolver o problema, mas para isso precisava saber o conteúdo da entrevista que ele teve com o bispo Dom Quintino. Já era 11 de julho de 1925, quando escreveu outra carta, cobrando uma resposta da carta anterior. Ele demonstrava receio em ir diretamente ao bispo do Crato, em razão de boatos que surgiram sobre as condições que o bispo iria impor, como, por exemplo: não receber romeiros em sua casa. E, assim, ele se mostrava desanimado em conseguir a sua reabilitação por intermédio do bispo, pois que este era o ponto alto do seu

trabalho na cidade, fato que o transformara na pessoa que representa para a região, e justificava a continuidade do seu trabalho dizendo:

[...] ora, estes são pobres sertanejos, na maioria, compadres e afilhados meus, que vem pedir conselhos [...]. Como, pois, deixar de recebê-los se estes meus conselhos só poderão resultar benefícios climáticos, sociais e religiosos [...] Quantos lares não tenho reconstituído; quantos crimes não tenho evitado; a quantos transviados não tenho inculido o sentimento de fé cristã com estes meus conselhos.

Ao expor estes argumentos, entre outros, a Dom Bento, ele o aconselhou a procurar diretamente S.S. o Papa, para conseguir a reintegração das suas ordens. E, naquele momento, mais uma vez pediu ao padre Rota para ajudá-lo neste serviço. Aos 82 anos, ele se pôs à disposição, caso o amigo o aconselhasse a ir novamente a Roma tentar a sua reabilitação sacerdotal.

Iniciou-se o ano de 1926. Morreu o dr. Floro Bartolomeu, um dos seus maiores aliados políticos. Padre Cícero recebeu notificação, que impõe, como essencial para a sua reabilitação, que se vá de Juazeiro do Norte e, se possível, ele deveria congrega-se em qualquer ordem religiosa. E, desta forma, ele seguiu a sua jornada, para alcançar o seu objetivo, dentro das condições que julgava necessárias. Enquanto não conseguiu resolver essa questão com o bispo, ele seguiu seu trabalho, na busca de conseguir meios financeiros para instalar a Congregação. Com essa Congregação, ele pretendia, também, formar padres para catequizar os índios brasileiros com a intenção de salvar as suas almas.

O padre Cícero contava com a ajuda dos amigos para a causa dos salesianos, no sentido de usar a sua influência junto aos salesianos: dr. João de Assis Lopes Martins – José Geraldo – o procurador geral dos salesianos (em 17 de abril de 1925).

O padre Pedro Rota, em carta escrita no dia 30 de março de 1926, manifestou boa vontade para ajudar e se empenhou na luta ao lado do padre Cícero, recorrendo aos superiores salesianos, como D. Egídio Lari, encarregado de negócios da Santa Sé no Rio de Janeiro, o bispo salesiano D. Pedro Massa, o cardeal Henrique Gasparri, ex-núncio apostólico no Brasil.

Em 25 de novembro de 1926, dr. José Geraldo escreveu ao padre Cícero, e, nesta carta, mostra-se desencantado em relação aos padres salesianos, manifestando desejo de apoiar a vinda dos franciscanos (não capuchinhos) para Juazeiro do Norte.

O padre Cícero passou a ajudar os padres salesianos com esmolas, em outros países, como na Áustria e Alemanha, e outros do Brasil, como o Colégio Salesiano em Aracaju, conforme conteúdo de cartas escritas ao padre Cícero (1927 e 1928), contendo esses pedidos, pelo padre João Kaiser.

Desta forma, ao dividir os seus ganhos, por intermédio de esmolas, com os salesianos em várias partes do Brasil e de outros países, aumentou o raio de ação deste padre, bem como cresceram sua influência e rede de amizades, mediante a troca de favores. Se foi ou não tal atitude intencional, é difícil afirmar, porém, o resultado é o esperado.

Em 1929, morre Dom Quintino, primeiro bispo do Crato. Novas esperanças poderão advir para o Padre Cícero. Aos 10 de Janeiro de 1932, um novo prelado ocupa a Santa Sé do Crato. Chamava-se Dom Francisco de Assis Pires. O diálogo com Juazeiro é retomado. Era a última tentativa do velho e alquebrado ex-vigário. Agora se avizinhandando rapidamente de seus últimos meses de vida. (SILVA, 1982, p. 317).

Enquanto não tinha resposta definitiva sobre a vinda dos salesianos, ele continuou o seu trabalho no sentido de arrecadar o máximo possível de bens para possibilitar a implantação de tão grandiosa obra, como ele mesmo considerava. Desta vez, enviou uma carta a um amigo residente no Estado de Alagoas, Baliziano Salmento, no dia 20 de fevereiro de 1931, reportando-se às suas intenções e pedindo que o amigo colaborasse neste empreendimento, fazendo doação de sua riqueza, visto que ele não possuía herdeiros, utilizando como justificativa, entre outras, a recompensa que teria de Deus, mediante a salvação de sua alma. Em um trecho da referida carta, ele comenta:

[...] Tomo o propósito de destinar uma parte destes meninos que se educarem para se ordenarem e serem mandados para catequizar a immensidade de índios brasileiros sem conhecimento de Deus e pagãos dentro das matas, para serem batizados e se salvarem. (SILVA, 1982, p. 309).

No primeiro dia de janeiro de 1932, já reiniciou a sua luta. Desta vez foi o padre Pedro Tirone<sup>28</sup>, representante superior dos salesianos, com quem ele se apegou e aos cuidados do sr. Arcebispo. Naquela ocasião, padre Tirone visitou o Ceará, encontrando-se em Fortaleza. A intenção do padre Cícero era convencê-lo de que a obra salesiana é necessária e, por isso, tem grande importância social. Por isso, deveria o padre Tirone se aliar a ele, nesta luta, intercedendo junto ao bispo do Crato, que naquele momento estava planejando viagem para a capital, Fortaleza. Aqui, também, revelou que estava preparando um patrimônio para possibilitar a realização deste empreendimento.

Nesta mesma data, 01 de janeiro de 1932, consta, também, telegrama dirigido ao

---

<sup>28</sup> Padre Pedro Tirone. Esteve no Brasil como visitador extraordinário, em 1932. Foi com ele que o padre Cícero deu prosseguimento às negociações para trazer os salesianos a Juazeiro do Norte depois do afastamento do padre Rota.

arcebispo Dom Manoel<sup>29</sup> com a mesma intenção de interceder junto ao bispo do Crato, para conseguir aprovação.

Em 23 de agosto de 1932, anterior ao fato descrito há pouco, o bispo do Crato escreveu ao sr. padre inspetor dos salesianos no Recife, informando que ele foi incumbido pelo padre Riecaldone, reitor-mor dos salesianos a se entender com ele a respeito da proposta que levaria a instalar a Congregação na cidade e solicitou um parecer sobre a possibilidade de levar adiante este empenho, para que pudesse oficializar, junto à Santa Sé, esse pedido. Isto porque sem a autorização da Cúria, o caso não iria adiante.

Entraram em cena outras personagens na vinda dos salesianos, que deram novos contornos aos fatos, rumo à concretização deste, que era o grande sonho e luta do Padre, em seus últimos anos de vida.

Enquanto isso, a localidade, por intermédio dos seus representantes, continuou a lhe aplicar outros golpes, como, por exemplo, o momento em que a Revolução de Vargas (1930) trouxe para o cenário político, ocupando o cargo de interventor do Ceará o dr. Fernandes Távora e para novo prefeito de Juazeiro do Norte o sr. José Geraldo da Cruz. Assim sendo, em 27 de setembro de 1932, faltando menos de dois anos para o seu falecimento, e estando com sérios problemas de saúde, quase cego, recebeu um convite para que viesse à Prefeitura da cidade para receber de volta o seu retrato que estava no Salão de Honra da Prefeitura. Eis a sua resposta:

Juazeiro, 27 de setembro de 1932

Ilmo. Sr. José Geraldo da Cruz

Acuso em meu poder a vossa carta, de hoje datada, na qual me comunicais que o Decreto nº. 751, do corrente, proíbe a aposição de retrato de pessoas vivas nas repartições públicas do Estado e me convidas a mandar receber o meu, oferecido a nossa Prefeitura, como uma lembrança da criação do nosso município, à qual, acredito, a história não poderá obscurecer o contingente de minha contribuição. Em resposta, comunico-vos que autorizei o Sr. José Duviges a receber o aludido retrato e peço-vos mandeis lavrar, da entrega, um termo, no competente livro dessa repartição, a fim de que fique perpetuada a ocorrência, que julgo de importância para a futura história da nossa terra. Sem outro assunto, subscrevo-me atenciosamente.

(a) Pe. Cícero Romão Batista.

Padre Cícero, parece ter entendido que este gesto seria uma forma de apagar a sua presença definitiva da história, sendo a Prefeitura o espaço de concentração do poder local, e, sem a simbologia de uma fotografia, poderia estar se iniciando a sua retirada do cenário

---

<sup>29</sup> Dom Manoel da Silva Gomes foi o 3º bispo do Ceará e 1º arcebispo de Fortaleza. Preconizado bispo auxiliar do Ceará, por Pio X, a 11 de abril de 1911. Em 10 de novembro de 1915, foi nomeado primeiro arcebispo metropolitano de Fortaleza.

político, como pode ter acontecido. Segundo o padre Antenor, com a retirada dessa fotografia, terá desaparecido, também, a sua influência política no Vale. Acreditamos, porém, que não de ser levadas em consideração a idade avançada e a falta de articulação com as novas lideranças políticas, possibilitaram tal atitude por parte do então prefeito, visto que foi uma ação politicamente delicada naquele momento histórico, pois que o Padre não perderia seu prestígio diante do povo – daquela nação romeira que ele uniu e estabeleceu.

Para os políticos de então, este era o início de um novo momento político para a cidade sem a interferência do Padre, abrindo possibilidades para novas articulações políticas e a entrada, no panorama local, de novos atores sociais, especificamente aqueles considerados inimigos do padre Cícero.

Em 1933, foi enviada uma correspondência mais decisiva entre o núncio apostólico e o bispo do Crato. Nesta, há uma promessa em forma de compromisso firmado, pedindo que o padre Cícero faça o quanto antes a doação por meio de escritura pública e que, ao mesmo tempo, está se comprometendo em obter dos salesianos a abertura de um dos seus estabelecimentos na cidade, de conformidade com as disposições da Santa Sé. Esta observação chama a atenção, porque fazia parte das determinações previstas para a criação da Igreja Tridentina-Romanizada. Assim, pediu para que o bispo também conseguisse a isenção dos impostos.

Creemos que naquele momento da negociação, mesmo estando o padre Cícero muito próximo da sua morte, foi uma grande vitória, pois padres que possuíam cargos e influências maiores é que tomaram a frente da negociação, sem que o Padre tivesse mais que se desgastar com tantos pedidos. Ele foi ouvido e, então, parecia próxima a realização desse sonho, o fim de uma luta incansável, como mostram as suas cartas. A própria Congregação Salesiana pelos seus representantes, eram, então, a principal interessada por essa luta.

Uma carta enviada de Fortaleza no dia 20 de setembro de 1934, dirigida ao padre inspetor, de autoria desconhecida, traz informação sobre o início do andamento da busca pela posse dos bens, mas, que ainda não existe um responsável legal para essa causa, a não ser o próprio testamenteiro, que é o Cel. Antonio Luiz<sup>30</sup>.

Há outros rascunhos sem remetentes, também, publicados pelo padre Antenor de Andrade Silva que dão conta das negociações entre a Congregação Salesiana e autoridades estaduais nos lugares onde existiam bens doados pelo padre Cícero aos salesianos, por

---

<sup>30</sup> Cel. Antonio Luiz Alves Pequeno foi um importante político da cidade do Crato, Estado do Ceará, e o testamenteiro do padre Cícero.

exemplo, nas cidades de Salgueiro e Cabrobó, em Pernambuco, avaliados em dez contos de réis. Este pedido foi encaminhado ao interventor federal do Estado de Pernambuco.

Em meio às cartas, aparece um representante da Congregação Salesiana, o padre José Selva, inspetor da Congregação no norte do Brasil; inspetor e mais tarde bispo. Ele nomeou procurador, com plenos poderes, o sr. Cel. Ananias Arruda<sup>31</sup>, para representar a Sociedade Salesiana no inventário do padre Cícero, pois que os salesianos foram aconselhados a não nomear ninguém de Juazeiro do Norte, conforme carta escrita ao inspetor salesiano por autor cuja assinatura está ilegível, mas a carta foi escrita no dia 20 de setembro de 1934.

No dia 24 de outubro de 1934, porém, o dr. Manoel Pereira Diniz, escreveu ao inspetor salesiano, colocando-se à disposição da Congregação, caso fosse nomeado por meio de procuração, e alegou que o sr. Ananias não é da cidade, não conhece os bens pertencentes aos salesianos não descritos no testamento; justifica também que o seu interesse é pela educação, visto que o mesmo procurou colaborar com o setor por meio de escolas particulares.

Antonio Luiz Alves Pequeno escreveu ao padre José Silva, da cidade do Crato, em 11 de abril de 1935, cobrando resposta sobre a dispensa solicitada aos governos dos Estados de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, como imperativo para que o inventário prosseguisse regularmente, o qual fora interrompido até que as precatórias enviadas para esses estados fossem devolvidas.

As cartas mostram, também, que a herança do padre Cícero aos salesianos não era apenas material, pois que o desejo de que esses padres aqui instalados dessem continuidade ao seu trabalho estava registrado em suas cartas e no seu testamento. Assim, a população romeira que vem de outras cidades e, até mesmo, aquelas que aqui se instalaram, fixando residência, continuam a trazer oferendas para tornar possível a continuidade da obra do padre Cícero, como uma forma de perpetuar a sua imagem e demonstrar lealdade ao seu “guia espiritual”. Somente os salesianos, no entanto, poderiam receber essas ofertas, visto que foram escolhidos pelo Patriarca para dar continuidade ao seu trabalho e na cidade. Tudo, porém, dependia da vinda dos salesianos.

O sr. José Ferreira de Menezes correligionário do padre Cícero, advertiu os salesianos, em carta escrita no dia 17 de julho de 1935, um ano após a sua morte, de que a forma de conduzir o inventário não estava correta, pois alguns bens estavam sendo ocultados por pessoas que detinham o seu poder e, também, a falta de um representante da própria Congregação para observar de perto o andamento dos trabalhos.

---

<sup>31</sup> Ananias Arruda. Prefeito da cidade de Baturité-CE e, ao mesmo tempo, procurador dos salesianos em Juazeiro do Norte e representante do interventor federal. Bacharel em Direito e escritor paraibano.

Nessa carta, encontram-se também, informações sobre um “Boletim Salesiano”, enviado pelo padre José Bezerra (salesiano), representante do clero, para ser distribuído aos amigos do padre Cícero; sendo até então o primeiro trabalho de propagação da obra salesiana em Juazeiro do Norte, o que manifesta um desejo de ser conhecido e, quem sabe, até diferenciado na forma de trabalhar e divulgar as intenções que teria ao realizar o trabalho de Dom Bosco nesta cidade.

Naquele momento histórico, entrou em cena um importante sucessor de Dom Bosco, Pedro Ricaldone (1870 a 1951), reitor-mor, de 1932 a 1951. Ele apareceu como quarto sucessor de Dom Bosco e regeu a Congregação Salesiana por 20 anos. Ele foi o responsável pelo desenvolvimento dos Institutos de Cultura Superior, como a Universidade Pontifícia Salesiana (UPS). Conforme cartas encontradas no Arquivo Salesiano Central em Roma, - temos os últimos momentos da negociação através das cartas trocadas entre o bispo do Crato, Dom Francisco de Assis Pires; padre Guido Barra, inspetor da Inspetoria de São Luiz Gonzaga, Pernambuco e Don Pietro Ricaldone, reitor-mor da Congregação. Assim, em 8 de maio de 1938, Dom Francisco, bispo do Crato escreveu a seguinte carta:

Bispado do Crato – Ceará – Brasil:

De conformidade com o artigo 497 do Código de Direito Canônico tenho a gratíssima satisfação de conceder à Congregação Salesiana de São João Bosco a licença para abrir em Joazeiro, nesta Diocese de Crato, Ceará as obras de assistência religiosa e moral próprias da mesma Congregação.

Crato, 8 de maio de 1938.

(L.+S.) + Francisco, Bispo de Crato.

Esta licença concedida pelo bispo do Crato foi enviada, pelo padre Guido Barra ao reitor-mor, Don Pietro Ricaldone. Este, por sua vez, escreveu carta de Turim em 21 de março de 1939, endereçada ao padre Guido Barra, inspetor salesiano do Norte e Nordeste do Brasil, emitindo um parecer favorável para abrir casa nova na Inspetoria de São Luiz Gonzaga. Conforme carta manuscrita: “Favorevoli circa l’erezione cononico a della e tre nuove case della su Inspetoria – Rescrito n° 1259/39”: Fortaleza, Cajazeiras e Juazeiro, esta última com o Dec. n° 423. Carta resgatada do Arquivo Salesiano Central (ROMA, 2010).

Desta forma, estamos diante de um padre com ativa participação no meio político e educacional, em favor do seu projeto de vida que, naquele momento, era reaver as ordens sacerdotais e reconquistar poderes políticos que eram essenciais para conseguir proporcionar melhor educação para os romeiros e sertanejos pobres.

Nesta vitória do povo juazeirense, é importante refletir no fato de que o momento da Igreja Católica era de militância contra as forças laicizantes da sociedade e que tinha o

apoio do Governo Federal do Brasil e do Papa Pio XI (1922 a 1939). Matos (2003, p. 62) faz comentário sobre a sociedade de então, dividida entre os campos *dos bons* e *dos maus*:

De um lado, comenta Furtado de Menezes, o exército de Lúcifer, aqueles que adotam como divisa ‘não querer servir’, e de outro, a milícia que obedece à voz do comando do Papa, arvorando o pendão do arcanjo em que se lê: ‘Quem é como Deus?’. ‘Não é lícita a neutralidade universal. Quem o diz é a Eterna Verdade: ‘Quem não é a meu favor é contra mim’. Não há, pois, lugar para os comodistas, porque a neutralidade é considerada hostilidade.

Matos (2003, p. 68) ainda comenta que tudo o que se afastava dos princípios sacrossantos da ordem e da autoridade e da tradição não era aceito. Em nome do progresso do povo e da convivência social, a Igreja torna-se guardiã desses “valores eternos”:

*A festa de Cristo Rei*, com celebração litúrgica no último domingo do mês de outubro, é instituída oficialmente por Pio XI em 1925, a fim de responder a esse desejo de reintroduzir os princípios cristãos em uma sociedade em vias de laicização.

Naquele momento também se manifestou a preferência da Igreja pela política de Benito Mussolini (1883-1945), líder fascista italiano exaltado como um político-modelo por ser um defensor da Igreja Católica. No Brasil, o espírito fascista apareceu com Plínio Salgado (1895-1975), cujo ideário era autoritarismo, catolicismo e nacionalismo.

Conforme Matos (2003), na década de 1930, existia uma mobilização da Igreja católica dirigida à classe média, ascendente politicamente, naquele momento, e a mulher, como aliada nessa força católica contra a inércia, objetivando despertar os fiéis em defesa da religião. Esse momento de luta foi favorável à vinda dos salesianos para Juazeiro do Norte, pois a Congregação daria sua contribuição a essa Igreja, que precisava se encontrar com a Santa Sé e, assim, se fortalecer diante dos líderes dessa militância no Brasil.

Assim como favoreceu a vinda dos salesianos após a morte do padre Cícero, também poderia ser considerado um entrave, em razão do famoso “milagre de Juazeiro” ao qual reagiu a Igreja Católica, e à herança deixada em testamento que passou a ser disputada pela Diocese de Crato.

A atuação de Dom Leme à frente do projeto de *neocristianização* fez restrições ao padre Cícero por meio de uma luta que vinha desde a época de Dom Joaquim Arcoverde, antes de se tornar o primeiro cardeal do Brasil em 1909. Em cartas trocadas entre os dois bispos, no período que vai de 18 de outubro de 1891 a 20 de maio de 1893, segundo Della Cava (1976, p. 93) encontramos essas observações feitas por Dom Arcoverde:

É estranho que Arcoverde tenha sido colega de turma de Padre Cícero e do Mons. Monteiro, no Colégio do Frei Rolim, em Cajazeiras, Paraíba. Ainda mais estranho o fato de José Marrocos ter sido aí seu professor. Em 7 de setembro de 1891, Marrocos enviou uma das primeiras consultas. Mas Arcoverde recusou a dar qualquer conselho e advertiu-o de comprovar sua fidelidade à Igreja, acatando a decisão do bispo. [Entre os meses de novembro e dezembro do mesmo ano], Foi a carta de Marrocos que levou Arcoverde a escrever a Dom Joaquim, a 18 de outubro de 1891. O futuro Cardeal incluiu uma cópia das consultas e sua própria resposta a Marrocos. [...] Arcoverde critica Dom Joaquim, com dureza, por não ter cortado as raízes (de joaseiro) com um ato de energia. Arcoverde estava convencido de que o panfleto de Crato, *Milagres do Joaseiro*, provou sem sombra de dúvida que ‘aí em Joaseiro o ridículo é o caráter predominante. Por conseguinte nada há ali de divino [...].

As consequências dessa orientação levam ao repúdio dos dirigentes da Igreja Católica e, assim, o propalado “Milagre de Joaseiro” motivou uma investigação eclesiástica. padre Cícero foi acusado de acobertar o fanatismo religioso entre o povo, e o bispo de Fortaleza Dom Joaquim José Vieira (1883-1912), proibiu o Padre de exercer seu ministério sacerdotal, ou seja, estava proibido de pregar e confessar, mais tarde, foi proibido também de celebrar missa e administrar os sacramentos.

O Padre, que lutou para trazer a Congregação, tornou-se um homem dividido, pois, como presbítero, representava a Igreja Institucional e, como homem, o povo sertanejo por entender-lhes as manifestações simples de catolicismo e não conseguir vê-los como sendo contrários às orientações da Santa Sé. Considera-os, apenas, diferentes e eles veem no padre Cícero um verdadeiro representante de Deus. Portanto, havia sido, também, em nome dessa representação que esse povo se posicionava ao lado do padre Cícero e não da Igreja. Esse fato traz, ao longo dessa história, vários desdobramentos, entre eles o da discriminação social e étnica, bem como alimenta elementos de circularidade cultural, pois temos uma sociedade composta de ricos e pobres, e entre esses segmentos sociais muitos fanáticos, intelectuais, analfabetos, filhos da terra e forasteiros, com todas as tramas sociais mediadas por política e religião.

A exposição dos ideais salesianos em um contexto de confronto entre as ideias dos liberais e dos católicos possibilita observar e conhecer alguns pontos de evidência que mostram a influência e o impacto dessa atuação educativa sobre a sociedade juazeirense, mediante a reconstituição do caminho percorrido para institucionalizar “*o modo salesiano de educar*”.

Entender a educação de Dom Bosco exige conhecer um quadro significativo de ações, ideias, sentimentos e aspirações. São indicações sobre a vida desse padre e suas atividades educacionais que recomendam o entrelaçamento de culturas ante a existência de desníveis culturais nas sociedades ditas civilizadas. O emprego do termo cultura é aqui

definido como o conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamento próprio de cada classe em um dado momento histórico, uma definição tomada de empréstimo à Antropologia Cultural que comporta a diversidade de saberes no interior das sociedades, o que evita um tratamento hierarquizado do tecido social, pois, além de representarem manifestações diferenciadas de expressão cultural, ainda provocam o enriquecimento da vida e do movimento da história social.

O catolicismo formal da Igreja é uma composição hierárquica, regulada por dogmas que entram em conflito com a diversidade de visões religiosas populares e alternativas que fazem parte do passado e do presente do povo sertanejo; permite que abordemos essa diversidade religiosa por meio de múltiplos critérios que envolvem: posição de classe, grupo étnico, lugar de origem (rural ou urbano) e, também, o posicionamento político diversificado de romeiros e filhos da terra.

Desta forma, observamos as tramas sociais que se apresentavam na conturbada história do padre Cícero, na sua relação com o bispo de Crato e com a sociedade política, em um espaço local e estadual, traçando, desde então, caminhos que o levassem a um encontro com a vida de Dom Bosco, para que este desejasse ver a continuação do seu trabalho nas ações da Congregação Salesiana, ou seja, “serão os meus continuadores nas obras de caridade que aqui inicie”, por intermédio da educação e da religião, e assim alcançar a “felicidade e salvação que sempre foram o objeto da minha maior preocupação”. Portanto, a sua intenção não era apenas educacional, como mostram os trechos destacados retirados do seu testamento.

Consoante mostra Chartier (1998), os sentidos cristalizados em documentos e discursos instituídos formam as representações que dentro da história cultural são entendidas como processo social de produção de significação, sabendo-se serem discursos que apreendem e estruturam o mundo, e que não podem ser dissociados do seu local social de origem e do interesse dos grupos que os produzem. Com efeito, tornou-se importante esclarecer, também, como Dom Bosco estabeleceu a finalidade do seu trabalho pedagógico.

Critérios de identificação cultural como posição de classe, grupo étnico e lugar de origem são características importantes para entender a formulação do ambiente cultural do Colégio Salesiano em Juazeiro do Norte, porque isso revela as estratégias usadas para constituir o seu jeito salesiano de ser e, para entrar em contato com a sociedade de Juazeiro do Norte, a qual naquele momento histórico vivenciava complexas e contraditórias relações políticas, sociais e religiosas, envolvida num enorme jogo de forças que, de modo mais ou menos claro, condiciona a sua vida social.

Verificamos neste estudo de que forma se entrelaçam a vida de Dom Bosco com a

vida do padre Cícero, para que este desejasse ver a continuação do seu trabalho nas ações da Congregação Salesiana. Desde então, podemos conhecer as funções da escola neste misto cultural juazeirense e a intenção da Igreja Católica, com suporte na educação escolar.

### 3 TEORIA E PRÁTICA DE UMA IDENTIDADE CONFSSIONAL: OS SALESIANOS EM JUAZEIRO DO NORTE

As histórias de Juazeiro do Norte e do padre Cícero, que não constituem apenas espaço de religiosidade, mas também de componentes, na esfera da economia, da política, da arte e da educação, estão profundamente relacionadas, mediante sua atuação moralizadora e a forma como tramitavam entre dois mundos que se apresentaram como o pano de fundo de toda a sua história: a igreja romanizada e a igreja do povo.

A literatura mostra pontos semelhantes na interpretação dos acontecimentos locais que nos fazem refletir sobre o propósito que tinha o padre Cícero, por um lado, de valorização da cultura popular e, por outro, de edificação do seu projeto educacional. A educação sacerdotal recebida pelo padre Cícero havia sido bastante rigorosa, dentro das linhas traçadas pela Santa Sé, na qual parecia visível a distância enorme entre o que era pregado pela igreja romanizada e os valores culturais e religiosos do povo sertanejo. Mesmo assim, o padre Cícero, ao recebê-la, não abandonou as suas raízes, ou seja, a sua origem sertaneja.

Desde o início de sua ação pastoral, na localidade de Juazeiro do Norte, a carência da população o obrigava a realizar um trabalho relacionado à vida prática e às referências religiosas populares. Desta forma, tinha muitos seguidores e admiradores. Com o passar do tempo, não eram somente os menos afortunados, mas também lideranças políticas e econômicas que buscavam apoio para as mais diversas finalidades.

Como sabemos, no contexto da Primeira República, era muito corriqueira a polêmica sobre o significado da composição étnica, regional e social do “povo” brasileiro.

Em 1912, o polígrafo cearense Gustavo Barroso, conhecido como João do Norte, (*apud* DELLA CAVA, 1976), escreveu um importante trabalho sobre o folclore nordestino, chamado *Terra do Sol*. Tratava-se de uma obra que divergia da opinião de outros intelectuais sobre o povo nordestino, a quem era atribuída a estagnação social, em virtude de suposta inferioridade humana do sertanejo por ser resultado da mistura de raça. Dele, João do Norte traçava outro perfil:

O homem do interior como sendo a fonte autêntica de um povo enobrecido, cuja língua e cujos valores constituíam a própria essência da civilização nordestina. Sua capacidade para sofrer para suportar privações, para labutar sem descanso, e o seu amor pelo sertão, pela família e pela religião – tudo isso foi enaltecido como qualidades positivas que os brasileiros de qualquer região deveriam aprender, amar e imitar na sua marcha rumo a modernidade. (DELLA CAVA, 1976, p. 265).

Para Della Cava (1976), as atitudes e a forma de relacionamento do padre Cícero em relação ao chamado povo sertanejo eram um despertar para uma consciência nordestina e do espírito nacionalista que se espalhou pelo Brasil.

### **3.1 Ambiente histórico e educacional de Juazeiro do Norte nos anos de 1910, 1920 e 1930: reformadores e escolanovistas**

No âmbito geral das ações do padre Cícero, ancorado no objetivo de despertar a população para seguir uma vida voltada para “trabalho e oração”, seguindo o propósito de romanização da Igreja católica alimentou, também, o sonho de criar uma Diocese nesta cidade. Era uma forma de propagar a religião cristã, e subjaz nele, também, a concepção de desenvolvimento cultural e espiritual, visto que ações desse tipo, ligadas à Igreja Católica, significam a ampliação de atividades educativas.

Durante a sua vida, desde que chegou ao lugarejo, padre Cícero apresentou uma importante atuação no setor educacional, criando vários estabelecimentos de ensino. Neste empreendimento foi auxiliado por diversos atores sociais que se tornaram ícones na história da cidade, por terem contribuído para a expansão do número de estabelecimentos escolares. Oliveira (1984, p. 243) faz uma observação laudatória da ação do padre Cícero em Juazeiro do Norte, que consideramos pertinente ressaltar neste momento, porque nos aproxima de uma leitura corrente ainda hoje naquela cidade:

Lego à posteridade, dados reais e concretos sobre o desenvolvimento sócio cultural de Juazeiro e a influência que exerceu sobre ele o Pe. Cícero, mesmo porque sem o seu decidido apêio moral, nada se poderia fazer em Juazeiro, morrendo em estado embrionário toda e qualquer iniciativa que se tentasse, sem primeiro conseguir o seu beniplácito, sua benção de pai, amigo e benfeitor.

Ressaltam os historiadores de Juazeiro do Norte que houve uma expansão rápida, visto que se tratava de uma pequena cidade, no início de sua formação. Afora essa importância excepcional do Padre para a explicação sobre a formação da cidade, a crônica e a historiografia sobre o local assinalou a atuação de outros agentes educacionais considerados importantes neste ambiente, que são: Guilherme Ramos de Moraes, Mestre Miguel, Joaquim Siebra, Izabel Montezuma da Luz (1896), Maria Cristina de Jesus, conhecida como beata Cotinha (1899 – sua escola era particular, depois da emancipação de Juazeiro do Norte, em 1911 passou a ser escola do Município); Joaquim Teles Marrocos fundou o Colégio São José,

em 1908, – e em 1916, fundou, pessoalmente, um dos primeiros orfanatos do interior, o Orfanato Jesus, Maria e José; e a professora Adelaide Melo<sup>32</sup>.

Em 1923, Juazeiro já tinha instalado quatro escolas primárias, financiadas pelo estado e Pelo município, e um grande número de escolas particulares. Em 1932, fez a doação de um terreno para que o governo criasse o primeiro colégio de formação de professoras rurais, escola Normal Rural instalado em 1934, a primeira no gênero a funcionar no Nordeste brasileiro. (DELLA CAVA, 1976, p. 262).

Retomando alguns pontos específicos da historiografia educacional no Brasil, não é difícil constatar a precariedade da educação nos últimos anos do Império e no início do regime republicano. Algumas discussões foram realizadas na tentativa de resolver o problema. A participação popular em busca de solução mostra que existia uma esperança na nova forma de governar. A expectativa surgia da aliança que poderia ser firmada entre democracia, federação e educação. Alves (2002) lembra que o início do século XX tem sua história desenhada pelo início da República e do processo de industrialização. Naquele momento de transição social e econômica, caminhava-se ao encontro do capitalismo moderno. Considera que no “Ceará a história também foi impregnada por esta atmosfera”. (ALVES, 2002, p. 284).

Em Juazeiro do Norte, um dos fatos sociais mais desafiadores em termos humanos foi o fenômeno religioso em que a cidade se transformara. Se a religião praticada era, em parte, desligada ou diferente das orientações da Santa Sé, por falta de padres que conduzissem nessa fé, tornando-se uma prática familiar, assim, também era a educação, praticada com muita semelhança, normalmente, orientada pela própria família ou em casas onde uma professora se dedicava e orientava os seus filhos e os filhos de outras famílias.

O secretário do padre Luiz Lasagna, Teodoro Massano (*apud* SILVA, 2000, p. 32), assim descreve a situação, em carta escrita do Rio de Janeiro: “Eis toda a devoção dos brasileiros: ter um belo altarzinho em casa e inscrever-se em muitas Confrarias e na maçonaria que aqui é quase uma necessidade para se viver comodamente e se alcançar os cargos mais honrosos”. Esse fato mostra que Juazeiro do Norte seguia o mesmo direcionamento de outras cidades do Brasil, em 1939, onde foi fundada, também, uma loja maçônica na cidade.

O olhar culto de Lourenço Filho em Juazeiro do Norte, acreditamos ter se dado em um misto de espanto, ao vislumbrar pequenas ruas, vielas, becos escuros e, ao mesmo tempo,

---

<sup>32</sup> Adelaide Melo, uma das professoras mais presentes na memória dos seus ex-alunos e reverenciada por aqueles que vivenciaram o início da formação da cidade de Juazeiro do Norte, entre eles se encontra o professor Luiz Magalhães, que dedicou toda a sua vida ao Colégio Salesiano de Juazeiro do Norte e o dr. Raimundo de Oliveira Borges, nasceu em Caririçu-CE, em 02 de julho de 1907, e faleceu em Crato-CE, no dia 27 de janeiro de 2010. Foi jurista, promotor de Justiça, escritor e político.

ruas largas com características promissoras. Vislumbrava outras percepção para o caos da cidade mediante a intervenção no interior da sociedade civil, pelas mãos dos homens cultos, ignorando os diversos universos sociais fazedores do mosaico cultural que formava a identidade do lugar.

Fazer uma revisão das representações sociais da educação por meio da escola é um objetivo entre outros alimentados pelo reformador da instrução pública cearense, Lourenço Filho, em mister de inspeção, porém, o padre Cícero e seus afilhados parecem ter ido mais longe, pois previram, além dos conteúdos, uma escola mediadora de uma socialização e outras formas de participação em projetos estaduais e nacionais, mas com ênfase na municipalidade. Assim como a sociedade juazeirense se faz e refaz pela diversidade cultural, parece que a escola seria também ali recriada como espaço de socialização de saberes múltiplos. Também os padres estrangeiros, anteriormente citados, se espantaram com tanta diferença.

Antes de iniciar uma apresentação da educação na cidade de Juazeiro do Norte, faz-se necessária uma retrospectiva da atuação do Estado em relação à educação desde que se separou da Igreja Católica pelo Decreto que aboliu o Padroado. Foi, como sabemos, uma ação que trouxe desvantagens econômicas e, ao mesmo tempo, vantagens no aspecto pastoral. Tratava-se de um documento Imperial, contendo seis artigos, como mostra Silva (2000, p.35): “Art. 5 – A todas as igrejas e confissões religiosas se reconhece a personalidade jurídica, para adquirirem bens e os administrar [...] mantendo-se a cada um o domínio dos seus haveres atuais, bem como dos seus edifícios do culto”.

Houve protestos, por parte da Santa Sé, contra a separação, mas havia, também, certa condescendência do clero dirigente em relação ao novo regime instalado. A nação republicana estava dividida e enfrentava grandes críticas dos antirrepublicanos, como, por exemplo, a do padre Francisco Antero<sup>33</sup>, que escreveu sobre o assunto em 1892, e via no Decreto Imperial o avanço das forças positivistas e materialistas que iriam destruir os dogmas e tudo de mais sagrado que existia na religião.

Em 17 de Janeiro de 1890, o Governo Provisório lança o Decreto 19-A Estabelecendo no país a separação Igreja-Estado. Os atos públicos não mais conteriam o nome de Deus, a religião Católica era nivelada as seitas protestantes passando estas minoritárias, a gozar do mesmo regime de liberdade religiosa, os edifícios públicos não mais teriam os símbolos religiosos. Instituiu-se o casamento civil e as propriedades de *mão morta* poderiam ser expropriadas. O Decreto alvorçou os

---

<sup>33</sup> Padre Francisco Antero. Estudou em Roma e foi ordenado no Colégio Pio Latino-Americano, em 1878. Originário de uma família de Icó-CE, fez parte da Comissão de Inquérito que chegou a Joazeiro em setembro de 1891, para constatar as irregularidades dos “fatos de Joazeiro”.

senhores bispos, pois significava que o país passava a viver um regime liberal, peremptoriamente condenado pelo magistério oficial da Igreja. (SYLLABUS DE PIO IX, *apud* SILVA, 2000, p. 35).

A história da educação no Brasil assinala a marca desse momento social e histórico estudado por diversos autores, compondo um capítulo importante de sua historiografia. Jorge Nagle (2001) e outros autores que abordam o mesmo tema nos oferecem uma análise desse período, do qual consideramos pertinente apresentar alguns aspectos relevantes para este estudo.

Para Nagle (2001), as primeiras décadas do século XX viram seguir um certo entusiasmo pela educação com abertura da sociedade a novas formas de elaborar e organizar o pensamento que atingia o coletivo. A defesa dos princípios do liberalismo marcou a sociedade brasileira da época. Naquele período de descentralização política, ocorreram reformas da instrução pública primária, em vários estados; porém, dentro do que era possível na conjuntura brasileira da Primeira República, ainda não havia paradigmas definidores que orientassem a União na instituição de um sistema educacional. Interessava, na época, a disseminação da escola primária, que proporcionava a aquisição dos direitos políticos, e não a secundária e a superior. Em 1922, o censo mostrava que o Brasil possuía 80% da população analfabeta. A ideia proposta pela chamada revolução de 1924 era de alfabetizar, pelo menos, 60% dos cidadãos para então chamar eleições.

Com a preocupação com os problemas educacionais relacionados ao regime republicano delineou-se um movimento educacional com inspiração na ideia de formulação da Escola Nova, cujos líderes ficaram conhecidos como “os pioneiros da educação”. A responsabilidade no momento era conduzida por homens públicos, jornalistas, movimentos sociais, entre outros, com o objetivo de espalhar a instrução pública em virtude do expressivo quadro de analfabetismo vigente, situando a escolarização como parte, antes de tudo, de um programa político. Desta forma, acreditavam ser possível alcançar um número maior de brasileiros nesse processo civilizatório identificado com o progresso nacional. O que o autor chama de “otimismo pedagógico” refere-se a esta pretendida escolarização definir os caminhos para a formação de um novo homem. Tais iniciativas conduzem à elaboração de uma nova concepção administrativa da escola. Foi quando surgiu o “técnico em escolarização”, que passou a analisar os problemas educacionais. Essa atmosfera se espalhou pelo País e estava presente no meio cearense. Cavalcante (2002, p. 29) comenta que,

[...] Sendo a educação a grande vedete do ideário republicano e modernista, assim como, a imprensa, sua aliada e propagadora, estará ela nas primeiras páginas dos

jornais cearenses, sendo apregoada como necessidade social e política para que o atraso seja vencido, em todos os sentidos, como podemos ver no estudo de Silvana de Sousa pinho. Por isso, na reforma de 22, não bastará alterar o regulamento ou o currículo da Escola Normal [...].

A autora ainda explica o fato de que Justiniano de Serpa investiu na Reforma Educacional do Ceará rumo à modernização, contando com a contribuição de um técnico em Pedagogia de São Paulo:

[...] alterando o currículo da Escola Normal. Recenseando a população do Ceará estruturando a Diretoria da Instrução Pública, convidando as professoras primárias interioranas para curso de férias na capital, construindo prédios escolares, expandindo a rede de grupos escolares, comprando livros para compor e atualizar biblioteca das escolas [...] Seus efeitos contudo, se fazem sentir por uma década, a ponto de continuar alimentando novos propósitos reformistas, esboçados no início da década de 30. (CAVALCANTE, 2002, p. 29).

Em meio a isso, Matos (2003), comenta que Dom Leme estava preocupado com a pouca atuação política da Igreja Católica e a falta de articulação dos fiéis, uma vez que a maioria deles se apresentava inoperante, pois não existia uma presença significativa dos católicos nos campos de ação social, política e intelectual, a solução apontada por Dom Leme era a Igreja Católica orientar diretamente a educação e, assim, combater a ignorância religiosa dos brasileiros. Ele tornou-se um grande líder do episcopado nacional responsável pela articulação das forças católicas nas décadas de 1920 e 1930.

Dom Leme queria exercer pressão sobre o Governo e recolocar a Igreja em posição social privilegiada. No fundo, defendia uma ‘nova cristandade’ para restabelecer a aliança entre os dois poderes, que deveriam respeitar-se mutuamente na convicção de que ambos seriam beneficiados com esse novo pacto. (MATOS, 2003, p. 47).

O Padre de Juazeiro do Norte, mesmo vivendo impedido de exercer as suas “Ordens Sacerdotais”, parece não se esquecer da missão que teria dentro da Igreja Católica, quando formação recebida no Seminário Arquidiocesano de Fortaleza.

Com ações que se assemelhavam à busca de uma “nova cristandade”, que se atribuiu pretendida por D. Leme, empenhou-se em ampliar o serviço religioso na cidade. Para tanto, procurou o farmacêutico José Geraldo da Cruz e solicitou a sua colaboração para criar a capela de São Vicente de Paulo, em 1922 (NASCIMENTO, 1998). O padre Cícero conseguiu, assim, expandir o trabalho de catequese e de serviço de ação social junto aos necessitados. Esse trabalho foi ampliado para a criação da Associação Comercial, do Círculo Operário Católico São José, entre outras entidades de classe, levadas adiante por José Geraldo da Cruz.

Dentro desse ideal católico, acreditamos que o padre Cícero já alimentava o desejo

de trazer a Congregação Salesiana para a Cidade, com a intenção de realizar um trabalho mais completo. Embora a primeira correspondência seja datada de 1924, isso não é indicativo do primeiro contato, ao contrário, deu margem a que se pensasse de forma diferente, pois, segundo Della Cava (1976, p. 308), “Cartas dessa época dirigidas aos Padres Rota e Della Via, indicam que Floro e os amigos do Padre Cícero residentes no Rio de Janeiro haviam entrado, pouco antes, em contato com a Ordem, provavelmente em Niterói”.

Havia um clima de crise dos valores católicos que se apresentava nesse período, ante a acontecimentos diversos, como, por exemplo, a Semana de Arte Moderna, que trouxe à tona um inconformismo cultural, a fundação do Partido Comunista, o Tenentismo, que visava a uma profunda reforma política no País, etc. Tudo isso contribuiu para uma mudança no rumo da política e suas relações. Entrementes, no governo de Artur Bernardes, que era mineiro e católico, este solicitou essa reaproximação, visando, com base nesse pacto com a Igreja, conter a onda revolucionária. O acordo fica marcado com a visita do Presidente ao cardeal Arcoverde, em 1924, foi considerada naquela conjuntura uma vitória da Igreja na luta pela restauração católica na vida pública do Estado.

O confronto de interesses que se configurava na sociedade de então estava refletido no setor educacional, numa intensa luta ideológica que marcou o período compreendido entre os anos de 1930-1961. Tratava-se de uma luta travada entre setores da Igreja e por intelectuais progressistas que integravam o movimento renovador. Lideranças conservadoras lutavam contra o poder do Estado que se separou da Igreja, com a Proclamação da República. Era uma luta entre os setores privado e público da educação que punha em xeque até mesmo a necessidade do ensino religioso.

Para situar o diálogo aqui apresentado, envolvendo educação, Estado e Igreja Católica, vale lembrar, também, que, na continuidade desse processo, de 1937 até 1945, quando foi implementado o Estado Novo, no período Gustavo Capanema, que era católico e mineiro, este conduziu a educação por meio de reformas parciais. Em 1946, com a volta à normalidade democrática, tivemos uma Constituição mais caracterizada pelo espírito liberal. Com efeito, somente à União caberia, pois, legislar sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

O Colégio Salesiano chegou a Juazeiro do Norte neste contexto histórico-educacional e ainda precisava enfrentar questões políticas locais. Temos de interrogar acerca do deslocamento de sentidos, em termos sociais, educacionais e simbólicos, associados à chegada dos salesianos, que representam uma rede internacional de educação da juventude, nas lutas pela difusão de saberes que envolviam a escola e a escolarização nos anos de 1939 a 1970, em Juazeiro do Norte.

### 3.2 Considerações históricas sobre o Município e as primeiras escolas

Cidade de encontro de culturas, fundada e fundamentada nesse misto cultural, encontro de nordestinos e de pessoas vindas de outras regiões do Brasil e países, assim formase uma nova cultura o mosaico cultural juazeirense. Quando nos referimos a mosaico é porque nem sempre se misturam esses saberes culturais e, no caso de Juazeiro do Norte, esses andavam lado a lado. A chegada dos salesianos é parte desse mosaico histórico, pois significa o último presente que o Patriarca ofereceu à formação da cidade.

O encontro entre os salesianos e a juventude de Juazeiro do Norte ocorreu justamente quando esta se entendeu como um espaço social formado das implicações políticas e religiosas que fundaram a cidade, mas, também, como um lugar de vocação para o desenvolvimento econômico e social, na medida em que crescia a polêmica entre os que admiravam o padre Cícero e aqueles que queriam ver a sua história esquecida.

Essa Congregação, assim como outros padres que aqui chegaram após a morte do Patriarca, tinham uma dada missão. O estilo de vida dos romeiros, porém, era fundamentado na fé, algo difícil de reverter. Portanto, era com a fé e os estudos que a juventude local continuaria o desenvolvimento da cidade, pois que essa crescia e cada vez mais necessitava de homens letrados para dar continuidade ao seu desenvolvimento no âmbito econômico e social do momento.

Os salesianos, ao chegar, encontraram um povo disposto a colaborar, uma juventude preparada para aprender, uma sociedade que se entregava aos cuidados daqueles sacerdotes, uma juventude consciente do que queria em relação ao ambiente social em que viviam. Esses padres tinham o dever de atrair para si essa juventude e ensinar-lhe outra forma de viver a sua fé católica para romper com as expressões de fanatismo encontradas. Era o que esperava o bispo diocesano, Dom Francisco de Assis Pires.

As concepções de educação que fundamentaram o fazer educativo em determinada época têm relação direta com as leis educacionais. Isto não é novidade. Queremos, porém, destacar aqui as concepções utilizadas ao longo dessa história, que separam ou unem educação e formação humana, da mesma forma que, também, aparecerão durante este diálogo as aproximações e distanciamentos entre Igreja, Estado e Educação. A Lei nº. 5.692/71 é um exemplo disso.

Tentamos, assim, exprimir como ponto relevante dessa exposição um esboço do que seria o projeto educacional do padre Cícero, para, dentro desse parâmetro mostrar as suas

intenções educacionais para com a cidade. Temos, também, no entanto, de mostrar a pretensão que tinha a sociedade juazeirense em relação ao uso do espaço escolar e dos saberes adquiridos, fato que pode levar a entender as condições que presidiram à institucionalização e o fazer educativo dos padres salesianos, no espaço escolar, neste lugar; um fazer recriado, como tudo o que acontece aqui em termos de cultura, baseado nesse mosaico cultural a que se refere o texto.

A sociedade juazeirense em formação determinou uma demanda por competências e pelos bens simbólicos culturais que a escola podia propiciar, transformando essas demandas sociais e culturais em elementos que comprovassem que a educação acontecia imbricada à história social e cultural, portanto, a escola era pensada, naquele momento, com origem numa relação dinâmica estabelecida entre processos de escolarização de práticas culturais e o uso social desses saberes adquiridos na escola. Isto indica que a história educacional da humanidade acontece dentro dos espaços culturais formados por fronteiras que constituem a geografia social onde a escola se insere. Assim, essa experiência tende a reproduzir a experiência humanizadora do momento histórico (DAYREL, 2006). No caso em discussão, havia o encontro entre os padres salesianos e os sertanejos que delineiam a nossa geografia social.

Tentamos entrar em sintonia com a dinâmica social e cultural da sociedade juazeirense e dos salesianos, por meio do diálogo com outras áreas do saber (História, Sociologia, Religião, Educação). Visamos a encontrar as propostas educacionais dos salesianos e suas articulações com as experiências sociais e, desta forma, desvelar os vínculos entre formação humana, cultura e educação.

A História da Educação, nesta cidade, é indissociável da História da Religião, do desenvolvimento coletivo e pessoal, e tem uma forte raiz política emancipatória. As críticas de Lourenço Filho sobre a educação em Juazeiro do Norte, registradas em seu livro: *Joazeiro do Padre Cícero*, publicado em 1926, eram fundamentadas numa concepção higienista de sociedade que, com base em uma elite intelectual, atingia todo o espaço nacional, e que requeria uma forma de organização da escola primária, a qual, desde o Império, passando pela República, era organizada de forma precária, muitas vezes por iniciativa da população e/ou autoridades locais.

Observando a História da Educação em Juazeiro do Norte, vemos que as primeiras escolas funcionavam em casa de fazenda, salão de igreja e nas casas dos professores. Dona Adelaide Melo é uma das mais antigas professoras da cidade. Ela foi citada nas conversas que tivemos por meio desta pesquisa com alguns escritores e cronistas locais, como, por exemplo,

Raimundo Araújo e o dr. Raimundo Borges, este que se lembrou com muito carinho da competente professora primária, como falamos anteriormente.

As críticas direcionadas às escolas, naquele momento, eram dirigidas para a precariedade das instalações, falta de preparo dos professores e ausência de controle do Estado. Todos os setores da cidade, porém, fugiam desse controle, fato que causava grande incômodo às autoridades na contextura estadual.

A educação era uma preocupação local: da família e da comunidade. Eram esses os setores da sociedade que decidiam sobre as questões educacionais, como a contratação, mesmo informal, de professores, de acordo com suas necessidades e possibilidades de solucionar os problemas, principalmente antes da independência da cidade em 1911. Tais soluções dependiam da boa vontade de quem sabia um pouco e queria repassar para os mais jovens, conscientes da importância daquele saber para a formação da juventude. Um momento da História da Educação na cidade é ilustrativo, quando a professora Amália Xavier de Oliveira faz elogios à professora Isabel da Luz, a quem o padre Cícero confiou para educação feminina da cidade.

A escola é o mestre; localizada num salão com dimensões, luz e ar apropriados, ou numa simples sala com 4x3 metros de dimensão, uma mesa comprida e alguns bancos, será uma boa escola se regida por uma boa mestra a quem não falem idoneidade e algum preparo intelectual. Até a sombra de um cajueiro pode ser a melhor sala de aula se ali pontifica a mestra, que é capaz de dirigir os educandos, no sentido de uma formação integral. (OLIVEIRA, 1981, p. 263).

Assim, as primeiras escolas de Juazeiro do Norte surgiram da boa vontade de pessoas do lugar, como o padre Pedro Ribeiro de Carvalho, que iniciou esse trabalho ainda no povoado situado na fazenda Tabuleiro Grande, onde teve origem a cidade. Os alunos eram os meninos de sua família e filhos de escravos, com os quais fazia um trabalho de alfabetização e de cristianização. A primeira Escola Régia iniciou com o padre Antonio de Almeida, 3º Capelão. Depois veio o padre Pedro Correia de Macedo, passando para o seu irmão, Semeão Correia de Macedo. Era esse o regente da escola em 1872, quando aqui chegou o padre Cícero (OLIVEIRA, 1981).

Quando Amália Xavier escreveu sobre a experiência educacional de Juazeiro do Norte, no seu livro *O Padre Cícero que eu conheci*, publicado em 1981, apresenta de forma sequenciada as “primeiras escolas e os primeiros mestres”. Seguindo a sua orientação, vamos descrevê-los no texto a seguir.

Na primeira escola ora citada, ensinava-se a ler, a contar e assinar o nome e, também, um pouco de teoria musical, pois o professor Semeão, com os seus filhos, Cônego

Climério e Mestre Pelúcio, mantinham uma banda de música. A primeira escola feminina foi criada, em data não precisa, por volta dos anos de 1870. Era regida por dona Naninha, que trouxe em sua companhia a menor por ela criada, mais tarde conhecida como a “beata Mocinha”. Além de ler e escrever, aprendia-se a fazer trabalhos domésticos, renda de almofada e costura em máquina de mão. A autora diz que: “Nessa mesma escola estudaram todas as meninas daquela época que eu conheci, já figurando na equipe dos velhos que nos forneceram as tradições que ilustram a verdadeira história de Juazeiro”. (OLIVEIRA, 1981, p. 249).

Em seguida, vieram as escolas de dona Carolina Gonçalves Sobreira e dona Generosa Moreira Landim, para crianças de ambos os sexos. Entre os alunos de dona Carolina, destacam-se padres, médicos e engenheiros, como padre Azarias Sobreira Lobo, Antônio Xavier de Oliveira, Teógenes Rocha e Joaquim Sobreira da Franca, por exemplo.

Como diz a autora, “sob a guarda vigilante do Padre Cícero”, outros professores abriram aqui as suas escolas – Guilherme Ramos de Maria, Mestre Miguel, Joaquim Siebra, para os meninos; para as meninas, Izabel Montezuma da Luz, em 1896, Maria Cristina de Jesus Castro, em data imprecisa de 1899 (beata Cotinha). Sua escola era particular e passou a ser escola municipal após emancipação da cidade, frequentada por adultos e crianças. Ela era diplomada pela Escola Normal de Rio Grande do Norte. À noite, ela dava aulas às empregadas domésticas.

“Um grande passo agigantado” é a expressão utilizada pela autora para falar da importância da chegada do professor José Joaquim Teles Marrocos, que fundou o Colégio São José e uma escola de música na casa de dona Rosinha Esmeraldo, esquina da rua padre Cícero com dr. Floro. Nelas estudavam alunos de ambos os sexos, que, já alfabetizados, aprendiam, nessa escola, Gramática Portuguesa, Aritmética, rudimentos de Francês e Latim. Era jornalista e abolicionista, amigo do padre Cícero desde a infância; estudaram com os mesmos professores primários, Rufino de Alcântara Montezuma e padre João Marrocos e foram, também, colegas no Seminário Arquidiocesano de Fortaleza. Foi professor nas cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. Estimulou na juventude o gosto pela leitura e escrita, publicando os trabalhos dos alunos no jornal *O Rebate*. Causava admiração quando os alunos publicavam seus trabalhos em francês. Promovia festas com o seu conjunto de música vocal e instrumental e, no natal, costumava fazer o seu espetáculo, promovendo, também, passeatas de rua nessas comemorações, fatos indicativos do início de uma vida social urbana mais elevada.

Temos um registro das primeiras escolas de Juazeiro do Norte. Segundo relata Oliveira (1981), nos anos de 1920, foram instaladas duas escolas estaduais, regidas por professoras diplomadas. Eram elas: Maria Luiza Furtado e Josefa de Alcântara Leite,

conhecida como Dedé Leite. Depois, as duas foram substituídas por dona Raimunda Lemos e Adelaide Souza Melo. Raimunda Lemos fundou, também, uma escola particular, chamada Santa Filomena, onde também ministrava aula e era diretora. Funcionava no sobrado de Sia Chiquinha, na rua da matriz esquina com a rua São Pedro.

Adelaide Melo também fundou uma escola particular, chamada Escola Salete. A segunda escola é a do professor Salustiano, escola primária fundada e mantida nos dois anos em que aqui esteve o professor (1912 e 1913). Era uma escola que promovia a arte, por meio das manifestações culturais próprias do lugar, como as lapinhas, onde os alunos dançavam como ‘caboclinhos da aldeia’ com as meninas da escola de Izabel da Luz, que se apresentavam como as ‘pastorinhas’. Estes grupos até hoje são formados pelos bairros da periferia da cidade e se apresentam pelas praças e igrejas no período natalino. Levou o teatro, causou admiração em todos e surpreendeu, também, o padre Lima quando, levou uma turma de mais de 200 crianças que ele preparou para a primeira comunhão na Igreja de Nossa Senhora das Dores, em 1913. O encontro das crianças foi na Capela do Socorro. De lá saíram desfilando em duas alas até a Igreja, “ladeando diversas figuras representando: Jesus Menino, São João Batista com seu Carneirinho, as virtudes teológicas, o Anjo da Guarda, os anjos Gabriel e Rafael”.

Estas festas muito representam como melhoramento social de uma terra. Que mais poderíamos ter feito para provar nosso nível social? – Pergunta Amália Xavier. A última primeira comunhão se realizou oito anos antes, porque a cidade dependia da freguesia de Nossa Senhora da Penha, em Crato, justificando o elevado número de crianças.

A Igreja contava com importante contribuição para a evangelização, em seu momento de maior crise, mas, mesmo assim, desprezava esse trabalho, em nome de uma autonomia que julgava estar perdendo para o padre Cícero, enquanto a sua obediência para com a Igreja é ressaltada na historiografia sobre o Patriarca.

O Orfanato Jesus, Maria e José, fundado e mantido pelo padre Cícero em 1916, coadjuvado pela beata Mocinha, era destinado ao amparo de crianças do sexo feminino, pobres e órfãs. Outra entidade de assistência social fundada pelo padre Cícero foi a Associação dos Empregados do Comércio de Juazeiro do Norte, em 1923. Tinha a finalidade de dar instrução primária aos sócios e de aos seus dependentes.

O colégio para rapazes, o São Miguel, foi fundado pelo bacharel em Direito e escritor paraibano, dr. Manoel Pereira Diniz. O Colégio São Geraldo funcionou entre os anos de 1926 e 1931. Era também escola particular, fundada pelo professor Edmundo Milfont, cratense. Outra escola particular pertencia ao professor Anchieta Gondim.

Em 1924, temos importantes acontecimentos na história educacional da cidade,

quando foi criada a 3ª Cadeira Estadual de Juazeiro do Norte, para ser regida pela primeira professora da terra formada no Colégio Dom Pedro II, mais tarde Justiniano de Serpa. Trata-se de Assunção Gonçalves da Rocha Leal, que ainda vive em Juazeiro do Norte. Depois foram criadas mais duas cadeiras, completando cinco. O professor Lourenço Filho, que na época era diretor da Instrução Pública no Ceará, veio a Juazeiro do Norte e sentiu de perto a necessidade de ampliar a rede escolar no interior.

Em 1927, as cadeiras foram agrupadas e a direção ficou a cargo da professora Maria Gonçalves, e em seguida passou para uma das professoras do grupo Leonina Sobreira Milfont. Por isso foram criadas mais duas cadeiras, e, segundo a autora, uma delas deveria por direito ser dela, mas foi entregue a duas professoras que mal tinham completado o curso primário. Foi por esse motivo que a professora Amália Xavier fundou um externato que funcionava em um prédio na rua Padre Cícero em 1928, onde ensinou letras, desenho e trabalhos manuais. No mesmo lugar, funcionou, mais tarde, o Ginásio Santa Terezinha.

Em 1928, quando o dr. José Carlos de Matos Peixoto assumiu a Presidência do Estado, o dr. Joaquim Moreira de Sousa foi chamado para ser diretor da Instrução Pública. Ele criou a 6ª Cadeira Estadual de Juazeiro do Norte e, assim, a professora Amália Xavier de Oliveira foi nomeada, em 1932, diretora do mesmo grupo.

Existiam diversas escolas particulares de alfabetização, nas ruas mais distantes do centro da cidade. Destacamos a Escola Nossa Senhora das Dores, da professora Maria Pedrina, o Grupo Escolar Padre Cícero e a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, fundada em 1934. Esta representou para Amália Xavier “o berço da emancipação cultural da terra do Padre Cícero”.

O perfil educacional da cidade apresentado pela autora mostra que o setor educacional não foi esquecido; era um espaço promissor. Havia uma imbricação entre escola, igreja, comunidade e conhecimento escolarizado. A mudança de valores, os costumes, os hábitos, as maneiras de sentir e agir eram tão importantes quanto os conteúdos no processo de escolarização, desde o início da criação das primeiras escolas. Visto que estas eram cuidadas, também, por padres, beatos e beatas, não podemos imaginar uma ação educativa longe dos valores da igreja, pois que, também, a cidade ainda estava longe dos processos de industrialização que aconteciam no País.

A escola foi, assim, a primeira aliada para a mudança dos rumos sociais do lugarejo, desde a chegada do Patriarca. As manifestações culturais desenvolvidas traziam sempre um misto de religião, política e educação, no âmbito de uma concepção nacionalista.

No Brasil, a continuidade deste processo foi ampliada, mais tarde, com a

necessidade de formação de mão de obra para a nova ordem capitalista. A educação escolar, neste quadro, de início da Primeira República tornou-se elemento imprescindível para a constituição de uma nova República e uma economia própria. Juazeiro do Norte ganhava um elemento a mais, que era o desenvolvimento social da população para vencer obstáculos políticos e religiosos, impeditivos da independência do vilarejo, em relação à cidade vizinha do Crato e às outras próximas, pois a cidade cresceu e se desenvolveu em meio a muitos inimigos.

Acreditamos que os grandes embates políticos e ideológicos que se cruzaram na formação do sistema escolar em Juazeiro do Norte acompanharam um ritmo próprio de formação e transformação da cidade. Portanto, cremos que o choque cultural que envolveu o relacionamento de Lourenço Filho com o padre Cícero está relacionado às lutas sociais, religiosas e políticas, daquele momento, mais do que aos ideais e concepções de educação, conforme Della Cava (1976).

Nos primeiros tempos, a cultura escolar e os conhecimentos escolarizados não eram a maior preocupação do padre Cícero, mas sim o poder político que se infiltrou na cidade, contrariando interesses políticos e partidários. Outros emissários do governo, também, vieram a Juazeiro do Norte para acabar com a influência que o padre Cícero exercia. Essa poderia ser, também, uma justificativa para o comportamento do padre Cícero, ante as intenções do professor Lourenço Filho.

A escola, o contexto e a transformação social andavam juntos e havia uma intencionalidade no projeto de educação do Patriarca, mas eram os salesianos o ponto máximo de seu empenho, retratando o que ele esperava da escola inserida na comunidade, fato que difere dos ideais educacionais em âmbito nacional.

A finalidade da escola convergiu para a transformação dos comportamentos que deveriam ser constituídos dentro dos preceitos pedagógicos cristãos, operacionalizando mudanças fundamentais para adequar a população sertaneja, romeira ao convívio social no mundo urbano. A preferência do padre Cícero por esta obra pode ser relacionada com elementos que vão além dos problemas pessoais que o Padre enfrentava com a Igreja local.

Somam-se a esses fatos outros que também justificam, por exemplo, o esforço dos padres em adaptar a obra salesiana à realidade brasileira, seguindo o espírito aberto de Dom Bosco na sua preferência por um trabalho popular. Isso acontecia em todo o Brasil – uma afinidade entre os salesianos e o episcopado na luta por uma ordem conservadora, contra os liberais, o fato de privilegiarem a doutrina cristã, a promoção de devoções, a prática educativa que os colocava em contato direto com a juventude, sendo que os princípios básicos da igreja ultramontana não os enclausurou e a espontaneidade do italiano que se assemelham ao jeito

de ser dos brasileiros os conduz, também, a se amoldarem melhor ao nosso povo do que outros europeus.

Com o passar do tempo, ele desejava, também, uma escola de alto nível para ser socializadora de conhecimentos necessários à inserção dos jovens no mundo urbano e numa sociedade que se organizava com suporte em relações capitalistas manufatureiras e comerciais, mas com intensivo poder de simbologias religiosas. Juazeiro do Norte tinha que crescer, se desenvolver, mas não poderia deixar de ser um lugar de oração, de fé. O sagrado é a marca mais significativa da sua trama social como cidade singular.

O processo histórico mais geral da educação brasileira, há pouco exposto, tem por finalidade entender a especificidade do projeto educacional do padre Cícero, no qual podemos destacar de forma aproximativa as seguintes finalidades, em relação à escola, à população e aos conteúdos. Tentaremos apresentar, com base nas fontes diversas aqui utilizadas, o modelo de educação dos jovens inscrito no projeto educacional do padre Cícero: 1) escola – espaço físico e simbólico apropriado à formação dos romeiros – isso a situa em posição privilegiada como instituição de intervenção na sociedade; 2) educação cristã – mostra que há um distanciamento entre a cultura letrada e a população analfabeta, possibilitando acesso maior à população pobre, significando que a escola aufere em padrão de legitimidade e autonomia nesta sociedade para inserir novos padrões de comportamento e profissionalização, sem subtrair elementos da elaboração simbólica local; 3) os saberes escolares, pautados numa pedagogia cristã, visam a produzir novas sensibilidades e visões de mundo; e 4) ampliar o número de escolas e instalar os salesianos na cidade.

A escola, por sua vez, deixou de ter mera função familiar para se tornar fundamental na formação da cidade, no espaço público e urbano. Não se pode desvincular, porém, a escolarização de saberes da história que estava acontecendo na cidade – movimentos sociais, políticos e religiosos e uma grande participação popular nestes eventos, visto que o fenômeno que se criou “padre Cícero e o Romeiro” é o pano de fundo de toda trama social ali existente, que ditava a dinâmica da cidade. Trata-se de uma luta política e religiosa que envolvia toda a sociedade pelo direito de alcançar um desenvolvimento individual e coletivo e, ao mesmo tempo, não perder elementos que eram próprios da sua vida e do seu pensamento.

As relações nada amistosas envolvendo o reformador da Instrução Pública do Ceará, o professor Lourenço Filho, nos anos de 1920, não foi uma característica apenas desta cidade; mudanças desse nível sempre trazem divergências, choques de poder e disputas nos mais variados espaços que compõem o processo político, social, religioso e pedagógico, para compor o palco que delineou essa trama sociocultural; no caso focalizado, com relevante

destaque para o espaço religioso e político.

Os anos iniciais do século XX foram marcados por transformações importantes que ocorriam no setor educacional, despertadas pelas intensas críticas levadas a efeito pelos intelectuais que questionavam a competência dos profissionais atuantes no setor, bem como o espaço físico e a forma de organização; os conteúdos também auferiram importância neste panorama.

Em Juazeiro do Norte, boa parte das escolas funcionava de forma isolada (só um professor), mantendo uma tradição que teve início ainda no Império. Instituir uma nova forma de organização da educação, naquele momento de grandes disputas políticas, quando a cidade acabara de se tornar independente, era, de alguma forma, uma revolução na maneira de conduzir a organização social e o ingresso em um mundo diferente do seu. O momento histórico era delicado e de afirmação, pois tudo o que vinha de fora significava “censura”, “disputa”. Era preciso cautela no trato das questões políticas, sociais e culturais.

Acreditamos que não houve sensibilidade, por parte daquele jovem, no trato dessas questões, e uma grande distância cultural provocou o preconceito e desprezo dedicado por esse jovem diretor da Instrução Pública do Ceará, Lourenço Filho, à cultura sertaneja que demarcava o espaço local.

O projeto educacional do padre Cícero operacionalizado por meio da obra salesiana, buscava o caminho da pedagogia católica, representada pela romanização, e era assim que se empenhava em produzir elementos de ruptura, de uma cultura iletrada e manutenção do controle da produção da cultura local, então com a organização social mais elevada em termos de padrões civilizatórios, realizado por meio de uma escola confessional, com características próprias.

Dessa forma, se a escola leiga elabora sua proposta baseada apenas em correntes pedagógicas, a confessional procura ter um embasamento filosófico-teológico. Ressaltamos que esse embasamento tinha suas raízes no Sistema Preventivo de Dom Bosco, como veremos adiante. Conforme Menezes e Santos (2002), para as escolas confessionais, o desenvolvimento dos sentimentos moral e religioso nos alunos é o principal objetivo do trabalho educacional, tendo como base de seus princípios, objetivos e forma de atuação uma religião o que não acontece com as escolas laicas.

Traçar um novo perfil social para o “romeiro” sem esquecer elementos de base cultural era a pretensão, porque esses fortaleciam a sociedade mediante coesão social, no caso do sagrado e da tendência para o desenvolvimento econômico. Esse traço cultural juazeirense é reflexo da organização social local formada por proprietários de terra, comerciantes,

profissionais liberais, sacerdotes e os romeiros trabalhadores que vinham em busca de melhor condição de vida, formando um grande complexo político e eleitoral, que aspiravam a melhorar de vida, acompanhando o progresso nacional pelas conquistas materiais que a Nação adquiria.

O modo de viver desse povo, no entanto, incomodava o bispo, pois, conforme a Igreja Romanizada, “[...] os peregrinos estavam agindo de modo incorreto, pois operavam rituais sem a permissão da ‘autoridade competente, ou seja, o bispo’”.

A burocracia clerical não aceitou a iniciativa popular de construir um espaço sagrado em Juazeiro e um santo chamado Cícero. De acordo com a Igreja definir os limites do sagrado seria uma tarefa exclusiva de ‘profissionais qualificados’. Os ‘leigos’ não poderiam afirmar o que era uma manifestação divina. (RAMOS, 2004, p. 252).

Para traçar um perfil da sociedade juazeirense, Regis Lopes fornece elementos que ajudarão a compor esse quadro, quando ele analisa fatores relacionados ao crescimento demográfico da cidade:

A experiência religiosa era o grande motor das migrações, mas o crescimento do comércio foi, paulatinamente, transformando-se em grande atrativo. As atividades artesanais ou industriais e as transações de compra e venda vão assumindo uma proporção mais significativa para quem desejava montar um negócio ou arranjar um emprego. Em outros termos: Juazeiro continuava a ser uma ‘cidade sagrada’, mas também, desenvolvia-se como ‘cidade profana’. (RAMOS, 2004, p. 252).

Nesse período, quando os brasileiros estavam ainda em adaptação para o entendimento de uma República e sociedade nacional em formação, o conflito cultural a que muitos autores aludiram, polarizando a existência de dois Brasis, dividido entre *sertanejos*, possuidores de uma suposta decadência moral, tipicamente violentos, e povos civilizados do litoral. Trata-se do reflexo de uma luta política e ideológica pela ocupação de espaços no âmbito social e político, local e nacional, como é o caso de Floro Bartolomeu, que ocupou a cadeira de deputado federal, levando esta disputa para um nível bem mais amplo de debate, em que se encontra não uma resistência contrária à evolução civilizatória, mas, ao contrário, uma sociedade em busca de elevar o nível social para a ocupação de espaços mais significativos para a população local. Podemos dizer que essa visão dualista da sociedade cearense ainda hoje existe, visto que é um modo de ver preparado por personagens do meio intelectual com reconhecido nome neste meio.

No ano de 1926 morreu Floro Bartolomeu, grande aliado do padre Cícero para defender os interesses políticos da região. Ele mesmo teria de assumir a cátedra de deputado federal, substituindo o amigo e aliado político. Não chegou, porém, a tomar posse e ainda

recebeu muitas críticas de políticos adversários e da imprensa.

O jornal *O Ceará* publicou uma matéria sobre o caso: “Crueldade e Ridículo que deveria ser evitado”. Vejamos alguns trechos do seu conteúdo, uma reportagem publicada por Silva (1982, p. 368-370):

[...] Estando nós entre os que pensam deve ser a representação de um Estado confiada a sua elite intelectual e aos seus valores sociais, enfileiramo-nos, por isso, na legião contrária a indicação do nome do chefe político de Juazeiro. [...] Sempre fomos, e continuaremos a sê-lo por muito tempo, governados por essa parcela diminuta do povo, constituída pelos políticos profissionais. [...] sob o ponto de vista cultural, por mais baixo que esteja o nível da Câmara, S. S. não está em condição de representar a intelectualidade cearense. De inteligência não acima do comum, tendo a ilustração teológica de seus pares, o pastor do Juazeiro, por ter confinado toda a sua vida na estreiteza do meio sertanejo, é hoje um cérebro anquilosado, povoado de imagens do fanatismo e do cangaceirismo.

Imaginemos, por instantes, a cena grotesca que será o desembarque, na capital do país, do novo emissário do povo cearense [...]. A figura do Padre, com seu longo bastão de pastor de cinema, ao lado da beata “Mocinha”, de quem jamais se separa, constituirá ‘um número’, servirá de pasto aos jornais e revistas cariocas, durante uma semana [...].

A organização política da Velha República foi, também, responsável por essa visão, pois, a historiografia deste período aponta para uma organização federalista que proporcionava autonomia às forças regionais, estaduais e nacionais até 1930. A unificação dessa organização política, para tornar-se mais centralizada, trouxe disputa. Sendo a questão de Juazeiro do Norte um fato utilizado para além dos aspectos religiosos, uma forma de combater a força política local, de tal modo, houve uma imbricação política partidária e religiosa, tornando difícil definir as fronteiras dessa disputa, que aparece, algumas vezes, como cultural, ora religiosa, ora política.

Observando a história nacional com arrimo nos acontecimentos em Juazeiro do Norte é possível perceber os traços da influência dessa inserção do poder local na complexidade de mudanças nacionais e, assim, perceber que o sertanejo caririense buscava meios para uma inserção vertical nos meios políticos regional, estadual e nacional, como forma de desenvolvimento local. Desta maneira, a Congregação Salesiana instalada aqui seria uma forte aliada para a consolidação de um fazer educativo à altura daquilo a que se aspirava para essa nascente cidade que, entre outras questões, sofria de forte discriminação por parte do povo do litoral que se dizia *civilizado e culto*.

Como sabemos, a projeção nacional deste lugarejo deu-se por conta das intrigas religiosas e políticas que desenharam a sua história; o “milagre da hóstia”, a personalidade obstinada e zelosa do padre Cícero, a sua influência política. Essa projeção política despertou,

também, a ira de alguns intelectuais, cada um com seus interesses específicos, fato que muito influenciou a elaboração de uma imagem negativa do padre Cícero, por intermédio da literatura. Rodolpho Theóphilo, no seu livro *Libertação do Ceará: queda da oligarchia Accioly*, publicado em Lisboa em 1914, dizia que o padre Cícero queria mandar na política de todo o Cariri, acusando-o de ser rico e se aproveitar dessa riqueza para este fim. Afirmava, também, que a “estagnação social” do Nordeste era consequência da inferioridade humana do sertanejo ou caboclo do sertão – resultante da mistura racial.

Andrade<sup>34</sup> (1922) em seu livro, *Sertão à dentro: alguns dias com o padre Cícero*, desfaz essa imagem negativa do padre Cícero e testemunha tratar-se de um “[...] sacerdote de ideias cultas e sugestivas [...] sempre em dia com os modernos avanços da humanidade”. Lourenço Filho publicou o livro *Joazeiro do Padre Cícero*, em 1926; nele traça um perfil de megalomaníaco e paranoico. Pela repercussão do seu trabalho, exerceu grande influência sobre outras iniciativas a escrita sobre o padre Cícero e a imagem negativa que foi divulgada dele nos anos seguintes de publicações sobre o assunto. Assim, se no âmbito nacional Lourenço Filho realizou grandes mudanças educacionais, consideradas muito importantes na época para o País, já para a história de Juazeiro do Norte ele significou, também, uma personagem importante no campo do preconceito contra o povo do sertão.

### **3.3 A pedagogia de Dom Bosco, estrutura e funcionamento da Congregação**

Acreditamos que, depois de ter situado Dom Bosco na missão que ele desempenhou dentro da Igreja Católica, e conhecendo as influências recebidas na sua formação sacerdotal, poderemos partir para uma compreensão dos valores e das prioridades do Sistema Preventivo por ele criado. Para entender essa pedagogia, partimos do princípio de que ela se constitui de um modelo feito no relacionamento pessoal de um padre com os seus alunos. Essa experiência leva-nos a conceber a educação como um ato essencialmente de relação. Por isso é considerado, por muitos estudiosos, mais do que um tratado de Pedagogia e, acrescentaremos aqui como sendo um referencial holístico porque inspira o fazer educativo em todas as suas dimensões.

*As Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales* são fundamentais para

---

<sup>34</sup> Leopoldino Costa Andrade publicou no Rio de Janeiro, em 1922, o livro *Sertão a dentro: alguns dias com o padre Cícero*.

nortear as regra de vida religiosa dos salesianos. Parafraseando Silva (2000), a primeira redação da Constituição foi elaborada em 1855, quando um grupo de jovens emitiu os primeiros votos privados por meio dos quais aparecem os indícios das regras ou constituições que compuseram a nova instituição religiosa.

No período de elaboração, que vai até o ano de 1857, quando ficou pronto o primeiro texto da Constituição, enfrentaram vários problemas, como ajustar a sua Constituição às normas da Igreja e às exigências dos novos tempos, que traziam, também, a Lei de 1855 de “supressão dos conventos e as mudanças na política social do Piemonte”. Assim, a Congregação teve de se adaptar ao contexto liberal e anticlerical. Deve-se levar em consideração, também, para essa elaboração, a influência das experiências na elaboração do Regulamento do Oratório Externo, em 1847, bem como o regulamento da Casa do Oratório, elaborado em 1852 e 1854, e as pesquisas realizadas sobre a história da igreja.

Ainda de acordo com o autor há pouco citado, Dom Bosco foi a Roma em fevereiro de 1858, acompanhado do clérigo Miguel Rua, onde obteve parecer favorável do Papa Pio IX. Depois de acrescentar algumas orientações incorporadas à segunda redação, Dom Bosco apresentou ao Papa a nova cópia feita pelo clérigo Miguel Rua, mas somente em 1864, após estudos e reelaborações, a Congregação dos bispos e das regulares aprovou o espírito da nova sociedade. “[...] após diversas reuniões e modificações, o decreto de aprovação definitiva, assinado pelo Card. Bizzarri, só foi publicado em 13 de abril de 1874. A Congregação já tinha 9 casas, 148 salesianos e 103 noviços”. (SILVA, 2000, p. 71).

Apresentamos resumidamente os capítulos XI, XII e XIII, da Constituição. Neles se encontram a estrutura de organização e o modelo administrativo. A autoridade máxima da Congregação Salesiana é o Papa. Somente ele poderá aprovar qualquer alteração que venha a ser feita nas constituições. A ele cabe, também, a aceitação de eventual renúncia do reitor-mor.

A autoridade maior da Congregação é exercida pelo Capítulo Geral, ou seja, uma assembleia representativa de todos os salesianos, que, entre outras competências, elege o reitor-mor e aprova modificações nas constituições. O reitor-mor é a maior autoridade e representante oficial da Congregação, é o sucessor de Dom Bosco. É auxiliado por um Conselho Geral, composto pelo vigário do reitor-mor e pelos conselheiros setoriais e regionais. Os conselheiros setoriais são aqueles cujo trabalho está voltado para a formação, comunicação social, missões e o ecônomo geral. Os conselheiros regionais são representativos do conjunto de inspetorias organizadas por vizinhança geográfica ou cultural.

O inspetor é a autoridade maior da Inspeção. Para auxiliar no seu trabalho, existe um Conselho Inspeccional por meio de reuniões do Capítulo Inspeccional ou assembleia

representativa de todos os salesianos daquela Inspeção. Entre outras responsabilidades, o inspetor é também o primeiro responsável pela formação dos novos salesianos.

As comunidades locais são administradas por um Conselho local. A Assembleia dos Irmãos reúne todos os salesianos de uma comunidade. Esta tem o poder de eleger o delegado da comunidade ao Capítulo Inspeccional. São responsáveis pelo funcionamento de paróquias, escolas, obras sociais e entidades assistenciais.

A leitura do regulamento está de acordo com o sistema preventivo, como comentamos anteriormente. Este era o primeiro passo para a aplicação do sistema. Os alunos deveriam conhecer seus direitos e deveres para não cometer faltas que, depois, teriam que ser corrigidas. Era uma forma de mostrar a disciplina do colégio e a importância dada a essa disciplina pelos membros da casa e possibilitar a prática do Sistema Preventivo.

O diretor faz o seu trabalho socioeducativo apoiado nessa base legal e cristã que conduz o Sistema Preventivo: *“Razão, Religião e Bondade”*. Por isso, a distribuição de tarefas dos salesianos e o número adequado de funcionários fazem-se necessários para essa missão educativa e evangelizadora, e foi demonstrado, em diversos momentos, como grande preocupação.

A sua organização, segundo Oliveira (2001), e de acordo com as Constituições e Regulamentos da Congregação Salesiana (1984): no jargão salesiano o chamado “Capítulo da Casa” consta do diretor, de um conselheiro escolar, catequista e do prefeito. Essa nomenclatura hoje está substituída por supervisor pedagógico, coordenador de pastoral e ecônomo. Cada um exerce um papel específico. O conselheiro é responsável pelo horário, supervisiona o trabalho didático, pedagógico e disciplinar. Incentiva o teatro, banda, aulas de canto e de ginástica, cuida da biblioteca; sem esquecer de que o espírito de Dom Bosco dirige o trabalho de disciplina e cuida para que professores e demais profissionais envolvidos não se esqueçam de viver em conformidade com as normas de Dom Bosco: *“Fazei-vos amar, se vos quereis fazer temer”*. O catequista é responsável pelo andamento espiritual e também moral da casa, no referente à instrução religiosa, às funções da igreja, e promove as vocações religiosas.

O prefeito é responsável pela parte financeira, econômica e contábil. Desta forma, é o contato do Colégio com as famílias dos alunos. O diretor é o pai, amoroso, confiante, conselheiro, amigo dos alunos. Ele concentra o papel de fazer deixar aflorar o espírito da casa salesiana mediante a promoção do bom cristão e honesto cidadão, que irá favorecer a continuidade da igreja e o engrandecimento da Pátria.

Os indicativos da missão dos salesianos estão nos preceitos pedagógicos, onde se encontram, também, indicações para nortear a vida de leigos cooperadores e padres que ele

consagrou como continuadores de sua obra evangelizadora e educativa. A pedagogia salesiana segue os caminhos do seu fundador que deixou uma forma pedagógica diferenciada de abordar jovens e crianças, a qual foi denominada de *Sistema Preventivo*. Não se trata de uma pedagogia teórica, mas de um modo pedagógico baseado na experiência e na sensibilidade de um padre, como vimos anteriormente, que tinha preocupação com a prevenção moral do jovem, praticando uma educação com diálogo, paciência e alegria. A sua atuação religiosa ficou conhecida como o apostolado da alegria.

A expressão “educativa” no fazer pedagógico salesiano é identificada como nos inspira a observar Ferreira (2008), com uma pedagogia constituída na prática e na sensibilidade de um homem, por sua vez inspirado em São Francisco de Sales e nos ensinamentos do próprio Cristo, da qual nascem os conceitos de *Preventividade*, espírito de família, formação religiosa e autovalorização, por meio de uma profissão e atividade cultural praticada no pátio como sinônimo de alegria.

Pedagogia e espiritualidade tinham para Dom Bosco, como núcleo único uma visão de salvação que era traduzida em convicção. Ela resultava de um método educativo que buscava equilibrar sadiamente as exigências do espírito e do corpo, dos prazeres e do dever, da vida eterna e da vida atual, para que os educandos fossem pessoas equilibradas, sadias e santas. Religião, alegria, sacramentos, música, estudo, esporte, teatro, passeios, familiaridade, pureza, tudo entrava igualmente em seu sistema, e qualquer elemento que se retirasse já produzia uma distorção na imagem educativa proposta por ele. (FERREIRA, 2008, p. 22).

Alegria com responsabilidade e disciplina moral e cristã produz a tríade que compõe a pedagogia salesiana – Razão, Alegria e Amabilidade.

A Congregação Salesiana realizava um modelo de educação que condizia com o modelo de *neocrisandade*, no qual se empenharam os bispos para a reforma católica no Brasil, quando procuraram o apoio da burguesia, uma nova classe social da época, como meio de aumentar a sua influência. A escola católica foi o instrumento por excelência dessa política, visando a alcançar uma presença ativa junto à juventude escolar, tanto da esfera pública quanto particular de ensino. Nesta linha de trabalho, encontramos a pedagogia de Dom Bosco como forte aliada das ideias das pedagogias católicas que admitiam, como valiosos, os preceitos da pedagogia católica europeia.

O projeto de *neocrisandade* da Igreja Católica, assumida por Dom Leme, nos anos de 1920, foi inspiração para as concepções educacionais que se apresentaram a partir da orientação política e religiosa ultramontana da Santa Sé, e constituíram uma reação a todas as ideias que colocassem em julgamento a moral e os dogmas cristãos, bem como eram, também, uma reação às ideias modernas da República, como o iluminismo e o liberalismo. A

Congregação Salesiana, com as características que apresentava, era uma forte aliada nessa missão.

Apresentamos aqui pontos fundamentais que consideramos relevantes para identificar o *Sistema Preventivo Salesiano*, com base nas leituras realizadas sobre Dom Bosco e o seu relacionamento com a juventude, utilizando, principalmente, o livro *São João Bosco: Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*<sup>35</sup>, onde percebemos que sua ação privilegiava um comportamento baseado em princípios que poderiam ser traduzidos, resumidamente, da seguinte forma: quando o jovem é tratado com respeito e estima, ele progride e amadurece. Ouça-o, acredite nele, dizia Dom Bosco, pois, mesmo os jovens mais “difíceis”, trazem bondade e generosidade no coração, cabendo ao educador procurar e achar esta disponibilidade inata.

Sobre amor e respeito, Dom Bosco disse: “Se você quer ser amado por alguém, ame-o antes, mostre a ele, claramente, que você está ao seu lado. Alegre-se com ele participando de seus jogos, de suas brincadeiras, de seu esporte”. A experiência de Dom Bosco no Seminário de Chieri, como aluno, fê-lo entender a importância da aproximação entre mestre e aluno, por isso, o Método Preventivo exige uma aproximação amiga com os jovens, estratégia que considera fundamental e poderá evitar males maiores, porque dá ao educador a oportunidade de aconselhar na hora certa, de prevenir, antes de ter que corrigir. Pede coerência, pois, não temos o direito de exigir de nossos jovens atitudes que não temos. Prevenir é melhor do que castigar os jovens, porque a religião precisa ser alimentada diariamente, pois quem for um bom cristão na certa vai ser um bom cidadão. “Quando se trata de educação não se pode deixar de lado a religião”, dizia Dom Bosco.

[...] A educação dos jovens, sobretudo a educação religiosa, preocupava-o. O estilo, e às vezes, o conteúdo das obras destinadas a eles pareciam-lhe pouco adequados. Ele preparou uma história da Igreja e um manual de devoção religioso para a juventude. *A História Eclesiástica* foi publicada em 1845. [...] Quanto ao livro de devoção, *O rapaz conhece os seus deveres*, era uma coletânea de meditações breve, ofícios religiosos e práticas piedosas para a juventude. [...] para os rapazes do Oratório, Dom Bosco criou também uma espécie de curso noturno *Casa Moretta*. (SCHIELE, 2008, p. 35).

Nas Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales (1984, p. 56), os seus integrantes são apresentados como “um vasto movimento de pessoas que, de diferentes formas, trabalham pela salvação da juventude” e especialmente os mais pobres, abandonados e em perigo.

---

<sup>35</sup> O manuscrito foi publicado pela primeira vez pelo padre Eugênio Ceria (1946). Essa publicação foi feita em italiano: *San Giovanni Bosco, Memorie dell'Oratorio di San Francesco di Sales dal 1815 al 1855*, e a edição que utilizamos foi traduzida por Fausto Santa Catarina (2005) e Teresio Bosco (1999).

O pe. Miguel Rua o primeiro sucessor de D. Bosco, repete-nos: Quando o nosso pai enviou seus primeiros filhos para a América, quis que a fotografia o representasse no meio deles no ato de entregar ao pe. João Cagliero, chefe da expedição, o livro das Constituições, como se dissesse: Queria eu mesmo acompanhar-vos, mas, o que não posso fazer pessoalmente, estas Constituições farão. Guardai-as como tesouro preciosíssimo. (DOM RUA, L 01.12.1909, citado nas CONSTITUIÇÕES DA SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 1984, p. 6).

De acordo com João Bosco (trd. Fausto Santa Catarina, 2005) e com Aubry (n/d) constitui-se de um trabalho inspirado na experiência educativa e espiritual de Dom Bosco, que ele mesmo chamou o *Sistema Preventivo*, norteado pela razão, religião e amor, formando a base da educação salesiana. O objetivo da ação educativa salesiana é a formação de bons cristãos e honestos cidadãos, caracterizado pelo otimismo nas capacidades juvenis e a importância que se confere à presença constante e ativa dos educadores entre os jovens e que é denominada como “assistência salesiana”.

Esses pilares que sustentam o Sistema Preventivo são uma forma de evitar repressões ou castigos posteriores às transgressões. O ideal educativo salesiano é acompanhar os jovens de tal maneira que se lhes possa *prevenir*, antes de que caiam em alguma falta, o que justifica o nome do *Sistema Preventivo*. Propõem-se a alegria sadia, o cumprimento do próprio dever e a ajuda aos demais, como o caminho para atingir a santidade. Chama-nos a atenção o esforço cotidiano para criar um “ambiente de família”, como um meio imprescindível para a educação.

Nos anos de 1840 e 1850, já era possível ver consagrado o seu perfil de educador por intermédio do Sistema Preventivo. Dom Bosco educador é, portanto, uma das faces da sua vida, alcançada após as experiências com os Oratórios que lhe dão um importante conceito na comunidade católica, como padre em atividade pastoral, mas, ao mesmo tempo, transformando-o em um ativista assistencial, por meio do seu trabalho educativo como agente social em favor da juventude.

Braido (2008) apresenta contatos que tiveram significados notáveis para a formação do Dom Bosco pedagogo. Aproveitou as oportunidades que lhe apareceram de adquirir conhecimentos para realizar sua missão como educador, mediante os contatos com os Irmãos da Escola Cristã, com o cárcere Generala e, também, a própria elaboração pedagógica do seu tempo, por meio da imprensa. Todas essas experiências serviram de apoio para o enriquecimento da sua cultura pedagógica. O autor faz referência a Alberto Caviglia<sup>36</sup>.

---

<sup>36</sup> Alberto Caviglia: citação do livro *Opere e scritti editi e inediti de “Dom Bosco”*. v. I: *Storia sacra: nota preliminare*. Turim: 1929.

[...] Dom Bosco ‘estudou muitíssimo’ os ‘Métodos Lasallianos’<sup>37</sup>, chamou os irmãos de seus formadores em pedagogia. [...] o trabalho entre os irmãos possa ter sido frutuoso para ele no campo das experiências educativas e das reflexões pedagógicas favorecida por alguma leitura de escritos como: as doze virtudes de um bom mestre, do Irmão Agathon, que saiu em tradução italiana em Turim, pela Mariete, em 1835. (BRAIDO, 2008, p. 214).

Todos estavam em consonância com o que Dom Bosco chama de Sistema Preventivo. Portanto, é influenciado, também, pela experiência que teve com uma casa de educação correcional, *La Generala*, fundada em 1845.

Ali estavam presentes muitos subsídios para o desenvolvimento humano, que Dom Bosco certamente compartilhava: alfabetização, cultura, trabalho, música, canto. Entre os vários incentivos, particularmente para o arrependimento e a melhora, o clássico meio de emulação encontrava amplo espaço. Os detentos eram distribuídos em três ou quatro classes de mérito com o estímulo permanente a subirem à superior ou a não descer da classe já alcançada. (BRAIDO, 2008, p. 208).

Apresentamos uma análise elaborada por Ferreira (2008) sobre o jeito salesiano de educar e o ambiente escolar constituído com suporte na pedagogia de Dom Bosco:

O sistema educativo de Dom Bosco não é apenas um método a mais em pedagogia. É também uma espiritualidade. O querer explicá-lo sem imbuir-se dessa espiritualidade leva a situações que distorcem completamente a sua realidade. Igualmente o querer analisá-lo com um viés prevalentemente ideológico e ausente da realidade histórica leva a criar imagens distorcidas que pouco coincidem com os ideais de Dom Bosco. Para o Santo, a salvação é fruto do amor e não do poder. Para um cristão, o poder só se justifica se está a serviço do amor e não com dominação. Dom Bosco desejava que educadores e educandos agissem com a maior lealdade. [...] se houvesse alguma coisa a corrigir, fosse vista com naturalidade e o próprio faltoso fosse o primeiro a buscar uma adequada solução para o seu caso. Somente assim poderia existir aquela amizade entre as pessoas que cria um ambiente propício à educação. (FERREIRA, 2008, p. 31).

Para explicar o funcionamento do Sistema Preventivo, o autor citado inicia apresentando a diversidade de significados da palavra educação no Brasil, desde uma pedagogia que recebe o influxo de uma dupla corrente: 1) da Europa, o trabalho dos jesuítas, que tem o sentido de formação tradicional nas suas várias dimensões, lembra *educere*, ou seja, trazer para fora as potencialidades e qualidades que existem em cada um de nós para formá-los à luz de uma doutrina pedagógica e sob o influxo da sociedade; 2) partindo do pensamento estadunidense, a educação tem o sentido de *escuela*, educação dada na escola: primária, secundária, universitária, profissionalizante e agrícola. (FERREIRA, 2008, p. 6).

---

<sup>37</sup> A Revista Lasaliana foi fundada em 1934 em Turim, por Romapor Hermano Goffredo e Luigi Savoré. Leitura recomendada: ‘*Chiavi di lettura delle doze vertus d’ún Bon maître*. Revista Lasalliana, n. 60, 1993, p. 141-149. Revista digital de investigación lasalliana. *50 años, y más, de los estudios lasalianos: crónica y perspectivas*, Hermano Alain Houry, n. 2. Madri: 25-2-2010.

Para esse autor, Dom Bosco direcionava seu trabalho para o desenvolvimento de uma educação institucional. Ele tirava o jovem da rua e levava para uma instituição – oratório, pensionato, internato, escola etc. Instituição significava, para ele, um grupo humano, feito de pessoas vivas que se relacionam de formas diversas. “Por que se quer substituir ao amor a frieza de um regulamento?”, pergunta ele na sua *Carta de Roma* – uma carta dirigida aos salesianos, considerada um dos escritos pedagógicos de Dom Bosco, na qual procurava traçar o perfil ideal do Oratório.

O que foi exposto pelos autores sobre o Sistema Preventivo constitui análise feita com base na Constituição de São Francisco de Sales. Passamos também a utilizá-la nos parágrafos a seguir para explicar o seu Sistema, com amparo no que ele mesmo escreveu. Por entender que a Constituição é para os salesianos, o “Código fundamental”, esta foi repensada e reelaborada segundo as exigências do Vaticano II (1961-1965), aprovada pela Sé Apostólica, declarando a

[...] ‘autenticidade do caminho evangélico traçado pelo seu fundador’. Nela encontram-se as riquezas espirituais da nossa tradição salesiana; definem-lhe o projeto apostólico, traçam o caminho da nossa santificação, e nos convida a testemunhá-las como o dom mais precioso que podemos oferecer aos jovens. (CONSTITUIÇÕES E REGULAMENTOS, 1984, p. 7).

Dom Bosco, na Constituição Salesiana, no seu capítulo II, faz uma apresentação e análise do Sistema Preventivo na educação dos jovens. No início, esse texto era apenas uma prévia para a elaboração do Regulamento, que veio a ser reelaborado e apresentado na solenidade da Imaculada Conceição, em 8 de dezembro de 1984. Dom Bosco iniciou uma explicação sobre o seu Sistema Preventivo, fazendo uma analogia com o Sistema Repressivo. Para ele, eram esses os dois sistemas de ensino que poderiam ser utilizados para educar os jovens. O Sistema Repressivo consiste em fazer com que os súditos conheçam a lei e depois vigiar para, quando necessário, punir os transgressores com o merecido castigo. O superior estaria sempre com ar severo e ameaçador. Ele próprio deveria evitar toda a familiaridade com os dependentes. Esse tratamento serve, especialmente, para soldados e pessoas adultas, enquanto o Sistema Preventivo consiste em

[...] tornar conhecidas as prescrições e as regras de uma instituição, depois vigiar de modo que os alunos estejam sempre sob os olhares atentos do diretor ou assistentes. Estes como pais carinhosos, falem, sirvam de guia em todas as circunstâncias, dêem conselhos e corrijam com bondade. Consiste, pois, em colocar os alunos na impossibilidade de cometer faltas. (CONSTITUIÇÃO..., Cap. II, 1984, p. 231).

Razão, Religião e Bondade são os elementos de apoio do sistema. Desta forma,

torna-se possível excluir o castigo violento e procurar evitar até as punições leves. Parafraseando a *Constituição Salesiana*, parece preferível pelas seguintes razões: o aluno não fica abatido pelas faltas cometidas, não se irrita pela correção feita, nem pelo castigo, pois a punição contém em si um aviso amigável que o leva a refletir. São evitados problemas advindos da volubilidade do menino, que num instante se esquece das regras disciplinares e do castigo que o ameaça, por isso, necessita de uma voz amiga para advertir. O aluno passaria a ver no assistente um benfeitor que o adverte, quer fazê-lo bom, livrá-lo de castigos e desonras. Se o aluno for conquistado, quer no tempo da educação quer depois, o educador poderá exercer sobre ele grande influência.

Em se tratando da aplicação do Sistema Preventivo, a Constituição... (1984, p. 232-233) adverte para a ideia de que:

A prática desse sistema baseia-se todo nas palavras de São Paulo: *‘Charitas benegna est, patiens est; suffert, omnia sperat, omnia sustinet’*. A caridade é benigna e paciente; tudo sofre, mas espera tudo e suporta qualquer incômodo. Por isso, somente o cristão pode aplicar com êxito o Sistema Preventivo. Razão e Religião são os instrumentos de que o educador se deve servir; deve inculcá-los ele mesmo, se quiser ser obedecido e alcançar os resultados que deseja.

É preciso que o educador permaneça sempre com seus alunos e deverá consagrar-se totalmente aos seus educandos, não assumindo compromissos que o afastem da sua função. A moralidade dos professores, mestres de oficina e assistentes deve ser notória. É preciso evitar amizade sensível com seus alunos, pois o descaminho poderá comprometer o instituto educativo, portanto os alunos nunca devem ficar sozinhos e nunca desocupados. O aluno deve ter liberdade de correr, pular e gritar à vontade. Os exercícios de ginástica, desportivos, a música, a declamação, o teatro e os passeios são meios para alcançar a disciplina, a moralidade e a saúde.

A educação se dá por meio da confissão, comunhão e missa frequentes. Para tanto, os alunos devem ser estimulados e não obrigados. Recomenda sempre a máxima vigilância com relação a companheiros e livros que tragam más lições e, diz: “A escolha de um ‘bom porteiro’ é um tesouro para uma casa de educação”. (CONSTITUIÇÃO..., 1984, p. 234). Diariamente deverão ser dirigidas em público afetuosas palavras sobre o que convém fazer ou evitar; sua alocução não deve passar de três minutos. A Primeira Comunhão deve acontecer o mais cedo possível, enquanto o menino ainda é inocente, puro.

Quando apresenta a utilidade do Sistema Preventivo, a Constituição nos faz observar o significado da educação e do educador: na prática dos alunos, é mais fácil e vantajoso e para o educador é mais difícil, mas as dificuldades serão vencidas se ele se entregar à sua missão,

pois o educador é um indivíduo consagrado ao bem dos seus alunos. Isso é essencial para que alcance os seus objetivos, que são a formação cívica, moral e científica dos seus alunos. Com isso Dom Bosco esperava que o aluno conservasse

[...] sempre grande respeito para com o educador e lembrará com gosto a educação recebida e considerará ainda os seus mestres e demais superiores como pais e irmãos. Esses alunos, nos lugares para onde forem, serão, as mais das vezes, o consolo da família, cidadãos prestimosos e bons cristãos (CONSTITUIÇÃO..., 1984, p. 236).

Sobre os castigos: salvo raríssimos casos, as correções, os castigos, nunca se deem em público, mas, em particular, longe dos companheiros. A prudência e a paciência do mestre são a chave para que o aluno compreenda a sua falta à luz da razão e da religião. Aconselha que devam ser banidos os castigos físicos e que o diretor torne as regras bem conhecidas. Dom Bosco ainda adverte na Constituição... (1984, p. 237):

Se em nossas casas se puser em prática este sistema creio poderemos alcançar grande resultado, sem recorrermos a pancadarias, nem a outros castigos violentos. Há quarenta anos, mais ou menos, que trato com a juventude, não me lembra ter usado castigo de espécie alguma. Com o auxílio de Deus, não só obtive sempre o que era de dever, mas ainda o que eu simplesmente desejava, e isso daqueles mesmos meninos dos quais se havia perdido a esperança de bom resultado.

O texto da Constituição Salesiana exposto até aqui leva a pensarmos em alguns elementos fundamentais que marcaram a ação pedagógica de Dom Bosco e mostra o que ele esperava dos seus continuadores. Portanto, no sistema educativo de Dom Bosco, o centro de tudo é a pessoa, o educador deve desenvolver um relacionamento que enseje confiança mútua de forma que o jovem se ache amado: “[...] é com a mansidão e caridade que deves ganhar esses jovens”. O resto vem por acréscimo. O jovem deve ser levado a entender que só ele pode se empenhar na própria formação, por isso, é preciso fazer com que ele adquira gosto pelo trabalho. Fazer o jovem sentir em si a dignidade do homem vai exigir abertura ao transcendente, formação de uma consciência moral própria, relacionar-se com Deus; dessa forma, eles vão desejar ser melhores (FERREIRA, 2008).

Diz a Carta de Roma: Versão da Constituição de 1984:

É impossível haver esse ambiente de confiança se ao relacionamento pessoa a pessoa – que tem por base o amor – se substitui um relacionamento baseado na frieza de um regulamento, um relacionamento entre papéis: diretor-professor, professor-professor, professor-diretor, diretor-funcionário.

Um ambiente de familiaridade e respeito é o segredo da educação salesiana. A

*Carta de Roma* adverte: familiaridade enseja afeto, afeto produz confiança. Para criar familiaridade, é necessário que os jovens sintam a instituição ou o serviço que lhes é prestado como algo de próprio e não de terceiros. O modelo de família inspira os salesianos a reproduzir a experiência de ‘estar em casa’, ou seja, os sentimentos, as atitudes, os ideais e os valores são comunicados de maneira vital. Outra qualidade é a alegria. Ela é condição, meio pedagógico e efeito da educação. O jovem deve ser amado e respeitado na sua forma de vida, na sua vivacidade, liberdade, atividade lúdica. Foi por isso que Dom Bosco fundou a Sociedade da Alegria, no início em Turim. Concorrem, também, para criar esse clima de alegria, além do pátio, o teatro, declamações, excursões, músicas e danças. O cumprimento do dever é outra característica.

O conteúdo humanístico do sistema preventivo aparecia no clima de liberdade que caracterizava sua metodologia. O jovem tem que se expressar como jovem. Mais do que sujeitar-se a uma instituição disciplinada, o jovem deve progredir na formação de sua consciência e de suas convicções, para adquirir autonomia no querer praticar o bem.

A Congregação que nasceu com Dom Bosco pode ser identificada como um testemunho constante de alegria e otimismo, mesmo perante as adversidades. A sua vida representa a luta árdua de um camponês pela sobrevivência e para satisfazer as necessidades de conhecimentos e estudos, que eram a sua paixão. A alegria representa uma arma usada contra os horizontes medíocres, as limitações da vida em muitos momentos da sua história. Desta forma, a alegria pode ser comparada à coragem diante da vida, no enfrentamento da realidade cotidiana.

Dom Bosco pode ser visto como um tronco forte, com base no qual nasceu essa Congregação que adotou como característica principal o perfil de família, ou seja, o lugar onde as pessoas se livram de todas as defesas e são apenas seres humanos. Dessa forma, pretendia que de camponeses se fizessem capazes de ultrapassar as barreiras e as distâncias sociais. Quando Dom Bosco morreu, em 1888,

A Sociedade de São Francisco de Sales contava com 774 religiosos professores e 267 noviços distribuídos por 57 centros na Europa (Itália, França, Espanha e Inglaterra) e na América do Sul (Argentina, Chile, Uruguai, Brasil e Equador). As filhas de Maria Auxiliadora, em número de 313, estavam distribuídas por 50 centros, Itália, Espanha e Argentina. (SCHIÉLÉ, 2008, p. 135).

Sendo a cidade de Juazeiro do Norte um lugar para onde se dirigiam os excluídos e deserdados dos bens materiais necessários à sobrevivência, castigados pelas secas periódicas que ocorriam no sertão nordestino, os sertanejos pobres buscavam o acolhimento espiritual e

material que o padre Cícero poderia proporcionar para as suas vidas. Enquanto o trabalho de Dom Bosco se concretizava com origem na juventude pobre da cidade de Turim, o padre Cícero, realizava um trabalho com os filhos da seca nordestina, entendendo que a religião, o trabalho e a educação constituem fatores fundamentais dessa empreitada rumo à transformação da realidade social.

O ideal do padre Cícero de levar a Congregação dos salesianos a Juazeiro do Norte justificava-se, também, pelas características da vida de Dom Bosco e da própria Congregação, que se estabeleceu por intermédio de ações coordenadas que permitem conjugar a atenção aos jovens e à sua educação, com a evolução da cultura e dos lugares concretos em que se edifica o sistema de valores de uma sociedade. Nas cartas do padre Cícero, anteriormente citadas, é possível observar elementos que traduzem uma busca de valorização da cultura local por meio da educação.

A sociedade juazeirense no final do século XIX e início do século XX, quando o padre Cícero começou a manifestar a sua vontade de trazer os salesianos, era marcada pelas desigualdades e discriminações em múltiplos aspectos, que constituíam o seu tecido social; portanto, aprender uma profissão e elevar o nível educacional da juventude eram qualidades ideais para ser um cidadão de bem, capaz de contribuir com o desenvolvimento local, sendo os salesianos um alicerce perfeito para edificar uma boa formação.

Educar a juventude passou a ser uma necessidade que se impunha cada vez mais diante de uma sociedade que se urbanizava rapidamente, em decorrência do êxodo rural e das romarias. Esse crescimento demográfico ditava novas regras de convivência no espaço cotidiano, pois, sendo a população juazeirense composta em grande parte de romeiros, era motivo de discriminação e preconceitos. A educação era vista pelo padre Cícero como uma das formas de resolver tal questão. Para isso, a educação foi sendo ampliada quantitativamente. Inúmeras escolas foram inauguradas, particulares, inicialmente; depois vieram escolas públicas. Uma escola católica, porém, seria fundamental para alcançar o ideal de desenvolvimento anelado pelo padre Cícero.

Na visão dele, era preciso instruir a juventude para que contribuísse com a grandeza dessa cidade que já tinha uma vocação para o desenvolvimento e para o pioneirismo. Nessa perspectiva, era de suma importância educar a juventude com formação voltada para a profissionalização, e, também, para uma doutrina religiosa. Segundo o padre Cícero, o fim último da educação era preparar o jovem em um Colégio Cristão, permanente, ou seja, uma instituição escolar que não deveria desaparecer com a morte do seu dono, como acontecia com as escolas particulares em Juazeiro do Norte.

Assim, o Colégio Salesiano São João Bosco se caracterizou como uma escola de cunho confessional, marcada por uma orientação religiosa e pela prática de ações pedagógicas que visam à valorização do ser humano, a profissionalização e a liberdade e autonomia para constituir o próprio destino.

Como vimos, compreender a pedagogia de Dom Bosco significa fazer um mergulho na identidade subjetiva do padre educador. Exige uma reflexão e questionamentos sobre o ator principal dessa história e os motivos que o levaram à escolha deste e não de outros caminhos para a edificação das suas ações religiosas e educacionais. A persistência em manter o Oratório, os desdobramentos e as incorporações eventuais ou de novos questionamentos e atitudes comportamentais são opções que definem momentos de sua vida e que precisam ser contextualizados para serem entendidos.

Esta pedagogia leva a percepções de intrincados movimentos interiores responsáveis pelos progressivos momentos de conquistas e ações advindas de circunstâncias constituídas numa mistura de razão e desejo. Seus momentos de escolha revelam circunstâncias sociais, políticas, econômicas, religiosas e profissionais. Essas narrativas, no entanto, que revelam a trajetória de vida e formação de Dom Bosco, parecem deixar escapar os significados que se escondem por trás da espiritualidade, do trabalho pedagógico que queria implementar. Convém frisar que ele não foi aceito inicialmente pela sociedade do seu tempo e, também, não se adequou aos conceitos pedagógicos então utilizados.

Neste misto de razão e desejo que anima o seu trabalho, foi guiado pela sensibilidade na observação do comportamento daqueles com quem trabalhava que fez nascer práticas pedagógicas de importante utilidade e inovadoras.

Sua atividade auferiu importância, porque trabalhava com uma juventude desencantada, com toda uma carga de desprezo e discriminação social. Nesta perspectiva de recuperar a autoestima desses jovens, propôs uma “pedagogia do amor”, pois a afetividade do jovem é a fonte de energia usada no trabalho de educação.

Alguns elementos se destacam como fundamento de sua doutrina: educar é coisa do coração; usar modos afáveis; tolerância ao exigir obediência; compreender suas faltas; no sentir do ponto de vista deles; no permitir que eles mesmos encontrem o caminho para a sua correção e próprio crescimento; afeto racional, ou seja, jamais conturbado por atitudes doentias. Acreditamos que é um elemento que resume o “amor” de Dom Bosco: respeito e amor filial sempre existente no Oratório Festivo. Este amor desperta neles um estímulo para a autoaceitação, para a criatividade, sentimento de dignidade pessoal, autoconfiança (FERREIRA, 2008, p. 13).

O oratório é o lugar do encontro – de criar amizade, começar a caminhar numa direção concreta, ter metas, sentir a possibilidade de ser, de crescer, de realizar-se. Assim, a pedagogia de Dom Bosco é mais que uma pedagogia de direitos, é uma “pedagogia de amor”.

Sobre amor e sexualidade, para Dom Bosco, a pureza e a castidade são a chave dos problemas dos jovens. Segundo ele, “Esta virtude é como o centro em que se reúnem e se convergem todos os bens; se por desgraça se perder, perdem-se com ela todas as virtudes”.

Dos educadores exige cautela, humildade e prudência. Devem estar atentos, preparados, porque eles mesmos podem ter problema de necessidade excessiva de afeto ou de êxito, de afirmação ou de domínio.

A afetividade deve deixar-se guiar pela *razão*; mas não se refere à fria racionalidade do filósofo ou do cientista, mas à compreensão do que acontece e o bom senso. Usar da razão é ser razoável. A educação deve ser como a verdade e não como a pressão emotiva e sentimental, mas com a verdade. Exigia do educando o que considerava essencial: o cumprimento de seus deveres.

Refletindo sobre a pedagogia salesiana e o seu encontro com a mentalidade da cidade de Juazeiro do Norte, percebemos que os conceitos gerados pela pedagogia de Dom Bosco possuem uma característica peculiar, uma forma diferente de abordar a juventude. O seu sistema preventivo parece bastante diferenciado e difícil de aceitação, principalmente no tempo em que ele criou os oratórios festivos, pois a sua proposta era completamente oposta à forma de educação praticada na época, com os seus fundamentos em teorias educacionais fechadas que exigiam uma adaptação quase adestradora, por parte dos alunos. O distanciamento entre educador e educando era, então, a parte mais difícil e importante para ser modificada e, assim, permitir o sucesso na utilização dos princípios do seu sistema preventivo.

Esta foi a forma encontrada por ele para elevar a autoestima dos alunos e, a partir daí alcançar os objetivos desejados. Trata-se, portanto, de uma pedagogia que se origina de uma experiência vivida e da sensibilidade de um homem que se preocupava com a juventude abandonada e com os jovens sentenciados que aguardavam a morte nas prisões de Turim. Ele acreditava que essa juventude seria salva se os jovens fossem educados com diálogo, paciência dentro de uma educação fundamentada nos princípios cristãos de São Francisco de Sales (CASTRO, 2002).

Alguns conceitos demarcam suas manifestações de cunho educativo, tais como: a *preventividade* é a marca de sua intuição pedagógica transformada em prática preventiva. Esse é um dos conceitos que compõem a sua pedagogia; o *espírito de família*, conceito originado de sua sensibilidade, consiste em uma forma de dar dignidade à vida daqueles jovens

abandonados e carentes. Tal visão delinea a essência do relacionamento educativo interno e externo do indivíduo; a *profissionalização* era, também, uma forma de autovalorização; a *arte* como expressão educativa faz parte do sistema preventivo: música, teatro, jogos e qualquer atividade cultural que venha a ser realizada no *pátio* podem ser utilizados como meio de expressão e valorização cultural dentro do fazer pedagógico salesiano; por fim, a *formação religiosa* é, também, uma manifestação de cunho educativo essencial do sistema preventivo, devendo estar associada ao sistema familiar e ao pátio, executada com alegria.

A relação educador e educando é importante no processo para manter essa ação pedagógica de confiança mútua, baseada na tríade: Razão, Religião e Carinho; este último é imprescindível no estabelecimento do ambiente familiar, pela identificação com atitudes de acolhimento, bondade, alegria e fraternidade.

Entendemos, como sugeriram os autores até então apresentados, que a educação se apresenta como um dos principais fatores que caracterizam a formação da sociedade e, nesta, esses atores encontram os elementos precisos para o manejo de muitos instrumentos necessários para se desenvolver dentro desse ambiente. Também compreendemos que a influência de fatores culturais, políticos e econômicos, e dos interesses particulares que desenham o tipo de relação nesse campo, o educacional, leva à formação de uma teia de relações que ultrapassam o processo de ensino/aprendizagem.

Por tal razão, apresentamos o capítulo a seguir, partindo dos conhecimentos que localizamos sobre a organização do Colégio, no que se refere a métodos de ensino, currículo, entre outros que identifiquem o seu desenho pedagógico, e assim, possamos ter uma visão dos valores e fundamentos para desenvolver o estabelecimento, indo em busca de elementos que identifiquem o uso da pedagogia ensinada por Dom Bosco.

## 4 O COLÉGIO SALESIANO DE JUAZEIRO DO NORTE ENTRE OS ANOS DE 1939 E 1950

### 4.1 Primeiros tempos da chegada

Os primeiros tempos da chegada fazem referência à primeira escola salesiana, os irmãos educadores e demais docentes colaboradores, bem como à organização pedagógica nas suas primeiras ações educacionais. Serão aqui apresentados tendo como principal fonte de referência *As crônicas da casa*. O artigo 170 dos Regulamentos manda ter em dia a Crônica da Casa onde se devem registrar primeiramente as notícias sobre sua natureza e escopo e depois todos os acontecimentos de alguma importância, com as respectivas datas. O artigo 171 manda conservá-la no Arquivo, e foi com base no arquivo inativo do Colégio que conseguimos recuperar as informações que ora apresentamos.

Alunos, currículo proposto e regime disciplinar como educação preventiva de Dom Bosco e a educação religiosa como ponto fundamental que alinha todo o caminho do saber constituem elementos considerados importantes na compreensão e interpretação das informações aqui examinadas.

Os salesianos em Juazeiro do Norte e sua proeminente *Salesianização da Nação Romeira* não é uma elaboração idealizada de forma unilateral, mas concretizada pela interseção de interesses apoiados por bases religiosas, econômicas, educacionais e culturais. É feita no entrecruzamento das forças sociais: filhos da terra e romeiros ou forasteiros e a Igreja, representada pela romanização mediante uma educação católica, ultramontana. Trata-se de uma dinâmica que consideramos ser de uma circularidade cultural, conforme modelo de Carlo Ginzburg (1985).

O que desperta a nossa atenção para a expressão circularidade cultural é a raiz dessa teoria. Aí encontramos o pensamento de Mikhail Bakhtin, comprometido com a totalidade, com a história, a prevalência social e a unidade dos contrários. O que tem de mais interessante para compor as ideias aqui processadas é que, em vez de procurar conflitos dicotômicos, ele busca a unidade dos contrários, visando a uma síntese dialética.

A palavra do outro é um elemento-chave do *dialogismo* bakhtiniano que pode ser aplicado à relação entre a língua e a cultura, por exemplo, abarcando a diversidade das práticas discursivas de maneira mais ampla e aberta. Isso nos leva a entender que o discurso não é uma obra fechada e acabada de apenas um indivíduo, mas é um processo heterogêneo, conjunção

dos discursos entre eu e o outro, e só se iluminam no contexto das mil vozes que nos rodeiam.

Para entender essa elaboração passo a passo, é preciso realizar um estudo sobre a gênese e a consolidação dessa Instituição Escolar de Ensino, procurando desenvolver uma análise sobre as circunstâncias que desencadearam sua formação e institucionalização. Analisar as intenções dos salesianos referentes à educação confessional e, em seguida, o desenvolvimento do Colégio como um espaço educativo e social que procurou em suas práticas pedagógicas socializar um discurso confessional teológico-cristão.

É importante compreender quais eram as intenções da educação dada à juventude, quais as relações entre os discursos e as práticas pedagógicas em um contexto em que o catolicismo popular era o próprio ar que se respirava e, assim, entender como nessa instituição escolar foi possível conciliar os dados discursos pedagógicos. Para tanto, buscamos analisar as diversas fontes que encontramos no arquivo do Colégio, considerando como documentos: Constituições e Regulamentos Salesianos, jornais, cartas, panfletos de propagação escolar, convites de formatura, ata da chegada dos salesianos à cidade e fundação do Colégio, crônicas, relatórios, livros de visitas, entrevistas, procurando estabelecer relações com aspectos políticos, sociais, culturais e econômicos.

O intuito ao analisar o perfil confessional do Colégio Salesiano São João Bosco é entender a confessionalidade assumida por seus dirigentes e a forma de assimilação pelo corpo docente, discente, administrativo e demais colaboradores, famílias e cooperadores.

O espírito missionário dos salesianos em conjunto com a sua ação educacional constituíram motivos para o desejo do padre Cícero que, em alguns momentos, desejou também trabalhar com a catequização de índios. De acordo com o historiador Oliveira (2001), esse espírito cristão-missionário impulsionou a formação dos jovens alunos desde o exemplo do trabalho que realizavam em 1894, no Mato Grosso, Amazônia, 1914, e toda a região do rio Negro, que era assistida por meio da cristianização levada pelos filhos de D. Bosco que evangelizaram toda a população daquela região. Com o sucesso desse trabalho, a Santa Sé, em 1925, confiou aos salesianos a evangelização da Prelazia, descendo da região amazônica limitada com a Venezuela e Colômbia, depois em Cuiabá até o norte de Mato Grosso. Os salesianos evangelizaram os Tucanos, Banivas, Piratapuins, os Bororos do Mato Grosso. A missão fracassou com os índios Xavantes, que assassinaram o padre Pedro Sacillotti e o padre João Fuchs em sua ação evangelizadora.

Segundo relato do padre Antenor de A. Silva, “hoje nossa missão entre os Xavantes é muito desenvolvida e como tal aceita por eles. Só como informação: um colega cearense de tal modo se adaptou à realidade xavante que apareceu na TV celebrando todo

pintado de Urucum e vestido apenas com uma bermuda. Alguns SDB's não gostaram”.

O pe. Cícero foi contagiado por esse espírito missionário que o levou a permanecer em Juazeiro do Norte e lembrar esses padres quando da elaboração do seu testamento final. Desta vez, a catequização se estendia aos romeiros forasteiros, considerados incivilizados, e aos filhos da terra, bem como à população em seu entorno, que se considerava o povo culto e civilizado daquele lugar, mas que não conseguiu entender o modo de viver e a cultura daquela população simples que ali chegava. Segundo Azarias (*apud* FEITOSA, 1984, p. 126-127),

Por um princípio metodológico de pastoral, o Padre Cícero virou povo com o povo [...]. ‘Invoca a tolerância dos Jesuítas na evangelização dos povos americanos, fechando os olhos a umas tantas usanças e superstições de nossos índios, ainda profundamente impregnados de fanatismo; e assim procedia na esperança de ganhá-los totalmente para Jesus Cristo, depois de, pela bondade e paciência, haver-lhe conquistado o coração’. [...] O povo não tem, não pode ter, horário ‘de relógio’ nem para os trabalhos, nem para as refeições, nem para as obrigações caseiras ou rotineiras que para distinguir do trabalho mais pesado e menos rotineiro, chama-se a ‘luta’. A resposta pastoral do Padre Cícero foi atender ao povo de acordo com a necessidade do povo. ‘Fazia o trabalho que se lhe ia apresentando, sem se preocupar com o resto, sem hora absolutamente pronta para nada’. Adaptou-se ao povo sem exigir que o povo se adaptasse a ele.

D. Joaquim, que não conseguiu entender, na atitude do Padre Cícero, um expediente pastoral, julgou aquilo uma desordem pessoal. [...] ‘Vou deixar-lhe por escrito um horário. Entendo que isso é indispensável para sua saúde e até sua vida interior’.

A resposta do pe. Cícero pode ser entendida como demonstração de entendimento para com a maneira diferente de ver a vida por parte daqueles sertanejos: “Vossa Excelência pode escrever o regulamento e eu muito lhe agradeço; porém, meu regulamento até hoje é não ter regulamento”. (AZARIAS *apud* FEITOSA, 1984, p. 126-127).

O testamento lavrado em 4 de outubro de 1923 comprova as intenções do padre Cícero, que, em diversas partes do texto, chega até mesmo a implorar pela ajuda dos padres salesianos:

[...] bens que ora deixo na maior parte, para a benemérita e santa Congregação dos Salesianos, a fim de que fundem aqui no Juazeiro os seus colégios de educação para crianças de ambos os sexos. [...] resolvi aplicar parte das mesmas esmolos recebidas em propriedades, visando fazer um patrimônio para ajudar uma instituição pia e de caridade que pudesse aqui continuar a obra bem fazeja. E porque, dentre todas as existentes, nenhuma se me afigura-se mais benemérita e de ação mais eficaz, e de caridade mais acentuada do que as dos bons santos discípulos de Dom Bosco, os beneméritos salesianos, a ele deixarei quase tudo que possuo, conforme adiante declaro. E rogo a esses bons e verdadeiros servos de Deus, os padres salesianos que me façam esta grande caridade, instituindo nesta terra uma obra completa. (MACHADO, 2001, p. 47, grifo nosso).

Para efeito de confronto entre a expectativa do padre Cícero em relação aos salesianos, temos, de acordo com o Capítulo 42 do Regulamento Geral, que compõe a quarta

parte da Constituição Salesiana:

A escola salesiana promove o desenvolvimento integral do jovem mediante assimilação e reelaboração crítica da cultura e a educação a fé, tendo em vista a transformação cristã da sociedade.

O processo educativo, conduzido com estilo salesiano e com reconhecida atividade técnica e pedagógica, fundamenta-se em sólidos valores culturais e responde à exigência dos jovens. O programa harmonize as atividades de formação intelectual e profissional com as do tempo livre.

Verifique-se periodicamente a validade dos conteúdos e das metodologias pedagógicas e didáticas em relação também com o contexto social, o mundo do trabalho e a pastoral da igreja.

A escola salesiana seja popular pela localização, pela cultura e pelos rumos que privilegia, e pelos jovens que acolhe. Organize serviços úteis à população da região, como cursos de qualificação profissional e cultural, de alfabetização e recuperação, fundos para bolsas de estudo e outras iniciativas. (CONSTITUIÇÃO SALESIANA *in* REGULAMENTO GERAL, Cap. 42, 1984, p. 133).

O aprendizado das línguas, da Antropologia e Etnologia é recomendado para os padres em missão, conforme o Capítulo 19 da Constituição Salesiana, assim como o respeito aos valores culturais e religiosos do lugar. É com esse espírito que, acreditamos, ter se dado esse encontro, que pode ser observado na foto 2, feita no Círculo Operário São José, em 1939,



Foto 2 – Sessão de Instalação Oficial da Congregação Salesiana em Juazeiro do Norte. Círculo Operário São José.

Arquivo: Renato Casimiro e Daniel Walker<sup>38</sup>.

<sup>38</sup> De acordo com Renato Casimiro e Daniel Walker: da esquerda para a direita, sentados: dr. Edvard Teixeira Férrer, promotor de justiça; Antonio Gonçalves Pita, prefeito municipal de Juazeiro do Norte; mons. Joviniano da Costa Barreto, pároco da Igreja-Matriz de Nossa Senhora das Dores; Dom Francisco de Assis Pires, bispo Diocesano de Crato; padre Antonio de Almeida Agra, diretor da comunidade Salesiana em Juazeiro do Norte; dr. Juvêncio Joaquim de Santana, juiz de Direito da Comarca de Juazeiro do Norte e padre Guido Barros, inspetor salesiano. Da esquerda para a direita, em pé: não identificado; José Bezerra de Melo; não identificado; não identificado; dr. Gregório Callou de Sá Barreto; José Bezerra de Menezes; não identificado; cap. Manuel Gonçalves de Araújo, delegado regional de polícia; não identificado, padre Davino Ferreira, da comunidade salesiana de Juazeiro do Norte; não identificado; Odílio Figueiredo; Antonio Soares da Silva; não identificado.

registrando a chegada dos padres salesianos à cidade. Chegaram à cidade e iniciaram as atividades, procurando o entrecruzamento de culturas.

## **4.2 Instalação oficial da Congregação Salesiana**

Com a morte do padre Cícero em 1934, os bens ficaram à disposição dessa Congregação, mas somente em 1939 apareceram para tomar posse da herança. Em razão da longa ausência, muitos dos bens foram ocultados, como comenta o sr. José Ferreira de Menezes, na carta endereçada ao padre José Bizerra, em 17 de julho de 1935, e esse foi um grande problema encontrado pelos padres salesianos, mesmo antes que chegassem a Juazeiro do Norte.

Conforme Ata da sessão de instalação oficial da Congregação Salesiana em Juazeiro do Norte, elaborada em 31 de março de 1939,

Os Salesianos acompanhados do Sr. D. Francisco e do Cel. Ananias Arruda chegaram a esta cidade às 8 horas da manhã, o Reverendíssimo Inspetor da Companhia, Padre Antonio Agra, digo o reverendo Padre Antonio Agra celebrou em frente à Matriz uma missa campal, após a qual S. Excia. D. Francisco Pires apresentou ao povo de Juazeiro os padres recém chegados, dizendo da sua obra maravilhosa que em breve se processaria nesta cidade. O inspetor da companhia Padre Guido Barra agradeceu comovido.

Os primeiros personagens dessa história de implantação do Colégio Salesiano são os padres: Guido Barra – Inspetoria; Provincial – padre Antonio de Almeida Agra; diretor do futuro Colégio – padre Davino; e o bispo de Crato, Dom Francisco de Assis Pires. Levariam adiante as negociações, então com o intuito de que essa obra fosse elaborada em conformidade com a Diocese de Crato e aceita pela população, que, dessa forma, faria as pazes com a Igreja Católica aceitando obra que era fruto, também, da luta dessa Diocese para benefício da cidade.

O rescrito com que o reitor-mor promulgou o Decreto de ereção canônica, cujo número é 423/39. A casa foi erigida canonicamente com o Decreto nº 1.259/39, de 7 de março de 1939, que contava São Francisco de Sales como padroeiro dessa Casa. (Arquivo Central da CASA GERAL, ROMA, 2010).

A chegada dos salesianos foi vista com muito otimismo pela população local, entre aqueles que estavam presentes e que foram citados na ata e na “crônica da casa”. O ato oficial de instalação da Congregação aconteceu na sede social do Círculo de Operário e Trabalhadores Católicos São José. Estavam presentes: Dom Francisco de Assis Pires, bispo Diocesano,

padre Guido Barra, inspetor dos salesianos do norte do Brasil, os padres Antonio de Almeida Agra e o padre Davino Ferreira que constituíram residência de Juazeiro do Norte, o prefeito municipal, cel. Antonio Pita, o vigário, monsenhor Joviniano da Costa Barreto, o padre Orlando Tavares, o padre José Correia, vigário de Barbalha, Odílio Figueiredo, presidente do Círculo Católico, Amália Xavier de Oliveira, diretora da Escola Normal Rural, o cel. Ananias Arruda, prefeito de Baturité, Ceará e procurador dos salesianos, nesta cidade, o sr. Deusdete Maia, suplente de juiz, Luiz Teófilo Machado, tabelião, dr. Mário Malzone, dr. Mozart de Alencar, Neli Sobreira, Generosa Ferreira Alencar, Doralice Matos, Alacoque Bezerra, José Bezerra de Melo, Olga Sobreira, Manoel Francisco Germano, o coletor estadual, José Fausto Guimarães.

À vista desses nomes e de outros que assinam a ata de instalação, temos configurada uma representação da sociedade de então, representando os “filhos da terra”, bem como os romeiros, dos distantes segmentos da população, manifestando igual interesse no trabalho e nas benfeitorias que eles trariam para a cidade.

As palavras do bispo traduzem pontos fundamentais dessa história. Primeiro, o trabalho realizado pela tarefa de educar a juventude, habilitando-a para o exercício de uma profissão e para a religião, mostra a compatibilidade de intenções, deixando claro que era a vontade do padre Cícero, Dom Francisco diz em seu discurso:

[...] cumprindo as vontades do inesquecível Padre Cícero Romão Batista, que em testamento lhe legara a maior parte dos seus bens, a fim de que fundassem nesta cidade uma escola para educação profissional e ensino primário, destinada aos meninos pobres desta propalada cidade, conseguindo o assentimento do superior da congregação aceitaram e aqui estão nesta hora, recebendo solenemente das suas mãos a investidura de ‘benfeitores da juventude de Juazeiro’, desprotegida da sorte [...] integrada no convívio social.

“Uma enchente de gente descomunal” eram essas as palavras utilizadas pelo padre Agra ao escrever a primeira *Crônica da Casa*, após a solenidade de abertura da obra salesiana na cidade. Assim, no dia 1º de abril de 1939, tem-se um padre surpreso com o que observa:

A notícia da chegada dos Salesianos se avoluma, a cidade ainda vibra e parece em festa. Aflui gente a cidade para tomar a bênção dos ‘Santos Padres’. Houve missa celebrada pelo Padre Agra que falou ao evangelho a mais de 2 mil pessoas. (CRÔNICA DA CASA, abr. 1939).

Era grande o número de pessoas que queriam se confessar. O movimento chegou ao auge, pois trabalharam até as 2 horas da madrugada. Muitos queriam se aproximar para entregar aos padres o que o pe. Cícero lhes confiara. Padre Agra se dividia entre os trabalhos litúrgicos, educacionais e de inspeção para conhecer e tomar posse dos imóveis que possuíam.

A chegada dos salesianos deixou a cidade em festa durante muito tempo, e, na medida em que a notícia corria, muita gente se aproximava deles para se confessar e tomar a bênção dos “santos padres”, assim chamados pelo povo simples desse lugar. As missas celebradas por eles passaram a ter uma grande quantidade de gente; as confissões, também, não pareciam ter fim, se estendiam até as duas horas da madrugada. Outros queriam entregar aos padres aquilo que o padre Cícero lhes confiou. Receberam telegramas de congratulações e de bênçãos do núncio apostólico e do arcebispo de Fortaleza.

Dom Bosco passou a fazer parte da vida religiosa da cidade. Este foi o primeiro impacto religioso causado pela chegada da Congregação, pois a população da cidade passou a conhecer e cultuar um novo santo. Os padres continuaram seu trabalho espiritual. Tinham a missão de pregar sobre Nossa Senhora Auxiliadora, Dom Bosco e Domingos Sávio.

O trabalho que eles desejavam fazer com a população ainda não era possível, naquele momento, por não possuírem uma igreja própria. Mostram-se, também, mais à vontade, quando, a partir do dia 12 de maio de 1939, mudou para sua casa, o que os deixou mais aliviados, por se sentirem em casa de verdade. Ainda não conseguiam, porém, fazer um trabalho religioso da forma como achavam necessário, por não terem ainda uma Igreja própria. Enquanto isso, utilizavam a Capela do Círculo Operário São José.

A demonstração de carinho da população não tinha fim. A cada dia os salesianos recebiam mais visitas e presentes. Padre Agra começou a tomar posse dos bens. Um deles foi o sítio Catolé, que antes estava arrendado à beata Mocinha. O pároco continuou o seu trabalho na cidade dividido entre funções administrativas, por meio das inúmeras visitas aos sítios por ele herdados, as viagens a Fortaleza, Recife e outras cidades mais próximas onde se encontrava com autoridades para resolver problemas de interesse da Congregação e, também, realizar as funções da igreja.

Padre Agra celebrou uma missa na capela improvisada no próprio oratório, onde pôde contar com trinta oratorianos e umas cinquenta pessoas, embora fosse um dia de muita chuva. À tarde compareceram ao catecismo cerca de oitenta e cinco meninos. A “[...] procissão do Corpo de Deus causou profunda comoção à atitude de nossos oratorianos. Rezavam e cantavam piedosamente”. (CRÔNICA DA CASA, maio 1939).

[...] o batalhão compacto de oratorianos, muitos deles sujos e mulambudos, mas compenetrados do próprio dever, de livrinhos de oração aberto a soltarem seus cânticos novos para a terra e agradáveis para todos os ouvidos num côro uníssimo em homenagem ao Rei dos Reis. (CRONICA DA CASA, maio 1939).

Outro episódio da mesma natureza, ou seja, “comovedor”, envolvendo os

oratorianos foi a cremação das cartas à Virgem Santíssima. “Enquanto espirais de incenso subia ao céu, os meninos entoavam hinos”. O fato acontecia no final do mês de maio quando eram convidados a escrever bilhetes ou cartas a Nossa Senhora Auxiliadora, fazendo pedidos e agradecendo favores.

É um dos trabalhos mais importante que compõe a obra salesiana, sendo o ponto alto das suas ações junto à juventude pobre, em todos os lugares onde se instalam. Naquele período registraram o número de 85 meninos assistindo ao catecismo e missas bem frequentadas e os registros mostram que a frequência aumentava a cada mês, passando em maio para quase 100 meninos e depois 120. Era costume, após as aulas, os alunos dirigem-se para a residência dos padres, na rua Padre Cícero, para rezar as orações da noite, constituindo uma ação importante de aproximação da juventude com os padres.

Os irmãos educadores e demais docentes e colaboradores foram importantes para união de esforços que possibilitaram o trabalho com educação escolar da juventude, que teve início no mês de outubro de 1939, quando foi inaugurada a Escola do Horto, com 100 vagas, para crianças de ambos os sexos: “foram colocadas duas professoras às nossas custas”. (CRÔNICA DA CASA, out. 1939). O Horto é, até hoje, um dos bairros onde se concentra considerável número de católicos “fanáticos” e muita pobreza. Não encontramos mais informações sobre a continuidade e, mesmo, o fim dessa escola.

Em janeiro de 1940, chegou o padre Davino, que, de acordo com Cícera Viana da Silva, “Comentam que houve verdadeira atração do povo da época em torno desse sacerdote o modo como os antepassados se referem a ele, tudo indica que teve grande influência evangelizadora, o chamavam de meu ‘Padim Davino’”. Ele veio do Recife em companhia do clérigo Saraiva, que veio se juntar à comunidade salesiana na cidade. Ele começou ajudando com o catecismo da paróquia. Até aquele momento ainda não era possível organizar da forma devida, o Oratório Festivo. Mas, em 28 de abril do mesmo ano, “Inauguramos a sede provisória do Oratório Festivo em uma das nossas propriedades é a casa de dr. Floro. Foi criada e conservada para o Oratório”. (CRÔNICA DA CASA, abr. 1940).

No dia 1º de abril de 1940, ainda segundo a Crônica da Casa, dá-se a inauguração das aulas noturnas. São bem frequentadas e funcionam em uma das salas da casa dos padres. Havia, inicialmente, 25 alunos matriculados e frequentando regularmente. “Ensina-se a ler e a escrever e principalmente a rezar e Já cantam e rezam bastante bem”, comenta o padre Agra. No mês de maio, inaugura a sede das aulas noturnas em uma de suas casas situada à rua São José. Naquele momento registram a matrícula de 93 alunos, marcando o início de uma profunda e importante intervenção na vida social e cultural da cidade, que aconteceu entre os

anos de 1939 e 1940.

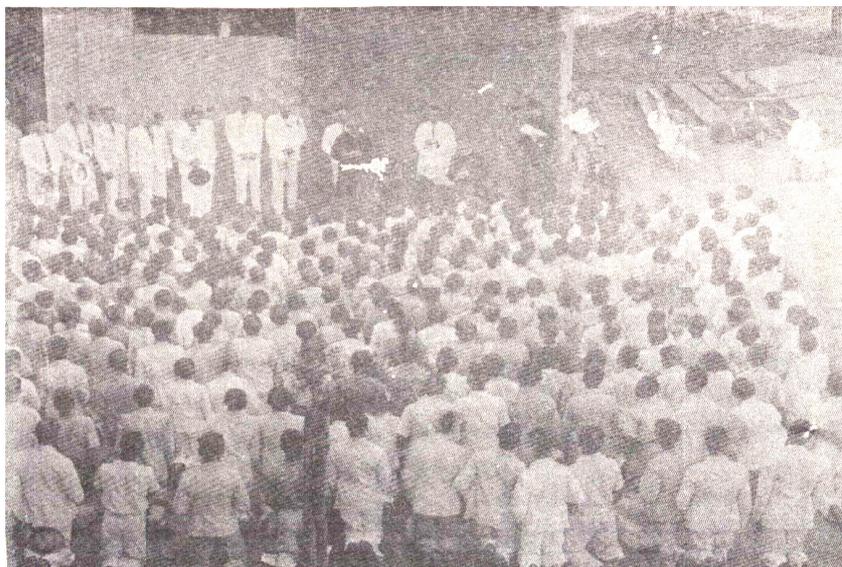


Foto 3 – Alunos do Oratório Festivo e o padre Agra (1942).  
Arquivo: padre Antenor de Andrade Silva.

Segundo o padre Antenor, no seu livro *Padre Cícero*: mais documentos para a sua história, na foto seguinte são identificados o padre Agra, discursando no auditório do Colégio e, na parte de trás, fardados, estão os alunos do Colégio Salesiano de Cajazeiras-PB: “Sessão Inaugural, 1940”.

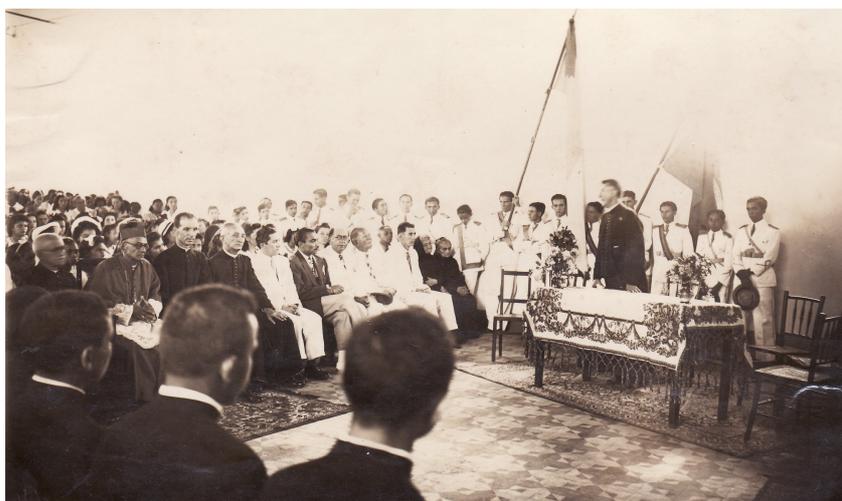


Foto 4 – Sessão Inaugural, Colégio Salesiano São João Bosco (1940).  
Arquivo: Colégio Salesiano de Juazeiro do Norte (CSJN).

Quanto à identificação das pessoas na foto, o professor doutor Renato Casimiro diz que, na fila da frente, sentados, se veem, da esquerda para a direita: um padre não identificado, Dom Francisco de Assis Pires, padre Guido Barra, mons. Joviniano da Costa

Barreto, dr. Edward, dr. José de Sousa Menezes, cap. Manuel Gonçalves de Araújo, outros não identificados, a beata Mocinha (identificada por nós) e o padre Antonio de Almeida Agra (falando, à frente). De acordo com padre Antenor A. Silva, nesta foto deve-se encontrar, também, o padre Antônio Campelo de Aragão, diretor do Colégio Salesiano de Cajazeiras (fechado em 1959). Dom Campelo foi um dos grandes bispos salesianos. Diz a história que os salesianos tanto de Juazeiro do Norte como de Cajazeiras viviam muito isolados por isso se visitavam mutuamente para rezar juntos e falar sobre seus problemas.

O professor Luiz Magalhães diz em entrevista que foi em 1939, quando o “mons. Joviniano me apresentou ao padre Agra e, este me convidou para fazer um curso”, neste momento iniciou um longo período de dedicação ao Colégio. Foram 30 anos e depois mais 24 após a sua aposentadoria.



Foto 5 – Instituto Salesiano em Juazeiro do Norte, rua São José (1939).  
Primeira casa da direita para a esquerda.  
Arquivo particular: Renato Casimiro e Daniel Walker.

O referido professor é testemunha da história dos salesianos em Juazeiro do Norte desde a chegada até os dias atuais. Comenta o professor Luiz Magalhães que, depois que os salesianos se instalaram no Círculo Operário, conseguiram de José Rocha Magalhães (Rochinha) uma casa grande situada na rua São José, onde funcionaram todas as séries iniciais do curso primário. Afirma que existiam alunos ricos e pobres sempre na escola noturna; e que, da mesma forma, aconteceu no Colégio Salesiano depois de 1942; os alunos pobres que estudavam no curso diurno dependiam da caridade dos padres. “Só entravam ricos da carta do ABC ao 4º ano”.

No início eu era aluno particular e fazia curso à noite [preparatório para ser professor] e ao mesmo tempo ensinava no 1º ano as disciplinas: Português, Matemática e Geografia. Na época tinha os padres Antonio Agra, João Damasceno

Penha, Paulo Monetta, Egídio Bourignon que era professor de música. Eu ajudava na parte administrativa e, também, na organização e venda de imóveis. Depois de trinta anos, me aposentei, mas continuei como encarregado da biblioteca por mais 24 anos. Nunca explorei a mensalidade [salário] eles pagavam como queriam. Mais prá frente houve greve, houve muita expulsão, mas eu não participei. (Entrevista: LUIZ MAGALHÃES, Juazeiro do Norte, 2009).

Apesar da grande aceitação, houve, também, aqueles que eram contra a presença daqueles padres, segundo afirma, em entrevista, Cícera Viana da Silva, ex-professora do Colégio, e Filomena<sup>39</sup>, uma cooperadora da comunidade salesiana, ensejando, assim, momentos de tensão como os que relatamos a seguir:

[...] A chegada dos salesianos aqui no Juazeiro, não foi aceita por muitas pessoas, houve uma acentuada rejeição. Diziam: estes não são os Padres salesianos que meu 'Padim Ciço' falava, quando chegar os verdadeiros salesianos (uns diziam) serão de pé descalço (outros diziam) serão de sandália (chinelo) e outros afirmavam serão de batina branca.

Mesmo com essas tensões, parecem ter sido bem recebidos pelo povo, o que iria facilitar acomodação segura às novas situações que enfrentariam naquele momento. Observa-se, também, que a maioria dos padres era de brasileiros. Para o padre Agra, mesmo sendo nordestino, não conseguiu evitar o choque cultural neste encontro. Assim, foi sendo composto o quadro inicial de padres salesianos: padre Antonio de Almeida Agra e padre Davino Ferreira; em 1940, chegou o clérigo Saraiva para auxiliar nos trabalhos.

O primeiro contato que esses padres tiveram com questões relativas à cultura local refere-se a uma notícia que se espalhou sobre Cristo-Rei. Padre Agra escreve na Crônica da Casa, de abril de 1939, que todos querem que os salesianos digam que Cristo-Rei não é Deus. Há uma dificuldade por parte de alguns em aceitar a divindade de Cristo Rei. Essa confusão entre os salesianos e membros considerados mais fanáticos da cidade estendeu-se até o ano de 1943, quando padre Antônio Agra celebrou missa na Capela do Perpétuo Socorro. Após a saída, o padre diretor encontrou João Marcolino e seu batalhão:

[...] João Marcolino, cheio de si, zombeteiro e arrogante galga os degraus da estátua do Padre Cícero e inicia o seu discurso atacando violentamente os padres salesianos. Mas, um grupo de romeiros decididos e corajosos então o hino a Cristo Rei. Quanto mais blasfemava o chefe herético, mais retumbava o cântico dos romeiros fiéis e sinceros. Não pôde o chefe continuar a discussão e engrossava o aparte, aumentaram as vaias aos capões contra a comitiva de herege. A intervenção do

---

<sup>39</sup> Entrevista realizada em 2011 com Cícera Viana da Silva, professora primária no período de 1964-1975, e Filomena, uma cooperadora salesiana na mesma data, sobre o seu trabalho junto com os padres. Elas ainda residem em Juazeiro do Norte, nas proximidades do Colégio Salesiano.

professor Egídio que animara os romeiros mandando chamar a polícia [...]. João Marcolino não se entregou e, seguindo para S. Miguel desabafou-se, rompendo com todas as regras da educação, injuriando os Salesianos e ofendendo a memória do Padre Cícero. Intimado pela autoridade mostrou-se grosseirão e atrevido, obrigando o delegado a prendê-lo. O fato causou má impressão na cidade e o João Marcolino acha-se recolhido [...]. (CRÔNICA DA CASA, abr. 1943).

Esse é um momento de enfrentamento com a cultura local. Um homem e seus capangas, defendendo o que ele considerava correto: “o Cristo Rei” é o comunismo – foi isso que ele aprendeu. Aos salesianos ficava o desafio de romper com essa forma de interpretar as questões religiosas e políticas locais, que via no Cristo Rei a representação do comunismo que para eles era o verdadeiro herege. Os salesianos tentaram romper com essa visão e ganharam inimigos. Essa era uma representação da cultura imaterial do lugarejo, contra a qual o padre Cícero também teve que lutar, embora sua estratégia tenha sido bem mais sutil. Certas simbologias fazem parte do tecido social da cidade mediante uma elaboração cultural mítica. A convivência com fanáticos e flagelados, conforme Crônica da Casa (abr. 1943), que “encontram aos montes pela rua”, é o cenário de desafio que esses padres tiveram que enfrentar.

Outro ponto de conflito foi a história do sítio Faustino ou Caldeirão que, naquela época, era conhecido como um foco de fanáticos e bandoleiros, acusado, também, de acobertar jagunços armados. Para outros, era uma República de Comunistas. Na verdade, o Caldeirão era um espaço em constante ebulição, onde se enfrentaram inimigos das duas cidades vizinhas e da Capital, mesmo antes da chegada dos salesianos em Juazeiro do Norte. O fato é que, por ser um homem rude e apresentar uma devoção católica exagerada, o beato José Lourenço, como a maioria dos sertanejos, teve suas atitudes utilizadas para legitimar o extermínio da comunidade.

Pelas leituras feitas sobre a história da Congregação nesta cidade, este foi o pior momento para esses padres. Por isso, consideramos relevante mostrar a versão dos padres salesianos, para este episódio. Antes, porém, queremos lembrar que foi convocada uma reunião na vizinha cidade de Crato, lugar que dedicava um desprezo temível pelos fatos de Juazeiro do Norte. Estavam presentes diversas autoridades – religiosas, civis, judiciárias, militares e do governo. Foi este o primeiro momento histórico em que foram vencedores aqueles que lutavam contra o fanatismo da cidade. Muitas versões foram elaboradas e pretendemos mostrar a versão escrita por um padre salesiano – Antenor de Andrade Silva:

É neste contexto, pelo fato de estar presente naquele grupo, que o Padre Agra é condenado por alguns. Não vejo, no entanto, culpa no diretor dos Salesianos. Sabemos do esforço que ele desenvolveu para convencer José Lourenço a entregar o

sítio Faustino. Não conseguiu. Por outro lado, como religioso, o desejo do seu bispo, Dom Francisco, era para ele uma ordem. Daí seu interesse, sua insistência em tratar pacificamente com José Lourenço, mesmo porque para os salesianos era de toda conveniência resolverem o quanto antes aquela diatribe. Não se pode esquecer que o representante dos herdeiros do padre Cícero estava cercado por todos os lados. Da parte do senhor bispo e seus padres, do próprio superior dos Salesianos, Pe. Guido Barra (INSPETOR), da parte de muitos outros que tinham o José Lourenço como 'persona non grata'. (SILVA, 1989, p. 49-50).

Desta forma, parece-nos que o padre Antenor visava a alertar para uma reflexão contextualizada no tempo e no espaço social em que o fato se desenvolveu, ou seja, embora não lhe coubesse a decisão, o padre Antonio Agra foi considerado personagem central, responsável pelo massacre.

Ainda no ano de 1939, iniciaram-se as negociações para criação do Colégio Salesiano São João Bosco. Uma obra tão valiosa, como a dos salesianos, não poderia ficar restrita à educação da juventude pobre, com cursos primários e profissionalizantes. Além disso, a cidade não tinha escola para formar a juventude que desejava dar prosseguimento aos estudos e possibilitar o ingresso em faculdades. Esta escola seria a primeira a formar, especialmente os homens, que eram considerados os verdadeiros responsáveis pela elevação da sociedade juazeirense em todos os aspectos. Outras questões merecem atenção, porém:

O pessoal de responsabilidade de Juazeiro em grande número apresenta ao Padre Agra um memorial com mais de 200 assinaturas pleiteando um colégio equiparado. Houve troca de discurso. Concretizada a idéia ficou acertado de uma comissão de ir a Recife pleitear a licença e levar a oferta de 50:00 contos para o empreendimento. (CRÔNICA DA CASA, abr. 1939).

Esta ação da comunidade tornou-se a mais importante, quando, no mês seguinte, uma comissão composta do mons. Joviniano Barreto, dr. Juvêncio Santana, cel. Antonio Pita e padre Agra foi ao Recife tratar da criação de um colégio secundário para Juazeiro do Norte, levando a quantia de 60 contos para iniciar a obra. Estando no Recife, o padre Guido Barra atendeu ao pedido. Logo após o acontecimento, a notícia foi transmitida pela rádio Clube de Pernambuco e acolhida com festa pelo povo da cidade.

A ação seguinte foi a escolha de um local para iniciar a construção do Colégio. Essa escolha foi feita pelos padres em colaboração com alguns homens de projeção da cidade, como eles chamam. A praça de São Francisco foi a primeira a ser pensada, mas não se concretizou (CRÔNICA DA CASA, maio, 1939). No mesmo mês, entraram em sua residência. Queixaram-se, também, da falta de uma igreja para realizar as suas funções.

Nossa situação em Juazeiro ainda é precária. Só estaremos bem e desafogados podendo concretizar algum trabalho com o povo quando ao menos tivermos uma

Igreja. O ideal seria o campo ser unicamente dos salesianos. Estamos um pouco constringidos. (CRÔNICA DA CASA, maio 1939).

Dando continuidade às demonstrações de aceitação a essas manifestações que foram aos poucos institucionalizando a obra salesiana na cidade, o ecônomo inspetorial e o diretor do Instituto Pedagógico de Jaboaão, o padre Antônio Della Via visitaram o Colégio por volta de 1940. Consta que foram bem recebidos pelos “romeiros e pelas autoridades mais eminentes do lugar”. Denominado dessa forma, tem-se o perfil da sociedade reconhecida pelos padres que já estavam conscientes da separação social que existia entre esses atores.

Eles transformaram, também, o carnaval em uma atividade educacional religiosa. O carnaval era uma atividade festiva da cidade incorporada na vida social por Floro Bartolomeu em 1925. Os salesianos aproveitaram a ocasião para reunir a juventude da cidade e afastá-los dessa festa profana:

O carnaval ocorreu muito alegre no oratório festivo; como nos outros domingos, a missa foi muito concorrida. À tarde, após o catecismo, houve inúmeros brinquedos. [...] Nossos alunos fizeram um pouco de adoração a S.S., na capela do orfanato, onde o santíssimo ficou exposto de 8 às 11 da manhã. À tarde interessantes brinquedos atraíram as crianças e o povo ao campo do futuro colégio. (CRÔNICA DA CASA, fev. 1941).

Consta no Jornal Juaonline<sup>40</sup> que o primeiro carnaval em Juazeiro do Norte foi ideia de Floro Bartolomeu, em fevereiro de 1925. Na época, ele era deputado federal. Veio do Rio de Janeiro e trouxe as primeiras fantasias para formar os blocos que deveriam desfilar pelas ruas da cidade. Três blocos foram formados: Bloco das Bananas, sob a liderança de Albertina Brasileiro; Bloco das Mexicanas, liderado por Ivoni, Bellkiss e Ayta Suliano de Albuquerque; e o Bloco dos Cavadores, liderado por Walmique Gomes, Vicente, Dão Leite, Vicente Roque de Menezes e José Matias. Além do desfile em que foram utilizados dois dos dez automóveis que existiam na cidade, à noite, Floro Bartolomeu promoveu um baile de máscaras para as famílias carienses em sua residência. As mulheres se vestiram de Colombina e Floro se vestiu de Pierrô. Foi o primeiro carnaval do interior cearense (JUAONLINE, 21 ago. 2007, n. 17).

A obra salesiana foi se avolumando e tomando conta de muitos espaços sociais. Nesta mesma proporção, os padres foram conquistando o povo da cidade e constituindo locais mais propícios para a realização do seu trabalho.

---

<sup>40</sup> Jornal eletrônico para divulgação de Juazeiro do Norte, fundado em 2005. Editor: Daniel Walker. Diretor de Arquivo e Circulação: Renato Casimiro. Consultor Técnico: Arnóbio Caneca Junior. Revisora: Tereza Neuma.

Os padres salesianos também foram crescendo em número. Havia, então, padres procedentes de Manaus, o salesiano Egídio Bourtignon, e do Recife o padre José Calazans de Figueiredo, uma vez que o número de alunos também foi aumentando, contando com 140 estudantes no período noturno, mas o padre Calazans não permaneceu em Juazeiro do Norte, partiu para Recife no mesmo ano. O padre diretor levou ao Crato o padre Calazans, a fim de apresentá-lo ao bispo.

A capela do prédio novo que estava em construção. A celebração da primeira missa na capela do novo prédio aconteceu no dia 1º de janeiro de 1941, celebrada pelo padre Antonio de Almeida Agra.

A abertura das aulas diurnas ocorreu em 24 de março de 1941. Aqui aparece de forma solene: “Às 8hs da manhã, na sala principal do Instituto, o padre Agra reúne os alunos, em número de 20, para dar-lhes alguns avisos. Haverá somente o curso primário. O primeiro aluno a matricular-se foi Robinson Xavier de Oliveira”. (CRÔNICA DA CASA, mar. 1941). Jackson Matos foi o primeiro representante da escola diurna, e Gonçalo representante da escola noturna. Seu sobrenome não aparece no documento pesquisado e, também, nas listas com nomes de alunos que pesquisamos, até o momento.

E seguiu a rotina do Instituto, com aulas noturnas e diurnas, missas com a participação dos alunos, inclusive, cantando em Latim. Eram constantes as manifestações de bom relacionamento com o bispo do Crato, mediante a participação deste nas funções religiosas da catedral, em Crato. Em contrapartida, houve também intensa participação do bispo nas ações do oratório e das missas. Revela-se um cotidiano dinâmico que instituiu a obra salesiana na cidade. Os salesianos continuaram recebendo visitas e hospedando padres e amigos, como é o caso do sr. Ananias Arruda, que visitou o Colégio em diferentes momentos.

A escola de canto dirigida por um professor europeu, chamado Egídio, era um elemento importante nessa conquista, assim como sessão literária e música, com uma programação variada, são também levadas a sério.

A escola de canto era motivo de orgulho e “ficou gravado na minha memória. Ele gostava de cantar, sua voz era forte. Eu ainda garota admirava o seu porte diferente do nosso”. São lembranças de Cícera Viana da Silva, afilhada de Amália Xavier de Oliveira, que, mais tarde, se tornou importante no quadro de professores do Colégio.

De acordo com a Crônica da Casa (nov. 1941),

Viaja para Cajazeiras o Rvmo. Pe. Antonio Agra, professor Egídio, clérigo Saraiva e a escola de canto para as grandes solenidades de inauguração do Santuário da Virgem Auxiliadora. Permanecem em Cajazeiras dois dias 7 e 8. O orfeão de Juazeiro exibiu-se magnificamente no santuário, no almoço e no teatro.

Com a doença do padre Agra, o padre Paulo, professor Egídio e o clérigo Antonio Saraiva passaram a residir temporariamente na casa da “beata Mocinha” e, quando o diretor apresentou melhoras, o médico recomendou que ele fosse para o sítio do prefeito, onde repousou por algumas semanas. Esse contato estreito com figuras “proeminentes” da cidade, ou seja, a beata, grande companheira do padre Cícero, e o prefeito da cidade, são indicativos do poder e do bom relacionamento que os salesianos conquistaram diante da população, fato que só contribuiu para o desenvolvimento do Colégio.

O Colégio estava cada vez maior, tendo encerrado o ano de 1941 com uma matrícula de 152 alunos do curso diurno e 300 no período noturno, de acordo com a Crônica da Casa (nov. 1941). Era composto por um corpo administrativo formado por padres salesianos, que, entre os anos de 1939 e 1941, se apresentou da seguinte forma: padre Antonio de Almeida Agra e o padre Davino, 1939; chegou o clérigo Antonio Saraiva, em 1940; juntam-se ao grupo o padre Paulo Monette, o leigo Egídio Bortignon e o padre João Damasceno, em 1941.

De acordo com Cícera Viana da Silva, o padre João Damasceno era evangelizador e “médico popular” e afirma que ele,

[...] era simples e revestido de virtudes que atraía a população para as suas pregações. Era um corre-corre daquelas senhoras quando sabiam que ELE estava aqui em Juazeiro. Tinha atenção para cada pessoa que dele se aproximava, sempre com um sorriso acolhedor. Embora em tenra idade memorizasse seu sorriso e modo de falar com as pessoas. (Entrevista: CÍCERA VIANA DA SILVA, Juazeiro do Norte, 2011).

As crônicas evidenciam a forma como os padres viam esse lugar, longínquo e desolador, embora em termos sociais, divisavam as diferenças como uma separação entre esses personagens a quem chamavam de romeiros e autoridades, sendo algumas, até, “mais eminentes”. Enquanto a população local fazia demonstrações de total aceitação da obra salesiana, o que era evidenciado pelas missas “concorridas” e sessões de inauguração, os festivais oferecidos pelos oratorianos que tanto encantavam o povo do lugar, de acordo com as crônicas em vários trechos, é dito que o “povo vibrava calorosamente” e os visitantes, bem como pelos fartos banquetes oferecidos ao padre Agra quando regressava de viagem longa, como para o Rio de Janeiro, por exemplo.

#### *4.2.1 Escolas profissionais*

As escolas profissionais, aquelas destinadas a ensinar as artes e ofícios manuais, começaram a ser pensadas neste mesmo ano. É tanto que o diretor do Colégio foi a Fortaleza

para tratar do assunto com as autoridades competentes. Esta preocupação com o ensino profissionalizante vinha do padre Cícero que, superando a ideia, vigente em sua época, que considerava desonroso o trabalho manual e dava ênfase à educação literária e retórica das elites, de forma diferente, ele via no aprendizado profissional uma esperança para as famílias pobres alcançarem ascensão social com a formação de seus filhos aos serem transformados em peritos em uma arte ou ofício.

De acordo com o Almanaque do Cariri (1949), a escola profissional ofertava cursos de marcenaria, fundição e mecânica geral; e a fábrica de relógio, tendo naquele momento já distribuído pelo Brasil mais de cinquenta máquinas acompanhadas dos respectivos sinos. Na Crônica da Casa, há um registro da exportação do primeiro relógio: foi para São João do Arraial (vendido por 12,500 CR) ao padre José Teixeira, em outubro de 1941. Na foto abaixo, temos o fundador dessa fábrica, Pelúcio Correia de Macêdo, que passou a ser de propriedade dos salesianos:



Foto 6 – Fábrica de Relógios  
Arquivo: CSJN.

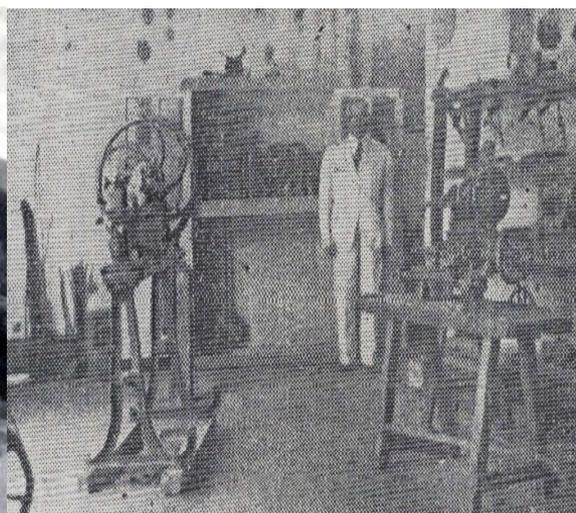


Foto 7 – Pelúcio Correia de Macêdo.  
Arquivo: Almanaque do Cariri (1949).

O desejo do padre Cícero está sendo concretizado com as oficinas. Fica registrada na Crônica da Casa a fabricação de uma cadeira de barbeiro, comentando que nada deixa a desejar daquelas fabricadas em São Paulo. Esta foi fabricada pelo sr. M. Barros. E parabeniza ao padre diretor. A marcenaria estava em pleno funcionamento, tendo como um dos funcionários o mestre Joaquim Salustiano, que faleceu no dia 24 de fevereiro de 1942. Foi em 26 de fevereiro de 1944, sob a direção do padre Luiz Mendonça, que se iniciou o “prolongamento” da oficina de mecânica e marcenaria para a sede da futura oficina de alfaiate e sapateiro.



Fotos 8, 9 e 10 – Oficinas de Mecânica, Marcenaria, Alfaiataria e Sapataria (1950).  
Arquivo: CSJN.

Desta forma, os salesianos cumpriram, de início, a missão que também lhes fora atribuída pelo padre Cícero, por meio do testamento, bem como a assistência às crianças pobres, pois, em diversos momentos dessa história, apareceram os oratorianos, sejam em missas, comemorações na cidade, nas brincadeiras com os padres, que também se divertiam com o “Reisado do Rei Congo” (direção de Benedito) expresso na Crônica da Casa, com um momento em que se reúnem muita gente e muita alegria. Não era somente com o trabalho que os alunos menos abastados ocupavam seu tempo. Os estudantes das escolas profissionalizantes poderiam participar de um curso noturno, ofertado pelos padres, aos adultos, com a intenção de reduzir o analfabetismo.

Esse trabalho foi realizado durante muitos anos. Entre os encarregados das oficinas, destacamos, também, o sr. Pedro Mielle. Ele era paulista, estudou no Colégio Santa Rosa em Niterói, Estado do Rio de Janeiro, e fez o noviciado em Lavrinhas, São Paulo. Quando chegou ao Colégio Salesiano, o diretor era o padre Lourenço Gatti, em 1950, e ficou até o ano de 1967,



Foto 11 – Leigo Pedro Mielle (1950).  
Arquivo: CSJN.

sob o comando do padre Osvaldo Honório de Freitas. Faleceu em Juazeiro do Norte em 1967, e seus restos mortais estão no túmulo da família salesiana em Juazeiro do Norte.

A interação com os diversos segmentos da sociedade local deixou transparecer uma cordial colaboração com o trabalho dos padres recém-chegados. Em meio aos problemas de instalação das obras, os padres deram prosseguimento aos trabalhos de sua pastoral, ocupando o espaço social e político correspondente ao que foi traçado, pelos bispos do Brasil, em seu projeto de cristianização. Portanto, as procissões e o certame catequético devem ser vistos como indicativos da sua pastoral.

### 4.3 Procissões, vocações e desfiles cívicos

A chegada do clérigo Saraiva, em fevereiro de 1940, foi marcante para o início da missão católica salesiana na cidade. Com ele deu-se prosseguimento ao catecismo e ao início do Oratório Festivo, bem como ao certame catequético, o primeiro anunciado na Crônica da Casa em novembro de 1940, reunindo com muita animação todos os alunos, a diretora da Escola Normal Rural, Amália Xavier de Oliveira, e suas alunas, e outras autoridades da cidade. O evento constou de catecismo, liturgia e missa, com a condecoração de um aluno (cujo nome não aparece), com medalha de honra, pela diretora Amália Xavier de Oliveira.

Antes, porém, mais precisamente dois meses após a sua chegada, foi realizada a festa da Ascensão do Senhor.

Nêste dia houve missa para os oratorianos que apesar de ser um dia de movimento comercial tivemos quase 100 meninos na santa missa. Após a missa o padre diretor bateu uma chapa. A tarde o catecismo foi muito concorrido. Segundo domingo após a fundação do oratório o santo sacrifício foi muito concorrido, além dos 100 meninos que tomaram parte na missa havia mais 200 pessoas. A tarde desse mesmo dia o catecismo teve uma freqüência de 120 meninos. (CRÔNICA DA CASA, maio, 1940).

Os salesianos abriram as portas para a juventude, por meio da sua participação na preparação das festas. Ensaios de canto, de teatro, eram atrativos para os jovens, como, por exemplo, na festa de São Luiz Gonzaga, a 21 de junho de 1940. Eles nunca esqueciam os deveres eucarísticos – a missa e a confissão eram fundamentais para o início do trabalho. Assim,

O Padre Agra e os oratorianos executaram a ‘*Missa de Angelis*’ com grande desenvoltura causando admiração aos presentes. O teatrinho nada deixou a desejar.

Foi assim que S. Luiz foi festejado solenemente pelos filhos de Dom Bosco que vivem nestas plagas cearenses. (CRÔNICA DA CASA, jun. 1940).

A cultura salesiana se fez presente na cultura sertaneja, por meio dos cânticos dos oratorianos, que se exibiam para a sociedade por meio da festa em homenagem ao Rei dos Reis, e também o culto a Maria Auxiliadora. Este feito merece destaque na crônica:

No segundo ano de sua estadia no Juazeiro os Salesianos celebram a festa de Maria Auxiliadora num ambiente eminente Salesiano. Complementando esse ambiente tem-se [...] ensaios de canto para um lado, de teatro para outro, sem falar dos intrusos que nada tendo para fazer fervilham pela casa. A *missa de Angelis*, também causa admiração nos presentes. (CRÔNICA DA CASA, maio, 1940, grifo meu).

As procissões foram incorporadas ao sistema de educação salesiana, mas já faziam parte da cultura religiosa brasileira, e em Juazeiro do Norte eram bem aceitas e praticadas. Na cidade em estudo, a procissão constituiu um momento de transformação da religiosidade popular local, ocasião em que se mostravam outras formas de prestar culto aos santos da Igreja Católica. As procissões iniciais foram em homenagem ao Cristo Rei, a São Luiz de Gonzaga, a Nossa Senhora Auxiliadora e a Dom Bosco. De acordo com a Crônica da Casa (maio, 1943), disse o padre Agra: “[...] Esses mesmos meninos ao pé do altar de Maria Auxiliadora elevaram a Virgem as suas preces e se aproximaram do Pão Eucarístico”.



Foto 12 – Festa de Nossa Senhora Auxiliadora (1949).  
Arquivo: CSJN.

Foi o início de introdução de uma cultura diferente que se instalou após o trabalho realizado com as crianças e jovens, mas que encantava a população de um modo geral diante de tantas novidades.

Esse modo de educar o jovem foi, também, instituído por Dom Bosco, que se

inseriu na pedagogia salesiana, transformando-se em um apoio vital ao Sistema Preventivo. A partir daí, o jovem era acostumado a participar da vida e do apostolado de seus educadores. Esta era, também, uma forma de incentivar as vocações, pois o rapaz se encontrava envolvido em um ambiente pleno de espírito de família e de amabilidade.

A característica do trabalho salesiano pode ser observada numa dessas primeiras procissões, quando foi incorporada pelos salesianos em seu modo de fazer educação mediante o qual envolvem a juventude em formas diferentes de prestar culto aos santos, mostrando possibilidades que iam de encontro às demonstrações exageradas de religiosidade popular, substituindo por traços culturais mais característicos do modo salesiano de ser: alunos com farda de gala, vestidos de anjo passando pelas ruas, divididos em alas, precedidos de padres, coroinhas, andores artisticamente adornados com os santos homenageados, como Nossa Sra. Auxiliadora, Dom Bosco, São Domingos Sávio. Tais cortejos eram acompanhados da banda de música e dos aplausos emocionados do povo da cidade (Entrevista: LUIZ MAGALHÃES, Juazeiro do Norte, 2009).



Foto 13 – Procissão de Nossa Senhora Auxiliadora (1949).  
Arquivo: CSJN.

As procissões são um provável ponto de circularidade cultural, como em outros aspectos, de comemorações religiosas, quando os padres tratavam de readaptar, retirando o que demarca religiosidade popular e introduzindo elementos da cultura salesiana. Estes elementos apareceram para o público como mais uma importante forma de cultuar os santos, não pareciam rejeitados pelas novidades que apresentavam, ao contrário, eram motivo de orgulho. Essa é a impressão que nos transmitiu o professor Luiz Magalhães, que foi o pioneiro e grande responsável por esse espetáculo durante muitos anos. É um costume que se realiza

até os dias de hoje, quando outros colégios também estão presentes às procissões.

A procissão de Nossa Senhora Auxiliadora, em 1949, marca o início do trabalho com os carros alegóricos que por muitos anos fez parte do desfile de 7 de Setembro e das procissões, transformados em excelente meio de propaganda do Colégio no meio local, levado adiante pelo prof. Luiz Magalhães inicialmente e, depois, contou com o apoio da prof<sup>a</sup>. Cícera Viana da Silva. A procissão segue deixando essa impressão no povo da cidade:

Á tarde a grandiosa e empolgante procissão de Nossa Senhora Auxiliadora. O carro de triunfo preparado nas nossas oficinas, sob a sábia e técnica direção do Professor Luiz, é uma obra de valor e que empolgou a cidade e entusiasmou o povo. Triunfalmente Nossa Senhora Auxiliadora foi levada pelas ruas da cidade, abençoando os fiéis e seus devotos. (CRÔNICAS DA CASA, maio, 1949).

Sempre de forma imponente, as comemorações tanto religiosas como cívicas estão relembradas nas crônicas. Ainda por ocasião do desfile do dia 7 de Setembro, as escolas diurnas, noturnas e o ginásio:

Desfilam pelas ruas da cidade, concentração na praça Padre Cícero. Depois do Hino Nacional falou o Dr. Possidônio Bem digno prefeito da cidade, em seguida usando da palavra, teceu magnífico discurso o rvmo. P. Diretor, saudando as esperanças da pátria – a juventude – ali presente, prestando seu culto e homenagem à data magna da independência brasileira [...]. (CRÔNICAS DA CASA, set. 1944).

O Colégio estava sempre em festa, comenta o professor Luiz Magalhães:

Todas as datas comemorativas religiosas e cívicas eram festejadas. O mês de setembro era importante para formar o espírito nacionalista. Durante os meses de agosto e início de setembro faziam palestras sobre a importância do nacionalismo. Eu cuidava das alegorias através de livros e revistas da história do Brasil. Cada ano apresentava um sentido nacional, depois foram adaptados os tópicos para o regional de acordo com a história.

Agente se esmerava para agradar, os padres gastavam uma nota, cobria tudo, fez tanto que criou desavença. Era sempre a melhor escola. Em um ano a prefeitura tirou o primeiro lugar do Salesiano, o colocaram em terceiro lugar. Acho que a prefeitura quis agradar alguém, deu um ‘caé’ que eles passaram mais de três anos sem se apresentar. (Entrevista: LUIZ MAGALHÃES, Juazeiro do Norte, 2009).

No dia 3 do mês de junho de 1944, foi anunciado o reinício das aulas noturnas e diurnas, apresentando-se uma rotina, que inclui: Conferência aos salesianos e aos professores leigos em um momento em que se faz necessário conhecer o *Sistema Preventivo* de Dom Bosco. Esta foi presidida pelo padre diretor: “tomaram-se várias medidas disciplinares, etc.”. Foi o momento de Institucionalização do Sistema Preventivo no estabelecimento da disciplina e da moral cristã. O diretor repassou o ensinamento pedagógico a todos para que fosse seguido em sua prática educacional, mostrando que estes não esquecem a missão que devem

desempenhar na cidade.

Com as festas realizadas em comemoração a Dom Bosco, em 16 de agosto de 1944, “Ao recolher-se falou o Padre Luiz Mendonça, incitando a todos à devoção a Dom Bosco. A cidade de Juazeiro ergue um trono a Nossa Senhora Auxiliadora e hoje erigiu pedestal a Dom Bosco”. (CRÔNICA DA CASA, ago. 1944).

Naquele momento, o Colégio teve a oportunidade de mostrar à sociedade o significado das suas ações educacionais, formando homens voltados para uma vida cristã, defensores da pátria, representantes do que seria o futuro social e político em suas mãos; homens bem preparados para contribuir com o desenvolvimento da cidade, mediante sua formação. A praça Padre Cícero foi o palco dessa sociedade espetaculizada. Era um lugar estratégico no centro da cidade.

Era muita arte e cultura também. Uma coisa que nunca me saiu da memória, todas as vezes que se entrava no colégio tinha que cantar o hino nacional. Todos em fila, com silêncio absoluto. O que minha memória me faz recordar foi que aquilo dali era uma cultura de amor a pátria também, de respeito aos símbolos da pátria. Tinha a bandeira, tinha o hino nacional, todos em fila. Antes de começar as atividades, depois vinha à parte religiosa, não sei qual das duas vinha antes, mas sempre tinha essa cultura. A parte artística, me lembro que sempre primávamos por conseguir o 1º lugar no desfile da cidade. Nós éramos 1º lugar em tudo. A banda do Salesiano era a melhor que tinha. (Entrevista: FRANCISCO OSANI DE LAVO, 2011).

A missão da escola reveste-se de ações delegadas e adaptadas com suporte na necessidade do contexto histórico que se vivencia no espaço local. Estas levaram a escola a organizar um espaço cultural que ultrapassasse a visão funcionalista de que a escola é o lugar de produção da força de trabalho qualificado.

Com efeito, tem-se o Colégio Salesiano como espaço de educação capaz de formar agentes sociais, inseridos numa cultura que tem a marca de uma formação pretendida pelos pais para os seus filhos, com base no reconhecimento, por parte da família, de que aquele Colégio é o melhor para educar o seu filho. Assim, o Colégio passou a ser visto como uma instância formadora que atendia as necessidades e/ou desejos de adequação dos grupos familiares, mediante a continuidade da superioridade no meio social.

Em nenhum momento das entrevistas, percebemos, seja com ex-alunos, ou diretores do Colégio, o desejo de formar mão de obra para o mercado de trabalho. O que o Colégio queria garantir era a qualidade daqueles que formava, instituindo, assim, as bases para uma relativa independência da família no que concerne ao espaço de poder econômico.

A imagem que o Colégio elabora para si, de certa forma, é tributária do destino social reservado aos alunos que forma. Por isso é importante observar o estilo dessa instituição,

bem como os valores que professam para entender por que a sociedade juazeirense entregou, ou confiou a esses padres, a educação de seus filhos, uma vez que a instituição salesiana ao ser acatada pela sociedade mostrou que se tratava de um espaço escolar considerado por eles diferenciado e que melhor correspondia aos seus valores e visão de mundo.

Entendemos, decodificando a partir da leitura de Magalhães (2004), quando ele fala de Instituição e História da Educação, pois ele nos orienta para o entendimento de instituição e de educação-instituição para mostrar o seu caráter instituinte:

[...] marcado por dinâmicas de fundamentação, normatização, ainda que em quadros progressivos de mudança e de evolução. A noção de instituição corresponde a uma memória, um historicismo, um processo histórico, uma tradição, em permanente atualização-totalidade em organização.

Na relação pedagógica, a idéia de instituição consagra o dado, o instituído, mas evolui e transforma-se pelo processo educativo. As correntes pedagógicas de inspiração, anarquista e libertária procuram focalizar este aspecto, denunciando uma assimetria que habitualmente fortalece o elemento instituído, em face dos sujeitos. Uma característica comum dessas correntes pedagógicas é a proteção e o esforço explícito dos elementos inerentes a uma individualização. Este reforço faz-se nas formas de mobilização e de representação, podendo compreender um recurso ao discurso utópico [...]. (MAGALHÃES, 2004, p. 62).

O termo instituição apresenta-se como uma estrutura material constituída para atender determinada necessidade humana, aquela de caráter permanente, por isso, é criada para permanecer e não para atender necessidades transitórias, embora entendamos que, por ser histórica, esse produto, por si, já possui a marca da transitoriedade, porém, trata-se de uma provisoriedade definida pelo tempo histórico e não cronológico. Não é algo pronto, acabado, portanto, as instituições são criadas como unidade de ação e constituem um sistema de práticas com seus agentes e com os meios e os instrumentos por eles operados, tendo em vista objetivos por eles traçados; ou seja, as instituições são sociais, tanto na origem, pois advêm de necessidades postas pelas relações entre os homens, como no seu funcionamento, porque são constituídas por um conjunto de atores que travam relações entre si e com a sociedade.

Essa instituição, no entanto, não pode ser vista como algo arbitrário, já que existia uma permissão da família; era, na verdade, uma escolha. Compreende-se que o Colégio que veio para cumprir a missão desejada pelo padre Cícero, que era a continuação da sua obra, mediante uma “obra completa”, como indica o seu testamento, elabora dois espaços culturais: um de inclusão social, por meio das oficinas, centro artesanal e oratórios – ação que possibilita, pela aprendizagem de uma arte ou ofício, a garantia de uma vida digna e honrada, diminuindo os problemas ocasionadas por dois importantes males sociais, que são a ignorância e o desemprego; e um outro, da diferença, ou seja, aquele trabalho que, em comum acordo com a

família, forma agentes sociais adequados para ocupar as posições sociais mais elevadas dentro de uma “determinada hierarquia social” e que é objeto comum de desejo em todas as camadas sociais.

Em relação ao projeto de vocações nesta comunidade, acontecia como nas demais escolas salesianas. A formação sacerdotal tinha início com meninos ainda muito jovens, escolhidos pelos professores por meio de observações que aconteciam em meio às atividades escolares. Ali se dava início à escolha dos aspirantes.

O Retiro Espiritual dos padres salesianos costumava receber em seu encerramento o bispo diocesano do Crato, que, em muitas ocasiões, exaltou o “importante trabalho que os Salesianos estão realizando em Joaseiro”. Entre esses trabalhos destacados encontram-se aqueles voltados para despertar as vocações:

Pelo trem misto das 5:50 partiram os nossos primeiros aspirantes para Recife. São eles: João Dantas, Raimundo Olavo, J. Dílson, Geraldo Pereira. Estes formaram a primeira turma, outros partirão em breve. Que D. Bosco os conserve fiéis à chamada divina. (CRÔNICA DA CASA, jan. 1944).

Esta ampliação da obra salesiana é a manifestação da “obra completa” a que se refere o padre Cícero em seu testamento. Vai além da educação da juventude. É a formação religiosa para instituir na cidade a mentalidade salesiana na ação educacional e religiosa, que seria continuada pelos chamados “filhos da terra”, dando a esse trabalho educativo um poder de longevidade necessário. E foi isso o que aconteceu, quando outros padres iniciaram sua formação com base no Colégio.

Em curto espaço de tempo e já estava formada a segunda turma de aspirantes salesianos, partindo para o Recife em companhia do professor Batista e dos aspirantes Zacarias Marcolino, José Gonçalves, José Marques de Oliveira, Carlos Pereira Matos e Francisco Magalhães.

Acompanhados do padre Agra, os dois primeiros aspirantes do Colégio – José Dantas da Silva e Sebastião Fernandes Medeiros – seguiram para o Recife, em 17 de abril de 1943. O padre José Pereira, sacerdote recém-ordenado, filho desta cidade, celebrou sua primeira missa com a participação da “cidade inteira”. Em seguida, aconteceu a ordenação do padre José Dantas.

Francisco Osani de Lavo, em entrevista, disse que, depois de ser apontado como vocacionado, ficou no aspirantado em Pernambuco, no período de 1954 até o fim de 1959 – foram seis anos. Inicialmente no Recife, depois Carpina, e, por fim, em Jaboatão. No Recife, permaneceu de 1954 até 1956. Quando foi inaugurado o Seminário de Carpina, lá permaneceu

até 1959. Foi quando foi para Jaboatão, onde fez o noviciado. Sua vida, porém, tomou outros rumos e não chegou a se dedicar à vida sacerdotal, como era o esperado.

A Escola Agrícola São José, criada em 1942, depois transformada em aspirantado, ficou conhecida como São José dos Bodes. Funcionava em prédio próprio em vasta extensão de terra cultivável, com um internato para alunos de poucos recursos destinado ao que eles chamam de “a mais útil das profissões, a vida agrícola”.

O crescente número de alunos destinados à formação sacerdotal aumentava a cada dia. O aprendizado agrícola São José foi o ponto de apoio mais importante para a formação sacerdotal na cidade. Segundo a Crônica do Aprendizado Agrícola (1960), depois de 12 anos de funcionamento, a Casa foi fechada por ordem do padre inspetor, Agenor Vieira Pontes. Precisava de reforma para melhor abrigar os aspirantes, que vinham de várias cidades e estados. No ano de 1960, a casa foi reaberta com estrutura para abrigar 40 alunos, embora tivessem se matriculado 43. Estava sob a responsabilidade dos seguintes superiores: diretor e prefeito, padre Paulo Cabral; catequista e conselheiro, padre Agostinho Serrano; confessor, padre Manuel Ramos; assistente, clérigo Wilson Mota.



Foto 14 – Padre Celestino Capra, irmão leigo ao lado e alunos da Escola Agrícola São José (1962).  
Arquivo: Inspetoria Salesiana, Recife.

Com ajuda de particulares e do Governo, a escola ampliou seus benefícios e estendeu sua ação protetora à infância pobre.

Em seu relato, o sr. Odilon Pereira da Silva fala do despertar das vocações e seus diversificados caminhos:

E foi por me encantar, desde cedo, lá em minha já bem remota infância, com a vida daqueles padres alegres, joviais, aparentemente felizes, sempre sorridentes,

misturando-se com seus educandos, no ‘Colégio grande’, ou, simplesmente, ‘O Colégio’ (seria por algum tipo de antonomásia inconsciente, querendo significar o *senhor* Colégio?) que, provavelmente, acabei sendo considerado ‘com vocação’, e acolhido entre as paredes (muros nunca os tivera, até então) da Escolhinha.

Havia outra, e, talvez, mais forte atração misteriosa, um apelo irresistível para aquela aparentemente *legal* forma de viver, a de homens servindo a Deus através do cuidado da juventude, principalmente (nos planos de Dom Bosco, apenas?) a pobre (meu caso) e abandonada (isso, não!).

A pobreza quase extrema (de bens materiais), a perspectiva de lhe fugir às garras, de poder concluir os estudos (então interrompidos, por falta de escolas particulares para o nível por mim atingido, e de recursos para enfrentar ‘o Colégio dos ricos’, o Salesiano), foram com certeza, o ingrediente maior do ‘fenômeno’ misterioso cuja dificuldade se costuma escamotear denominando-o, pura e simplesmente, *vocação*. (Entrevista: ODILON PEREIRA DA SILVA, Brasília, 2010).



Foto 15 – Pequeno Clero (1951).  
Arquivo: CSJN.

Em 1958, o padre Mário Balbi escreveu ao monsenhor Pedro Rocha, e a carta por ele assinada apresenta um aluno candidato ao Seminário, como resultado do trabalho para o despertar das vocações no Colégio:

Revmo. Mons. Pedro Rocha,  
CHRISTUS LAUDETUR!

1 É com satisfação que apresento o aluno Antonio Alves Siqueira, filho de Joaquim de Siqueira Brito e Priscila Alves Siqueira residente em Juazeiro do Norte.

2 O jovem em apreço cursou no ano passado a terceira série no Ginásio Salesiano S. João Bosco e foi aprovado para a quarta série.

3 Acompanhei-o durante o ano escolar findo e revelou sempre bom comportamento e outrossim não consta que tenha contraído nenhum hábito que obstacule a entrada no Seminário.

4 Oxalá possa alcançar a meta que aspira e seja a sementinha que atraia outros colegas para o mesmo ideal.

5 Reze por esse irmão de V. Revma. No sacerdócio.

Padre Mário Balbi.



Foto 16 – Padre Manoel Isaú e alunos da Escola Agrícola São José (1962).  
Arquivo: Inspetoria Salesiana, Recife-PE.

Em janeiro de 1962, chegou o padre José Ferreira, sacerdote recém-ordenado pertencente à Inspetoria do Nordeste, filho de Juazeiro do Norte. Em festa solene, com a participação de cooperadores, associações, fiéis e até do comércio, tratava-se de um grande acontecimento para a cidade. A festa era ocasião propícia para que os padres falassem aos pais sobre as vocações sacerdotais, visto que este era também objetivo deles na cidade. Chegou o padre Olavo Coimbra. “Vem a serviço das Vocações Salesianas. Fala com os meninos que apresentam indícios de vocação. Fez palestra para os alunos do curso noturno, falando da vida do coadjutor Salesiano, encontrou numerosas adesões”.

Enquanto o padre Celestino cuidava dos aspirantes em 1963, o padre inspetor estava outra vez na cidade. Veio lançar grande campanha de estímulo à devoção de Maria Auxiliadora. Acompanharam-no o padre Olavo e o coadjutor, Benício.

Segundo a Crônica da Casa (set. 1963), mais de 900 alunos fizeram comunhão. Padre Olavo falou com os jovens nas várias séries sobre o problema vocacional. Destes, mais de 100 responderam ao Padre Olavo. “Estes alunos poderão ter reuniões durante o ano e seguidos conservarão mais facilmente a própria vocação neste ambiente difícil.” Esta é uma ação comum, já que se trata de uma escola confessional e, quando o padre Cícero falava que os salesianos deviam fazer em Juazeiro do Norte uma obra completa, parecia referir-se à formação da juventude para o sacerdócio.

Em entrevista, um ex-aluno fala sobre o trabalho realizado pelos padres relacionado ao despertar das vocações:

[...] Então, em todas as épocas era assim a gente não tinha o que fazer realmente como criança, ia para Colégio Salesiano. Foi ali que fiz amizade com os padres. Eu

me lembro bem do Padre Tadeo Baginski, esse era um grande amigo. Então você começava aquela amizade com os salesianos e ia logo despertando a idéia, ser salesiano também.

Como eles tratavam com muita amizade, com aquela presença na hora da igreja, do esporte, do lanche, era uma presença constante na vida da criança. Aí aquilo segurava muito, você ficava cada vez mais envolvido. O Padre Lourenço Gatti era o diretor – ele queria conversar com a minha mãe, e começou exatamente há dizer que eu tinha vontade de ser padre e ele já começou então a preparar o terreno, começou já estudar como fazer.

Eu tinha dois outros irmãos que não estudavam lá, mas ele conseguiu arranjar que os outros dois ficassem na Escola Agrícola São José, que pertencia aos Salesianos, em Juazeiro [...] (Entrevista: FRANCISCO OSANI DE LAVO, Recife, 2011).

Dom Bosco era o grande exemplo de santidade jovem e sempre era utilizada a sua imagem para auxiliar no trabalho sobre vocações com os alunos. Assim, seguia a rotina do Colégio – cinema à noite, quando se passou a fita de Dom Bosco. A projeção estava muito boa e o padre diretor explicou a vida de Dom Bosco ao passar da película. Enquanto isso, ele teve contato com a história do padre Cícero, por meio de um filme assistido pelos padres Dantas, Luiz e João, e mais os senhores Batista e Egídio, o qual agradou bastante.

O certame catequético foi outro tipo de atividade religiosa a serviço das vocações, que também envolveu toda a sociedade, demarcando um momento importante de interação dos salesianos com a comunidade.

É o dia do Certame Catequético. A meninada começa a chegar com grande animação. [...] o salão estava completamente cheio. E assim com a presença da diretora da Escola Normal e das alunas internas e de outras pessoas da sociedade desta cidade iniciamos o certame que constou de catecismo, liturgia e palavras de missa. [...] um dos nossos alunos foi condecorado com a medalha de honra pela diretora da Escola Normal. Terminado o certame houve representações teatrais. (CRÔNICA DA CASA, nov. 1940).

Essas comemorações com apresentação teatral não representam algo novo na cidade, visto que o professor José Marrocos e a professora Isabel da Luz costumavam organizar apresentações parecidas.

O certame, palavra que significa combate, era uma atividade confessional que constava de uma condensação da doutrina bíblica apresentada aos meninos em forma dialógica. O estudo dessas perguntas e respostas era feito em aulas semanais e terminava com um grande evento do ano. Mobilizava alunos e professores entre tensão, torcida e premiação. No final, os vencedores tinham seus nomes expostos em um quadro de honra.

Em 1949, constam os seguintes vencedores por ordem de classificação: 4ª série, Jesus N. de C. Alencar; 3ª série, Pedro Costa Dias, Hélio Cordeiro Manso, Edilson Cruz Santana; 2ª série, José A. S. Bezerra, José Pereira da Cruz, Sebastião E. de Oliveira; 1ª série, Conrado Costa Dias, Francisco A. Germano, Ancilon A. de A. Junior. Admissão, João de C.

Rozendo, Daniel G. de Lacerda, Hidalgardo L. Marinho; 3º ano, Raimundo Gonçalves, Francisco de A. Ferreira, José Auceli Sobreira; 2º ano, José Oliveira Cruz, Francisco Gonçalves, Almique J. dos Santos; 1º ano, Luiz Arraes Almeida, José Geraldo Rodrigues, Antonio M. Gonçalves. (FLOR DO SERTÃO, ano I, n. 3, 1949).

Assim, o ideário do catolicismo na teoria e na prática, no cotidiano escolar, era percebido quando os alunos participavam, também, do certame catequético. Com muito entusiasmo, o ex-aluno Francisco Osani fala que essa atividade o marcou muito, porque ele era muito estudioso e tinha uma participação constante nesse desafio catequético:

Os meninos iam para o teatro, nós íamos para o palco e ficávamos num bombardeio de quem sabia mais o catecismo. E as famílias todas participavam. Em um desses certames eu saí com o 1º lugar, eu tinha 9, 10 anos. Consegui vencer todos os concorrentes. Respondi corretamente todas as perguntas. (FRANCISCO OSANI DE LAVO, Recife, 2011).

Era o momento em que o aluno prestava contas do que aprendeu do programa religioso desenvolvido durante o ano nas aulas de Catecismo. Apresentavam-se diante de uma banca constituída pelas autoridades educacionais e religiosas. Tratava-se de uma competição entre alunos, na qual eles mostravam capacidade de memorização; o vencedor, além de medalha, ganhava a admiração da comunidade educacional.

Apresentada sempre em formato de grande festividade para marcar o objetivo confessional das atividades salesianas na cidade, era o momento em que se definiam marcas diferenciadas de rituais católicos, mais ao estilo italiano, voltados para apagar as marcas de catolicismo popular presentes até então. Em vários momentos, desses anos iniciais da presença salesiana na cidade, já era possível observar atividades com a marca salesiana, como frisam as Crônicas da Casa. Percebe-se, também, que os padres eram pacientes e compreensivos para com as questões locais. Em poucos momentos viram-se desconfortados, a não ser naquele citado anteriormente, quando falavam do Cristo Rei e do Caldeirão.

Os desfiles cívicos constituíam um importante espaço de teatralidade. Embora ainda não tivesse sido inaugurado, o futuro Colégio demonstrava os primeiros sinais de uma educação que envolvia pátria e religião, ação que constituía uma estratégia de fortalecimento da Igreja em relação ao Estado. Foi enfatizada a união entre catolicismo e patriotismo, quando os alunos uniformizados tomavam parte da “grande parada do dia 7 de Setembro” de 1941, tendo havido no dia 5 o desfile da raça, o que eles chamavam de “um grande desfile da juventude”; alunos das turmas diurnas e noturnas sempre estavam juntos nestes momentos especiais. Somam-se neste ano 294 alunos.

[...] os nossos alunos que piedosamente assistiram no Altar da Pátria o Santo Sacrifício da missa. Esses além de desfilar, participam da missa cantando, e cantam também o hino Nacional e da bandeira, o que representava um despertar nos alunos do espírito nacionalista. [...] os orfeões das nossas escolas executaram o Hino Nacional a três vezes. Foi um verdadeiro sucesso. Os nossos alunos tiraram o primeiro lugar na parada do dia 7. (CRÔNICA DA CASA, set. 1941).

Azzi (1982) nos inspira a entender que o espírito patriótico e nacionalista surgia, naquele período, como saída para resolver problemas deixados pelo Império, no que diz respeito a um exército fortalecido. Era justificativa para que o salesiano promovesse uma educação voltada para o patriotismo, sem contar que existiam, também, questões relacionadas à necessidade de provar que, apesar de ser de origem italiana, os salesianos estavam imbuídos deste espírito nacionalista, ao lado de Olavo Bilac, encarregado então de promover este espírito junto à juventude.

O Boletim Salesiano ressalta o clima de patriotismo e entusiasmo pelos militares, citando em discurso de Aquino Correia que diz: “[...] Amo o soldado, porque foram sempre a Igreja e o Exército, as duas maiores escalas do heroísmo, porque a cruz e a espada foram sempre os dois mais sublimes bordões dos heróis na luminosa estrada de ascensão humana” (1916, p. 107).

A característica de espontaneidade e liberdade da pedagogia de Dom Bosco foi substituída por uma disciplina autoritária e militarista, em razão da necessidade que os salesianos sentiam, naquele momento, por questões de sobrevivência da Congregação no Brasil. Portanto, a presença militar e sua influência nos desfiles de 7 de Setembro eram uma característica da educação salesiana no Brasil, na busca de sobrevivência em momentos críticos de transição política; era necessário adaptar-se.

Momentos que marcam uma educação cívica no Colégio podem ser vistos nos alunos que dali saíram alcançando altos postos no Exército Brasileiro. Era o momento em que o sistema educativo de Dom Bosco “preventivo” é substituído pelo “repressivo”.

Esta educação militarizada é, também, característica da própria sociedade brasileira, com uma tendência maior em aceitar valores de ordem autoritária, originada da Filosofia positivista, do que os de liberdade, mais característicos do pensamento liberal (AZZI, 1982).

Se analisarmos o fato de que a História do Brasil mostra um culto exagerado aos heróis, “vultos da pátria”, com uma tendência maior à organização social e política autoritária do que liberal, acredita-se que havia uma grande dificuldade de adaptação da filosofia de Dom Bosco no contexto nacional. Em se tratando de Juazeiro do Norte, ainda existia um agravante,

que era a luta entre catolicismo popular *versus* catolicismo romanizado, permeado por questões político-partidárias. O projeto educacional do padre Cícero foi sendo reescrito por seus herdeiros, afastando-se dos ideais por ele preconizados.

E assim seguia a escola com essas exhibições, constituindo o perfil de melhor escola da cidade, lugar apropriado para o refinamento da juventude.

A comemoração do Estado Novo, no dia 10 de novembro, foi outro indício dessa formação nacionalista. Estavam presentes os alunos, participando e criando os novos rituais que parte dessa sociedade que estavam formando. Juazeiro do Norte está inserida no âmbito nacional, como era o desejo do padre Cícero: não ser ignorado nem pela Igreja de Roma nem por nossa Pátria.

Ao longo dos anos, a presença salesiana em Juazeiro do Norte foi percebida e admirada pela população local com origem nas comemorações religiosas, inicialmente, e cívicas. Acreditamos que as festividades do mês de setembro de 1941 foram um marco inicial desta jornada, que continuou por muitos anos e foi sendo readaptada às novas situações, acompanhando o progresso da cidade.

Raimundo Rodrigues Araújo<sup>41</sup> foi aluno do Colégio nos anos de 1950. Suas lembranças da festa da Pátria são parecidas em termos sentimentais com alunos das décadas seguintes:

Os desfiles de 7 de Setembro, para mim, têm um significado de ordem pura e simplesmente saudosista. E as lembranças dos mesmos são de cunho romântico e poético. Jamais esquecerei os desfiles do Colégio Salesiano acontecidos no dia da Pátria nas ruas do nosso Juazeiro. É de se devanear com a lembrança do esplendor daquela apoteose! (Entrevista: RAIMUNDO RODRIGUES ARAUJO, Juazeiro do Norte, 2009).

Seguindo a mesma forma de pensar sobre o Colégio e os desfiles, o ex-aluno Osani relembra o dia 7 de Setembro como uma coisa maravilhosa. Para ele, não era somente o belo desfile – era o Dia da Pátria, comemorado “com muito garbo e com muita elegância. O Colégio era o mais primoroso de todos. A farda era toda branca, tinha um palapardo, um símbolo que ficava sobre o peito, uma fivela grande, com botões cor de ouro e tinha um quepe”.

---

<sup>41</sup> Raimundo Rodrigues Araújo, ex-aluno do Colégio Salesiano, é escritor e jornalista. Residente em Juazeiro do Norte. Entrevista realizada em 2009.



Foto 17 – Francisco Osani de Lavo, com farda de gala (1950).  
Arquivo particular: Francisco Osani de Lavo.

O relato de um ex-aluno Toninho Vieira (Sitonho), como é citado por Moura (2008, p. 82), mostra a grandiosidade desse desfile e a influência que tinha o Colégio para o brilhantismo do evento, que ficou gravado na memória desses ex-alunos, chegando a ser visto por alguns como a apoteose do período letivo do Colégio, deixando em segundo plano as funções educativas e religiosas:

A apoteose do período letivo do Colégio Salesiano de Juazeiro do Norte era de longe o desfile da Escola na parada de 7 de Setembro, sendo inúmeros os preparativos que cedo preenchiam as nossas ocupações e conforme se aproximava o “dia D”, a ansiedade tomava conta de diretores, professores, alunos e tantos outros envolvidos nas festividades da Semana da Pátria.

A apresentação do Salesiano tinha tal magnitude que superava em muito os desfiles militares da época, tendo a configuração do desfile, com suas surpresas guardadas a sete chaves, caráter verdadeiramente artístico na arrumação de carros alegóricos, alas temáticas, cavalaria, encenações, o que pode ser comparado, guardado as devidas proporções de grandeza e de enfoque, aos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro.

O leigo Robério Morais Ramos fez parte da casa salesiana em Juazeiro do Norte, desde o ano de 1978, quando o padre José Pereira Lima era o diretor do Colégio e foi até o ano de 1982, sob a administração do diretor, padre Antonio Elias Sedraz. Falando sobre os desfiles de 7 de Setembro, ele diz:

No primeiro ano que cheguei, às vésperas do desfile pátrio, participei de uma reunião com, prefeito e seu secretariado, representantes dos colégios e escolas das redes particular e pública para a programação do dia 7 de setembro. O Colégio Salesiano sempre era o último a desfilar sob o sol causticante e bem brasileiro do

meio dia. [...] fiz uma observação ao senhor prefeito para que, em virtude de ser o último a desfilar, que naquele ano abrisse o desfile. O prefeito graciosamente me respondeu que no caso seria a abertura e, ao mesmo tempo, a ‘fechadura’ do evento porque os expectadores se dispersariam logo que passasse o colégio porque nada mais teria graça [...] sem dúvida um santo exagero do prefeito. (RAMOS *apud* MOURA, 2008, p. 75).

Durante toda a história dos salesianos em Juazeiro do Norte, o desfile do dia 7 de Setembro sempre foi a sua marca, entre outras que o situam como o melhor Colégio da cidade. O desfile era uma apoteose, transformado em sonho de consumo por toda a juventude local. Todos sonhavam em descer a rua São Pedro vestindo a farda do “Salesiano”. Quem tinha esse privilégio ficava para sempre com essa marca impressa, que o distinguia dos demais jovens da cidade. Em entrevista, Renato Dantas, um ex-professor do Colégio, disse que

Uma grande parte da população juazeirense, gostaria de estar naquele desfile porque ele era muito organizado e bonito, uma marca, uma construção das histórias do município, uma riqueza cultural, em fim, pra gente era uma aula de História, de Geografia. E aqui eu gostaria de por em destaque, antes da revolução de 1964, faziam uma pesquisa para compor o desfile, a partir da revolução já foi visto com outros olhos por que tinha toda uma concepção da ideologia dominante, mas antes que não tinha era muito instrutivo. No momento que entraram todas essas histórias dentro das escolas o serviço foi visto com outro viés, não era como antes, então era mais ou menos isso. (Entrevista: RENATO DANTAS, Juazeiro do Norte, 2009).

Era com muito orgulho, cabeça erguida, expressão facial séria, que os alunos salesianos impunham a sua marca diante das autoridades e de toda a população da cidade, que se enfileiravam ao longo da rua São Pedro, finalizando com um palanque composto de autoridades armado em frente à praça Padre Cícero, bem no centro da cidade. Vejamos o que dizem e o que sentem esses alunos:

Um setor do cortejo era motivo de muitos comentários e querelas: a fanfarra, conhecida por nós como banda, cujos ensaios faziam vir gente de toda a cidade para ouvir os acordes; eu não conto as numerosas vezes que saí de casa com o intuito único de presenciar o desempenho dos comandados de Marcílio e Rolinha, dois abnegados que com muito amor e denodo lideravam os anos azuis: no dia da parada, embora no Salesiano dominassem o vermelho e branco das fardas de gala, os componentes da banda usavam uma jaqueta cuja cor predominante era azul. Eu lembro que houve um tempo em que Marcílio e Rolinha moravam em Recife, mas, vinham a Juazeiro no momento crucial de preparação da fanfarra para o dia 7 de setembro. Eles pesquisavam e ensaiavam os toques, o que muitas das vezes tornava imperativa a realização de ensaios secretos, já que além da execução correta, a exclusividade era um trunfo que contava muito no julgamento da apresentação (CARLOS CLAUDIO e TONINHO VIEIRA *apud* MOURA, 2008, p. 82).

Todos os colégios desfilavam, mas nenhum emocionava tanto quanto o fazia o som das cornetas quando entoavam, por exemplo, o Hino à Bandeira, seguido de tambores potentes que ressoavam como verdadeiros rituais poderosos, mostrando que a Pátria era maior

do que todos nós, num misto de religiosidade e poder pátrio que levava o povo às lágrimas. E, assim, se desenvolvia o espírito nacionalista naquela juventude, no contexto de um sertão considerado por alguns como atrasado e ridicularizado.

Os desfiles faziam parte de outras datas do calendário comemorativo da cidade, não só o dia 7 de Setembro. Era o refinamento da sociedade juazeirense e acontecia pela circularidade entre culturas necessárias, para que a região pudesse participar de modo mais efetivo dos avanços que aconteciam em contexto nacional, como observa Della Cava. Entre essas ocasiões que enfatiza a união Igreja e poder pública, temos:

Comemoração do Estado Novo. Os nossos alunos no hasteamento do Pavilhão nacional na prefeitura Municipal. Depois do hasteamento da Bandeira os nossos alunos desfilarão pela rua S. Pedro a fim de assistirem a inauguração (jardim?) Getúlio Vargas. Na tarde deste mesmo dia os nossos alunos se reencontraram na praça para cantarem o Hino Nacional. (CRÔNICA DA CASA, nov. 1941).

No evento de encerramento do ano letivo de 1941, além do crescente número de alunos, estavam presentes ao evento autoridades como: monsenhor Joviniano Barreto, o prefeito Antonio Pita e o padre José Carlos Macedo, representando o bispo Dom Francisco Pires. Tudo aconteceu em clima de comemoração. Por isso é que o encerramento se realizou com Missa de Ação de Graças, cânticos, comunhão, explicação do Evangelho, Na parte recreativa, houve diversos tipos de corrida, de obstáculos, cabo de guerra, corrida de caranguejo. Os alunos cantaram hino para os pais. Francisco Acioli Maia (aluno) fez uma saudação aos pais. O diretor apresentou o resultado dos exames dos alunos da 1ª a 4ª séries. Houve distribuição de prêmios para os alunos (CRÔNICA DA CASA, nov. 1941).

Era esse um dos recursos utilizado pelos padres para incentivar a aprendizagem. Observa-se participação dos pais e benfeitores da Casa, dando um ar de solenidade à festa de encerramento do ano letivo. O ambiente era ornamentado para ostentar o espírito da festa; os alunos uniformizados ocupavam todo o salão. O diretor, as autoridades e alguns convidados compuseram a mesa.

Os exames e provas são sempre lembrados, com os alunos enfrentando-os com muita seriedade e compenetração. Padre João recomendou o estudo do catecismo, apresentando como modelo São João Bosco e Domingos Sávio.

O encerramento do ano letivo em dezembro de 1941 tornou-se algo a ser comemorado ao estilo salesiano: as 6h30min, Missa de Ação de Graças – Cânticos – Comunhão Geral; às 8h00min, Missa Festiva – explicação do Evangelho; às 15h30min, Corrida de Obstáculos [...], Cabo de Guerra, Corrida de Caranguejo, Corrida de Estafetos e

## Corrida de Carrinhos.

1ª PARTE – E segue a programação com: Hino aos pais (coral)  
 Saudação aos pais – Francisco Acirole Maia  
 Minha Mágoa – toada sertaneja  
 Resultado dos exames do 4º ano  
 Garoto vadio – canção  
 Resultado dos exames do 3º ano.  
 2ª PARTE  
 Minha palhoça – orfeônico  
 O (jorival) – temas típicos  
 Resultado do exame do 2º ano  
 Alma de Tupi – canção  
 Resultado do exame do 1º ano  
 La jota (Araguesa) – fantasia.

Notava-se a presença constante da nação romeira e de outras autoridades, algo que revelava o poder desses padres na sociedade, visto que ali estavam a pedido do padre Cícero. Além disso, representava o Colégio uma esperança nítida de fazer evoluir a história educacional da cidade.

Algo chamou a atenção, no dia 15 de maio, na festa dos operários. É que comemoraram, também, o Cinquentenário da *Encíclica “Rerum Novarum”*. Houve missa campal celebrada pelo monsenhor Joviniano Barreto. “Nossos alunos compareceram ao ato sagrado”. (CRONICA DA CASA, maio 1941). Considerada como documento fundamental sobre a “Doutrina Social da Igreja”, a encíclica critica fortemente a falta de princípios éticos e valores morais na sociedade de seu tempo e laica, considerada como uma das grandes causas dos problemas sociais. O documento papal se refere a alguns princípios que deveriam ser usados na procura de justiça na vida industrial e socioeconômica, como, por exemplo, a melhor distribuição de riqueza, a intervenção do Estado na economia a favor dos mais pobres e desprotegidos, a caridade do patronato aos trabalhadores.

Mesmo condenando o socialismo, a Igreja incentivou a união dos trabalhadores por meio da formação de corporações, e mais, também apoiou a integração destes com os seus patrões por meio de todas as obras capazes de aliviar eficazmente a indigência e de operar uma aproximação entre as duas classes. Defende também a ideia de que o Estado deve permitir que as sociedades particulares coexistam com a sociedade civil e que se abstenha de interferir na administração das organizações católicas. As corporações deveriam ser organizadas para atingir, pelo meio mais cômodo e mais curto, o seu fim, sem se desviarem do objeto principal, o aperfeiçoamento moral e religioso. E, acima disso tudo, se encontrava a caridade, que foi ou deveria ter sido praticada pela Igreja desde sua criação.

A missa campal, há pouco citada, nos faz pensar que, certamente, os alunos não

sabiam do que se tratava, mas, para os educadores e outras pessoas mais informadas, esta era uma demonstração da sua marca e do objetivo que queriam alcançar em relação à educação da juventude, mesmo que a realidade do Colégio apontasse para o desvio dessas funções, em alguns itens já apresentados até o momento.

A presença salesiana apareceu como um elemento modernizante que se instaurou na “terra da mãe de Deus”, como seria mais tarde batizada pelo padre Murilo de Sá Barreto. Tornou-se visível com origem nas práticas educacionais católicas, refletindo uma união de tradição e inovação que chegou à cidade como uma das ações mais eloquentes e estratégicas nos anos iniciais pós-morte do padre Cícero.

Embora o relato do professor Luiz Magalhães revele que o mons. Joviniano não gostava muito de Juazeiro do Norte em razão da guerra de 1914,

No início não existia romaria, raramente iam à Juazeiro, ele veio para acabar com a lembrança do Padre Cícero. Não permitia uso da medalha. Ele me obrigou a tirar a medalha do Padre Cícero do pescoço. Não gostava dos salesianos porque era obra do P. Cícero. Ele era muito ruim para o romeiro. Amália Xavier que era sua amiga o aconselhava, dizendo que ele deveria ser cauteloso porque o romeiro representava, também, dinheiro para a igreja. Na época do Mons. Lima [3º vigário, 1927 a 1933] tinha muito romeiro era uma aglomeração tremenda. Quando o padre Murilo tomou conta [da paróquia em 1967], Amália Xavier abriu o olho dele para aceitar os romeiros. Houve muita confusão porque o padre Murilo tinha que obedecer a igreja. (Entrevista: LUIZ MAGALHÃES, Juazeiro do Norte, 2009).

O trabalho dos padres seguiu bastante acelerado. Eles precisavam entrar em uma casa que fosse, realmente, deles para que pudessem realizar as tarefas necessárias à implantação da marca salesiana na vida religiosa e educacional local. Este era o ponto essencial da sua presença aqui. Desta forma, estariam cumprindo a missão da sua congregação, bem como atendendo as necessidades de educação e de profissionalização para resolver problemas locais no que se refere a serviços que ajudariam, também, na constituição social e econômica da cidade.

#### **4.4 Construção e inauguração do Colégio Salesiano São João Bosco**

Estavam preocupados em encontrar um lugar para a construção do Colégio e decidiram que será na praça São Francisco. Esta escolha, porém, não deu certo, e somente no mês de novembro de 1939 encontraram, finalmente, o lugar adequado, desta vez na praça Pio X.

A princípio pensou-se em a Prefeitura fazer doação da Praça aos salesianos. Conforme Crônica da Casa (nov. 1939), achou-se que os trâmites a seguir seriam difíceis, complicados e duvidosos. Resolveu-se, então, apelar para os pretendentes donos da terra, José Geraldo e José Dias, que passaram escritura pública. Desta forma, em comum acordo com a Prefeitura, foi escolhida a praça Pio X para a construção do Colégio. O terreno foi adquirido por transferência mediante escritura pública.

O padre diretor foi ao Recife à procura da planta. Neste intervalo, começou a construção do muro. O padre Agra retornou após quinze dias, iniciando-se a construção dos alicerces do prédio de acordo com a planta. Esta construção foi interrompida, no ano seguinte, por falta de tijolos e pela chuva excessiva.



Fotos 18 e 19 – Construções da Capela de Nossa Senhora Auxiliadora e do Colégio Salesiano ao lado (1940).  
Arquivo: CSJN.

Foi o momento em que se verificou a intenção e a luta de algumas famílias da cidade, na maioria comerciantes, para a educação dos filhos, pois as novas camadas sociais emergentes viam na escola a oportunidade de ascensão social e a educação salesiana era a mais eficaz para dar *status* às famílias. Por isso, pleitearam uma escola de nível secundário para Juazeiro do Norte. Essa atitude demonstra que os padres foram bem aceitos e que cada segmento da sociedade tentou aproveitar, da forma como lhe convinha, a presença deles na cidade. Viam a possibilidade de não ter mais que mandar os filhos estudar em outras cidades e estados. Iniciarão ou dariam continuidade aos estudos perto da família e de forma eficiente, com uma educação de qualidade, como costumamos dizer hoje.

A rapidez da negociação era também, indício da credibilidade e necessidade desse Colégio, visto que esses jovens somente tinham opções em outros lugares. Assim, eram obrigados a morar em seminários, fato que reduzia muito o número de jovens em condição de estudar.

Jackson Pires Babosa<sup>42</sup> fala da sua experiência com os salesianos, escrevendo para o jornal comemorativo dos 60 anos de fundação. Apesar do amor que demonstra sentir pelo Colégio, não podemos deixar de admitir que haja um ponto de tensão nesse relacionamento:

Meu pai era alfaiate e prestava serviço aos padres salesianos. Então o Padre Agra perguntou ao meu pai ‘Joãozinho, não quer botar o menino para estudar lá no colégio?’. A direção do Colégio Salesiano em Salvador o transferiu para lá. No ano seguinte fui me matricular e o diretor substituto Padre Paulo Monetta, a queima roupa me disse: ‘aqui não estuda mais sem pagar’ [...] (meu pai) desentendeu-se com o padre Paulo Monetta ao dizer: ‘Padre, esse colégio é uma herança que o Padre Cícero deixou para ensinar os filhos dos cidadãos dessa cidade, pobres e ricos’.

A esse episódio relatado pelo ex-aluno, o professor Luiz Magalhães de Juazeiro do Norte acrescenta, em entrevista (2009):

A sociedade sempre os considerava bons educadores, no início tinha muita bolsa de estudo dado pelo governo. Depois outros diretores cobravam caro pela mensalidade. Assim, a maioria não tinha condição de estudar. Logo que chegaram eles facilitaram porque precisavam manter o colégio. Com o tempo, a história principal são as finanças. E aí a maioria não podia pagar – o governo tira as bolsas, vem à competição com o colégio Batista, que atraía muitos alunos devido à presença dos professores da América do Norte.

No dia 28 de fevereiro de 1941, a parte já construída do futuro Colégio ficou totalmente coberta e as salas estavam sendo limpas. Era um domingo do mês de março em 1941. O padre Agra convidou as autoridades e o povo para visitarem o edifício do Colégio: “Todos admiram a beleza do prédio. Chega o padre José Mendonça; veio acompanhar alguns alunos que terminaram o curso de admissão”. (CRÔNICA DA CASA, fev. 1941).

Neste período receberam a visita do padre Antônio Campelo, diretor do Colégio Salesiano de Cajazeiras. Eram manifestações de apoio importantes, naquele momento em que a Congregação enfrentava muitas dificuldades de instalação da sua obra. Assim também, foi importante o momento em que o bispo, D. Francisco de Assis Pires, celebrou missa na capela do Oratório Festivo e, após a celebração, assistiu ao momento de recreação dos meninos.

O novo prédio foi construído pelo sr. Reis (não consta nos documentos o seu sobrenome), engenheiro do Colégio. A imponência do prédio já se apresentava como destaque na arquitetura local como relata, em entrevista, um ex-aluno da Escola Agrícola São José:

---

<sup>42</sup> Jackson Pires Babosa. *Selesianos, 60 anos construindo valores humanos no Cariri*. Selesianos, 60 anos: opção pelos jovens. p. 6. Juazeiro do Norte-CE, set. 1999 – Edição informativa.

Um dos nomes por que era conhecido, popularmente, o Colégio Salesiano Padre Cícero, que, desde sua construção (de que me lembro bem) era, também, denominado 'O Prédio', provavelmente devido a ser, então, a referência maior, em termos arquitetônicos (altura, extensão, estilo, talvez), na então muito acanhada, rasteira, horizontal Juazeiro. Terá perdido essa característica (e, com ela, os epítetos) com o surgimento, já na década de 1950, da concorrência, tanto em matéria de edificação quanto na de eficiência da atividade educacional. Faz tempo que os não ouço, e eu próprio já me tinha esquecido do 'Colégio', do 'Prédio'. (Entrevista: ODILON PEREIRA DA SILVA, Brasília, 2010).

Enquanto ocorriam os trabalhos de construção do prédio, os alunos faziam suas matrículas – 10 alunos matriculados para o curso de admissão. Seguiu a construção do “Colégio Padre Cícero” como era chamado inicialmente. Naquele momento, monsenhor Lima, ex-vigário de “Joazeiro”, então vigário de Icó, Ceará, visitou o Colégio. Foi uma ação que se tornara comum por parte de vários personagens importantes.

A construção do prédio ainda não acabara e, já em março, recebeu visita do dr. Possidônio Bem<sup>43</sup>. Na crônica há um comentário de que ele levou as melhores impressões. Parecia realmente importante agradecer aos “homens ilustres do lugar”, que dariam sustentação e apoio ao trabalho e permanência da Congregação na cidade. Dias depois, o diretor recebeu o seguinte telegrama do padre inspetor: “Recebi carta muito obrigado ótimas notícias salesianos construção matrícula cinco cursos. Votos feliz transferência novo Instituto-Superior”. Ainda com a construção incompleta, neste ano, entrou regularmente em funcionamento o Curso Primário, com matrícula de 224 alunos. Solenemente, foi comemorada a instalação desse curso com a participação das principais autoridades eclesiásticas e civis do Cariri.

A proximidade do dia oficial da inauguração do Colégio, 26 de abril de 1942, acompanhou a necessidade de aumentar o quadro de trabalhadores. Para suprir essa necessidade, chegou acompanhado do professor Egídio o padre João Damasceno, que veio da casa de Jaboatão, em Pernambuco. Neste período, foi ao Recife o padre diretor para tratar dos interesses da casa de Juazeiro do Norte e convidar o rvm<sup>o</sup>. padre inspetor para a sua inauguração. Já possuíam os gabinetes de Física, Química e História Natural.

A banda de música estava sendo organizada, com a aquisição de instrumentos. Enquanto se equipava o Colégio, os preparatórios para inauguração oficial continuaram. Foi um tempo de muitas visitas, como a do padre Antonio Câmpelo, diretor do Colégio de Cajazeiras, e do professor Pompílio Vanderley, diretor do Colégio Diocesano Primário, da cidade de Triunfo, localizada em Pernambuco. Padre Carlos Figueirêdo era diretor do Colégio

---

<sup>43</sup> Dr. Possidônio Bem – Médico. Ex-deputado federal, nomeado interventor na prefeitura de Juazeiro do Norte depois de ser destituído do cargo o interventor Antonio Pita, no dia 30 de junho de 1943. Esteve à frente da administração do Município até o dia 11 de junho de 1945.

de Aracaju e o prefeito desse Município; o sr. Damiãozinho, e o padre José Alcântara da Luz, que pertencia ao clero da Paraíba – todos eram levados a conhecer o andamento da construção do prédio e outros acontecimentos importantes.

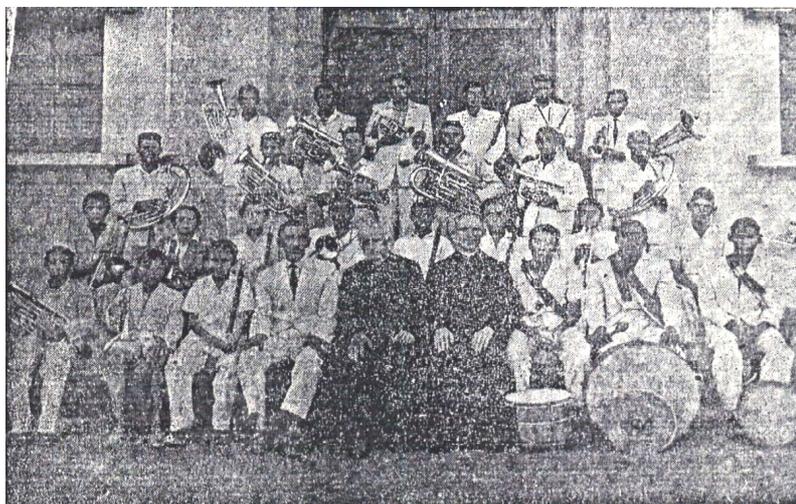


Foto 20 – Banda original e seus chefes: padre Lurenço Gatti, (falecido no Recife em 1953), padre Carlos Cattaneo e maestro Arlindo Cruz. Arquivo: Revista-Flor do Sertão (ano I, n. 3, 1949).

Naquele momento, que antecedia a inauguração, houve, também, registro da visita do sr. Albano Barreto, coadjutor e do professor de canto e música, José Lessa, ambos vindos do Colégio de Cajazeiras, e do dr. Paulo Ferrer, diretor de Obras Públicas do Estado, do prefeito de Crato e do diretor de Agricultura e da Fazenda, o dr. Martiney Rodrigues e o dr. Juvêncio, que era Juiz de Direito, além do frei Agostinho, de Fortaleza. No dia 19 de março, foi transladada para a capela do novo prédio a imagem de Nossa Senhora Auxiliadora.

Em fevereiro de 1942, a diretoria da Casa fez reunião para decidir questões relacionadas ao início das aulas. Ficou estabelecido o dia 2 de março para o início das aulas diurnas. Ficaram abertas as matrículas para as aulas noturnas.

Reabertura do ano escolar. No novo edifício, futuro Colégio Padre Cícero, iniciam-se as aulas diurnas. A matrícula apresenta uma cifra consoladora 156 alunos. Depois das orações o Rvmo. Padre Agra, diretor do Colégio de Juazeiro, dirige a palavra aos presentes, dando-lhes as boas vindas e (convidando-os) a observância do regulamento. Para os novatos houve exame de habilitação terminando as 12hs. (CRÔNICA DA CASA, mar. 1942).

A alegria e o sentimento de pertença são significativos para o alcance dos objetivos da Casa. E isso já poderia ser sentido, tanto por alunos quanto por professores, naqueles momentos iniciais de ação dentro do novo prédio, considerado pelos padres o espaço físico

que daria oportunidade de criar o espaço imaterial da constituição da obra salesiana na cidade. Foi o dia 5 de março de 1942 quando os salesianos reuniram os alunos para

Ensaio gerais de canto e de exercícios físicos pela manhã, seguindo-se animadas partidas de futebol. A tarde os salesianos com o Padre diretor foram de automóvel ao Sítio de dona Maria Ferreira. Os imbus doces e apetitosos, seguidos de saboroso doce de goiaba fizeram o encanto daquele passeio. (CRÔNICA DA CASA, mar. 1942).

Foi grande o movimento da cidade para receber as visitas e autoridades que chegavam de lugares diversos para a inauguração do Colégio:

Com o trem das 11hs. Chega o Rvmo. P. Inspetor vindo de Recife por via terrestre. No mesmo trem veio a representação do Colégio de Cajazeiras acompanhados respectivo diretor Pe. Antonio Câmpelo. Na estação da R.V.C. aguardavam os ilustres visitantes o Rvmo. Padre Agra, o Sr. Prefeito municipal. O Dr. Juvêncio Brito, Juiz da Comarca, o Padre João Damasceno e uma representação do nosso Colégio. De Fortaleza representando os salesianos da Piedade veio o professor João Batista [...]. À noite inauguração da luz elétrica fornecida pela usina de Joazeiro. (CRÔNICA DA CASA, abr. 1942).

Continuaram os preparativos para inauguração do prédio. Era um dia nublado e fresco. O padre diretor e o inspetor salesiano, o sr. João Batista e a representação de Cajazeiras aproveitaram a ocasião e foram ao Crato em visita ao bispo.

A solenidade de inauguração do Colégio Salesiano em Juazeiro do Norte ocorreu em forma de evento histórico inesquecível para a cidade, com uma solenidade de instalação oficial, de acordo com a ata da reunião:

Ata da sessão de inauguração do Colégio Salesiano do Juazeiro. Aos vinte e seis (26) dias do mês de abril do ano de mil e novecentos e quarenta e dois (1942), as dez horas e trinta minutos nesta cidade do Joazeiro, Estado do Ceará, no auditório do colégio, aí presentes o excelentíssimo e reverendíssimo Senhor Dom Francisco de Assis Pires, Bispo Diocesano, que presidiu esta solenidade, o excelentíssimo Senhor Governador da cidade – Cidadão Antonio Pita, o Reverendíssimo Senhor padre Diretor Guido Barra Digníssimo Inspetor casa Salesiana do Nordeste do Brasil, o Sr. Arcebispo do Clero Metropolitano Dom Antônio de Almeida Lustosa [...]. Lavrei a presente ata, Juazeiro, Estado do Ceará, 26 de abril de 1942, 3º Domingo da Páscoa deste ano do senhor de 1942.

Expedito Pereira – Secretário, *ad-hoc*. (CRÔNICA DA CASA, abr. 1942).

Entre outras coisas citadas na ata, estavam um agradecimento feito pelo padre Agra ao “representante superior dos salesianos, padre Pedro Ricaldone”. O sr. Damião Ferreira da Silva é citado como benfeitor do Colégio; José B. Menezes foi orador oficial dos salesianos.

Foi um acontecimento muito importante para a educação juazeirense. O Colégio

tornou-se responsável pela formação educacional da juventude rica e, ainda colaborando com a educação de jovens menos abastados, funcionando com aulas gratuitas para o curso primário ofertados nos turnos da tarde e noite, escolas profissionalizantes: mecânica, modelagem e fundição, marcenaria, alfaiataria e a escola agrícola São José, situada à margem da estrada do Crato. Esse trabalho destinava-se aos jovens de famílias menos afortunadas. Temos um relato de Odilon Pereira da Silva, um ex-aluno da Escola Agrícola São José, que pertence ao Instituto padre Cícero. Ele fala sobre a escola:

Não sei a história completa de minha querida Escola Agrícola Salesiana São José, ‘Os Menores’, epíteto que lhe deu o povo em sua genial e multimilenar capacidade de simplificar as coisas. Teria sido, em passado remoto, talvez em seus primórdios, uma casa de recuperação (dizia-se, então, *correção*) de pequenos delinquentes, ou, talvez, apenas uma instituição governamental para acolher meninos pobres (meninos de rua, seria?) e transformá-los em cidadãos plenos.

Como Escola Agrícola é que a conheci, mas já entregue aos cuidados dos Salesianos, que a transformaram em pré-seminário, ou seminário menor, ou ‘casa de formação’, com a designação específica, tipicamente salesiana, de ‘*aspirantado*’ [casa de formação de *aspirantes* à vida religiosa na Congregação de São Francisco de Sales, invenção do padre Giovanni Bosco, São João Bosco, desde 1934, mas conhecido popularmente como, simplesmente, Dom Bosco] (Entrevista: ODILON PEREIRA DA SILVA, out. 2010).

Isto teve continuidade mesmo depois da inauguração. Iniciou-se a mudança para o novo Colégio no dia 8 de abril de 1942 e se estendeu até o dia 18, quando se mudaram definitivamente. A mudança foi feita em carro de boi. Os armários do refeitório foram os primeiros a ser transportados para o devido lugar onde já se encontrava um “ótimo” relógio, presente e lembrança do padre Cícero (CRÔNICA DA CASA, abr. 1942).

A documentação fotográfica da inauguração mostra o nível de aceitação e acolhimento da sociedade sul-cearense, bem como do bispo diocesano, Dom Francisco de Assis Pires, do Crato. Dr. Elysio Figueiredo foi comissionado para proceder à verificação prévia do Ginásio Salesiano São João Bosco.

Assim, teve-se como inspetor do estabelecimento o dr. Elysio Figueiredo, residente na cidade do Crato e inspetores em comissão especial; além do dr. Elysio Figueiredo, o dr. Valdir Gondim Colares, inspetor itinerante do quadro da I.S. de Fortaleza para os colégios e ginásios do interior (informação complementar: exerciam os cargos de inspetores: dr. Adilson Brasil Soares, Solon Farias e Silva, Antonio Aurélio Estelita Silva, Elysio Figueiredo e Maria Haydia Melo Bezerra).

Receberam a visita do bispo Dom Francisco de Assis Pires e o bispo Dom Felipe Conduru, de Ilhéus, acompanhados do monsenhor Assis. Eles percorreram as salas de aulas onde se encontravam alunos e professores em plena atividade. Foram recebidos com calorosas

salvas de palmas. Outros visitantes ilustres apareceram para conhecer o edifício imponente que estava em construção, sendo motivo de orgulho para os padres exibi-lo para as autoridades que se mostravam interessados em acompanhar a evolução desse trabalho.



Foto 21 – Sessão Inaugural (1942).  
Solene Pontifical: Dom Francisco de Assis Pires.  
Arquivo: CSJN.

Concomitante a essas tarefas de construção do prédio, houve indicativos da educação confessional católica assumida pelos padres, entrelaçados com a política local.

O bom relacionamento entre Igreja e poder político em Juazeiro do Norte é observado ao mostrar total sintonia com a política local e expressar atitude de acatamento da política nacional. O Colégio Salesiano prestou apaixonada homenagem ao Presidente da República pela passagem do seu aniversário natalício:

O Colégio Salesiano festejou executando a grande data com uma parada das escolas diurnas após a missa das 8hs. Depois do hasteamento da bandeira nacional e cantado pelos alunos o Hino Nacional, da palavra o aluno do 4º ano Sebastião Medeiros Fernandes que declamou a poesia 'A Bandeira Brasileira' Logo após canta-se o hino da bandeira e logo após o hino o aluno José Hindenburgo declama com entusiasmo a poesia 'Minha Pátria' arrancando da assistência prolongadas palmas. Em seguida, falou o Padre. João Damasceno orador oficial oferecendo uma guirlanda de flores ao Presidente Getúlio Vargas. Usou, também, da palavra o Dr. Possidônio Bem [...] teceu elogios a obra benéfica do Sr. Dr. Getúlio Vargas. Ao terminar foi, delirantemente, ovacionado. Estiveram presentes o Sr. Prefeito Municipal [...]. (CRÔNICA DA CASA, abr. 1942).

Para que a comemoração não ficasse restrita aos muros do Colégio, foi enviado, pelo diretor, ao então Presidente, felicitando-o pelo seu aniversário e informando de tal acontecimento em sua homenagem, marcando um compromisso da escola com a política nacional, expressão clara do espírito nacionalista que tomou conta da educação católica no

Brasil.

A cidade completou 30 anos de sua emancipação no dia 22 de julho de 1942. Foi o primeiro momento de comemoração da festa de fundação, com a participação dos alunos do Colégio. Pela manhã, houve desfile, hasteamento da bandeira, discursos, procissões e hinos; e à tarde atividades recreativas, como cabo de guerra, corrida de caranguejo, corrida de estafeta, corrida de carrinhos. Essas brincadeiras sempre faziam parte das atividades recreativas do Colégio, mas, aos poucos, foram substituídas pelo jogo de futebol, cuja atividade já fazia parte da cultura local, despertando mais entusiasmo nos alunos, padres e demais professores. Para tanto, foram organizados vários torneios interclasse e intermunicipal.

O desenvolvimento do Colégio era percebido por toda a cidade e região. Tal conhecimento se fez notar pelo aumento do número de alunos naquele estabelecimento. É resultado de um trabalho que busca a unidade entre a vivência da fé católica e a prática dos deveres do cidadão. Por isso, apresentava-se como o que havia de mais adequado às famílias que não precisavam mais enviar os filhos para centros maiores em busca de educação de qualidade.

[...] Tinha tudo para permanecer na Escola Normal porque permitiram que Gil, Humberto Mendonça, Elias Rodrigues concluíssem o curso pedagógico. Mas, a minha família traçou a opção para a área de tecnologia, não foi escolha minha, eu tinha 11 anos de idade, a tutela foi no sentido de levar o menino para o melhor colégio que existia na cidade. Ingressei mediante concurso. Eu não tinha feito o admissão. Meu pai pagava caro, era um nível financeiro de elite. (Entrevista: RENATO CASIMIRO<sup>44</sup>, Juazeiro do Norte, 2010).

Desde a sua chegada, o Colégio revelou uma identidade específica como escola confessional católica. Empenhou-se em fazer da educação um espaço privilegiado, mediante o qual mostrou o que pensa sobre o homem e a sociedade. Para tanto, fundamentou o seu fazer educativo voltado para a promoção social do jovem:

Como educadores colaboramos com os jovens a fim de desenvolver-lhes as capacidades e aptidões até a maturidade. [...] educadores da fé. [...] O clima de família de acolhida e de fé criado pelo testemunho de uma comunidade que se doa com alegria é o ambiente mais eficaz para a descoberta e a orientação das vocações. (CONSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 1984, p. 38).

---

<sup>44</sup> Renato Casimiro – professor da Universidade Federal do Ceará, desde 1973. Membro da Comissão Cearense de Folclore, do Instituto Cultural do Vale Caririense (ICVC) e da diretoria da Associação dos Filhos e Afilhados de Juazeiro do Norte (AFAJ).



Foto 22 – Professores e alunos do Colégio Salesiano, década de 1940.  
Arquivo Particular: Raimundo Rodrigues Araújo.

A disciplina era de suma importância em uma instituição educativa, que via espaço e tempo escolares como sagrados. De forma circular, essa cultura era apreendida pelas famílias. Ao obedecer ao seu mestre, o aluno seguia a vontade divina em relação a sua vida. Na percepção do seu fundador, o que tinha de essencial era conduzir o aluno rumo à vida virtuosa, merecedora da salvação eterna, objetivo que o Colégio ajudava o aluno a alcançar por intermédio da sua prática educativa.

A pedagogia de Dom Bosco tinha a função de tornar a vida mais amena. Por isso, as atitudes tomadas tinham o sentido de tornar ameno o ambiente escolar. O envolvimento dos padres e alunos que permaneciam muito tempo na escola atendia a outro princípio educativo, o espírito de família, sendo essa experiência de família propícia à relação entre adultos e jovens e desses entre si, já que a serenidade e o rigor exigidos no cumprimento dos deveres são mais facilmente assimilados.

A recreação era um momento de alegria e descontração e os padres costumavam acompanhar os alunos nessa atividade, pois era a oportunidade que tinham para que os alunos absorvessem os seus conselhos de modo mais ameno. Juntos com os padres Paulo, Luiz, João e o clérigo Valdir, faziam passeio a cavalo pela Timbaúba e o Limoeiro (área rural). Os alunos Raimundo Rocha, Valmir Araújo, José Anchieta, Orlando, Ivan Bezerra, Paulo Luna, Djaci Landim, João Dantas, todos montados em jumentos, juntos visitaram o sr. Abel e o padre Climério.

Mais uma vez, houve sintonia entre os padres e os alunos, quando incentivavam a prática de esporte, principalmente o futebol, padre Paulo e os alunos assistiram ao jogo entre Crato e Juazeiro do Norte. Os padres e os alunos mostraram uma relação muito próxima e, ao

mesmo tempo, esses alunos propiciaram aos padres conhecer a região e os seus costumes. Visitaram o aluno Anchieta, no sítio Salgadinho. Registrou-se outro passeio, envolvendo professores e alunos. “Até Brejo Sêco saíram a passeio [...] o sr. João Batista, os alunos Francisco Djacir Landim, Luiz Belém de Alencar, Walmir (não consta o sobrenome), Orlando (não consta o sobrenome), J. Xavier, Francisco Anchieta Melo, Luiz Magalhães e Antônio Rodrigues”. O aluno Luiz Magalhães construiu uma história de 54 anos de vida dedicados ao Colégio. Ao finalizar os seus estudos, tornou-se professor e depois bibliotecário. Faleceu no dia 31 de dezembro de 2010.

O quadro administrativo e de professores entre os anos de 1941 a 1943 encontrava-se da seguinte forma: padre Agra, padre José Calazans de Figueiredo, padre Davino, clérigo Antonio Saraiva e padre Paulo Monetta. Administram uma escola com 452 alunos, depois de três anos de funcionamento, seguindo um quadro curricular que consta das disciplinas: Português, Latim, Francês, História Geral, Geografia Geral, Desenho. Aula de Canto é uma atividade extracurricular. Adotava-se uma rígida avaliação de conteúdo feita por exames oral e escrito. Fazia exame de Religião para todos os cursos.

Além das atividades já costumeiras de início de ano, como matrícula dos alunos do curso diurno e depois do curso noturno, início das aulas do curso de admissão, desta vez com 27 candidatos, o ano de 1943 foi marcado por importantes ações relacionadas à organização interna. Em uma reunião dos “superiores”, presidida pelo padre diretor, decidiram a nova organização da administração do Colégio: padre Antônio Agra, diretor; padre João Damasceno<sup>45</sup>, catequista; padre Paulo Monetta, conselheiro escolar; padre Luiz Mendonça, confessor; sr. Egídio Bortignon, assistente geral (CRÔNICA DA CASA, fev. 1943).

Apesar de ter anunciado no início das aulas no ano de 1942 que só haveria o curso primário, em 1943 apareceram os primeiros documentos relacionados aos exames de admissão ao ginásio. Também antes houve um curso de admissão ao 1º ano ginásial, que preparava os alunos apressadamente, aqueles que concluíram o 3º ano elementar, aos “exames oficiais de admissão ao 1º ano Ginásial”. Tais exames para os alunos que frequentavam o curso eram realizados no início de dezembro. Constam as disciplinas: Português, Matemática, História do

---

<sup>45</sup> Padre João Damasceno nasceu na cidade pernambucana de Belo Jardim aos 06 de maio de 1906. Foi ordenado sacerdote aos 34 anos de idade no dia 08 de dezembro de 1940, na igreja de Santa Efigênia – hoje, em plena São Paulo. O padre João Damasceno Penha recebeu a incumbência, por meio da carta de obediência de 1940, do padre inspetor, Dom José Gaspar de Affonseca e Silva, de trabalhar para o Aspirantado de Jaboatão. Foi conselheiro escolar dos estudantes de Filosofia da Inspeção São Luís Gonzaga do Norte e Nordeste por dois anos. No ano de 1942, outra carta de obediência recebia para fazer parte da comunidade salesiana de Juazeiro do Norte, permanecendo até ao final de 1946.

Brasil e Geografia.

O Exame de Admissão ao Ginásio ocorreu no dia 25 de março de 1943, segundo consta na Crônica da Casa, embora no documento da Secretaria do Colégio, a data seja 25 de fevereiro. Foi presidido pelo dr. Elysio Figueiredo; pela manhã, provas escritas e à tarde provas orais de Português e Matemática e prova escrita de Geografia e História do Brasil – tudo com muita disciplina, foram todos aprovados constando média geral entre 5,8 e 9,3.

Esta ação visa a atender mais uma reforma educacional, a chamada Reforma Capanema de 1942: o curso de admissão passou a ser uma exigência para ter acesso ao curso ginasial. Não havia exigência de documentos de aprovação no curso primário. Talvez seja essa a razão da dificuldade que temos enfrentado para conseguir documentos dos alunos do curso primário anterior a esse período, principalmente relativos ao ano de 1939.

São eles os primeiros alunos que fizeram o Exame de Admissão ao Ginásio no Colégio Salesiano São João Bosco, em 1943, e concluíram o Curso Ginasial em 1946. Turma da 1ª Série do 1º Ciclo: Alberto Farias; Carlos Irlando Pereira de Matos; Carlos Jorge Linhares de Lima; Cloves Avelino de Lucena; Diones Saraiva Figueiredo; Dorgival Bezerra Mendonça; Edésio de Carvalho; Edésio Teixeira Lima; Eduardo Sobreira de Figueiredo; Francisco Mauro Campos Dias; Francisco Anchieta Melo; José Matos da Cruz; José Hindemburgo de Castro Nogueira; José de Anchieta Brandão Filho; José Odith Fernando de Figueiredo; Hamilton de Carvalho; Wilson Tavares de Oliveira; Zacarias Marcolino Tavares. Os alunos Nelidson Duarte Fernandes Távora e Antonio Pedro Germano prestaram Exame de Admissão no Ginásio Salesiano Padre Rolim, de Cajazeiras, Paraíba.

De acordo com Oliveira (2001), o ensino secundário fora dividido em duas etapas, curso Ginasial de quatro anos e o curso Colegial de três anos, divididos em Clássico e Científico. Ficou designado o título de colégio aos estabelecimentos de ensino que mantiveram o curso Colegial, enquanto os estabelecimentos de ensino que só ministravam o curso Ginasial se intitulavam de ginásio e os que atuavam somente com o curso Primário eram intitulados de educandário ou instituto. Por isso, o nome Ginásio Salesiano São João Bosco.

Os alunos há pouco citados foram os pioneiros de uma longa fila de nomes de ex-alunos que adquiriram, mais tarde, posição de destaque na sociedade, por intermédio da educação recebida e, assim, fizeram parte de uma elite intelectual ou aqueles que deram continuidade à posição de liderança da família na política ou no comércio.

#### 4.5 Colégio e comunidade: indícios da constituição da família salesiana

Amigos e cooperadores salesianos são os meios pelos quais Dom Bosco abre espaço com vistas a ampliar a sua pastoral em prol da juventude. Encontramos a família salesiana em Juazeiro do Norte, a exemplo do seu fundador, quando eles pretendem inserir no interior da comunidade em seu trabalho pastoral e educacional as associações e outros meios que surgiram ao longo do tempo mediante suas ações.

Desde o início dos Oratórios Dom Bosco, conseguiram importante colaboração no seu trabalho, mas não lograram introduzir a categoria de cooperador na Constituição Salesiana, porque foi considerada pela Santa Sé uma inovação revolucionária, comenta Azzi (1982).

Em Juazeiro do Norte, desde a chegada, uma das características mais marcantes do trabalho desses padres foi a abertura e a colaboração com a comunidade e com as autoridades eclesiais e políticas. É tanto que as associações criadas e dirigidas pelo diretor do Colégio costumavam reunir homens e mulheres de classes sociais diversificadas.

A *Associação dos Pais de Família*, a *Associação de Dom Bosco*, a *Associação de Nossa Senhora Auxiliadora*, formada pelas mulheres da cidade, os grêmios estudantis e as revistas constituíram importantes colaboradores do trabalho que os padres salesianos realizaram. Esses grupos de leigos funcionavam em consonância com o trabalho dos padres e foram muito importantes para o desenvolvimento do Colégio, construção do Santuário, entre outras atividades, como campanhas e quermesses, que muito ajudaram sob o prisma financeiro.

Creemos que as constantes reuniões da Associação Dom Bosco presididas pelo padre diretor tenham sido uma das formas de manter laços e marcar presença na sociedade local para instituir sua ação educativa e religiosa, assim como as sessões dos pais de família também por ele presididas. Um dos marcos desta cooperação das associações ocorreu quando do aniversário de morte do padre Cícero. Com a capela da Igreja do Perpétuo Socorro repleta de fiéis, o padre diretor celebrou missa em sua homenagem e aproveitou a ocasião para levar a *missa Salesiana* a esse povo – “fez uma prática instruindo e doutrinando o povo”. (CRÔNICA DA CASA, ago. 1943). Nesta capela estão enterrados os restos mortais do padre Cícero.

A Associação de Nossa Senhora Auxiliadora era formada pelas mulheres da cidade, com ajuda do padre diretor. Incentivava os alunos à prática devota da “boa morte”<sup>46</sup> e a formar

---

<sup>46</sup> Boa Morte: faz parte das práticas de “piedade” tão recomendada e praticada pelos salesianos, nos anos que abrangem esta pesquisa. Consiste em meditação, leitura espiritual, visita cotidiana ao Santíssimo Sacramento, confissão semanal, exercício espiritual, que deverá ser feito cada ano e exercício da boa morte, uma vez por mês, entre outras práticas. Secundo a Constituição Salesiana (p. 222), “Como os alimentos nutrem o corpo e o conservam, assim as práticas de piedade sustentam a alma e a tornam forte contra as tentações”.

corporações ou “cooperativas escolares”.

Com o mesmo empenho de participar ativamente das comemorações locais, marcando a sua presença, os alunos do Colégio diurno foram cumprimentar o prefeito, cel. Antonio Pita, pela passagem do seu aniversário, considerada data tão importante para o Município, que foi declarado feriado. Tal empenho de unir o povo nas atividades do Instituto Salesiano ficou registrado quando conseguiu o apoio do dr. Correia Feitosa, homem de prestígio na cidade, tem bom relacionamento com os salesianos, considerado por estes médico e amigo.

O Colégio, com o seu prestígio e poder, diminuiu a distância entre o pequeno lugarejo, participando de acontecimentos de abrangência nacional, mesmo que fosse por motivo de falecimento. Vejamos o telegrama que o padre diretor enviou a Getúlio Vargas e recebeu resposta em agradecimento do Presidente:

Juazeiro, 8 de fevereiro de 1943.

Cópia.

Missa celebrada hoje neste estabelecimento por vosso saudoso filho, foi assistido por alunos, dirigentes e o povo numeroso, autoridades locais. Os Salesianos do Nordeste pesarosos rude golpe enviam sinceras condolências pt.

P. Antonio Agra – Diretor.

Os salesianos não se cansaram de surpreender o povo da cidade. Às 5h da manhã, todos acordaram, ouvindo a banda de música que estreou nesse dia por ocasião jubileu de 25 anos de sacerdócio do padre Paulo Cândido Monetta. Não faltaram naquela festa os desfiles e a ginástica. No dia 20 de julho de 1942, teve o registro de uma missa celebrada na Igreja do Perpétuo Socorro, pelo padre diretor, em sufrágio da alma de padre Cícero.

O encerramento do ano letivo ocorreu com recomendações feitas pelo padre diretor: orações, exercícios de ginástica, marchas, coro as bandeiras. O padre recomendou aos alunos o amor à educação salesiana, o aproveitamento aos estudos e a obediência ao regulamento.

Com essa forma organizada de administração, seguiram as atividades do Instituto, sempre com grande envolvimento entre alunos e professores. Juntos realizavam atividades de rotina: missa, jogos, divertimentos, catecismo, entre outros. Educação física e canto orfeônico passaram a fazer parte do currículo. Portanto, o início das aulas diurnas, mais uma vez acontece com a palavra do padre diretor, as recomendações sobre o regulamento Salesiano e oração. A bênção do Santíssimo é também uma ação constante.

O seu disciplinamento aparece quando os exames e provas são lembrados com os alunos os enfrentando com muita seriedade e compenetração. Sessão literária, música com uma programação variada foram também levadas a sério. O sistema pedagógico de Dom

Bosco é observado nessas ocasiões, em que se misturam oração, recreação, conhecimento e disciplinamento. Mesmo relutantes com a ideia, ao crescer muito o número de alunos se impõe a necessidade de contratação de professores externos. As disciplinas Canto Orfeônico e Educação Física são sempre merecedoras de registro na crônica, indicando ser um trabalho de grande importância para a formação dos alunos. Havia reunião para discutir sobre as aulas e disciplinas, evidenciando uma preocupação com o que seria transmitido e instituído por meio da educação escolar para atender exigências do Governo e da Congregação.

Todas essas ações precisavam ser viabilizadas por meio de uma infraestrutura. Por isso, inaugura-se a energia elétrica do Colégio, uma oferta do prefeito da cidade, visto que a “luz” da cidade era muito precária e havia apagões com frequência. A meninada deu vivas a Dom Bosco, ao padre diretor e ao prefeito presente, embora o problema com energia elétrica não tenha sido resolvido completamente. Na Crônica, registra-se um crescimento do número de alunos do curso diurno, enquanto diminuiu no curso noturno.

Aos alunos, dirigem a palavra ao padre diretor dando os parabéns por este grande passo na vida social desta cidade. Com suas palavras de experiência e conhecimento de causa disse das graves dificuldades a vencer para este ideal incitando os presentes para uma mais efetiva cooperação à obra educacional dos Salesianos. (CRÔNICA DA CASA, fev. 1943).

O relacionamento dos salesianos com o vigário da cidade aparenta ser bom, embora o professor Luiz Magalhães tenha afirmado em sua entrevista que não. Até este momento, porém, não se percebia distanciamento. “Visita-nos Mons. Joviniano, nosso distinto vigário. Sua visita prende-se à Semana Santa para cujos atos solicitamos nossa cooperação. Tudo foi combinado e, depois de sua palestra amável e desejável, deixou-nos bem impressionados”. (CRÔNICA DA CASA, mar. 1943). Assim, os salesianos se faziam presentes e cada vez mais necessários. Em todos os espaços sociais eles são chamados a cooperar.

A expansão do Colégio, além de atrair visitantes curiosos e amigos benfeitores, tornou necessária a visita de inspeção das autoridades da Congregação. Assim foi que o padre José João Santana, visitador das casas do Norte do Brasil, veio a esta cidade.

Nas comemorações cívicas e religiosas, havia sempre a presença das famílias e das autoridades, como no feriado do Dia do Estudante, festa com a presença de convidados ilustres, prefeito e outros. De acordo com a Crônica da Casa (ago. 1943), essas envolviam uma programação, conforme se segue:

As escolas diurnas do Colégio Salesiano São João Bosco em Juazeiro comemorando o Dia do Estudante (11 de agosto de 1943).

Tudo pelo Brasil Imortal

Às 8hs.

- |  |                       |
|--|-----------------------|
| 1. Desfile das escolas diurnas ao som maravilhoso da banda colegial – pelos pátios internos do Colégio |                       |
| 2. Palavras de ocasião   | José Braz de Oliveira |
| 3. Canção da estrada   | Coral                 |
| 4. Serenata (poesia)   | Oscar Xavier          |
| 5. Iracema (dobrado)   | Banda                 |
| 6. A esmola do pobre (poesia)  | Murilo Teixeira       |
| 7. Sou voluntário  | Coral                 |
| 8. Imortalidade (poesia)   | Francisco Rubens      |
| 9. Palavras do Rvmo. Padre Diretor   |                       |
| 10. Hino a Dom Bosco   |                       |
| Dobrado Final.   |                       |

Comemoram ou destacam como importante acontecimento “A comunhão geral dos alunos diurnos e noturnos, das associações e do povo”, tudo visto como uma reunião onde se podia observar o resultado do trabalho realizado até o momento. “Singela intimidade” é a expressão utilizada para definir o encontro com amigos e autoridades.

O espetáculo foi empolgante. O povo aplaudia os nossos alunos. O número especial apresentado pelo Colégio foi a ‘pirâmide da pátria’. Representava [...] o Presidente ‘Dr. Getúlio Vargas’ na sua fotografia imponente. Escola Normal e o Grupo vieram como escola de destaque. Fizeram-se ouvir vários oradores a série de discurso. O Dr. Possidônio Bem, prefeito municipal. O representante do Colégio foi o 1º anista José Braz de Oliveira [...]. Os nossos alunos marcharam garbosamente. O Ginásio apresentou-se com seu uniforme de gala, sendo na nota chic da passeata. (CRÔNICA DA CASA, set. 1943).

Este ar de superioridade era constituído nas ações cotidianas e se fazia presente em ocasiões em que havia uma plateia para assistir ao espetáculo, que era usado para exibir a capacidade que os padres tinham para refinar aquela sociedade e formar uma elite de comando. Era o segundo ano de funcionamento do Colégio, mas já era possível experimentar essa intenção.

As 6hs regressamos com a esperança de uma geração melhor, trilhando o caminho do progresso e formada nos moldes da moral cristã. – Vivas e hosanas ressoaram pelos quatro lados do nosso colégio ao penetrar o batalhão colegial no recinto de nossos pátios. Parabéns aos nossos alunos. (CRÔNICA DA CASA, set. 1943).

Os registros comentam sobre as romarias dos meses de setembro e novembro que até hoje fazem parte do calendário turístico da cidade, embora, naquele momento, ainda não fosse dada a importância econômica para a cidade que tem hoje.

Um momento importante que une o Colégio com os romeiros foi por ocasião da romaria de Nossa Senhora das Dores, a qual é citada pela primeira vez nas Crônicas, no dia 13 do mês de setembro, quando houve uma observação, sem comentário, de que a cidade se

enchia de romeiros, e que poucos alunos do turno noturno comparecem às aulas. No dia 15 de setembro, reportou-se de uma festa numerosa e o Colégio tomou parte da procissão. “Os romeiros cercam o nosso Colégio, admirando-se de tudo”; catecismo, prática e bênção do Santíssimo, seguindo-se a imposição do Escapulário do Carmo.

Eles rezaram pelas almas do Purgatório, crença católica muito utilizada, um dos fatores que muito amedrontava os católicos – a passagem para o “inferno”. É o dia anterior aos finados; este dia na missa das 5h50min, registrou-se a presença de muita gente, inclusive caminhões de romeiros. À noite, houve grande movimento de visita aos mortos, com a cidade às escuras, visto que a companhia de energia elétrica era muito precária.

Periodicamente, ocorria a reunião dos cooperadores presidida pelo padre diretor. Nesta sessão, receberam o “diploma de cooperados mais de 35 homens”, quase todos pertencentes à *Associação de Dom Bosco*. A sociedade deu a sua contribuição e testemunho de aceitação dessa obra.

31 último dia do ano – 1943 penetra na noite escura do passado. Com êle as dificuldades e as conseqüências terríveis da guerra, os vexames das dores, as destruições das vilas, cidades e reinos. O homem afastou-se de Deus, a justiça divina castiga severamente a maldade, o pecado da humanidade. Que 1944 seja a aurora da paz, de graças, de perdão, de misericórdia. (CRÔNICA DA CASA, dez. 1943).

Foi desse modo que os salesianos encerraram o ano letivo de 1943. Depois de haver compreendido o que tornou possível a vinda dessa Congregação para Juazeiro do Norte, pudemos conhecer os anseios, expectativas e interesses que o Colégio atendeu, inicialmente, e nos anos subsequentes, partindo do conhecimento de que os padres adquiriram com as experiências escolares e os desafios do contexto social que tiveram que enfrentar. Tais evidências foram encontradas nos relatos autobiográficos, cartas e relatórios, e nos registros que mostram as primeiras atribuições dos padres. As suas ações e as conquistas culturais devem ser vistas além do Colégio e da Igreja, fato que tornou, também, possível estabelecer uma base de alianças para garantir o apoio de que necessitavam para realização de seu plano de trabalho.

Desta forma, conhecemos as interações/relações de amizade, colaboração e, até, concorrências estabelecidas na cidade. Esse capital de relações teve grande utilidade para a geração dos recursos necessários à fundação do Colégio, visto que os bens deixados pelo padre Cícero não preenchiam as necessidades que surgiram depois, com a implantação do Colégio; eles precisavam de apoio da população, além de parte financeira.

A cultura regional não foi esquecida pelos padres salesianos. Lavandeira e

Pereirinha alegraram a todos com os seus repentes e embaladas por mais de uma hora. Enquanto os salesianos se divertiam com números artísticos de cunho sertanejo/regional, os alunos se divertiam com sessões de mágica e de mamulengo, teatro de bonecos oferecido pelos salesianos.

No dia 24 de março, data de aniversário do padre Cícero, seguiu para serra do Horto uma caravana composta pelo padre diretor, padre Paulo, padre João, professor Luiz, professor Egídio, professor Olegário e alguns jovens estudantes. Padre João iniciou a missa dominical no Horto, no dia 27 de fevereiro de 1944. Este acontecimento somou-se aos demais, deixando os padres satisfeitos com o trabalho que realizaram:

O movimento aqui no nosso colégio toma cada vez mais vulto extraordinário de muita piedade e aventrada devoção a Nossa Senhora. As reuniões das associações têm sido brilhantes e numerosas, tendo a alma de todo esse movimento o rvmo. P. (CRÔNICA DA CASA, fev. 1944).

Uma comissão beneficente foi ao Colégio tratar das festividades para o centenário do padre Cícero (nascimento). Padres e moças percorriam o comércio, angariando donativos para a festa. Enquanto isso, preparavam o Colégio para os festejos do centenário. “A noite de festejos na Praça do Colégio, com barraquinhas, projeções luminosas, etc. Muita alegria. A banda colegial deu um cunho especial”. Os festejos continuaram, desde o dia 20, e no dia 23 ocorreu uma missa na Capela do Perpétuo Socorro, que se encontrava lotada. Foi um evento que uniu o Colégio, outras escolas e a sociedade:

Na avenida [...] concentração do Ginásio Salesiano, Escola Normal e Internato Santa Terezinha. Foi um triunfo e um padrão de glória este desfile que empolgou a cidade. Falou o orador oficial, José Menezes, seguindo-se uma professora e uma aluna da Escola Normal. Seguiram-se número de ginástica pelo ginásio Salesiano, e um grupo de normalistas [...]. A praça achava-se repleta, recebendo os nossos alunos os aplausos do povo desta cidade.

À noite os festejos das barraquinhas. Os sócios da Beneficente, procedido de sua distinta diretora desfilaram a noite e a sessão cívica na sua sede social até o nosso colégio sob o deslumbrante painel de jogos [...] dando uma nota de singular festividade. Nesta ocasião falaram da ‘sacada’ do colégio vários oradores, salientando-se o Dr. José Geraldo, Lauro Cabral e outros.

Respondendo às saudações e manifestações de apreço por parte da Beneficente, falou o rvmo. P. Diretor, enaltecendo a figura patriarcal do Padre Cícero Romão Batista e incitando os presentes a coadjuvarem os Salesianos, na grande obra da educação da juventude de Juazeiro, pois eles são os continuadores da obra do Padre Cícero. Ao término, o rvmo. P. Diretor foi ovacionado pela multidão que se entregara às alegrias de um dia festivo e comemorativo. As 21hs, salva de 21 tiros no Horto. Quem ouviu? (CRÔNICA DA CASA, set. 1944).

No último dia das comemorações, dia 24, “Assistimos a salva das 5hs da manhã. Foi deslumbrante, as 8hs teve missa campal na praça dos Salesianos”. Esta festa chamou

atenção, também, porque, além das autoridades locais, os alunos e a população, houve ainda a participação da banda de música de Crato, cidade com a qual guarda uma acirrada rivalidade até hoje. O discurso sobre o centenário do padre Cícero feito pelo padre diretor foi exaltado na Crônica como tendo maior importância em relação à visibilidade que este deu à “inteligência privilegiada” do orador. Falou o prefeito municipal, Possidônio Bem, inaugurando o obelisco comemorativo da data.



Foto 23 – Festa em homenagem ao aniversário de nascimento do Padre Cícero (1944).  
Arquivo particular: João Carlos Barbosa.

O desfile do Colégio, também, pareceu maior do que o objetivo da festa. Mesclou-se a essa comemoração, no dia 24, uma consagração a Nossa Senhora. Ainda no dia 24, houve um convite do prefeito municipal e dos membros da Associação Comercial ao padre diretor para a sessão comemorativa do dia. Naquela ocasião, fez-se a entronização do Coração de Jesus na sede.

Durante a comemoração noturna no pátio do Colégio, os alunos cantores levaram ao cenário a magnífica peça “A arte musical”. Houve elogios à sociedade juazeirense, mostrando admiração pelo trabalho realizado por Amália Xavier, com as moças cidade. Enquanto o Salesiano cuida da formação dos rapazes, é dividido com a Escola Normal o título de melhor na formação das mulheres. A forma como a Igreja operava para alcançar a cristianização da sociedade foi quebrada desde o momento em que a formação da mulher deixou de ser o foco principal, para este fim. Na ação salesiana, a educação dos homens passou a ser importante para a cristianização da família e da sociedade. A igreja ocupou um espaço educativo a mais, que é a formação masculina.

A forma cíclica de educação feminina, como sendo a mulher a responsável pela

educação religiosa da família, foi ampliada para a juventude, independentemente de sexo, constituindo uma nova estratégia de ação eclesial, como um lugar de assistência social.

Como a implantação do espírito romanizado exigia o concurso de muitas forças, neste panorama tornou-se importante a educação da juventude criada por Dom Bosco, fato que transcendeu uma educação elitista, no sentido de que essa era feita por meio do Oratório Festivo, da Escola Agrícola São José e de outros cursos ministrados somente para jovens de classes sociais menos abastadas, bem como o significativo número de bolsas de estudo concedidas a eles pelos governos e pelo próprio Colégio, o que possibilitou, também, o acesso aos jovens de outras camadas da sociedade, além da elite.

Tal interpretação é possível, se passarmos a considerar as limitações de ordem financeira, política e religiosa na época em Juazeiro do Norte e os relatos de ex-alunos que alcançaram êxito profissional com a educação recebida dos padres salesianos. Essa orientação diferia da caracterização feita por alguns estudos procedidos sobre os colégios católicos, como é o caso abaixo:

Os colégios católicos destinam-se às camadas média e alta da sociedade. A concepção que preside a prática educativa desses grupos é a da necessidade de formar cristãmente a juventude que exercerá, no futuro, o poder político. Segundo essa visão elitista, excludente dos setores majoritários da população brasileira, as futuras classes dirigentes, saídas da burguesia agrária primeiro, da burguesia industrial mais tarde, devem ser educados segundo os princípios católicos para que, uma vez no poder, possam melhorar as condições de vida da classe baixa. (NUNES *in*: MIRANDA, 1987, p. 195).

O Colégio, os desfiles e a juventude unem-se em nome do controverso patriarca. A praça e o pátio do Colégio Salesiano eram o palco, lugar de demonstração de poder, contagiando o povo, apresentando uma “apoteose singular de festividade”. Era assim que os padres se referiam às festas. E, assim, podiam falar do elevado conceito da sociedade local, associado à educação e a religiosidade e que aqueles rituais não eram só nacionalismo.

O padre João Damasceno iniciou o trabalho de demolição da Igreja do Horto, local de grande romaria, onde se encontra hoje a estátua do padre Cícero. Essa Igreja tinha sido iniciada pelo pe. Cícero, quando foi obrigado pelo bispo do Ceará a desistir da construção. Neste sentido, temos uma descontinuidade do trabalho religioso que o patriarca realizava na cidade, visto que a edificação do templo era para cumprir a promessa feita quando da seca de 1889, o que é registrado no seu testamento, sendo este um dos pedidos do padre Cícero.

Suplico aos mesmos Padres salesianos que terminem a construção da capela do horto. Devo dizer, para evitar conceitos inverídicos e suspeitos em torno do meu nome, que comecei a construí-la para cumprir um voto que eu e os meus falecidos

colegas e amigos, os Padres Manuel de Moura Felix, Francisco Rodrigues Monteiro e Antonio Fernandes Távora, então vigário do Crato, fizemos. Esse voto, fizemos quando apavorados com resultado da seca de mil oitocentos e oitenta e nove (1889), receamos, aliás com razão justificada que o ano de mil oitocentos e noventa (1890) fosse também seco, com o povo dessa terra ao Santíssimo Coração de Jesus. E como, essa obra não pude terminar, muito a contra gosto, é verdade, tão-somente para não desobedecer às ordens proibitórias do meu Diocesano, então Bispo do Ceará, Dom Joaquim José Vieira, peço aos beneméritos Padres salesianos que concluam esse templo de acordo com a planta que trouxe de Roma e a miniatura em folha de flande que deixo depositada em lugar seguro. Deixo mais para os Padres salesianos a imagem, em vulto grande, do senhor Morto que me veio de Lisboa. (TESTAMENTO DO PADRE CÍCERO, out. 1923).

Ao fim dos trabalhos de derrubada das colunas da Igreja do Horto, na Crônica da Casa (mar. 944), há uma referência ao padre João Damasceno, como sendo o “Pioneiro do futuro Santuário ao Sagrado Coração de Jesus”. Não se sabe ao certo o que levou os padres salesianos a derrubarem a construção iniciada pelo Patriarca. Poderíamos entender como sendo uma das estratégias de reduzir a presença do padre Cícero e, com isso, o fanatismo em torno dele. Compreendemos que existia uma intenção de continuar o trabalho do Patriarca, mas, com base em uma releitura desse testamento, para adaptá-lo ao modelo salesiano de viver e de praticar a sua religiosidade. Assim, eles não consideraram que destruíram a obra iniciada pelo Patriarca, embora muitos cidadãos juazeirenses, aqueles que acompanhavam mais de perto a história do Patriarca, tenham manifestado um certo desencanto por essa atitude dos salesianos.

Os Salesianos não foram fiéis a essa herança deixada pelo Padre Cícero. Por exemplo, uma das denúncias mais contundentes diz respeito à maneira, como por exemplo, lá no Horto os Salesianos levaram a um termo muito radical a proibição de construção da Igreja que estranhamente hoje está liberada. E naquela época as ruínas foram destruídas completamente. [...] Está registrado no livro do Edimar Morel como sendo uma atitude perversa da parte dos Salesianos sobre essa herança. Eu lhe confesso que naquela época em que fiquei até 64, eu não tive essa percepção crítica sobre o quê que eles faziam, porque quando a gente entrava no Salesiano tinha uma fotografia do Padre Cícero. Tinha lá como tem ainda hoje no vidro, escrito, Instituto Padre Cícero. Quando nós íamos chegando ao Colégio nós víamos as escolas profissionais Padre Cícero. Havia por tanto certas indicações assim nos títulos que eles eram os herdeiros do Padre Cícero. (Entrevista, RENATO CASIMIRO, 2010).

Aqui poderia ser identificado como um processo de descontinuidade do trabalho do padre Cícero, assim como aconteceu com as oficinas, que faziam um trabalho de educação profissionalizante.

O Colégio continuou a sua rotina de trabalho, então voltado para as atividades internas e apresentou programa da festa de Leitura do Regulamento, de forma a tornar visível e imprimir a importância necessária ao regulamento que deveria ser seguido por todos. Esta é uma das marcas do disciplinamento que os salesianos querem impor à juventude, como importante elemento de formação do caráter. Estavam presentes cerca de 300 alunos. De

acordo com a Crônica da Casa, de 30 de março de 1944, o programa da festa de Leitura do Regulamento, dividida em três partes, apresentou-se da seguinte forma:

Primeira Parte: 1. Marcha de Introdução executada pela banda; 2. Duas palavras, Professor Olegário Inácio; 3. Leitura do Regulamento; 4. O voluntário uma Canção pelo Coral; 5. Ao luar – valsa executada pela Banda.

Segunda Parte: 1. Leitura do Regulamento; 2. Perdiz e a Jaó, poesia apresentada pelo aluno João Cabral; 3. Canção do Nordeste – executada pelo Coral; 4. Saudades do Rio Grande, valsa executada pela Banda.

Terceira Parte: 1. Leitura do Regulamento; 2. De ante de meu crucifixo – poesia apresentada pelo aluno Francisco Anchieta; 3. O escoteiro, canção executada pelo Coral; 4. Leitura do Regulamento; 5. Iracema um Dobrado executado pela Banda e, por fim, 6. Palavras de encerramento pelo Padre Diretor.

O nome do professor Luiz Magalhães, que iniciou seu trabalho em 1942, aparece na Crônica, claramente, pela primeira vez, numa comemoração, quando do feriado do Dia do Trabalho, no ano de 1944. Indicou que sua participação na institucionalização da obra salesiana na cidade teve muita importância, embora seu registro profissional esteja como funcionário do setor administrativo:

Eu atuava em tudo. Trabalhava em três turnos. Todos me chamavam para ajudar, tinha as festas, movimentos da igreja, então fazia quermesse. Quando estava precisando de dinheiro para construir a igreja pedia prenda nas lojas, virou até diversão.

A proximidade dos padres com a família dos alunos e o trabalho realizado no aspecto religioso foram elementos que legitimaram o trabalho com a juventude, assim como outras características dos padres tornaram possível uma inserção destes nesta sociedade, para propiciar a conciliação entre a sua missão e as práticas educacionais que formam os fundamentos da Pedagogia Católica.

Em 1944, encerrou-se o mandato do primeiro diretor, sendo ocupado interinamente pelo padre Estélio Dálison. Este contou com a colaboração dos padres: Massimiliano Foks, Paulo Monetta, João Damasceno Penha; leigo Teotônio Ferreira e Luiz Mendonça. Em 1945, o padre Álvaro Lustosa assumiu a direção de um Colégio Salesiano, cujo nome já estava consolidado em Juazeiro do Norte.

Entre os anos de 1943 e 1945, há nos registros o fato de que um número crescente de alunos foi matriculado (95). Prestaram exame de admissão. Significa que havia uma aceitação na forma como organizaram suas ações educacionais e evangélicas, nos moldes dos princípios da moral cristã e católica, e, dentro desses conceitos que fundamentam a pedagogia católica, resta claro em todos os momentos o elemento de propaganda religiosa na escola,

mostrando que sua função vai além das questões de moralidade ética, traçando o perfil de uma educação quase catequética, pois que, na visão do bispo de Crato, aquele povo precisava conhecer e praticar o catolicismo romanizado para abandonar os costumes de religiosidade popular.

O sentimento de prosperidade em terras sertanejas é sempre lembrado nas Crônicas Salesianas. O número de alunos continua a aumentar. O Colégio passou a ser administrado pelo diretor, padre Álvaro Lustosa Teixeira de Freitas, nomeado no dia 9 de fevereiro de 1944, para substituir o padre Agra. O vice-diretor era o padre João Damasceno Penha e conselheiro: padre Paulo Cândido Monetta.

Conforme se encontra no Estatuto que rege o Colégio, naquele período, todos os cargos exigidos pela Constituição Salesiana para administrar as suas casas aos poucos foram criados, de acordo com a necessidade que advinha do número crescente de alunos em todas as modalidades de trabalho que executaram. Oficinas, Oratório, Escola Agrícola, Internato, entre outras.

De Manaus até Fortaleza e depois em Juazeiro chegou pelo trem das 9:30 o rvmo. Padre Álvaro Lustosa, novo diretor em substituição ao dinâmico Padre Agra. Chegou sem aviso e sem protocolo. [...] inicia seu primeiro directorado nas terras do Padre Cícero. (CRÔNICA DA CASA, jan. 1944).

Sua tarefa inicial consistiu em tomar parte na reunião que visava a organizar o centenário do padre Cícero. Os salesianos não poderiam ignorar a memória daquele que foi o responsável pelo trabalho que então realizavam na cidade. Era do conhecimento de todos o fato de que aqueles padres estavam em Juazeiro do Norte pela vontade do padre Cícero e, para eles, não seria prudente um confronto com a mentalidade religiosa em circulação na cidade.

Festas e comemorações litúrgicas continuam sendo, até hoje, o ponto alto da vida dos alunos, destacando-se o fato de que ir à missa é uma festa para eles.

O inspetor federal visitou mais uma vez o Colégio – dr. Edilson Soares, em razão dos trabalhos realizados no Gabinete de Ciências, os laboratórios de Química e História Natural. Precisava-se enviar ao Departamento de Educação um relatório completo do Gabinete, que fora organizado nesses últimos dois meses. “Iniciou-se os trabalhos do gabinete de ciências a cuja frente acha-se o Rvmo. Padre Paulo Monetta, já podemos ver muitas coisas dando uma nota especial de ordem, método e simetria”. (CRÔNICA DA CASA, jan. 1944).

O padre Álvaro Lustosa foi ao Crato para sua apresentação ao bispo Diocesano. Naquele mesmo dia, o bispo, mostrando sua cordialidade, fez questão de trazer em seu automóvel os padres salesianos. Padre Álvaro foi apresentado à comunidade salesiana, pelo

padre Agra. Eis os primeiros trabalhos realizados pelo novo diretor – limpeza e arborização e um trabalho com apicultura.

As 9:30 reunião dos Salesianos sob a presidência do padre Agra para se despedir e agradecer publicamente o concurso que ele teve durante a sua gestão dos Salesianos, seus co-irmãos em congregação. Sente-se feliz em passar o governo do colégio às mãos do novo diretor, sem empecilhos e sem dúvidas, deixando tudo normalizado [...]. (CRÔNICA DA CASA, jan. 1944).

Padre Agra foi homenageado pelas autoridades e, no dia 3 de fevereiro, celebrou a última missa na cidade. Também lhe foi oferecido um banquete de despedida dias depois.

Almoço íntimo às 12:00 – homenagem dos Salesianos ao padre Agra. Tomaram parte do ágape os senhores: Cel. Antonio Pita, Dr. Possidônio, Dr. Feitosa, Dr. Lucena, Dr. Meneses, Dr. Benedito, Sr. Fausto, Sr. Pofílio, Sr. Manoel Germano, Sr. Miguel Agra, Sr. Olegário e os Salesianos.

Ele fez muitos amigos importantes, colocou os salesianos em posição confortável junto à sociedade local. Diz o professor Luiz Magalhães: “Todos eram grandes construtores, chegavam com medo, mas depois adoravam a cidade e alguns choravam quanto partiam”.

A escola nascente por meio dos rituais religiosos e educacionais apresentados com intensa interferência na cultura local reafirmou sua missão confessional, pautada nos princípios éticos e cristãos, como está definido em seu Estatuto, publicado no Diário Oficial do Estado do Ceará de 1944, momento de consolidação de um trabalho inicial. Conferiu o objetivo de edificar uma instituição educacional na qual o aluno deveria ser amparado pela família salesiana, criando um sentimento de pertença, respeitando-se o princípio da tolerância com responsabilidade social.

No Estatuto em vigor elaborado pelos padres que até então administravam o Colégio, chamado de regulamento, mais tarde, de “Estatuto que Rege a Sociedade do Instituto Salesiano Padre Cícero”, publicado na edição do Diário Oficial de 30 de março de 1944, pelos quais se regem a sociedade jurídica e civil, consta que esta será mantida por si e por seus legítimos sócios. Tem como objetivo a instrução e educação da juventude, especificado no artigo 2º que:

Esta sociedade dará instrução e educação a meninos quer internos, quer externos mediante contrato de pensão e mais emolumentos de praxe e receberá, também alunos pobres de pensão reduzida ou totalmente gratuitos, a medida de recursos indispensáveis que lhe proporcionará a caridade privada ou pública. Pelo que manterá as diversas secções seguintes: Ginásio Salesiano São João Bosco, Escolas Profissionais Getúlio Vargas, Oratório Festivo São José e Internato Domingos Sávio. Parágrafo Único – Cuidará de modo especial de recolher as crianças pobres e abandonadas em recreatórios festivos para lhes proporcionar conveniente instrução e formação civil e religiosa.

O Instituto foi criado com o esforço inicial do Patriarca e fundado pelos padres mediante a colaboração de alguns homens da cidade que tinham consciência dos benefícios religiosos, sociais e educacionais que prestariam à juventude. Seguindo o exemplo do Fundador da Congregação, conseguiram manter nesse ambiente de fé os cursos aqui apresentados, sempre com a preocupação de se adequar às leis nacionais do ensino.

Entre os anos de 1939 e 1949, foram quatro padres salesianos os diretores responsáveis pelo andamento dos trabalhos: Antônio de Almeida Agra, que esteve à frente deles nos anos de 1939 a 1944, faleceu em 1979; padre Álvaro Lustosa ficou apenas alguns meses do ano de 1945 e faleceu em 1995; depois, chegou o padre Estelio Dalizon (interino), oriundo de Uruguai, tendo permanecido até o final do ano de 1945; faleceu em 1949; o padre José Mendonça, assumiu no ano de 1946 e foi até 1948, portanto, trata-se de outro mandato com pouca duração, pois permaneceu apenas dois anos, tendo falecido em 1987. Esses padres foram os pioneiros do trabalho em Juazeiro do Norte.

Da chegada da Congregação até o ano de 1944, o Colégio contou com a colaboração de outros personagens que chegaram à cidade na sequência apresentada: em 1939, o clérigo Antonio Saraiva; em 1942, padre João Damasceno Penha, padre Paulo Monetta e leigo Egídio Bortignon; em 1943, padre Luiz Mendonça e leigo João Batista Vasconcelos; em 1944, padre Massimiliano Foks e os leigos João Batista Vasconcelos e Teotônio Ferreira.

Os primeiros anos da instalação da Congregação Salesiana e do Colégio Salesiano São João Bosco encerraram-se junto com o mandato do primeiro diretor, que foi o responsável por tornar realidade o sonho do padre Cícero a partir da sua presença e da do padre Davino. Edificou o Instituto Padre Cícero, que representou a materialização do seu sonho, onde seria possível enfrentar o desafio de formar dentro dos preceitos cristãos a juventude daquele lugar. Com um espírito empreendedor, esse diretor estabeleceu as formas de relacionamento que esses padres teriam com a sociedade, ou seja, os romeiros, os filhos da terra e o bispo de Crato, Dom Francisco de Assis Pires. Deixou para os próximos salesianos uma herança material e espiritual.

O novo diretor, padre Álvaro Lustosa, recebeu um Colégio em 1945 com um trabalho educacional instituído e cujo nome já era respeitado. Sua tarefa era dar continuidade a esse trabalho, para que pudessem competir em igualdade de condições com os melhores estabelecimentos de ensino da região e os resultados fossem alcançados. O mandato durou, porém, somente um ano. Em 1946, sob o comando do diretor padre José Mendonça, a primeira turma de formandos recebeu o seu diploma.

Entre os anos de 1939 e 1945, admitimos ser o período mais importante de criação

e institucionalização da obra salesiana em Juazeiro do Norte, que acontecia concomitante à Segunda Guerra Mundial. Há registro, em 1944, na Crônica da Casa: notícias da guerra, dando conta da queda de Roma, que naquele momento, se encontrava sob o controle dos alemães. O fim da guerra, porém, trouxe novos desafios e um crescente nacionalismo e anseios de desenvolvimento. No Brasil, temos o fim da ditadura Vargas e a redemocratização do País.

Em 1946, a Nação ganhou nova Constituição. Enquanto isso, a Igreja Católica continuava a defender os seus direitos, dando continuidade ao embate que travava com o Estado para firmar seus direitos. Segundo Manifesto do Episcopado Brasileiro, citado por Matos (2003, p. 132), lançado por Dom Jaime de Barros Câmara, arcebispo do Rio de Janeiro de 1943 a 1971, temos em um trecho do documento:

[...] Confiamos em que, país criado e civilizado sob o signo da Cruz, como o Brasil, as diferentes agremiações partidárias, legitimamente dividida em outros pontos, concordem em acatar a liberdade da Igreja e as reivindicações da nossa consciência religiosa, que são as da quase totalidade da população. É medida de alta sabedoria inspirada no desejo sincero de conservar a harmonia entre o poder civil e a consciência espiritual da nação.

Segundo o autor, o contexto histórico anunciava sinais de secularização, liberdade e pluralismo no mundo ocidental que conduziam a uma profunda crise do modelo de cristianização vigente desde o início do século XX e o início de uma nova consciência eclesial. Constituíam uma mudança de valores com base na pobreza do povo, exclusão estrutural e, sobretudo, a politização da pobreza que teria de acontecer sob influência da Igreja.

Essas influências, certamente, alcançaram o ideal de educação dos salesianos em Juazeiro do Norte e ditaram os rumos do trabalho desenvolvido e a sua forma de relacionamento com a sociedade civil e política, observados até o momento nas participações em eventos públicos e particulares do Colégio. Assim, temos as múltiplas influências culturais que circulam na sociedade e que são ditadas por esses interesses sociais, também, diversificados.

É bom lembrar que a pedagogia de Dom Bosco, mesmo tendo uma característica, profundamente cristã, foi desenvolvida no tempo em que a Europa vivia um clima de renovação, mediante a reciclagem das ideias iluministas, tendo Rousseau e o momento chamado de o *século da pedagogia*, com a difusão das ideias de pedagogos, como as de Pestalozzi, Herbart e outros. Neste clima, o Estado desenvolveu um interesse pelos problemas da escola e a educação passou a ter relevância, criando um espírito de renovação e orientação de ideias pedagógicas. Acreditamos que Dom Bosco não tenha ficado indiferente aos anseios do seu tempo e que tais ideias, junto com suas experiências com os jovens, ajudaram a formar

o seu ideal pedagógico (BRAIDO, 2008).

Quando chegou o final dos anos de 1940, o Colégio já possuía uma característica desejável para exercer boa educação, portanto, tratava-se de um colégio particular confessional católico, ofertando cursos primários diurno e noturno, e ginásial, cujo ensino ocorria com o controle do Governo, mas sem perder suas características de escola confessional católica.

Contava com profissionais com idade entre 22 e 46 anos, vindos de várias partes da Itália e do Brasil, tais como, os italianos, padre Martino Pine, de Veneza, padre Carlos Cattaneo e Tiago Avico, de Turim, Carlo Galli, Agostinho Caballero, Antonio Ruscito, Francisco Pinkowsky (polonês), Tadeu Baginski (polonês); e os brasileiros oriundos do Estado de Pernambuco, padre José C. de Mendonça, padre João dos Santos, Raimundo Coelho, Jaime Oliveira, Geraldo Lima, José Fernandes; do Ceará, temos Luiz Magalhães, Jaime Albuim Brandão, José Machado, José Fernandes C. Ribeiro, Geraldo Ferreira Lima e Pedro Gouveia; do Rio Grande do Norte, Manuel Lacerda e Antonio Paiva. E, por fim, Teotônio Ferreira, de quem não aparece o lugar de origem.

O Colégio ocupa 21,355 metros quadrados de área construída em dois andares, nove salas de aula construídas em uma área de 318 metros quadrados. Possui energia elétrica, biblioteca com 210 obras e 1.500 volumes, equipamentos de projeção luminosa, laboratório. Dispõe ainda de fábrica, oficina, escola agrícola e instalação completa para realização de Educação Física.

O professor Luiz, como é conhecido, acredita que os pontos fundamentais que o classificavam como o melhor Colégio da cidade em termos de ensino residia em ser a aula bem ministrada, recebia o apoio das famílias ao trabalho dos padres e em razão do modo de tratar o aluno. As características ressaltadas se assemelham àqueles que guiavam o trabalho de Dom Bosco, conforme podemos ver a seguir:

As aulas eram preparadas com muito rigor e vigilância constante dos padres. Toda semana tinha reunião com os padres. Eles recolhiam todos os cadernos e o dia todo era só para passar o que o professor estava fazendo. Era um cuidado extraordinário, não passava nada e de instante em instante o padre Mario Balbe e o padre Mamédio ficava na porta da sala para ver o aproveitamento. Os trabalhos eram vistos numa reunião entre professores para dar o visto. Era muita eficiência. Eu era muito exigente e fazia questão de ter alguma coisa para mostrar na reunião. Tinha que dar aula, controlar e manter a disciplina. Tinha aluno rebelde e os padres vinham para a porta da sala quando eles bagunçavam. Costumava fazer uma lista dos alunos que teriam que ficar depois da aula para fazer os exercícios que não fizeram na hora. Aula de caligrafia era todo dia dado pelo professor João Batista. Ele conferia cerca de 21 cadernos todo dia, ele era leigo, muito exigente. O relacionamento com o aluno era rígido em sala, mas fora dela, muito amável. Tanto que anos mais tarde recebi a retribuição dos alunos quando reconheciam o meu trabalho. (Entrevista: LUIZ MAGALHÃES, Juazeiro do Norte, 2009).

Com o crescente aumento do número de alunos, tornou-se necessária a contratação de professores externos. As disciplinas Canto Orfeônico e Educação Física eram sempre merecedoras de registro na Crônica, indicando ser um trabalho de grande importância para a formação dos alunos.

No dia 24 de março, data de aniversário do padre Cícero, segue para serra do Horto uma caravana composta pelo padre diretor, padre Paulo, padre João, professor Luiz, professor Egídio, professor Olegário e alguns jovens estudantes. Padre João iniciou a missa dominical no Horto, no dia 27 de fevereiro de 1944. Este acontecimento soma-se aos demais, deixando os padres satisfeitos com o trabalho que realizaram:

O movimento aqui no nosso colégio toma cada vez mais vulto extraordinário de muita piedade e aventrada devoção a N. Senhora. As reuniões das associações têm sido brilhantes e numerosas, tendo a alma de todo esse movimento o rvm. P. Diretor, alma de apóstolo e sacerdote de muitas virtudes.

A preocupação de mostrar as atividades desenvolvidas no Colégio Salesiano em Juazeiro do Norte, que reúne, além dos alunos, as suas famílias, contextualizada nas ações da Igreja Católica, constitui uma reflexão solidificada à medida que nos aprofundamos no conhecimento relativo à estratégia de uma *Igreja Militante*, quando passou da luta por sua reafirmação social para o fortalecimento da peleja contra os inimigos externos, no caso, o protestantismo. Foi quando falaram de uma nova *ordem cristã* na vida pública do País.

A pedagogia católica seguiu os preceitos fundamentais dessas lutas que visavam à supremacia do catolicismo. Arregimentou os leigos nessa militância por meio da Ação Católica (AC), – que era uma organização de leigos, um instrumento de ação das classes médias criado na Itália, em 1922, por Pio XI. Esta abrigava novas instituições, que visavam a assegurar a presença dos padres católicos perante o governo e a sociedade.

As leituras e orientação nos levaram à necessidade de relacionar tais questões ao projeto pedagógico da Igreja Católica e, assim, foram emergindo questões relativas à prática educativa católica, com influências no fazer educativo salesiano, que, no nosso entender, deve ser posto numa pedagogia com características fortemente conservadoras e hierarquizadas. Na cidade em foco, eles arregimentavam a comunidade local, obedecendo a uma sequência iniciada com o aluno, não só do Colégio, como também do Instituto como um todo, depois com as famílias, para realizar um trabalho pastoral.

Isso implica considerar que o trabalho dos padres salesianos, nos anos iniciais da sua chegada, ou seja, até o final dos anos de 1940, tinha como base de sua pedagogia promover uma presença atuante do Reino de Deus na terra, como meio de discernimento e acolhimento,

que levaria a uma participação consciente na consolidação desse Reino, mediante a vida conjugal, familiar, participação social e criação cultural.

#### 4.6 O Colégio Salesiano em Juazeiro do Norte nos anos de 1950

Retomar o texto tendo como marco inicial os anos de 1950 justifica-se pelo empenho de contextualizar as ações do Colégio dentro do projeto de pastoral da Igreja Católica e das mudanças que ocorriam na educação na contextura nacional, advindas da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB, 1952), acompanhando o desenvolvimento de suas ações e implicações na educação da juventude, por conta das demandas educacionais, sociais, políticas e religiosas que formavam o quadro histórico daquele momento. O Colégio está sendo aqui tratado, com base nessa lógica, que engloba espaço e tempo escolar como sagrados, que estão imbricados e, ao mesmo tempo, relativamente livres, e que, assim, produzem essa experiência salesiana em Juazeiro do Norte.

Percebemos os primeiros momentos de organização da Pedagogia Católica atendendo aos preceitos da Pastoral Coletiva de 1915 e da Carta Pastoral de Dom Sebastião Leme, de 1916, na qual a educação era vista como um mecanismo para a formação da intelectualidade católica. Notamos, também, que a educação católica estava intimamente ligada à missão salvífica da Igreja.

A releitura do Evangelho e a consequente ação da Igreja dão características de um tempo em que se defendiam ideais democráticos e pluralismo cultural.

A partir de 1945 a Ação Católica no Brasil (ACB) passa por uma reestruturação, ‘especializando-se’, ou seja, divide-se em setores específicos voltados para os ‘meios sociais’ a serem evangelizados: o mundo rural, estudantil, independente, operário e universitário. Alvo preferencial dentre esses cinco ‘meios’ foi a juventude católica. Em certo sentido, o movimento da Juventude Operária Católica (JOC), fundado na Bélgica em 1924 pelo Padre Joseph Cardijn (1882-1967), serviu de modelo de inspiração. [...] O conteúdo programático da ACE expressa bem o ideário da época: ‘Voltar-se para a realidade humana em todas as suas dimensões; aprendê-la; interpretá-la à luz da experiência pessoal e das análises elaboradas pelas ciências humanas; apreciá-la sobre o prisma das exigências evangélicas do Reino; comprometer-se com sua transformação, por meio de iniciativas viáveis de cunho pessoal, grupal e coletivo. (MATOS, 2003, p. 141).

O autor ainda comenta o interesse pelo *engajamento efetivo do leigo* na vida social, pelo aprimoramento da consciência crítica. Assim, consideramos que o espírito cristão da época é condicionante da ação educativa salesiana em Juazeiro do Norte, até o momento, e

que os padres salesianos tinham a missão de seguir a pedagogia de Dom Bosco, adaptando-a à Pedagogia Católica e à legislação nacional. Havia uma interpretação da Ação Católica (AC), apresentada na revista “Flor do Sertão”, um órgão que pertencia aos alunos do Colégio Salesiano São João Bosco, como está indicado na capa do periódico, o que confirma nossas apreciações:

[...] Tudo que entra no campo apostólico da Igreja, entra também no da Ação Católica, igualmente é o campo da A.C. (Pio XI). Em tôdas as nações do mundo estão organizando os elementos católicos práticos (especialmente a mocidade) dando frutos maravilhosos de vocação e santidade. (FLOR DO SERTÃO, 1949, p. 32).

Após a criação da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a Igreja continuou a sua luta para manter uma convivência pacífica com o Estado, com vistas a alcançar uma presença efetiva e mais abrangente na educação, de forma que envolvesse também, o setor público. As mudanças que advieram desse período são consequência de uma igreja que tinha por objetivo conscientizar e fortalecer as reivindicações sociais, indo além de uma presença assistencialista. Reescreveu a sua pedagogia, tendo como base atuar na realidade nacional com uma visão cristã que priorizasse o humano.

As páginas históricas estudadas mostram a sua identidade confessional imbricada com a cultura sertaneja de uma forma quase “natural”, nem sempre percebida pelos alunos, revelando acatamento da educação ofertada pelos padres, embora algumas famílias ligadas ao Colégio não comungassem com algumas atitudes, principalmente aquelas que se referem aos rumos dados ao patrimônio herdado.

Existe um desconforto histórico sobre esse assunto quando, em 1955, os padres suspenderam a venda dos imóveis em razão das críticas recebidas, conforme está registrado na Crônica da Casa. São evidências de um relacionamento que não configura apenas momentos de aceitação, mas há também tensões, como aquelas relacionados anteriormente.

Mesmo com todos os problemas acarretados pelo testamento do Padre Cícero em favor destes padres, a sociedade soube aproveitar a presença salesiana para o melhoramento intelectual e cultural da cidade, assim como os padres também foram competentes ao aproveitar o espaço local para levar adiante a sua missão como sacerdotes salesianos, emissários da fé católica.

O espírito missionário era observado quando se mostravam tolerantes com a forma de manifestação religiosa praticada pelos alunos e professores leigos do Colégio. Evidenciando o resultado da formação salesiana como padres “missionários”, eles eram preparados para lidar com qualquer cultura, quando designados pelas inspetorias para exercer uma missão em

determinada região.

Padre Antenor comenta que era comum alunos e alguns professores irem à escola vestidos com roupa preta. O Regimento do Colégio obrigava todo aluno a usar a farda para assistir às aulas. Uma vez por mês, esta norma era esquecida – no dia 20 de cada mês, em homenagem ao aniversário de morte do padre Cícero. Eram promessas e graças alcançadas, que os padres não poderiam contestar, pois colocariam em risco a própria fé do povo, no poder dos santos e da igreja. Foi desta forma que, aos poucos, introduziram elementos da cultura salesiana na cidade, em festas cívicas, procissões, missas, imagens de santos, como Dom Bosco, Cristo Rei, Nossa Senhora Auxiliadora e Domingos Sávio<sup>47</sup>, este que era apresentado como modelo de santidade para os jovens seguirem.

O que chamamos de *salesianidade* ao longo deste trabalho pode ser interpretado como aquilo que eles são e o que representam por meio do espírito que os unem e os identificam. Assim, eles chamam a sociedade juazeirense para caminhar juntos com eles, formando a família salesiana mediante o reconhecimento de pertença, seguindo o modo salesiano de ser.

As disciplinas eram bem ministradas, os professores tinham domínio do conteúdo e eram preparados. De acordo com Daniel Walker, o Colégio se caracterizava por proporcionar ao aluno um relacionamento sadio, um ambiente puramente disciplinar. Todos os professores eram muito bem preparados. Ele destacou o padre Mário Balbi, por ser versátil em várias disciplinas, como Inglês, Ciências Físicas e Biológicas e também detinha bom conhecimento geral.

Era um Colégio do melhor gabarito, o melhor da época no ensino masculino, e famoso por sua disciplina rígida e orientação religiosa. Proporcionava uma sólida formação humanística. Proporcionou-me além de uma sólida formação humanística uma grande abertura para o mercado profissional, principalmente para enfrentar concursos.

[...] O colégio preparava o aluno para a vida e os professores eram verdadeiros exemplos de gente de caráter ilibado e requintada formação intelectual.

O desfile de 7 de setembro era um belo exemplo de patriotismo e disciplina militar. Era um dos maiores atrativos do colégio. Fazia gosto desfilar representando o colégio, pelo uniforme que era muito bonito e pela sensação que causava quando

---

<sup>47</sup> Domingos Sávio nasceu no dia 02 de abril de 1842, em São João de Riva, perto de Chieri (Turim). Aos doze anos, ao ser recebido por Dom Bosco no Oratório de Turim, pediu a ele que o ajudasse a “se tornar santo”. Era um jovem sereno e alegre, cumpridor dos seus deveres de estudante. Destaca-se, também, por uma intensa participação aos sacramentos. No dia 08 de dezembro de 1854, proclamado o dogma da Imaculada por Pio IX, Domingos se consagrou a Maria e começou a progredir rapidamente na santidade. Morreu em Mondonio, no dia 09 de março de 1857. Sua imagem de jovem santo foi sempre muito utilizada pelos padres salesianos como exemplo a ser seguido por todos (BOSCO, 1979).

desfilava garbosamente pelas ruas da cidade. Tocar na banda, então, era uma glória para qualquer aluno. Eu mesmo só tive esse privilégio no último ano. (DANIEL WALKER ALMEIDA MARQUES, Juazeiro do Norte, 2009)<sup>48</sup>.



Fotos 24 e 25 – Desfiles do Dia 7 de Setembro – Cícera Viana da Silva e José Bezerra e Silva.  
Arquivo particular: Cícera Viana da Silva Arquivo: CSJN.

A educação era operacionalizada com vistas a ampliar as fronteiras de conhecimento dos conteúdos, levando a uma cidadania eficiente e honesta, julgada tão importante quanto era a erudição. Isso é divisado na forma como os ex-alunos falam do Colégio. Por exemplo, Raimundo Rodrigues Araújo, ex-aluno. Ele é professor e jornalista, residente na cidade de Juazeiro do Norte. Declara de forma apaixonada a sua gratidão pelo Colégio:

Ingressei no Colégio Salesiano São João Bosco, no ano de 1954, cursei o admissão ao ginásio e as séries 1ª, 2ª, 3ª, 4ª do Curso Ginásial (atual 1º grau). Da forma mais racional possível. A melhor possível. Ótima. O fenômeno em epígrafe foi de tal maneira percebido, que até hoje ressoa como um fato inusitado. Absolutamente! Absolutamente!

[...] Foi ali que alicercei meu caráter; que me illustrei intelectualmente falando e me tornei um católico confesso. [...] Eu não só aprendi a ler como a rezar, todo dia eu assistia a missa. Admiro e respeito os professores, principalmente professor Alexandre Passos e Professor Luiz Magalhães, que são os únicos remanescentes, o diretor era meu professor de latim, grande professor. O curso diurno não foi feito para pobre, mas, eu estudei lá, com grande esforço da minha mãe eu pagava o mesmo que Ivan Bezerra pagava, não tinha bolsa. Os professores eram quase todos padres, eram competentes, grandes professores. Era rígido o colégio. Fui à segunda época, podia ficar reprovado. Aprendi noções de ética, moral, rezar, respeitar. Os professores eram amigos, tinha futebol. Todo mundo queria bem ao colégio, todos tem saudade. (Entrevista: RAIMUNDO RODRIGUES ARAÚJO, Juazeiro do Norte, 2009).

Paulo Machado, como é conhecido, é escritor e tabelião e oficial de registros de imóveis do Cartório Machado, 2º Ofício. Relata a sua vivência, destacando a importância indiscutível que o Colégio tinha para a sociedade de Juazeiro do Norte, na sua formação cultural e educacional. Ele estudou no Colégio entre os anos de 1959 a 1962.

<sup>48</sup> Daniel Walker Almeida Marques ingressou no Colégio Salesiano em 1961, cursou o Ginásial completo da 1ª a 4ª série.

Foram 4 anos, primário e 4 anos, ginásial. Foi o melhor colégio em termo de qualidade e ensino masculino. Eram duas as melhores escolas na formação dos alunos de Juazeiro, dividia entre o Salesiano e a Escola Normal, lá o lado feminino e aqui o lado masculino. Meu pai escolheu esse Colégio porque com certeza era o melhor. Teve grande influência para o meu projeto de vida, minha formação primária e secundária foi toda no Salesiano tudo o que eu sou hoje aprendi lá no Salesiano. Fiz os cursos de odontologia e direito. (Entrevista: PAULO DE TARSO GONDIM MACHADO, Juazeiro do Norte, 2009).

Assim, destaca uma forma teatralizada da formação que recebeu e que conferia destaque ao Colégio como espaço de formação da juventude:

Importante demais, o desfile cívico na cidade, a identidade da escola com o município, a questão municipal com o desfile então aquela expectativa do Colégio Salesiano descer desfilando. Era sempre o último colégio a desfilando, todo mundo ficava na praça aguardando e era uma coisa bonita, agente subia com muito orgulho com aquela farda linda.

Estimulou o patriotismo - cantava o hino O Pendão da Esperança, o Hino Nacional. Mas, depois da revolução acabou tudo. A revolução deixou um péssimo exemplo para todo mundo em termo de ditadura.

Hoje, ninguém canta mais o hino em colégio nenhum, os desfiles estão acabando. (Entrevista: PAULO DE TARSO GONDIM MACHADO, Juazeiro do Norte, 2009).

Os professores também estavam imbuídos desse espírito. Fossem eles padres ou leigos, todos mostravam que tinham consciência da responsabilidade e do poder que estavam em suas mãos, de formar o caráter daquelas crianças e jovens. A confessionalidade católica estava refletida na vida educacional por meio da sua proposta pedagógica. O ensino religioso, missas, catecismo entre outras práticas cotidianas, como o disciplinamento, transmitiam os valores morais e espirituais, em rituais mais utilizados e que foram institucionalizados pela sociedade local.

O 'bom dia', às vezes acontecia no pátio. Havia, por exemplo, certos momentos importantes como a primeira sexta-feira de cada mês. Nós fazíamos as nove primeiras que era um preceito de bom cristão, de indulgências plenárias. Havia o culto, sobre o qual todos nós éramos solidários como cristãos aos santos salesianos, a Maria Auxiliadora, a Dom Bosco, a Domingos Sá. Pelos menos esses três mais marcantes. E aqui e acolá assim a menção de um religioso salesiano. Nesse ponto, foi uma coisa assim marcante, No colégio público da escola normal, havia esse sentido da religiosidade muito arraigado. Por que a diretora de então, Amália Xavier era uma das figuras mais notórias da própria igreja do Juazeiro. Era uma pessoa dedicada a união das 'filhas de Maria', engajada nos movimentos da paróquia embora não tivesse aquele sentido como a gente tem hoje das chamadas pastorais. É uma coisa mais da igreja oficial, da relação com o pároco de então que era Monsenhor Joviniano. Então lá também, mas com menor freqüência. Só que no Salesiano, pelo fato de ser a sede uma congregação religiosa, tinha a capela ao lado e tinha toda uma motivação que nos levava freqüentemente a participar de procissões, de encontros, de ter o próprio retiro anual dentro do Colégio. (Entrevista: RENATO CASIMIRO, Juazeiro do Norte, 2010).

Na perspectiva de Balandier, ao analisar o poder e as suas máscaras desde o

cerimonial medieval até a era da televisão, é possível identificar as sociedades reguladas pela tradição e as sociedades modernas, comandadas pelo excesso de informação, palavras e imagens como partes integrantes do exercício do poder. Sobre tal perspectiva, ele traz a novidade de uma inversão, em que o poder é visto como quase uma vítima ao se submeter à própria teatralidade, o que ele chama de “teatrocracia”. Esta, segundo ele, é que alimenta o poder.

Com efeito, o Colégio Salesiano de Juazeiro do Norte confere uma base teatral a todas as manifestações da sua existência social na cidade, como forma de executar o poder e é, por isso, que consideramos como nos inspira Balandier, que aqueles atores sociais executores do poder “devem pagar o seu contributo quotidiano à teatralidade”.

Ao tentar aproximar o significado das palavras teoria e teatro, sugere que a primeira maneira de teorizar é de caráter dramático: “o mundo inteiro é um palco” dizia Shakespeare. Complementando esse pensamento, Balandier (1999, p. 19) assegura que “[...] as suas peças principais são o comentário dramático das formas nas quais se revelam as práticas coletivas dos meandros dos poderes e das acções sociais”. Acentua, ainda, que o poder não se mantém apenas pela racionalidade ou pela autoridade. E continua afirmando que ele: “[...] Não se faz nem se mantém senão pela transposição, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização num quadro cerimonial”. (p. 19). Nesse sentido, acreditamos que o Colégio Salesiano exerceu intensiva influência em diversos aspectos da vida social do Juazeiro do Norte.

Naquele período, também, já podemos visualizar o Colégio como parte de um bem-sucedido trabalho de expansão e estabilidade da Igreja Católica no Brasil, pois firmou suas raízes em nossa cidade, inicialmente, com um pequeno contingente de membros e a colaboração de nativos vocacionados, o que nos leva a dizer que foi ali implantada uma instituição religiosa de bases sólidas.

São evidências de um trabalho unificado com a Santa Sé, quando, na Crônica da Casa, nos anos de 1950, aparece o seguinte comentário: A festa de Nossa Senhora Auxiliadora é celebrada com um novenário. A comissão da noite mostra-se à altura de sua posição social. As noites do novenário são dedicadas ao povo, de acordo com as profissões – a noite dos motoristas e ferreiros, sapateiros e fogueteiros, professores, entre outras.

Assim, visualizamos a pedagogia católica do período, sintonizada com a missão restauradora da Igreja Católica dos anos de 1950, voltada para as reivindicações sociais que naquele momento estavam em curso no Brasil. As concepções de salvação e desenvolvimento sugeridas por Nunes (*apud* MIRANDA, 1987) apresentam um entrelaçamento do contexto

ideológico e doutrinal, onde é possível verificar a incorporação de categorias do pensamento sociológico da época:

*A promoção integral do homem* aparece explicitamente como um dos grandes objetivos do trabalho pastoral da Igreja Católica. Os religiosos e religiosas traduzem isto em termos próprios: ‘Não se trata de os religiosos criarem o seu plano de desenvolvimento, mas de se inserirem nos processos que se encaminham tanto no país como na Igreja’. [...] desenvolvimento e pastoral se encontram vinculados e se chega a falar numa *mística do desenvolvimento*, para a qual devem ser *mentalizados* ‘tanto o necessário que é indigente, como o farto, que se julga saciado’. (MIRANDA, 1987, p. 195).

A autora lembra, também, que nesse mesmo ano, o tema-base da Assembleia Nacional da Conferência dos Religiosos do Brasil foi: “Vida Religiosa e Desenvolvimento”.

O controle dessas ações era feito por meio das visitas oficiais. Assim, nos anos de 1950, os padres receberam a visita do inspetor das casas salesianas, que foi recepcionado pelos alunos na estação de trem e celebrou missa em uma dessas noites novenárias. O mesmo inspetor teve permanência curta, mas proveitosa, “[...] constatando o bem imenso que os Salesianos farão na terra do meu Padim”. Não sei se por ironia, mas aqui está presente uma apropriação da linguagem utilizada pelos devotos do padre Cícero, quando se referem a ele. Os salesianos estariam se rendendo aos encantos do Patriarca?

As visitas pastorais fazem parte do ritual que une os membros da Igreja, mediante o estabelecimento de laços de família. O reitor-mor era visto por todos como o sucessor de Dom Bosco. A visita que em alguns momentos era feita por um representante tem por objetivo orientar e unificar o trabalho da Congregação espalhada pelo Brasil e pelo Mundo.

Para refletir sobre o processo exposto até aqui, se faz necessário conhecer os espaços de ação social constituídos ao longo desse tempo. São espaços relativamente autônomos que influenciaram na reinvenção das ações salesianas no contexto do sertão cearense. A forma como interagem para produzir sua experiência de trabalho – proposta pedagógica, grade curricular, formação dos professores, relacionamento com a comunidade local – está incluída nessa reinvenção que provoca modificações na estrutura social da cidade e na estratégia de reprodução das famílias e/ou por intermédio da mobilidade social que permitiu.

Eis a análise sobre o Colégio e o aluno, no período dos anos de 1950, feita por um ex-aluno:

[...] Eles eram ‘disciplinados’ em corpo e alma, de forma que se buscava adicionar ao que eles já traziam, vigor físico, iniciativa e agressividade que eram entendidas como próprios do macho, e dureza de alma expressada na rigidez de caráter, que como as qualidades citadas antes eram consideradas naturais do homem. O fato de freqüentar este estabelecimento, a segregação sexual, acrescia aos machos, mais ‘macheza’; é este mesmo o termo, pois a escola aumentava o capital simbólico do

jovem, seu valor, seus brios, sua auto-estima, segundo o costume e o gosto nesse tipo de sociedade. Os alunos, crianças e jovens tinham consciência disto, o que ficava muito claro nos eventos sociais, religiosos e políticos, transparecendo na forma como ostentavam nessas ocasiões, com disciplina e garbo, os uniformes de gala.

[...] Por esta razão, era sonho de todo menino da cidade estudar no Colégio Salesiano. Ser aluno deste estabelecimento conferia 'status' ao jovem. Sendo uma escola particular o valor das mensalidades a tornava muito seletiva e elitista. O corpo discente desta escola constituía-se verdadeiramente a escol social. Quem não haveria de ter este sonho? (Entrevista: PEDRO FERREIRA BARROS, Juazeiro do Norte, 2009).

Um espaço cultural criado no final dos anos de 1940, para a formação dos alunos, é a Revista bimestral “Flor do Sertão”<sup>49</sup>, cujo diretor era o padre Carlos Galli e o redator o pe. Martinho Pine. Tratava-se de uma estratégia pedagógica que levava o aluno à incorporação de ideias refinadas, apropriando-se de elementos da cultura letrada e, também, religiosa.

Os temas dos artigos eram voltados para a religião e a Pátria. Por exemplo: “*Honra o Brasil no Passado, Glorifica-o no Presente, Impulsiona-o para o Futuro*”, escrito por Vicente Amorim, aluno da 4ª Série; “*Tiradentes*”, escrito por Benedito Rodrigues Veloso, aluno da 4ª Série; “*O Oratório festivo*”, sem autoria; “*O descobrimento do Brasil*”, por Helio Cordeiro Manso, aluno da 3ª Série; “*Crônica Esportiva*”, pelo professor Jaime Almeida Brandão e “*Urbanidade*”, por Valderi Alves de Aquino, aluno da 2ª Série. A primeira página exibe uma foto de “*Maria, Auxilium Chistianorum*”.

A escolha do nome da revista “Flôr do Sertão” mostra o envolvimento dos padres com a cultura local, quando fazem uma analogia com a flor do mandacaru. A revista e a flor do mandacaru são indicativos de um refinamento em pleno sertão desolado.

[...] Há muito tempo a flor de mandacaru é chamada a ‘flôr do sertão’, porque só ela é a heroína que vence as ingratidões e castigos da terra sertaneja. Meu atencioso jovem! Também a tua revista é a ‘flôr do sertão’. Ela surge em meio dos rochedos da ignorância. Floresce e traz para ti a flôr da sabedoria, que mais tarde ser-te-á o perfume e a luz que ti iluminará. (FLOR DO SERTÃO, 1949, ano. 1, n. 1, p. 2).

Os alunos adquiriram um importante espaço para discussão por meio da revista e mostraram como era a expressão do pensamento social e político da juventude, mesmo com a constante vigilância dos padres. A história da Congregação e sua inserção no espaço religioso local e a maneira como o bispo, ou a Diocese, impôs constrangimentos ao ofício dessa Congregação, pelo “silêncio obsequioso”, são elementos considerados importantes para compreender o resultado desse trabalho.

<sup>49</sup> Revista ‘Flor do Sertão’. A primeira edição é de abril e maio de 1949. Consta que sua assinatura anual custava Cr\$ 18,00 e o número avulso Cr\$ 5,00. Recuperada do arquivo particular de Anchieta M. de Mont’Alverne.

Os atores sociais participantes desse processo serão os contadores dessa história nas entrevistas realizadas. Segundo um ex-aluno, Jackson Pires Barbosa, em um artigo escrito para o jornal comemorativo dos 60 anos de instalação do Colégio na cidade, ele diz: “Falar de uma época que passou e se conviveu, como aluno do Colégio Salesiano São João Bosco, de nossa cidade, é como estar recebendo um troféu por um destaque cívico, que muito me honra”.

Essa foi a impressão que ficou registrada na nossa memória a cada contato que tivemos com ex-alunos e ex-professores, nos momentos em que fazíamos as entrevistas.

Os padres salesianos estavam empenhados na formação de uma identidade sociocultural que refletisse a diferença por meio da superioridade. Numa época em que diversas ideologias se confrontavam, os conflitos pedagógicos se destacavam e apareciam no formato de pedagogia tradicional representada pelas oligarquias dirigentes e a Igreja. Já a Pedagogia Nova, representa burguesia, classes médias, enquanto a Pedagogia Libertária significa intelectuais ligados aos projetos dos movimentos sociais populares: movimento operário de linha anárquica e anarcossindicalista. Todas tiveram de assimilar os preceitos de uma herança pedagógica constituída pela pedagogia jesuítica – a *Ratio Studiorum*. Sendo um conjunto de normas para regulamentar os colégios jesuíticos, foi ponte entre o ensino medieval e o moderno.

Ao longo da história de Juazeiro do Norte, o Salesiano apresenta uma rápida evolução nas suas ações educacionais e evangélicas – de um estabelecimento de ensino primário para crianças pobres, passou a ser um estabelecimento pago, ofertando o primário, ginásial e as escolas profissionais cumprindo com o objetivo de lançar as raízes de uma sólida instrução, uma educação moral apta a formar bons cristãos que, para eles, significa “cidadãos honestos e hábeis nos vários ramos a que se destinam”.

O Sistema Preventivo de Dom Bosco constituía a base filosófica e pedagógica do seu trabalho. Como a denominação indica, consistia em prevenir as faltas com assídua e amorosa vigilância e impregnar o ambiente colegial de um verdadeiro espírito de família, de tal modo que mestres e alunos adquirissem um tratamento semelhante ao de pai e filhos.

O instituto realizou várias ações sob o regime de externato, com exceção do “Aprendizado Agrícola”, externato que abrigava alunos pobres e de média condição financeira onde ficava o pré-aspirantado.

Primeiro nós chegamos lá, eram meus pais e cinco meninos. Nós, os meninos logo fomos atraídos pelo Colégio Salesiano. Meus pais não tinham condições econômicas, mas, como viam que eu era muito esperto e gostava de estudo aí fizeram um esforço muito grande e aí eu entrei pro Colégio Salesiano que era o melhor da cidade na época.

E aí tinha um detalhe, todo sábado e domingo os salesianos mantinham o Oratório Festivo, era um encontro dos jovens. Eles traziam os jovens quer estudassem no colégio ou não, assim eu ia com os meus irmãos. Com aquele encontro do sábado e do domingo a gente vivia praticamente no Colégio. Tinha lanche, esporte, muito esporte e tinha a oração que a gente participava. Muitas vezes passava o sábado inteiro e os feriados. Na época de carnaval a mesma coisa. (Entrevista: FRANCISCO OSANI DE LAVO, Recife, 2011).

No dia primeiro de junho de 1955, houve reunião do Conselho da Casa, na biblioteca do Colégio, a fim de tratar da preparação do Instituto para participar do Congresso Eucarístico Internacional. Naquela ocasião, deliberaram mandar imprimir o hino do Congresso com oração própria para ser distribuída entre os alunos e o povo, para facilitar o canto na hora da missa. O hino teria que ser tocado na rádio todos os dias. Nos dias 6, 7 e 8 foi feito um Tríduo Eucarístico próprio para os alunos do ginásio e do primário, benção com o Santíssimo Sacramento. No encerramento os alunos foram convidados para uma Comunhão geral, junto com a solenidade de *Corpus Christi*. Para os fiéis que frequentavam a capela houve durante toda a semana uma hora de oração; depois o terço.

Na ocasião foi lida a Circular emitida em 14 de abril de 1955, pelo bispo do Crato, Dom Francisco de Assis Pires: “A propósito do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional”, anunciando formalmente a realização do Congresso nos dias 17 a 24 de julho, enfatizando que será um testemunho de vitalidade e fé da Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana. Sendo um impulso para o movimento de renovação da vida religiosa, moral, social e política do povo.

O periódico *Revista Catequética* foi a orientação teórica criada e utilizada por Dom Helder Câmara para uma renovação da catequese no Brasil. Esta continha orientações em termos de conteúdo, método e pedagogia.

Mais uma vez, a cidade de Juazeiro do Norte se uniu aos eventos que se passaram no plano nacional. Antenados não só com o aspecto religioso, também se preocupavam em acompanhar as mudanças educacionais, buscando formas de interferir nos rumos que pudessem tomar.

#### **4.7 Padres e professores colaboradores da educação salesiana nos anos de 1950**

Assim como as Crônicas da Casa, as Atas do Capítulo da Casa (ou Conselho Capitular) e os Relatórios da Secretaria são instrumentos utilizados para a organização do trabalho interno e, ao mesmo tempo, são importantes para o acompanhamento, por parte das inspetorias salesianas, do desenvolvimento das suas casas espalhadas pelo mundo. Assim,

possibilitam unificar o trabalho, para não perder o sentido filosófico e religioso dos ensinamentos de Dom Bosco. Constituem uma forma de controle da vida escolar e da Congregação nos diversos lugares onde se instalaram.

Padre Guido Barra foi um importante personagem dessa história, pois, além de acompanhar os padres e apresentá-los ao bispo de Crato e ao povo da cidade, fazia parte das atribuições do seu cargo, como inspetor salesiano, fazer visitas regulares a essa nova casa para acompanhar o seu desenvolvimento.

Havia continuidade do trabalho desenvolvido nos anos de 1940, institucionalizado pelas tarefas dos primeiros padres e professores. No período que vai do ano 1949 a 1959, estiveram na direção do Colégio os padres: Carlos Galli de 1949 a 1951, Lourenço Gatti de 1952 a 1953, somente por dois anos, faleceu em 1977; Celestino Capra, somente durante o ano de 1954, faleceu em 1987; Tiago Avico permaneceu durante o ano de 1955, faleceu em 1962; Mário Daurizzi de 1956 a 1958 permaneceu no cargo por três anos, faleceu em 1988. Gino Moratelli de 1959 até 1965 foi o mandato mais longo da história do Colégio, faleceu em 1983.

O inspetor Antonio Stelita Silva enviou, no ano de 1954, para o Diretor da Divisão de Ensino Secundário, um relatório sobre o desenvolvimento das atividades do Colégio, no qual podemos verificar o nível de exigência e controle do Estado com a educação ministrada pelo Colégio em foco.

Conforme Ata Geral de Exames de Admissão à 1ª série ginásial, realizados na 1ª época de 1952, consta a presença do inspetor federal, sr. Antonio Stelita Silva, e os membros da comissão examinadora, constituída pelos professores: padre Paulo Góis, Osvaldo Carvalho, Luiz Magalhães, Manoel Curisco de Lacerda e padre Tadeu Baginski, como presidente da comissão. Consta que foram realizadas as provas de Português, Aritmética, Geografia e História, nas modalidades de provas escrita e oral.

Alunos que participaram da seleção para o curso de Admissão ao Ginásio em dezembro de 1952: Adail Saraiva Mariano, Aluizio Gomes ramalho, Antonio Caldas Rosendo, Antonio Monteiro Barbosa, Antonio Iderval Pires Alencar, Arismar Euclides Araruna, Cleonis Araujo Silva, Francisco de Assis Valões Nobre, Francisco de Oliveira Silva Sobrinho, Francisco Osaní de Lavôr, Gilberto Bezerra, Heleno Costa Dias, Jaime Dourado Cabral, João Bosco de Araújo Monteiro, João Germano, José Anchieta de Souza, Josecy Barbosa Dias, José Car de Figueiredo Rocha, Josafá Fernandes de Oliveira, José Fideles Lopes, José Gomes da Silva, José Geraldo Correa, José Monteiro de Macêdo, José Ronald Brito, José Xavier da Silva, Judivan Alves Nobre. Nesse período, faziam parte do corpo docente os seguintes professores e as respectivas disciplinas por eles lecionadas:

- 4ª Série do Curso Ginásial – Português: padre Paulo Leandro de Góes; Latim: padre Tiago Avico; Francês: padre Francisco Montenegro; Inglês: padre Francisco Montenegro; Matemática: padre Paulo Leandro de Góes; Ciências da Natureza: padre Celestino Capra; História: padre Cícero Fernandes Coutinho; Geografia: padre Cícero Fernandes Coutinho; Desenho: Maria Paiva de Souza; Canto Orfeônico: Lapércio Eudes Moreira.
- 3ª Série do Curso Ginásial – Português: padre Cícero Fernandes Coutinho; Latim: padre Celestino Capra; Francês: padre Francisco Montenegro; Inglês: padre Francisco Montenegro; Matemática: padre Pedro Hodes; Ciências da Natureza: padre Tiago Avico; História: padre Paulo Leandro de Góes; Geografia: padre Cícero Fernandes Coutinho; Desenho: padre Paulo Leandro de Góes; Canto Orfeônico: Lapércio Eudes Moreira.
- 2ª Série do Curso Ginásial – Português: padre Cícero Fernandes Coutinho; Latim: padre Tiago Avico; Francês: padre Francisco Montenegro; Inglês: padre Francisco Montenegro; Matemática: padre Paulo Leandro de Góes; História: padre Cícero Fernandes Coutinho; Geografia: padre Cícero Fernandes Coutinho; Trabalhos Manuais: padre Cícero Fernandes Coutinho; Desenho: padre Paulo Leandro de Góes; Canto Orfeônico: Lapércio Eudes Moreira.
- Na 1ª Série do Curso Ginásial – Português: padre Paulo Leandro de Góes; Latim: padre Celestino Capra; Francês: padre Francisco Montenegro; Matemática: padre Pedro Hodes; História: padre Cícero Fernandes Coutinho; Geografia: Maria Paiva de Souza; Trabalhos Manuais: Maria Paiva de Souza; Desenho: padre Paulo Leandro de Góes; Canto Orfeônico: Lapércio Eudes Moreira. Vale salientar que o Colégio funcionava nos turnos manhã e tarde, contando com 791 alunos matriculados.

Observam-se a continuidade do disciplinamento e a rigidez das ações do Colégio em relação às provas e atividades confessionais nos anos seguintes, sempre com o mesmo entusiasmo. Ficaram determinadas, em reunião do Capítulo da Casa, em 1956, o início das provas parciais e a realização da prova de Religião para todas as classes e séries. Falaram da conveniência de os alunos ficarem mais próximo do prédio “evitando que se afastem demais do controle dos superiores no recreio”.

Determina-se a adoção de um só tipo de calças para as aulas de Educação Física. Trata da reforma da farda: a calça de brim azul marinho e a camisa de tricoline celeste. Na farda de gala, haverá acréscimo do quepe e da jaqueta branca. Os alunos dos cursos da tarde e da noite que desejassem participar do dia 7 de Setembro podem apresentar-se com a nova farda diária do curso da manhã, quer dizer que, para esses alunos, não existia a obrigatoriedade da farda.

O padre diretor lembrou que no final do Semestre “no encerramento do ano letivo, todos os professores devem procurar dar às provas semestrais a importância para que os alunos, considerando o valor delas, se preparem convenientemente”.

No que diz respeito ao aperfeiçoamento profissional de professores padres e leigos, este é também uma preocupação constante. Padre Gino Moratelli, nas férias, foi a Fortaleza para fazer curso de Inglês no Instituto Brasil – Estados Unidos e o curso da CADES.

O ex-aluno Anchieta Martinez de Mont’Alverne tem boas lembranças do ensino salesiano, especialmente quando se refere aos professores:

Mario Balbi, um grande homem aquele, tanto ensinando geografia, ensinando Matemática, era excelente. Cumpria o dever dele. Padre Manoel Ramos também foi um homem que cumpriu a missão dele como professor. Ele ensinava francês, quando entrava na sala de aula, não roubava um minuto, ele era competente nos dois sentidos. Agora o padre mais organizado daquele Salesiano, um dos mais competentes, em qualquer matéria que ele fosse ensinar ensinava bem, íntegro, disciplinado, uma letra muito boa, organizadíssimo era, mesmo o Padre Mário Balbi (Entrevista: ANCHIETA MARTINEZ DE MONT’ALVERNE, Juazeiro do Norte, 2010).

Além das atribuições do Colégio, os padres estavam empenhados na construção do santuário Sagrado Coração de Jesus. Em agosto de 1955, padre Nestor fala da dificuldade que teve no Rio de Janeiro para liberar a imagem do Sagrado Coração de Jesus, presa há um ano por ilegalidade, apresentada pelo chefe da alfândega. Esta era uma obra de fundamental importância para os padres salesianos e complementar a sua instalação na cidade, em um lugar mais apropriado para receber número crescente de fiéis que faziam parte das concorridas missas e comunhões dos salesianos. Segundo Bem Filho (2002, p. 98),

Aos 16 de junho de 1957, deu-se o lançamento e bênção da primeira pedra do Santuário Sagrado Coração de Jesus, cujo formato é de uma cruz, pelo padre Renato Ziggioni, Reitor-Mor dos Salesianos. Na ocasião foi colocada uma pedrinha das catacumbas de Roma.



Foto 26 – Visita do Padre Renato Ziggioni, reitor-mor (1958).  
Arquivo: CSJN.

O mês de Dom Bosco (agosto) foi comemorado com orações, terço, leitura da vida de Dom Bosco, bênção solene e visita domiciliar da imagem às famílias. O significado simbólico para os padres salesianos era levar às famílias o símbolo máximo da sua Congregação, razão da sua filosofia/teologia e prática religiosa. Para as famílias, essa aproximação era um privilégio por ter em sua casa Dom Bosco e os seus filhos, abençoando o seu lar, como também significava *status* social pela honra de receber em sua casa aqueles padres que, além de prestígio social que adquiriram, ainda eram os representantes do padre Cícero. Dessa forma, os padres conseguiram a aproximação necessária junto àquelas famílias que eram os grandes legitimadores de sua obra.

A rigidez e o disciplinamento do trabalho dos padres salesianos podem ser observadas no relatório elaborado pelo dr. Elysio Figueiredo, inspetor federal, depois de visita realizada no dia 07 de dezembro de 1957:

Realizamos todos os exames e provas de 1ª época em perfeita ordem e sem verificação de qualquer anormalidade – assim nas escritas como nas orais – sob a imediata inspeção (fiscalização) da provecta Professora Joaquina Gonçalves de Santana, auxiliar desta Inspeção, que lhe rende, aqui, a homenagem (por seu eficiente trabalho) merecida e os agradecimentos à sua dedicada colaboração, em face do montante de serviços que oneram o Inspetor junto ao Colégio Diocesano do Crato, respondendo ao expediente de mais cinco educandários do Cariri. Estão inscritos 57 alunos, que prestarão hoje, às 14h (2 horas da tarde) o Exame de Admissão ao Ginásio, assistido e fiscalizado pela douta professora, retro aludida e pelos dignos elementos, que constituem o corpo docente e administrativo deste educandário (Ginásio Salesiano São João Bosco). Local de funcionamento: considerado adequado. (Dr. ELYSIO FIGUEIREDO, 1957).

De acordo com reunião do Conselho da Casa, para a redistribuição de tarefas, a livraria do Colégio era responsabilidade do sr. Lessa. As missas ficaram sob os cuidados dos padres Mário, padre diretor, padre Nestor, padre Morette, padre Francisco e padre Tenório. Pelas aulas de Religião respondem os padres: diretor, Nestor, clérigo Paulo e o sr. Lessa. Enquanto isso, as aulas noturnas são da responsabilidade do sr. Paulo, sr. Luiz, Artur e Quininha (Joaquina Gonçalves de Santana).

Com o aumento do número de alunos, surgiu, mais uma vez, a necessidade de aumentar o número de professores. Os padres lamentam o fato de terem de recorrer ao pessoal externo, devido ao zelo que estes têm em executar o trabalho de acordo com a Constituição Salesiana. Para este fim, contrataram os professores – Ciências: dr. Geraldo Menezes Barbosa e Alexandre Passos; Francês: Paulo, Inglês (na 5ª série). Consta também a contratação dos seguintes professores: João Lima Santos, José Cícero de Menezes, Antônio Pereira Lima, Quintino Moreira Dias, Luiz Magalhães, que já fazia parte do Colégio, Joaquina Gonçalves de Santana (Quininha), que veio a ser um importante nome na história do Colégio, com sua

eficiente participação como docente e como secretária, e José Macário Alencar, como parte do corpo docente das aulas do Ensino Primário da manhã e da noite. À tarde, “os professores” serão substituídos pelos professores do ensino supletivo (CRÔNICA DA CASA, mar. 1959).

Estes professores até hoje são considerados grandes profissionais da área da educação. Segundo o professor Luiz Magalhães, todos eram preparados para trabalhar em conformidade com a Constituição Salesiana. Ganharam fama por serem professores do melhor Colégio da cidade e, ao mesmo tempo, ajudaram a dignificar o Colégio pelo nome que traziam de família, e pela fama que tinham de profissionais competentes e de moral inabalável.

Ainda segundo o professor Luiz, o que tornava o Colégio o melhor em qualidade de ensino era a aula bem ministrada, com planejamento esmerado, a confiança que os pais tinham na educação ofertada aos seus filhos, o relacionamento entre professores e alunos, ou seja, o bom tratamento que o aluno recebia e o cuidado que os padres tinham de se assemelhar ao trabalho de Dom Bosco: o “Bom Dia” e a missa, entre outros eventos cívicos e religiosos. O incentivo para as vocações, pois era motivo de orgulho ter um padre na família.

Na parte política, sobre a qual diz o Estatuto, que o Instituto Padre Cícero é apolítico, mas, os padres eram pressionados pelos alunos a aceitar a contribuição: “Fundação Fernando Ferrari”, “[...] mas fica nada positivo por ter ingerências aparentemente políticas e a família Germano disposta a oferecer o terreno pela obra”. (ATA DA REUNIÃO DO CONSELHO DA CASA, 21.09.1959). Enquanto isso, os quartanistas convidam o empresário gaúcho Fernando Ferrari, para paraninfo da turma. Dele conseguiram o custeio da passagem do passeio que fizeram a Fernando de Noronha.

A posição social dos alunos, na maioria oriundos de famílias abastadas da cidade e da região, facilitava esses contatos e dificultava o controle por parte dos padres nessas negociações. Esse posicionamento determinava, também, a participação deles nas diversas ações que movimentam a vida da cidade.

Há o registro de uma reunião com os alunos para falar sobre a “Semana de Eletrificação do Cariri”. Dr. Hidelgado Belém, presidente do comitê, explicou aos jovens a finalidade da semana. Foi, então, que em 1959, o Ministro da Guerra, Marechal Henrique Teixeira Lott, presenciou o momento em que foi colocado o primeiro poste de eletrificação com a energia de Paulo Afonso – Bahia (JUAONLINE, maio 2005).

A juventude foi chamada a participar do progresso da cidade, unindo forças mediante a conscientização dos benefícios da eletrificação. Portanto, são todos considerados construtores da cidade. A escola se constituiu institucionalmente do apoio da sociedade. Em contrapartida, tornou-se elemento imprescindível no desenvolvimento local, acompanhado

por toda a família salesiana, criando espaços de participação para concretizar o seu modo especial de dar continuidade ao trabalho do padre Cícero e da Igreja Católica.

Juazeiro do Norte era vista como cidade com vocação para o crescimento econômico, fato impulsionado, também por uma visão de vanguarda do padre Cícero, quando realiza em 1920 uma amostra do artesanato juazeirense no Rio de Janeiro. É tanto que, quando se fala em economia fortalecida, aí estão o comércio, as indústrias, inclusive artesanal. Em 1958, na cidade do Juazeiro do Norte realizou-se uma Feira Industrial para mostrar os produtos industrializados no Cariri (JUAONLINE, maio 2005).

Entre os anos de 1940 e 1950, a paisagem urbana se modificara com o surgimento e alongamento das ruas, bem como o melhoramento das casas, passando de “meia-água”, como eram chamadas as casas mais pobres, para construções maiores e bem edificadas. Como nos dias atuais, o comércio já era o maior atrativo e demarcador desse progresso urbano, atraindo pessoas de outras localidades da região. De acordo Nascimento (1998, p. 93),

Dentre outros gêneros, era desse nível de negócios as empresas ferragistas Felipe Neri & Companhia, José Raimundo Filho, João Anastácio da Silva, M. Oliveira, Martiniano Santana, Sebastião Teixeira Lima, Joaquim de Sousa Meneses, Severino Alves Sobrinho, Espedito Fernandes e João Ribeiro & Irmão.

Consoante informação do autor, no Município já existia os seguintes estabelecimentos de ensino: Ginásio Salesiano Padre Cícero, Ginásio Santa Terezinha, fundado em 1928, Escola Normal Rural, Escola Técnica de Comércio, Grupo Rural Modelo, cuja diretora era Amália Xavier de Oliveira, Grupo Escolar Padre Cícero, com a direção da professora Alacoque Bezerra, e mais 11 escolas isoladas auxiliares, 9 escolas noturnas de ensino supletivo e 17 distritais. Houve, também, pequenas indústrias, como as fábricas de anzol, pentes, agulhas, facas, tesouras, doces, bebidas, perfumes, estatuetas de gesso, cadinhos, sapatos, relógios, artefatos de ouro (vendidos até para fora do País), facões, machados, foices e uma infinidade de outros artigos, além dos engenhos de rapadura, alambiques, curtume, cerâmicas e teares (NASCIMENTO, 1998, p. 81-88).

Esse crescimento populacional encontra-se em taxa mais elevada, relacionada com o fluxo de migrações intensificado em períodos de secas da região nordestina e até mesmo pela proximidade do Crato ao Município de Juazeiro do Norte, pois, em 1940, esse contava com 38.145 habitantes, em 1960 tinha 68.494, com uma área rural muito menor. Podemos verificar que esse último município saltou da segunda para a primeira colocação em termos de população na região do Cariri (ANDRADE, 2000, p. 20).

Os anos de 1950 tiveram a marca, também, do educador Lauro de Oliveira Lima,

que iniciou em Fortaleza uma didática baseada nas teorias científicas de Jean Piaget, provocando mudanças nas ações dos padres em relação à educação dos alunos. Foram as marcas das mudanças sociais e/ou inovações que aconteceram naquele momento, fato que fez surgir diversas instituições governamentais, com suas atribuições específicas, com vistas a unificar o trabalho com educação, provocando disputa interna entre os intelectuais que possuíam os meios de maior influência.

Em 1953, já temos o Ministério da Educação e Cultura. Este promoveu uma *Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário* (CADES), dirigido por Armando Hildebrand (diretor do Ensino Secundário. Ministro da Educação no Governo Getúlio Vargas, decreto de 14/11/1953). Em 1957, Clóvis Salgado alterou o projeto original da LDB da Educação Nacional e enviou o substitutivo nº 2.222, mas foi o substitutivo de Carlos Lacerda que prevaleceu, provocando várias alterações no texto original, bem como um grande manifesto para que esse projeto fosse rejeitado. Em meio à criação de substitutivos para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, foi criada a *Campanha Nacional para a Erradicação do Analfabetismo* – CNEA.

O inspetor itinerante, dr. Valdir Gondim Colares, visitou o Colégio Salesiano. Contando com a colaboração do diretor, padre Mário Carlos Daurizi, promoveu, neste estabelecimento, uma reunião, no mês de abril de 1958, com os professores e diretores de escolas das cidades de Crato, Barbalha e Juazeiro do Norte. Estavam presentes 60 professores e os diretores da Região, discutindo assuntos relacionados ao aperfeiçoamento da capacidade didática, meios para corrigir o verbalismo dos alunos e para o uso do livro-texto. No momento, foi anunciada a realização de uma próxima reunião cuja sede foi a cidade de Barbalha (RELATÓRIO E CRÔNICA DA CASA, 1958).

A LDB trouxe profundas mudanças na legislação educacional, a conhecida Portaria nº 501, o que promoveu a reunião dos diversos segmentos sociais em busca de ter as suas reivindicações aceitas e, ao mesmo tempo, os salesianos buscaram uma adequação que não tornasse inviável a educação confessional, que é a tônica do trabalho desenvolvido por eles. Desta forma, passaram a coordenar os trabalhos do Seminário Pedagógico do Cariri, cedendo o espaço para a realização do evento, que aconteceu no auditório do Ginásio Salesiano, em Juazeiro do Norte, no dia 28 de agosto de 1959.

Padre Mario Balbi foi o organizador dos trabalhos da seccional nesta Região, onde estavam presentes autoridades do ensino, como o inspetor do ensino no Ceará, dr. Lauro de Oliveira Lima, e o dr. Elísio Figueirêdo, inspetor de ensino secundário.

Tratava-se do encontro entre professores e pais de alunos para discutir temas como:

a necessidade de participação dos pais nas reuniões do círculo de pais e mestres, bem como a necessidade de um orientador educacional em cada escola. (Crônica escrita por TARCILA CRUZ DE ALENCAR<sup>50</sup>, 1959).

Importantes personagens da sociedade, ligados à educação, mostraram confiança na *Escola Nova*, quando disseram que a aplicação racional dos seus princípios devia operar autênticos milagres no setor da pedagogia, tomando como base conhecimentos da Psicologia na compreensão adequada e indispensável dos problemas do menino e do adolescente. A *Escola Nova* situa o aluno, professor e escola em suas posições devidas. O aluno passou a ser o centro da educação. Relembra que os processos antiquados de educar, com base em diretrizes rígidas, como *o professor autocrata irredutível*, que se transforma em um orientador seguro e prudente capaz de guiar aquele que necessita de compreensão. A *Escola Nova* é um lar melhorado. “Saí do Ginásio Salesiano mais leve que a brisa noturna que passava maciamente” (Crônica escrita pelo Sr. ESPEDITO CORNÉLIO, Secretário Geral da Administração Municipal de Juazeiro do Norte, 1959).

O *Encontro dos Educadores do Ceará*, zona sul, inspira outro cronista da região que até os dias de hoje costuma ler em um programa de uma rádio local, os acontecimentos da cidade que chamam atenção – é o dr. Geraldo Menezes Barbosa, em uma Crônica por ele escrita, em 1959:

[...] Os tempos tem motivado uma série de modificações em todas as atividades humanas. O arcaísmo, as velharias, os trôpegos manejos criados do princípio deste século, estão passando pela justa e eficiente transformação característica da própria evolução [...] Surgiu, como era natural o novo roteiro para orientação do ensino moderno. A palmatória foi destronada como um dos mais abjetos elementos da escola.

O cronista ainda diz que, na escola moderna, a prepotência do professor sobre a tenra personalidade dos alunos está sendo considerada o maior crime que destrói, o provocador de neuroses. Desapareceu o “mestre empuchado de uma terrível autoridade”, que trata o aluno como capacho, amedrontando-os com uma terrível autoridade, impondo complexo de inferioridade nos alunos. Tais atitudes foram substituídas por um professor amigável, indicando os caminhos da aprendizagem. A obrigação de estudar foi substituída pela motivação que produz gosto pela aprendizagem.

Era a presença do Estado cada vez maior, minando a educação confessional, impondo diretrizes. Leem-se crônicas de personagens que, de forma direta, faziam parte da

---

<sup>50</sup> Tarcila Cruz de Alencar foi professora da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte desde sua criação até a década de 1950 e sócia do Instituto de Educação que deu origem à Escola Normal Rural.

história do Colégio como professor ou pai de alunos, desta forma, pondo em dúvida a educação ali praticada com base na pedagogia de Dom Bosco, por tratar-se de observações elaboradas por personagens importantes do meio intelectual e educacional de Juazeiro do Norte, vinculados ao Colégio.

## 5 O CARISMA DE DOM BOSCO: O COLÉGIO ENTRE OS ANOS DE 1960 E 1970

O regime disciplinar como educação preventiva de Dom Bosco e a educação religiosa como ponto fundamental que alinha todo o caminho do saber já são uma marca definitiva e reconhecida por todos. No caso aqui estudado, toda a proposta curricular estava alinhada com a legislação vigente, em sintonia, ao mesmo tempo, com os princípios educacionais do instituto religioso. Percebemos que os salesianos trabalhavam em total sintonia com as famílias, uma vez que esta relação era indispensável para a integração família-escola e, ainda, para criar o *sentimento de pertença* desejado pelo ideário salesiano:

A pertença à família salesiana consiste na participação vocacional no carisma de Dom Bosco, isto é, no seu espírito e missão, por parte dos grupos diretamente fundados por ele, tais como os Salesianos, as Filhas de Maria auxiliadora, e os Cooperadores, ou que indiretamente a ele se prendem, porque suscitados pelo Espírito Santo dentro do ‘fenômeno salesiano’, com a mediação de um salesiano e a ajuda de ambientes e grupos salesianos, como aconteceu com as voluntárias de Dom Bosco que originaram-se do P. Filipe Rinaldi. (BOLETIM SALESIANO, mar./abr. 1984, p. 12-13).

Elementos de circularidade cultural ficam evidentes em todo esse percurso histórico do Colégio aqui analisado, a unir professores, alunos e as famílias. Todos foram chamados a colaborar com o trabalho dos padres em busca de melhoria social por meio da apropriação dos conhecimentos escolares que circulavam e do respeito dos padres para com a sociedade local, no sentido em que caminhavam juntos em todos os eventos de ordem política, religiosa e social.

Observamos a preocupação dos salesianos com a ritualização, a qual, como aponta Balandier, se evidencia a teatralidade necessária ao exercício do poder que, para se manter, necessita de fabricação. Na esteira do pensamento do autor, isto rompe com a ideia de espontâneo, embora nem tudo seja artificial. O poder difere da vida cotidiana, pela encenação. Por isso, ele mostra o poder na sua parte espetaculizada, de uma forma tal que nos impede de ver que a política se alimenta do cotidiano, havendo uma rede de relações que não é visível. Na vida cotidiana, ninguém ensaia o que vai fazer, mas age de acordo com o papel que deve desempenhar. Portanto, a conquista da unidade, na escola, se estabelece pela representação, e é desta forma que uma sociedade absorve as “ordens” e elabora uma cultura.

Foi com base nessa espetacularização dos eventos sociais, educacionais, religiosos e políticos de Juazeiro do Norte que observamos a circularidade cultural de que nos fala Carlo Ginzburg, embora a sofisticação tentada pelos salesianos tenha tentado naturalizar essas ações,

utilizando essa estratégia como forma de tornar diferentes da cultura local os seus eventos. Portanto, foram inúmeros os acontecimentos e comemorações, relatados neste estudo, que ilustram esse aspecto da educação da elite do Juazeiro do Norte. Nos anos de 1960 e 1970, mudanças políticas e religiosas levaram a um envolvimento maior da Igreja com as classes marginalizadas.

A estratégia de ação assumida situou a Igreja em um posicionamento pouco confortável, ensejando, assim, conflitos entre a hierarquia eclesiástica e o Estado. O Concílio Vaticano II e a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) foram responsáveis por esse novo posicionamento, procurando implantar uma “educação libertadora”. Teve início uma educação informal nas Comunidades Eclesiais de Base, fazendo com que o operário e o homem do campo, passassem a lutar pela conquista da cidadania, com o desejo de libertação de um processo político-econômico escravizador.

### **5.1 As necessidades dos tempos modernos e a pedagogia de Dom Bosco**

Os programas relativos à celebração das ações católicas sempre tiveram o envolvimento dos alunos e da população da cidade, mediante a participação em missas, visitas com o consenso dos cooperadores e alunos. Envolviam, também, Dom Vicente de Paulo Araujo Matos, bispo da Diocese de Crato (1961 a 1992), que celebrou missa para os colegiais.

De acordo com ata de reunião dos capitulares, em abril de 1960, dirigida pelo padre visitador, padre Belido, está expresso o que pensa Don Ricaldone acerca do Capítulo:

1 Chamou atenção a responsabilidade e solidariedade e disse que cada um tem responsabilidade, discrepâncias há sempre, mas é preciso unidade. 2 Disse que a oficina não tem peças – não seja um meio de ganho. Dom Bosco não poderia abençoar – um meio para os meninos ganhar o pão. 3 Igreja – não seja uma preocupação que gaste energias. Ir devagar com prudência. Falou da casa – planos – litígio – ter dinheiro. Trabalhar mais com os externos. Os meninos devem vir ao ginásio além das aulas. Missa bem paramentada, comunhão e liras religiosas. (ATA DA REUNIÃO DOS CAPITULARES, abr. 1960).

Ao terminar as suas recomendações, pediu com carinho que os padres tornassem o Colégio agradável aos meninos.

As recomendações feitas pelo padre visitador deixam a entender que, após os 21 anos da Congregação na cidade e dos 18 anos de funcionamento do Colégio São João Bosco, fazia-se necessário esse balanço das atividades. As recomendações trouxeram à tona questões

de ordem interna, como, por exemplo, os relacionamentos dos padres entre si, nos momentos de decisões importantes. Nelas, o que chama bem mais atenção é o fato de lembrá-los acerca da missão de um salesiano de Dom Bosco: o trabalho com os meninos pobres e a necessidade de atrair o jovem para a igreja e, também, tornar o ambiente do Colégio um lugar prazeroso, sem se esquecer da população externa, que, para os salesianos, é imprescindível para a legitimação das ações eclesiais e educacionais, como aconteceu nos anos iniciais da chegada da Congregação à cidade.



Foto 27 – Alunos do 4º ano Ginásial – Colégio Salesiano de Juazeiro do Norte (1961).  
Arquivo: CSJN.

Há, portanto, nas recomendações ora aludidas, a denúncia desse distanciamento e, assim sendo, também, há uma distância dos preceitos de Dom Bosco, o que justifica a presença deste problema nas crônicas escritas por personagens que fazem parte da vida social de Juazeiro do Norte, quando evidenciam momentos de tensão neste relacionamento.

O padre Gino Moratelli (MATTARELLO, 1919; TRENTO, 1983), diretor da Casa, de 1959 até 1960, teve um mandato intercalado pelo padre Paulo Ribeiro, que assumiu a diretoria em 1961. No ano seguinte (1962), voltou o padre Gino Moratelli, permanecendo no período que compreende de 1962 a 1965. Os gestores do Colégio estavam atravessando um momento de transição, que incluía a chegada e a saída de pessoal, fato que refletia na necessidade de uma nova divisão do trabalho, o que interfere na organização das ações cotidianas. Até então, todos os dias os alunos do ginásio assistiam a uma missa celebrada para eles. Com a redução do número de padres, os capitulares da Casa pleitearam que a missa fosse celebrada apenas nas primeiras sextas-feiras.

Apesar das dificuldades, os salesianos não descuidavam da qualidade da educação e do aperfeiçoamento profissional dos docentes, demonstrando ser esta uma preocupação constante. É tanto que o padre conselheiro foi a Fortaleza fazer curso de Inglês, no curso do IBEU, Brasil-Estados Unidos, e, na cidade do Recife, o padre Mário Balbi participou de um Simpósio de Professores, retratado na Crônica da Casa, tudo com o objetivo de manter as ações regulares características do jeito salesiano de ser.

O início do ano letivo aconteceu sempre de forma solene, com a preocupação de elaborar um programa de que constam missa e leitura do regulamento, sob a vigilância constante dos capitulares, que organizavam os eventos para cada período específico. Naquele momento, o Colégio contava com os capitulares: Gino Moratelli, padre Luiz Marinho Falcão, Mário Balbi, e o padre Aurino Caracciolo, que chegou para fazer parte da comunidade nesse período de dificuldade.

As dificuldades levam à convocação dos padres do Aspirantado (Colégio Agrícola São José) para ajudar nas tarefas litúrgicas cotidianas, como Semana Santa. Em reunião, os capitulares decidiram: “[...] ficou determinado que na 4ª feira não haverá aula para facilitar as confissões aos alunos em preparação à comunhão pascal no próximo dia 21, por ocasião da data inaugural de Brasília” (ATA DO CAPÍTULO DA CASA, abr. 1960).

Com o aumento constante do número de alunos, os padres estavam preocupados em encontrar professores para o curso de admissão e dividir as aulas. Deparam-se, mais uma vez, com a falta de professores. Desta forma, recorreram a professores externos para o trabalho normal.

A confissão e a comunhão para mais de 250 alunos mostra o trabalho excessivo dos padres, fato que se observa, também, no número excessivo de estudantes na 1ª série ginásial, dado que houve desdobramento de turma. “As matrículas aumentaram: passamos de 305 alunos pela manhã a 360; a noite de 120 a mais de 200 e a tarde de 130 a 250”. Receberam reforço para ajudar nos trabalhos com a chegada do padre Genário, no dia 29 de abril (1961). Ele começou a dar aula de Francês e Português nas três primeiras séries. Em meio a esses problemas, retornaram de Fortaleza os padres Genário e Mário Balbi com a notícia de ausência de verbas estaduais.

O desejo de criar o Curso Científico nasceu em meio a essa crise. O Colégio ofertava o curso primário e o ginásial, porém, tendo concluído esse curso, o aluno teria que se deslocar para outras cidades e regiões se quisesse continuar os estudos, principalmente aqueles que queriam ingressar em um curso de nível superior. Mais uma vez, setores da sociedade se movimentaram para interferir nas ações do Colégio. Desta vez, foi uma comissão composta

por vereadores, que apresentaram aos superiores da Casa uma proposta para criar o Curso Científico.

Em 20 de maio de 1961, foi pedido ao sr. padre inspetor o “Bene Placet”, já outras vezes negada; desta vez, também foi negado, assim como aconteceu com o pedido do bispo Diocesano, recomendado pelo dr. Leão Sampaio, quando manifestou vontade de criar um Curso Científico industrial. Acreditamos que as razões disto se encontravam nas dificuldades enfrentadas pelo Colégio, naquele momento, como veremos a seguir.

Durante a visita realizada ao Colégio Salesiano, pelo sr. Elísio Figueiredo, inspetor federal, em março de 1961, ele ministrou uma aula para os alunos. Observamos que a “Crônica da Casa” não esclarece quanto ao conteúdo da aula. Era comum a presença do inspetor em visita ao Ginásio: ele pediu a construção de mais salas de aula, pois, os “alunos do primário estão apinhados”. Enquanto isso, o curso primário da manhã estava de exame para o curso de admissão; eram mais de 80 alunos que participavam (CRÔNICA DA CASA, nov. 1961).

Naquele período, o Colégio recebeu mais uma vez os professores para o *Terceiro Seminário de Professores da Região do Cariri*, marcando as discussões que antecederiam a implantação da nova LDB. Os salesianos conquistaram, cada vez mais, espaços e prestígio social, porém, mesmo assim, não conseguiram evitar as mudanças que a nova LDB provocou em seu modo de educar; ainda que tivesse continuação dos rituais católicos por eles instituídos, a ação educativa foi objeto de modificações.

O prefeito parabenizou o diretor pela participação dos alunos, mesmo nas férias, na comemoração do cinquentenário da cidade. Eram essas as oportunidades em que os alunos poderiam exhibir orgulhosamente a sua obrigação cívica diante do povo da cidade, fato que para eles conferia um certo ar de superioridade.

De acordo com a Crônica da Casa (set. 1961), não houve desfile na cidade em razão da “Crise Nacional!”, mas, “[...] Crato aceitou que fôssemos com os meninos para abrilhantar os festejos da pátria. Com três caminhões levamos mais de 300 alunos. Não acabavam de aplaudir. Hoje a noite no auditório da Rádio Educadora recebemos a ‘Taça da amizade’”.

Este gesto tem um significado simbólico, tal era o prestígio do Colégio, que conseguiram romper a barreira da rivalidade histórica entre os dois municípios: Crato e Juazeiro do Norte foram unidos naquele momento, em nome da Pátria e da fé cristã. Esta era a força que representavam a educação, a Pátria e a fé na região, antes reconhecida apenas pelo fanatismo.

Quando começou o ano de 1962, tudo parecia igual nas ações do Colégio – solenidade que marcou o início do ano letivo: aula inaugural ministrada por algum personagem

de destaque social, naquele ano foi o dr. José Milton, com a presença dos pais. Foi exibida preocupação com problemas de disciplina. “Dar-se-iam as notas de comportamento e observações e os pais sempre teriam conhecimento do procedimento dos filhos”. Isto representa um chamado aos pais para participar mais da educação dos filhos, auxiliando no trabalho dos padres. Portanto, essa participação da família iria além das atividades religiosas para as quais eram chamados a se envolver, assim como os professores, para tratar do comportamento dos alunos e, em seguida, fazer distribuição das aulas (CRÔNICA DA CASA, mar. 1962).

Salesianos: “Início do ano letivo – Deus abençoe a casa. Os alunos não cabem mais nas aulas. O nosso santo Sr. Pedro preparou mais de 120 carteiras – será necessário desdobrar a admissão, primeira e segunda série”. (CRÔNICA DA CASA, mar. 1962).

O Colégio necessitava, naquele momento, ampliar o quadro de funcionários. Por isso, em fevereiro de 1962, o padre Genaro ficou com os trabalhos de secretário e chegou do Recife o clérigo Raimundo M. Serrano, padre Luiz Peixoto ficou na casa como professor e confessor, enquanto o padre Aurino Caracciolo se foi para Fortaleza. Ele permaneceu em Juazeiro do Norte, de fevereiro a dezembro.

O crescimento do número de alunos causava admiração por parte dos padres, porque mais dois ginásios foram inaugurados na cidade. O curso ginásial matriculou 221 alunos, os cursos do primário, manhã, 171, tarde 200, noite 210. Aflorou a necessidade de ampliar os espaços do Colégio para melhor acolher o aluno. O inspetor autorizou construção da ala das salas de aulas. Os alunos do primário ocuparam o espaço destinado ao teatro e as outras classes estavam superlotadas.

As mudanças com a *Lei de Diretrizes e Bases* não agradaram aos padres no que se refere à avaliação, que sempre foi conduzida com muita formalidade:

Amanhã haverá início o ‘morto exame semestral’, morto porque com Diretrizes e Bases não existe mais esta prova. Todavia, nós continuamos pedindo aos nossos jovens o aproveitamento destes meses de estudo. Ninguém reclama, embora todos soubessem que não é obrigatório tal exame. (CRÔNICA DA CASA, nov. 1962).

Foram realizados os exames finais, mas sem a solenidade, o rigor dos anos passados. Com a Lei de Diretrizes e Bases, a importância dos exames ficou muito diminuída. “Em poucos dias fazem-se todos os exames”. A falta de solenidade, na visão dos padres salesianos, diminuiu a importância dos estudos.

Mesmo assim, foram entregues, numa cerimônia de grande solenidade, como é o jeito salesiano de fazer. “Os concluintes receberam o seu diploma seguindo-se todo o

protocolo exigido em tais ocasiões. Tudo ocorreu em muita ordem, embora fosse grande o ajuntamento de alunos e famílias presentes ao ato” (CRÔNICA DA CASA, dez. 1962). É de se notar que os padres não aceitaram bem as mudanças educacionais que pudessem alterar a forma como eles assentiram fazer educação na cidade.

Ainda em conformidade com a Crônica da Casa (1962), o quadro administrativo e de professores, ou o pessoal da casa, como costumam falar, estava composto pelos padres: Gino Moratelle, diretor; Luiz Marinho Falcão, catequista e diretor do oratório; Mário Balbi, conselheiro; Francisco Pinkowsqui, confessor; Luiz Alberto Peixoto, professor. O clérigo Raimundo M. Serrano, assistente professor; coadjutores: Pedro Miele; José Lessa Barbosa, professor; José Almeida, encarregado do campos. O padre Paulo, diretor da Escola São José, ajudava nas aulas de Inglês. Com isso, está assente na Crônica que o horário de aula foi feito com muito esforço para não precisar contratar professores externos; somente a professora Joaquina Gonçalves Santana para ministrar aula de Matemática.

A Seccional de Fortaleza escolheu o Colégio, mais uma vez, como sede do *Seminário de Professores do Cariri*, realizado nos dias 18, 19 e 20 de agosto de 1962. O padre conselheiro foi o coordenador do Encontro e o padre diretor dirigiu os trabalhos do grupo de professores de Geografia e História.

Nasceu outra cultura, que era considerada elevada ou transformadora do nível social da cidade. Os padres salesianos, ao seu modo, levaram adiante os sonhos do padre Cícero. Podemos dizer que os padres salesianos levaram à frente, de certa forma, o sonho do Patriarca com um colégio católico organizado para formar crianças e jovens da cidade, na perspectiva tanto religiosa/cristã, quanto profissional. A cidade traçou um novo perfil social, a partir do momento em que educava os jovens para se tornarem lideranças sociais e cristãos obedientes, influenciados pelas formas renovadas de prestar culto aos santos da Igreja já conhecidos e cultuados e, também, aqueles novos que foram introduzidos no culto religioso da cidade. Agora já aparecem como festas tradicionais:

Os alunos do ginásio e as cantoras preparam ótima programação musical. ‘Missa Eucarística de Lourenço Perosi<sup>51</sup> a 4 vozes com acompanhamento de orquestracantos polifônicos, à bênção e durante a Missa vespertina celebrada pelo Revmo. Sr. Bispo Dom Vicente de Araújo. A procissão foi magnífica. O andor, um grande navio levava sobre duas colunas a hóstia e na outra Maria Auxiliadora como no sonho de Dom Bosco. (CRÔNICA DA CASA, maio 1962).

---

<sup>51</sup> Dom Lorenzo Perosi (1872-1956), italiano, compositor de música sacra. Considerado um gênio da música, com fama internacional.

Os filhos de Dom Bosco e o padre Cícero, em Juazeiro do Norte, escreveram uma história situada numa direção que norteava a educação de humanistas e a de trabalhadores, onde todos foram educados em uma base comum católica que concedeu uma formação teórica e prática humanizadora inscrita da formulação social de uma cultura escolar cristã com base científica e étnico-política, situando todos os alunos em uma circunstância de compreender o trabalho e a escola como uma produção social de alta qualidade, capaz de formar o cidadão cristão.

“Chegam de Recife os professores Jorge Santana e Lázaro Alves que nos vêm ajudar como professores do Ginásio. São ex-salesianos que o padre Gino Moratelli trouxe para iniciá-los na vida do magistério”. (CRÔNICA DA CASA, fev. 1964).

O professor Lázaro Alves do Nascimento fala do período em que foi professor no Colégio, de 1964 a 1968. Comenta que o professor era ditador dentro da sala de aula, fora era diferente. “O professor Mário Balbi era durão, costumava repreender os alunos com um tapão”. Os alunos respeitavam e temiam o professor, alguns conseguiam conquistar os alunos. Padre Manuel Izaú era muito querido pelos alunos, padre Gino também, pois seguiam a pedagogia de Dom Bosco. Outros não conseguiam, porque eram muito nervosos, principalmente com aqueles *alunos elitizados*, que queriam ser superiores aos professores, e esse choque dificultava o relacionamento entre professor e aluno.

Nos muros do Colégio havia um embate entre alunos e professores, conforme diz professor Lázaro Alves. O aluno deve aprender os valores morais. A obediência aos pais e superiores é uma das virtudes cultivadas pelos salesianos. A educação para a cidadania é pouco observada, pois, no sentido de reivindicar os meios para fazer valer os seus anseios, estes só eram aceitos se não entravam em choque com a educação salesiana. Os padres e professores leigos eram instruídos pelos religiosos vinculados aos votos de obediência.

O espírito de família criada pelo jeito salesiano de educar leva, também, até o autoritarismo, próprio do relacionamento familiar, sendo esta uma instituição em que somente o pai é capaz de decidir, acertadamente, o que é melhor para o filho. Da mesma forma, na comunidade religiosa, os padres, os leigos e os coadjutores não têm voz tão ativa como se imagina; a eles resta obedecer. Existe uma intenção de prestar culto ao superior como representante de Deus.

Disciplinamento, exigência, rigidez no cumprimento dos deveres são palavras que fazem parte de todas as entrevistas com alunos e ex-professores de várias fases históricas, a que se refere essa pesquisa, inclusive, o professor Lázaro Alves; assim como, medo e admiração pelo trabalho dos padres e o reconhecimento de todos para a elevação do nível

cultural da cidade e para edificar o seu projeto de vida. Por parte dos padres, encontrava-se uma luta para que o trabalho seguisse os preceitos da pedagogia de Dom Bosco, embora nem todos tenham conseguido levar adiante no que se refere ao relacionamento entre professor e aluno, recomendado por essa pedagogia.

Sobre a convivência com os padres, Renato Casimiro, ex-aluno do Colégio, no período entre 1961 e 1964, diz que o diretor, Gino Moratelli,

[...] era uma figura maravilhosa, conseguia ser severo e ao mesmo tempo doce, paternal, diferente de Mario Balbi que encarnava a figura má representando à disciplina, o rigor, as normas, mesmo assim, os alunos fizeram uma homenagem ao seu pai quando faleceu. Ele ficou muito grato.

Os problemas do cotidiano escolar e a falta que fazia a aplicação do *Sistema Preventivo* de Dom Bosco, em algumas ocasiões, em que essa pedagogia se fazia necessária, são fatos evidenciados por alguns relatos de ex-alunos e ex-professores, em momentos críticos de relacionamento entre alunos, professores, diretores e as famílias dos alunos. É tanto que os documentos do Arquivo Salesiano de Juazeiro do Norte também registram ações de expulsão e suspensão de alunos das aulas, o que nos leva a pensar que houve uma apropriação, por parte dos padres salesianos, da cultura educacional da cidade, e um evidente afastamento da *Espiritualidade Salesiana* e, conseqüentemente, do *Carisma de Dom Bosco*. Ações desse tipo situam-nos em igualdade com as outras escolas da cidade, no modo de relacionamento com alunos que, eventualmente, eram considerados problema. Pode ser interpretado, também, como uma forma de sustentar um disciplinamento rígido, quase militar, como relatam alguns alunos.

Esse afastamento, também, se fez presente quando os padres mais tradicionais não aceitaram a opinião dos pais em relação a inovações pedagógicas. Isso levava grupos de pais a se recusarem de entrar no Colégio porque encontravam resistência de alguns salesianos. Luiz Moura<sup>52</sup>, um ex-padre salesiano, relata que foi testemunha de atos desse tipo, quando uma mãe, preocupada com a educação de seus filhos, levava textos que não eram aceitos pelos padres, por tratar-se de textos pedagógicos mais progressistas. “Tive um bom relacionamento com os pais, porque adotei ideias progressistas, embora não agradasse aos padres mais conservadores”.

---

<sup>52</sup> Luiz Gomes de Moura foi aluno do Colégio Salesiano São João Bosco de 1955 até 1957. Em 1958, foi transferido para a Escola Agrícola São José (Aspirantado), na mesma cidade, iniciando sua preparação sacerdotal. Atualmente, coordenador da Ação Fraterna Salesiana (AFS) e professor universitário no Recife.

## 5.2 Os “Canarinhos do Cariri” e as artes no Colégio: música, teatro e cinema no Sertão

“Não impeças a música”. Dom Bosco mandou inscrever esta divisa no batente superior da porta de entrada da sua primeira escola de canto, no *Oratório Festivo* de Turim, em 1859.

Acreditamos que, sob inspiração de Dom Bosco, a música sempre esteve presente no Colégio. A banda de música começou a ser preparada antes de ser concluída a construção do prédio. Sua formação foi concomitante às atividades relativas à construção, pois era preciso equipar a escola com os instrumentos necessários para a tarefa de educar, segundo a pedagogia de Dom Bosco e seguindo o seu apostolado da alegria.

O Colégio Salesiano levou as artes para os seus alunos, tendo maior destaque a banda de música e os “Canarinhos”, importante grupo musical que teve participação marcante nas atividades culturais nesse período. A banda de música, sem dúvida, foi um meio de atração e divulgação do trabalho desses padres. Iniciou-se com a vinda do novo mestre de música Egídio Bortington, como foi citado. Os meninos ficaram animados e houve a inscrição de 46 alunos para participar da aula. Em maio de 1942, chegaram do Recife 19 instrumentos para completar a banda e logo se iniciou a aula de banda instrumental. Encontra-se o registro, na *Crônica da Casa* (1942), de somente 13 alunos e a escola de música funcionou provisoriamente na casa do sr. Venâncio.

Uma das marcas da “pedagogia preventiva” é a música considerada por Dom Bosco como importante elemento educativo para a juventude. Todos os meninos deveriam aprender a cantar e, assim, os que se destacavam com voz afinada passavam a fazer parte do grupo de cantores. Para a pedagogia da alegria, “um colégio sem música é um corpo sem alma”. Esta traz alegria, e foi assim que a organização da banda de música aconteceu junto com a instalação do Colégio. Os alunos aprendiam a cantar a missa *De Angelis* e outras peças sacras. A importância dada ao trabalho com música é observada na organização de grupos de meninos cantores e da escolha de um docente encarregado. Eles se apresentavam nas cerimônias da igreja e alegravam as festas e comemorações da cidade.

Mais tarde, destacam-se o grupo dos “Canarinhos”, organizado pelo padre Osvaldo Freitas, diretor do Colégio entre 1966 e 1969. Apresentavam-se em outros ambientes e lugares fora da cidade, quando viajavam em excursões, levados pelo padre diretor, e se faziam presentes nas inúmeras festas religiosas da cidade e de outros lugares, “Festa da ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo”, com missas nos horários dos dias santos. Marcaram presença,

também, no dia 7 de Setembro de 1966, quando foram destaques em um dos carros alegóricos do Colégio que desfilou pelas principais ruas da cidade.

Esse grupo aprendia a cantar algumas músicas eruditas, música popular italiana, e, também, música regional, como as canções de Luiz Gonzaga, relata Francisco Sávio Ferreira Melo, um ex-aluno dos anos de 1960 e ex-integrante desse grupo de cantores. Participavam do grupo alunos com idade média entre 12 e 16 anos. Segundo o entrevistado, esses alunos eram substituídos à medida que iam ficando mais velhos e havia uma alteração na voz. Com esse grupo ele se lembra de que se apresentou em vários lugares, como em Baturité e Crato, e em Fortaleza, na antiga TV Ceará. “Lembro-me que ficamos hospedados, no Colégio Salesiano Dom Bosco em Fortaleza e que um padre passava a noite acordado, sentado em uma cadeira na porta do alojamento, cuidando dos alunos para que nada de mal acontecesse”.



Foto 28 – Os “Canarinhos do Cariri” e o padre Osvaldo Honório de Freitas  
Festa de 15 anos de Fátima Menezes Barbosa.  
Arquivo particular: Aguinaldo Carlos de Sousa.

O padre diretor levou a turma dos “Canarinhos do Cariri” a passeio no Seminário da Sagrada Família no Crato. Há outras manifestações dessa presença que representava o Colégio como uma “Sociedade da Alegria”, da forma comentada anteriormente. Entre os participantes desse grupo, temos uma indicação de nomes, mas, somente por intermédio das entrevistas, por exemplo: Francisco Sávio Ferreira Melo, Francisco Fernandes Filho, José Balbino, Cícero Fidelis Lopes, Carlos Cláudio (Cacau), João Luiz Neto, Cícero Leão, Demóstenes Ratts Barbosa, Luiz Antônio Sátiro, Reginaldo Tenório e outros (Entrevista: LUIZ FIDELIS LOPES, Juazeiro do Norte, 2011).

Os “Canarinhos” ganharam novo uniforme, no dia 7 de Setembro de 1966:

Dia da Pátria. Houve brilhante desfile estudantil em que os canarinhos se apresentam garbosamente inaugurando a nova farda toda branca, com punhos, gola e emblema

da Congregação em vermelho. A camisa é fabricação da trançatex de São Paulo. Houve dois carros alegóricos, sendo um dos Canarinhos do Cariri e outro de Dom Pedro. (CRÔNICA DA CASA, set. 1966).



Fotos 29 e 30 – “Canarinhos do Cariri” (1966).  
Arquivo: CSJN.

O grupo representava o “refinamento” da educação ofertada aos alunos, mostrando à sociedade a capacidade que a juventude possuía, de forma disciplinada, de alegrar o ambiente, abrihantando procissões e comemorações cívicas. As apresentações davam visibilidade aos alunos. Os filhos de Dom Bosco e o Colégio instituíam a sua marca, tornando-se esta a oportunidade para mostrar o lugar que “o sistema educativo de Dom Bosco ocupava na sociedade local”.

A entrevista realizada com a professora Cícera Viana da Silva deixou a impressão de que ela foi um exemplo de educadora dentro da concepção salesiana:

Eu ensinei aos alunos do curso de alfabetização. Assim, eu transformei esse curso devido a minha maneira de trabalhar. Então criaram uma turma que chamavam a o curso infantil. Eles não recebiam crianças de cinco anos, seis anos, eram garotos. Os meus meninos eram também chamados ‘doutorandos da professora Cícera’ ou então ‘a gurilândia salesiana’. Este nome quem deu foi Padre Osvaldo. Para distinguir o grupo da ‘gurilândia’ e dos ‘canarinhos’. Por que os meus meninos também tinham roupas especiais.

Eles não eram cantores também como os ‘canarinhos’, mas faziam as apresentações artísticas. E quando tinha festas das mães, homenagem ao diretor ou alguma coisa assim, eles faziam parte da programação, eu me sentia muito feliz. O Padre Mario Balbi gostava de dar ênfase *E agora os doutorandos da professora Cícera!* A platéia aplaudia, ficava de pé. Então eu ficava muito feliz (Entrevista: CICERA VIANA DA SILVA, Juazeiro do Norte, 2010).

Apesar de alguns indicativos contrários, como os que apresentamos anteriormente, o grupo *Canarinhos do Cariri* é exemplo de uma casa salesiana alegre, como desejava o seu

fundador. Todo oratório ou instituto salesiano se tornará uma “sociedade da alegria”, que será levada adiante pelos padres através: “[...] dos recreios rumorosos, do esporte, dos passeios, da música, do canto, do teatro, da ginástica. Enquanto as suas forças lhe permitiram, quando estava em casa, ele mesmo era a alma da diversão”. (BROCARD, 2005, p. 99).



Foto 31 – Gurilândia Salesiana (Turma de 1968).

Diretor: padre Osvaldo Honório de Freitas e Professora: Cícera Viana da Silva.  
Arquivo particular: Cícera Viana da Silva.

Luiz Moura reconhece que sua atuação como salesiano era de acordo com a prática pedagógica de Dom Bosco, “[...] e esta é efetivamente a presença constante entre os alunos em todos os momentos de sua educação, eu sempre fui muito presente” (Entrevista: LUIZ GOMES DE MOURA, Recife, 2009).

Conforme Boletim Salesiano (mar./abr. 1984), é comum em cultos religiosos e mágicos adotar a música em seus rituais em decorrência da emoção suscitada pela percepção sonora, fato comprovado por pesquisas nos meios de grupos de musicólogos. Dom Bosco,

[...] longe de viver e perscrutar uma filosofia da Arte trilhou inspirado de prodigioso senso prático, a metodologia dos fenômenos artísticos ‘perceptíveis’, isto é, adotou uma fenomenologia musical de Santo e de Pedagogo: emprestou a voz *humana* (especialmente a infantil) e os *instrumentos* (os mais práticos: piano, órgão e os de banda). Então, para ele, essa Música-Arte-Mistério, linguagem aqui da terra, palpita como o eco de uma sinfonia celeste. (BOLETIM SALESIANO, mar./abr., 1984, p. 9).

Dom Bosco fazia-se representar de todas as formas e os alunos estavam sempre envolvidos nas ações da Congregação. “A companhia de teatro do Colégio representará hoje ‘Marcos o Pescador’ opereta de monsenhor Vicente Cimati. Sendo hoje aniversário do Exmo. Bispo diocesano e aniversário de sagração episcopal foi convidado ao simples divertimento”. (CRÔNICA DA CASA, jun. 1961).

Padre Mário trouxe uma máquina cinematográfica do Rio Grande do Sul, somando três. Fez parte do investimento cultural o cinema, sintonizado com os meios de comunicação social, e, juntamente com o teatro, eram atividades, também, bastante exploradas pelos padres, utilizados como meios para diversão e divulgação da cultura cristã, o que era próprio de um colégio confessional. Muitos filmes, segundo relato dos entrevistados, relacionavam-se à religião católica.

Era com eles juntos que os padres tinham a oportunidade de representar para a sociedade a forma refinada de uma educação cristã, que tanto envaidecia as famílias dos alunos e emocionava o povo da cidade e, assim, mesmo aqueles que não podiam ter acesso ao Colégio, em virtude da alta mensalidade cobrada, sonhavam conseguir uma bolsa de estudo, uma forma de acesso que também conferia *status* social.

Educar o jovem é algo que ia além dos muros do Colégio. Os padres tinham essa percepção de fazer um acompanhamento permanente: “Um ‘circo’ está fazendo mal aos nossos jovens. Conseguimos hoje afastá-los com boas maneiras. O centro estudantil ajudou ativamente. O seu presidente, ex-aluno Cesínio de Brito, encabeça o movimento. Muito bem”.

Acreditamos que as atividades educacionais ofertadas pelos padres constituem um forte atrativo. Por isso, havia mais pedidos de transferência de alunos para o Colégio, no meio do ano. Com esse crescente número de alunos, o padre inspetor autorizou a construção de mais salas de aula. “Os meninos do Segundo ano primário ocupam o teatro por falta de sala e as outras classes estão superlotadas”.

Construíram, também, um novo pátio interno, e a biblioteca recebeu novas estantes e ampliou o acervo, com duas novas coleções de óperas e mais duas discotecas: lições de Francês e Inglês. Chegou do Rio de Janeiro parte do material do gabinete de Física. Padre Mário conseguiu uma parte das bolsas de estudo de que precisavam. Esta biblioteca foi mais tarde organizada pelo padre Manuel Izaú, bibliotecário da casa, além de capelão e confessor, segundo a Crônica de junho/1964: “Aliás, ele segue critérios científicos. Ele é um espírito moderno, sempre em dia com as últimas técnicas”.

Fez-se necessária a abertura de um poço profundo para fornecer água ao pavilhão das salas de aulas então em construção. O Departamento Nacional de Estradas e Rodagens (DNER) forneceu a máquina para cavar o poço.

O futebol esteve cada vez mais presente. Em 1963, foi inaugurada a quadra de cimento e, em comemoração, realizaram um jogo de futebol na nova quadra, entre os times de Crato e Juazeiro do Norte, que venceu de 4 x 3. O jogo era considerado de tal importância que os padres cobravam a entrada. Este jogo rendeu a quantia de 5.400,00 cruzeiros. Vejamos na

foto abaixo um momento ilustrativo dessas ocasiões.



Foto 32 – Time de futebol dos alunos do Colégio Salesiano, anos de 1970.  
Arquivo: CSJN.

Os times de futebol eram treinados por profissionais do futebol local, tudo para ganhar as competições esportivas nos jogos oficiais do Município. O maior número de medalhas sempre era dos alunos do Salesiano, o que provocava rivalidades entre a juventude local, bem como inspirava o desejo de, também, participar dessa Escola, vista como vitoriosa, superior, transformando-se no sonho de consumo de muitos jovens que ficaram à margem desse privilégio.

A Reunião do Conselho da Casa destacou mais uma vez problemas relativos ao disciplinamento. O padre catequista, Mário Balbi, ausentou-se em dezembro de 1962, mas regressou em fevereiro de 1963. Este professor foi importante para o disciplinamento do Colégio, no entanto, ao mesmo tempo, produziu muita tensão entre os alunos, ao ponto de ser apontado como carrasco. Para alguns alunos, ele representou a pior lembrança do Colégio, porque não concordavam com os seus métodos de disciplinamento; consideravam-no pouco amável.

A década de 1960 foi importante na elaboração de estratégias novas do trabalho salesiano, para que houvesse uma adaptação às novas exigências e, ao mesmo tempo, houvesse continuidade no trabalho por eles desenvolvido até aquele momento. Isso justifica reuniões e participações em congressos sobre educação. “Hoje à tarde reuniram-se novamente os professores para debater os programas e resolver uns problemas nascidos com a entrada em vigor de ‘Diretrizes e Bases’”. (CRÔNICA DA CASA, set. 1962).

Acompanhar de perto o trabalho da seccional de Fortaleza foi uma delas, no que se

refere ao relacionamento com autoridades políticas. Afinal de contas, existe uma missão a cumprir dentro da Igreja Católica no Brasil e a perda de poder político constitui um desafio a mais para o alcance dos seus objetivos.

A Associação de Educação Católica (AEC) do Brasil enviou do Rio de Janeiro várias circulares aos arcebispos e bispos com a intenção de mantê-los informados sobre as mudanças educacionais e o posicionamento da entidade, buscando difundir os documentos pontifícios, relativos à educação. A exemplo de outros países da América Latina, como o Peru, empenhou-se em resguardar o direito fundamental da liberdade de consciência e fixar a aplicação dos princípios democráticos de justiça, com igualdade de oportunidade, dentro de um regime pluralista que respeitasse a opção da família, no campo da educação.

Vale salientar que na Reunião do Conselho da Casa houve a convocação do padre inspetor em visita canônica, trazendo novas instruções e modificações sancionadas pelo Capítulo Geral<sup>53</sup>, o que mostrou a conveniência de certos reajustes nos setores religiosos, econômico e social em face às exigências dos tempos.

Faz-se necessário a cada Salesiano, dentro dos princípios Salesianos, que são da Igreja, se amoldar às determinações capitulares. Nada de suscetibilidades pessoais e sim uma firme e confiante adesão ao chamado da Igreja. Deliberou algumas ordens a serem prudentemente executadas. Insistiu numa maior valorização e cumprimento fiel às práticas de piedade; maior vivência da vida religiosa e maior afã nos desempenhos materiais. Urge viverem na caridade de Cristo para melhor transmiti-la ao outro trabalhar com a congregação e para a congregação com exclusão de ressonâncias pessoais. Temor concedido nas apresentações cívicas – sociais. Traçar normas visando uma melhor disposição dos ambientes para facilitação disciplinar. Regularidade nas reuniões do Conselho da Casa. Suportar-nos mutuamente na caridade de Cristo alardes e compreensões externas. Convidou-nos a participar intimamente dos anseios da congregação, que são os da Igreja, perante as necessidades prementes dos tempos modernos. (ATA DO CONSELHO DA CASA, 1964).

Em Roma, encerrou-se oficialmente o Concílio Vaticano II. Este acontecimento, considerado pelos padres como o mais importante do século, para a Igreja Católica, trouxe uma renovação mais profunda dos religiosos salesianos, inspirados no espírito do Concílio e no seu ecumenismo. As mudanças que chegaram ao Colégio foram, também, de ordem religiosa:

Inicia-se uma semana litúrgica, preparando os fiéis para certas inovações: altar voltado para o povo, missa em português, maior participação dos fiéis. D. Vicente de Araújo Matos fez a primeira conferência para um público que enchia literalmente

---

<sup>53</sup> De acordo com a Constituição Salesiana, cap. XXI, artigo 146: “O capítulo Geral é o sinal principal da unidade e diversidade da Congregação. É o encontro fraterno no qual os salesianos fazem uma reflexão comunitária, para se manterem fiéis ao Evangelho e ao Carisma do fundador, e sensíveis as necessidades dos tempos e lugares”.

nossa capela. Seguiram-se outras conferências dos sacerdotes assim categorizados da região. (CRÔNICA DA CASA, ago. 1964).

O envolvimento dos salesianos com os romeiros parece mais aproximado, especialmente na procissão de Nossa Sra. das Dores, da qual os alunos salesianos participaram vestidos com farda de gala e impressionaram a população presente. Também é registrada na Crônica da Casa (set. 1964) a grande afluência de romeiros à capela do Colégio. “São atraídos pela bela figura do Senhor Crucificado, relíquia do Padre Cícero”. Tratava-se de uma representação de Cristo, na cruz que pertenceu ao padre Cícero, a qual ele trouxe de Roma.

A estas ações somam-se as atividades do padre Marinho, com a criação dos grêmios do ginásio: os grêmios Gustavo Barroso, Rui Barbosa e Dom Aquino Correia, para a 4<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> séries, respectivamente. Outro grêmio é indicado:

Os eventos mais significativos, foram os que vivi como membro do Grêmio Literário Dom Pedro II. Esse grêmio era uma verdadeira escola de liderança, mas foi desativado pelo golpe militar de 1964. Também eram bem intensas as atividades teatrais, mas nunca participei delas como ator, e sim como espectador. (DANIEL WALKER, Juazeiro do Norte, 2009).

Observamos a influência do Colégio na vida daqueles jovens, não só para despertar, como também para desenvolver as suas habilidades, quando, no dia 28 de outubro de 1966 ainda muito jovem, o ex-aluno há pouco citado, escreveu um pequeno artigo para o jornal *O Povo*, com a seguinte manchete: *Festa do Provincial em Juazeiro do Norte*; ainda hoje se encontra no arquivo do Colégio.

Os quadros murais são bem utilizados para divulgação dos eventos promovidos pelo grêmio. Premiou-se o melhor quadro mural do Dia das Mães, elaborado pelo aluno Geraldo, da 4<sup>a</sup> série ginásial. O Grêmio Literário Dom Aquino Correia fez reunião, no dia 19 de outubro 1963, cujo assunto foi a tomada de posse da diretoria e bênção da bandeira. Eles participaram, também, da campanha das lâmpadas, que representam presentes (CRÔNICA DA CASA, 1963).

Padre Luiz Marinho Falcão deixou o Colégio em 1965, com destino a Aracaju, depois de passar cinco anos prestando serviço a essa Casa. Ele foi catequista, empreendedor de festas. Sempre alegre, era muito querido pelos alunos e cooperadores de Juazeiro do Norte. A sua contribuição com o desenvolvimento do Colégio era notável por meio do dinamismo do seu trabalho:

Foi o fundador da L.E.D.S. (Liga Esportiva Domingos Sávio) em Juazeiro. Criou também, o Grêmio Literário D. Aquino Corrêa, dotando-o de estatuto próprios em 1962 e em 1964 conseguiu um hino com letra de Dom Antonio de Almeida Lustosa.

Também foi transferido, deixando-nos saudosos o Rvmo. Padre Luiz Albero Peixoto Chaves, que desenvolveu intensa atividade, sempre prestativo e disposto para toda atividade. (CRÔNICA DA CASA, fev. 1965).

Os grêmios exerciam função importante para auxiliar no trabalho educacional da juventude, com suas atividades sempre voltadas para homenagear a Pátria e para o sentido litúrgico das comemorações religiosas. Temos como exemplo dois momentos importantes de participação dos gremistas:

[...] uma turma de gremistas promoveu uma sessão em que era focalizado o sentido litúrgico da festa de Pentecostes. Foram ainda afixados jornais murais alusivos à solenidade litúrgica.

Comemoração do Centenário da batalha Naval de Riachuelo. Antes das aulas, houve breve palestra pelo Sr. Padre Conselheiro, a qual palestra foi precedida pelo canto do Hino Nacional brasileiro. No dia seguinte, na sessão do Grêmio – 2ª série B foi encenado número alusivo à data da vitória nacional na Guerra do Paraguai, sob o título: ‘União sagrada’. (CRÔNICA DA CASA, jun. 1965).

Foram espaços, também, de circularidade entre essas culturas, como nos mostra o evento religioso promovido pelo Colégio Salesiano em 31 de maio de 1963, apresentado na Crônica da Casa: “Encerramento das celebrações marianas. Fez-se a coroação da imagem de Maria Auxiliadora, numa encenação semi-teatral, coisa tipicamente regional. No fim, há a cremação tradicional das cartas dirigidas a Nossa Senhora”. Em outubro, registra-se a novena de São João Bosco, com uma grandiosa procissão, em que centenas de romeiros participam devotadamente do cortejo. Este fato mereceu destaque porque aconteceu em pleno período da maior romaria da cidade, que é feita em lembrança do falecimento do padre Cícero, pois aconteceu no período que vai de 30 de outubro a 2 de novembro, Dia de Finados. Portanto, o alvo da devoção dos romeiros era o Patriarca da cidade, e não Dom Bosco. Mesmo assim, concedeu-se uma grande contribuição financeira para a construção do Santuário do Sagrado Coração de Jesus.

Em abril de 1964, houve outra manifestação de aceitação da presença salesiana na cidade. Foi quando sucedeu o “Início do tríduo de preparação para a Páscoa dos estudantes de Juazeiro do Norte. Todos os padres da cidade foram chamados para fazer pregações nas casas de educação da cidade”. (CRÔNICA DA CASA, abr. 1964).

O Colégio todo parecia ser uma diversão, mas não são esquecidos a disciplina e o cumprimento dos deveres, cobrados de forma enérgica pelos professores. Os padres não deixavam cair o ritmo de estudos dos alunos, conforme anota o professor Luiz Magalhães em sua entrevista. O aperfeiçoamento profissional é testemunha dessa preocupação. No período, o padre Mário Balbi fez um curso de Biologia em São Paulo.

O Ginásio achava-se repleto de alunos. Assim, vem a falta de livros. Para suprir tal carência, foram encomendados no Sul. O curso de admissão passou para a tarde, em razão do grande número de ginásianos ocupando todas as salas.

Os desfiles e procissões continuaram a desempenhar um papel pedagógico e religioso importante e que avançou ao longo dos anos, cada vez melhor, conforme acentuaram ex-alunos e ex-professores.

O nosso colégio tirou mais uma vez o primeiro lugar no desfile. Mais de 500 jovens marcharam garbosos. 4 carros alegóricos fechavam com chave de ouro a parada: primeiro puxado pelo trator levava um navio sobre o qual estavam Pedro Álvares Cabral e Frei Henrique de Coimbra, no segundo vinha uma forca com o martírio de Tiradentes, no terceiro o magnífico Dom Pedro II, no quarto a grande taça do Brasil 'Bicampeão'. Durante todo o desfile foram palmas e mais palmas. (CRÔNICA DA CASA, set. 1965).

As procissões tornaram-se ponto de encontro entre os padres salesianos e os romeiros que visitaram periodicamente a cidade. Era motivo de orgulho e desempenharam um importante papel de divulgação da obra salesiana: “Os nossos alunos comparecem, grandiosa procissão [de Nossa Senhora das Dores] com farda de gala, com estandartes e bandeiras, formando o grupo mais importante de toda a procissão”. É relatado na Crônica da Casa (1965) o fato de que, nesses últimos dias o Colégio tem sido ‘invadido’ por romeiros. Entravam por toda a parte, mas não eram incômodos. Deixaram muitas intenções de missas e algumas esmolas. Na festa de Dom Bosco, houve missa e procissão à tarde:

A procissão foi muito concorrida, principalmente pela afluência de milhares de romeiros que nessa época acorrem a Juazeiro. É um fato a salientar: a quantidade de romeiros que afluem a Juazeiro. [...] Dizem que neste ano 1600 caminhões excetuando outros veículos, chegam à cidade. A cidade torna-se um formigueiro, o dinheiro corre em abundância. Os romeiros vêm em grandes levadas ao nosso colégio, mas deixam poucas esmolas em relação ao muito que deixam noutros lugares. O movimento de confissão e comunhão foi intenso. O P. Francisco, especialmente, e o P. Luiz confessaram por largas horas, intermináveis filas de romeiros. (CRÔNICA DA CASA, nov. 1966).

Os romeiros tinham curiosidade em conhecer os salesianos e eles sabiam que os salesianos eram herdeiros do padre Cícero, porém, não se percebem ações de padres salesianos para uma aproximação melhor com eles. Esse distanciamento dos padres ocasiona, também, a pouca confiança dos romeiros para com eles.

Padre Mário Balbi (conselheiro) viajou para receber o importe de “quinhentos mil cruzeiros em bolsa de estudo”. Quando o padre Mário foi embora, depois de exercer importante trabalho como conselheiro e auxiliar, o padre Gino Moratelli (diretor) também conseguiu bolsas de estudos e alguns milhões para a casa. Segundo consta na Crônica da

Casa, a ausência do padre conselheiro fez cair a disciplina, nenhum superior assume o controle com a mesma autoridade depois dele.

Os padres costumavam manter um bom relacionamento com os políticos. Embora eles digam que são membros de uma instituição apolítica, este fato pode ser observado em vários momentos, especialmente, durante a campanha eleitoral:

Frequentemente nos vem visitar políticos de certa importância tais como o Dr. Leão Sampaio, o Dr. Mário Sampaio, e o Deputado Federal Wilson Ruriz, o Dr. Ubirajara Índio do Ceará e outros. A nossa posição política é de absoluta neutralidade. O padre Gino tem se mostrado muito prudente, o que não tem acontecido com os frades franciscanos que têm manifestado abertamente suas preferências políticas. (CRÔNICA DA CASA, jul. 1966).

O envolvimento político-partidário dos padres salesianos poderia ser observado, também, na ocasião do lançamento da pedra fundamental de construção do pavilhão das aulas, quando estavam presentes, além do padre inspetor, que presidia a cerimônia, o prefeito e vice-prefeito da cidade, e outras autoridades civis e religiosas, como Dom Vicente Matos.

Os padres salesianos não queriam alterações na maneira de fazer educação. O seu sistema salesiano não poderia ser mexido, por isso não agradava muito a ideia de trazer professores de fora para integrar o grupo; porém, o crescimento da escola forçava a que isso acontecesse mais uma vez.

Início do Segundo Semestre do ano letivo. [...] Pe. Mário Balbi não é mais Conselheiro Escolar. Esse cargo foi lançado de modo violento e drástico nos ombros do Pe. Luiz. [...] É dura a herança recebida. Crescem as dificuldades quando se nota que sai um padre que sustentava a parte disciplinar de estudos, professor de Inglês, Ciências Físicas e Naturais, Educação Física e não vem ninguém substituí-lo'. São introduzidos professores de fora, o que 'pode trazer complicações'. Improvisam-se professores: clérigo Raimundo torna-se professor de Inglês das classes superiores. O padre Gino assume as aulas de Física e Ciências Naturais. Sabe Deus o que poderá acontecer. O que se pode, porém, é um abaixamento natural no nível dos estudos e da disciplina. (CRÔNICA DA CASA, ago. 1966).

Trazer professor de fora enseja também essa desconfiança sobre o nível das aulas; não se tratava apenas de uma preocupação com a filosofia de vida salesiana; é tanto que merece destaque a preocupação que o diretor teve com os ensaios para o desfile do dia 7 de Setembro, porque estavam atrapalhando as aulas do curso primário.

As atividades implementadas pelos salesianos que os colocavam ao lado da população da cidade não se restringiam às atividades escolares. As celebrações do mês de maio, por exemplo, tinha uma programação intensa, entre elas os leilões e a 'noite dos estudantes e professores'. Participaram desta noite representações de todos os educandários da cidade. Eles costumavam dar a máxima solenidade às funções, como forma de imprimir a sua

marca na cidade diante do povo que assistia admirado às suas atividades educacionais e religiosas.

O padre conselheiro participou na cidade do Crato, de Curso de Bibliotecografia. Existia uma preocupação constante de aperfeiçoamento profissional que marcava a vontade de ofertar um trabalho eficiente à população. Todos teriam que ser competentes em todas as funções – administrativa, religiosa e educacional. Chegou o padre conselheiro, Mário Balbi, que assistiu no Recife a um simpósio educacional. Ele tinha uma vida profissional intensa, foi enviado a Jardim-CE como diretor do encontro de professores e, em seguida, foi a São Paulo participar de um curso de Física e Química.

### **5.3 Pequeno clero e vocações no período dos anos de 1960**

Eram grandes a comoção e o orgulho aos pais, quando chegavam à Igreja e viam os seus filhos em volta do altar-mor, vestidos de batina e sobrepeliz – diz a professora Cícera Viana da Silva. Essa estratégia educacional foi criada por Dom Bosco para fomentar o gosto pela vida sacerdotal. Era um dos trabalhos mais importantes do padre catequista. Muitos desses jovens, em razão da influência recebida, davam continuidade aos seus estudos nos seminários de Jaboatão e Carpina, para onde muitos alunos foram conduzidos com esse objetivo.

Temos mais um exemplo de formação de uma cultura por meio da espetacularização, os alunos recebiam instruções do padre catequista para ajudar a missa e a outras cerimônias religiosas e, assim, assumiam o seu papel como participantes do pequeno clero. A teatralização estava presente e constituía uma estratégia religioso-educativa que levava os jovens a participar do apostolado da igreja. Assim, antes de encerrar o ano de 1965, no mês de dezembro, chegou ao Colégio o padre José André da Silva, encarregado das vocações. Sem perder tempo, já foi entrando em contato com os novos candidatos ao aspirantado.

Mesmo com a importância dada ao período das aulas e o rígido cumprimento do horário, no dia 25 de março de 1966, houve breve paralisação depois da segunda aula, para que fosse realizada a eleição da diretoria das várias companhias dos ginásios. “Funcionarão as companhias seguintes: ‘Pequeno Clero’, para os pequenos que moram perto; ‘São Domingos Sávio’, para os alunos dos primeiros anos ginásiais; ‘Companhia da Imaculada’ para os maiores [...]”. (CRÔNICA DA CASA, mar. 1966).

Este período tem o registro da chegada de um clérigo que se tornou, em um futuro breve, muito importante para o Colégio e para a história da cidade e do padre Cícero – trata-se

do “clérigo Antenor de Andrade Silva, que brevemente iniciará o curso de teologia. Fizeram uma viagem um tanto aventureira devido às fortes chuvas caídas em todo esse vasto Sertão”. (CRÔNICA DA CASA, fev. 1966).

Era um período em que contavam com um bom trabalho em relação à descoberta das vocações,

Acha-se entre nós o padre José André que, acompanhará os nossos aspirantes que irão para Carpina no próximo dia 22. O Cariri neste ano enviará aos nossos aspirantados de Jaboatão e Carpina umas dez vocações, sendo alguns provenientes do nosso Colégio ou da cidade de Juazeiro. Já no início do corrente ano, ingressaram na Congregação, com a profissão religiosa dois que daqui partiram. São eles: Gervásio Correia de Lima e Geraldo Magela Correia de Lima, ambos filhos do cooperador salesiano e primeiro mestre do santuário do Sagrado Coração de Jesus, Sr. Manuel Correia. (CRÔNICA DA CASA, fev. 1966).

Pode-se definir o Colégio Salesiano como uma caracterização do ideal da educação humanista cristã em Juazeiro do Norte, em um tempo em que se caminhava rumo à Modernidade, porém, dentro de padrões conservadores. Essa imagem criada pelos diretores salesianos remete à busca das ações realmente efetivadas no cotidiano, que, em alguns momentos, aparecem com clareza e, em outros, de forma velada, mas que identificamos nas ações, mediante as quais tentam produzir a crença nesses alunos e em suas famílias, assim como na sociedade local, como um todo, de que ali se formam aqueles que compartilham o mais alto grau que se pode atribuir às ações competentes de um fazer escolar.

Nestas condições de escolarização, encontra-se um Colégio dividido internamente em dois mundos, que auxiliam a produzir uma hierarquia social, caracterizado por alunos oriundos de famílias mais abastadas e aqueles que frequentavam as escolas profissionalizantes em turnos separados. Essa separação dos discentes nada mais é do que um reflexo da própria sociedade juazeirense, visto que estes se encontram separados dentro do convívio social, além dos muros da escola.

A ideia de “família e de casarão” deveria ser continuada por meio da evangelização feita pelos filhos de Dom Bosco, que, também, deveria dar sentido ao encontro de ex-alunos. Mediante o espírito da Igreja Católica, deve ser extenso um sentimento de pertença a um grupo constituído sob o signo da superioridade, compartilhada somente por aqueles que podem usufruir para tirar proveito dessa imagem. A foto abaixo mostra ex-alunos de gerações diversas que se encontraram para desfilar pelo Colégio.

Assim pensando, resta encontrar os nexos que definem a organização dessa maneira específica de cultura escolar salesiana, inserida nas experiências sociais desse lugar, que foi considerado inóspito para alguns e tão acolhedor para outros. Portanto, nos referimos

a fronteira social demarcada pelas questões religiosas e políticas, e ao desafio que esta sociedade impõe à Congregação no delineamento de estratégias para a formação de um diferenciado grupo social.

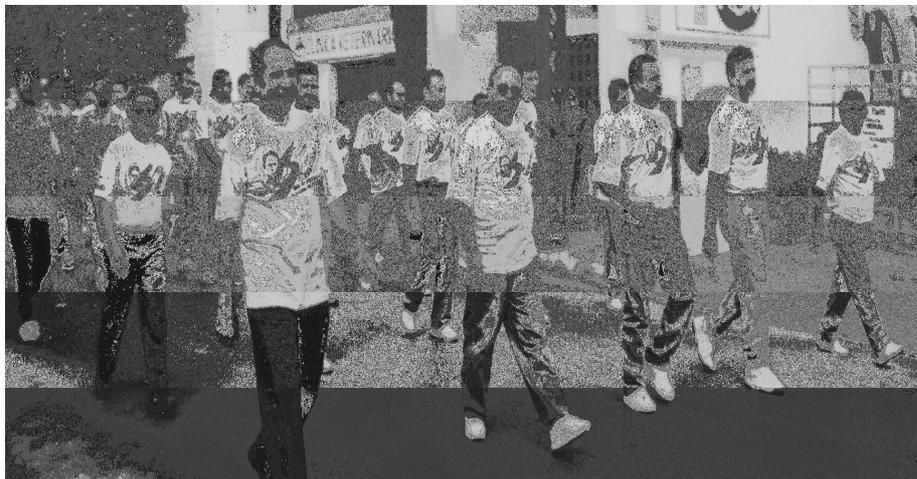


Foto 33 – Desfile de ex-alunos do Colégio Salesiano. Encontro de gerações (s/d).  
Arquivo: Professor Luiz Magalhães.

A escola continua tendo uma função delegada pela família, sendo que, neste momento, ela é orientada pela instituição. Invertem-se os papéis, pois que a Instituição Salesiana, mediada por uma pedagogia cristã e operada por padres europeus, considerados pelas famílias como excelentes educadores, são detentores da capacidade de falar à imaginação, não somente dos jovens, mas também de suas famílias. Por isso, observamos que eles têm a capacidade de definir espaços sociais.

Na medida em que os alunos eram aprovados no vestibular e que ser ex-aluno salesiano poderia garantir a entrada em um emprego ou em um curso de prestígio, ou são levados a ocupar posições de comando, esta instituição passou a ser vista como um lugar apropriado à confirmação da posição social ocupada pela família há muitas gerações. Então o Colégio é uma marca distintiva impressa nos alunos e que, também, pode levar aquele aluno bolsista, que apresenta uma condição financeira e social abaixo da média dos demais alunos, a criar uma esperança de mobilidade social, à medida que os colocava em igualdade de oportunidade educacional.

Esta era a intenção que condicionou muitas famílias a delegarem a educação de seus filhos a esta instituição. Assim, o Colégio Salesiano amplia a cada dia o espaço físico para atender a demanda educacional crescente. É um efeito fundamental da imagem que essa instituição escolar cria na sociedade local, como uma história de formação de excelência comprovada historicamente pelas gerações que ali se formaram. Em um contexto educacional

de longa duração, tem-se os colégios de padres como o lugar de formação das elites nacionais desde os tempos do Brasil-colônia.

Apesar de ter passado por algumas reformas e das mudanças na paisagem urbana da cidade, o prédio ainda aparece no meio da arquitetura local, de forma imponente, segundo a tradição dos colégios católicos. Outros marcos são encontrados nas fotografias que remontam às décadas de 1940 e 1950 e retratam a sala de aula, as festas e outras celebrações, onde os alunos aparecem bem à vontade, os padres vestidos de batinas em algumas ocasiões, e em outras não, mostrando a descontração do ambiente escolar, mesmo sendo uma escola de padres, mas em atividades não litúrgicas.

#### **5.4 Os capitulares da Casa e a criação do Curso Colegial**

O sistema preventivo continuou a dar testemunho da sua eficiência, pois, mesmo depois de ter sido ampliada a oferta de ensino na cidade, com a criação de várias escolas do setor público e privado, ainda se apresenta o Colégio com um número cada vez mais crescente de alunos. Acreditamos que seja esse um dos casos que confirma a excelência do trabalho desses padres, bem como percebemos que a maioria dos alunos é de filhos dos ex-alunos do Colégio, o que nos leva a compreender tal ação como uma prova de confiança na educação ofertada naquele ambiente educacional.

Era preocupação constante a divisão do tempo e das tarefas. Parecia que esses padres estavam sempre sobrecarregados pelo número de aulas, professorado, funcionamento das aulas no pavilhão novo, divisão das séries numerosas. Enfrentavam, no momento, escassez de professores e acúmulo de incumbências sob responsabilidade do pessoal salesiano.

Os capitulares da Casa, de acordo com a Crônica de 1965, são os seguintes: diretor – padre Gino Moratelli; catequista – padre José Dantas da Silva; conselheiro escolar – padre Mário Balbi; ecônomo – padre José Gomes dos Anjos. Professores salesianos: confessor – padre Francisco Pinckowsky; confessor, capelão, professor e bibliotecário – padre Manuel Isaú dos Santos; confessor, professor e vigário da paróquia de Porteiras, Diocese do Crato – padre Mário Cinciripini, em repouso de saúde. Coadjuutores: *fac-totum* – sr. Job Gonçalves da Silva; professor – sr. José Lessa Barbosa; professor – sr. José de Oliveira Primo; cantineiro – sr. Manuel dos Anjos; mestre da marcenaria – sr. Pedro Miele. Professores externos – Curso Ginásial: Joaquina Gonçalves Santana; Curso Primário: Luiz Magalhães e José Macário.

Os anos de 1960 testemunham o sucesso do trabalho desempenhado pelos padres,

se levarmos em consideração o fato de que eles alcançaram esse período mantendo em funcionamento, sob a responsabilidade do Instituto Padre Cícero, o Instituto Profissional Salesiano, o Centro Artesanal Padre Cícero, o Oratório Festivo, a Obra Social Maria Auxiliadora e o Centro Maternal São José, este sob a direção do padre Mário Balbi, até o ano de 1966. Para essas atividades, recebiam ajuda financeira do governo.

De acordo com o Relatório de 1965, assinado pelo padre Mário Balbi em 1966, o curso primário tinha uma matrícula de 968 alunos, nos turnos, vespertino e noturno, quase todos completamente gratuitos. Com uma matrícula de quase 380 alunas, mantiveram um curso de alfabetização para crianças e adolescentes do sexo feminino, reconhecidamente de famílias pobres, completamente gratuitas. As escolas profissionalizantes ofertavam aulas gratuitas, merenda e gratificação semanal para 75 jovens, distribuídos nas seções de mecânica, modelagens e fundição, marcenaria e alfaiataria.

O Centro Artesanal Padre Cícero é apresentado no citado Relatório como um trabalho de sucesso. Após a sua inauguração, no dia 7 de Setembro de 1965, funcionou regularmente com uma matrícula de 50 alunos, nos turnos manhã e tarde. Era um trabalho, também, gratuito para os alunos. Eles recebiam o fardamento e material necessários para as aulas do ensino regular e para as práticas artísticas.



Fotos 34 e 35 – Partes externa e interna do Centro Artesanal Padre Cícero (1965).  
Arquivo: CSJN.

O Oratório Festivo congregava a mocidade “pobre da cidade”. Nos dias feriados e santificados, passavam o dia no instituto, recebendo assistência de um sacerdote. Era-lhes distribuído lanche.

A Obra Social Maria Auxiliadora tinha 1.500 inscritos. Eram de pessoas oriundas de famílias pobres e 40 famílias inscritas com a finalidade de atender semanalmente às necessidades materiais e espirituais dos prisioneiros da cidade.

O Centro Maternal São José tinha por finalidade promover integralmente a mulher da cidade e do campo nas suas dimensões física, intelectual, técnica, econômica, moral, social e política. Para atender as suas atribuições, desenvolveu as seguintes atividades: alfabetização de adultos, 30 alunos, escola de corte e costura, 20 alunos, escola de bordado a mão e a máquina, 15 alunos, confecção de enxovais para bebê, 48 alunas, assistência do pré e pós-natal, 62 integrantes. Ainda desenvolvia outras atividades, como preparação e arranjo do lar e arte culinária.

Este centro entregou 244 enxovais de bebê e atendeu mensalmente 190 associados. Registrou, no período de 1964 a 1965, assistência a 2.280 associados. Enquanto isso, o Ginásio Salesiano funcionava regularmente em dois turnos – manhã e noite – com uma matrícula de mais de 300 alunos. Por ter sido introduzido naquele ano, à noite funcionava apenas a primeira série ginásial. Nas quatro séries ginásiais, foram mantidos 60 alunos gratuitos (RELATÓRIO DE ATIVIDADE ANUAL, 1965).

A casa funcionava da seguinte forma:

O curso primário da tarde tem o admissão sob as responsabilidades diretas dos Salesianos. Todo o primário que funcionava até o ano passado, durante o período da manhã passou para a tarde com os Professores Luiz Magalhães e José Macário – 3º e 2º ano respectivamente. As outras turmas continuam com os professores estaduais e municipais.

A noite, passou a funcionar a primeira série ginásial e todo o curso primário com cursos de alfabetização. Os alunos ginásianos são os professores, alguns mostrando grande interesse. (CRÔNICA DA CASA, mar. 1965).

Percebemos uma forma de dar assistência a população da cidade de acordo com as características salesianas de trabalhar.

O envolvimento dos padres salesianos e do Colégio era apresentado, também, por meio de uma das romarias mais importantes da cidade: a festa de Nossa Senhora das Dores, a padroeira da cidade: “À tarde procissão. Foi pedido com insistência o andor de Domingos Sávio, mais de 400 jovens do nosso Colégio desfilarão garbosos e devotos”. Esses alunos e suas famílias absorviam a cultura salesiana com orgulho, acreditando que eles são os melhores educadores da cidade e aquela cultura que podia ser vista como cultura dominante era desejada pelas famílias que levavam seus filhos para aquele Colégio; havia uma aceitação-legitimação do fazer educacional que chamamos de circularidade cultural.

Apesar das mudanças na legislação nacional, o encerramento do ano letivo acontece sempre de forma solene, momento em que os padres reuniam os alunos e a família.

Missa cantada pelos alunos. Nos pátios jogos e mais jogos – foram convidados ao almoço os da quarta série com o paraninfo Dr. Hidelgado Belém. A noite solene

entrega dos boletins e premiação. Durante a festa sortearam-se os prêmios e rifou em prol da construção do Santuário Sagrado Coração de Jesus. (CRÔNICA DA CASA, nov. 1965).

O ano de 1966 iniciou-se com a despedida do padre Gino Moratelli, substituído pelo padre Osvaldo Honório de Freitas. Entre os serviços prestados pelo padre Gino a este Colégio, destacaram-se na Crônica da Casa, os melhoramentos feitos no novo pavilhão das aulas, a restauração das oficinas e a elevação das paredes do futuro santuário do Sagrado Coração de Jesus, bem como o seu entusiasmo e otimismo. Ele teve um longo mandato – dirigiu essa Casa por sete anos.

O padre Gino Moratteli estava no Brasil havia dez anos, desde 1958, por isso os superiores lhe concederam férias para ir à Itália visitar os parentes, depois regressou para assumir o directorado de Bongi, em Pernambuco. Junto com a comitiva que viajou com o padre Gino foi o sr. Job Gonçalves, que trabalhou nas oficinas do Colégio por um ano. É preciso lembrar, porém, que em relação ao ensino profissionalizante,

Eles não continuaram com a educação profissional como o pe. Cícero pediu. Acho que nesse ponto os salesianos foram falhos, pois o grande sonho de pe. Cícero era trazer para Juazeiro o ensino profissional tão decantado pela Ordem Salesiana no mundo inteiro. Padre Cícero tinha por esse projeto de educação uma atenção muito especial e queria vê-lo implantado aqui em Juazeiro e foi aos salesianos que ele confiou essa tarefa. Mas durou pouco. (DANIEL WALKER, J. do Norte, 2009).

O Instituto conseguiu desenvolver várias atividades no campo educacional e pastoral. Acreditamos que tal decorra do trabalho realizado, assim como do destino que tiveram aqueles alunos que se formaram seguindo a sua influência. Portanto, o sucesso do Colégio em relação ao aluno e do Instituto Padre Cícero, com suas ações junto à comunidade, poderiam ser indicativos da crescente expansão do Colégio em termos de número de alunos e de construção física.

## **5.5 A abertura do Curso Colegial**

Em novembro de 1966, às 16h30min, reuniu-se na biblioteca, o Conselho da Casa para discutir assuntos de interesse do Colégio. Entre esses foi debatida a abertura do curso colegial, intento da sociedade local manifestada desde o ano de 1961. Todos concordaram com a abertura do curso, mas, eles estavam preocupados em conseguir professores à altura.

Enquanto pensavam em ampliar o nível de oferta de cursos pagos, discutiam o

fechamento do curso noturno, com aprovação unânime pelos membros do Conselho. Para tanto, alegaram a baixa frequência dos alunos e a evasão escolar, dificuldade de manter o pagamento dos professores, uma vez que as mensalidades dos alunos são semigratuitas, excesso de trabalho dos padres, tendo que atender três turnos escolares. A decisão de criar o curso colegial, porém, só foi anunciada no mês seguinte:

Na sessão solene da noite, falaram os homens do verbo segundo a praxe, foram executados vários números de arte pelo coral 'Os Canarinhos do Cariri', sob a regência do Sr. P. Diretor. Teve a palavra final o Sr. P. Osvaldo Honório de Freitas D.D. Diretor desta casa, que anunciou de primeira mão oficialmente, a criação do curso colegial no Colégio Salesiano São João Bosco de Juazeiro do Norte. No ano Vindouro, funcionará, se Deus o permitir a primeira série colegial. Para tanto, já foram decididamente os primeiros passos, com a aquisição de professores competentes. (CRÔNICA DA CASA, dez. 1966).

O padre Osvaldo Honório de Freitas chegou à cidade trazendo boas notícias. Ele trabalhou em Natal, como diretor do Oratório Festivo e em Salvador, como catequista. Quando foi transferido para a cidade de Juazeiro do Norte, estava trabalhando em Carpina no Estado de Pernambuco, como encarregado do Externato. Tinha uma característica que chamava atenção de todos: “estava sempre com um sorriso nos lábios” (*sic*), de acordo com relatos dos colegas e dos ex-alunos. Em sua chegada, encontrou a cidade muito alegre, pois era o período das festas natalinas:

Vigília do santo Natal. Noite linda, clima suave, ruas iluminadas e artisticamente ornamentadas. Juazeiro todo se engalana e o seu povo em festa frequenta as praças com os seus reisados que substituem felizmente os bailes perigosos de outras terras. A meia noite comparece grande número de fiéis à missa cantada em português, nos muros do Santuário. (CRÔNICA DA CASA, dez. 1966).

O novo diretor continuou com o mesmo empenho com o trabalho de construção do Santuário do Sagrado Coração de Jesus, que se erguia a cada dia, ao lado do Colégio, contando com a ajuda dos alunos e da população local, mediante a promoção de quermesses, sorteios, entre outras promoções. Enquanto isso, a capela de Nossa Senhora Auxiliadora, contígua ao Colégio – onde se encontrava escrito “Não tentarás o senhor teu Deus” – é o lugar de que dispõem para as ações religiosas e era também o espaço onde se costumava lançar as campanhas em favor da construção do Santuário.

Na abertura oficial do ano escolar, houve leitura do Regimento do Colégio, ação que corresponde aos fundamentos do *Sistema Preventivo* de Dom Bosco; houve aula de sapiência para os ginasianos, ministrada pelo sr. Pedro Capistrano, que era amigo dos salesianos e o gerente do Banco do Nordeste, em 1966. Os alunos do curso primário, também,

tiveram sua aula inaugural neste dia.

As ações do Colégio seguiram o cotidiano de uma escola confessional, quando realizaram a primeira sexta-feira do mês, com a confissão para todos os alunos e missa as 7h30min, da manhã. Houve também reunião da Associação de Maria Auxiliadora e festejaram juntamente com o povo da cidade o aniversário do padre Cícero (CRÔNICA DA CASA, mar. 1966):

Primeira sexta-feira do mês. Houve missa para os três turnos de alunos. O ginásio matutino teve a missa e o exercício de boa-morte após a terceira ora de aula. Houve confissão para eles desde o recreio e após a merenda, tendo grande parte deles se aproximado da mesa sagrada (CRÔNICA DA CASA, mar. 1966).

O padre inspetor chegou ao Recife para mais uma visita. Na ocasião, fez uma conferência sobre a vivência das novas estruturas da Igreja apresentada pelo Concílio Vaticano II, o que já foi apresentado em capítulos anteriores e, da Congregação, deixando transparecer confiança na reforma da vida religiosa da Igreja Católica. Nas suas visitas, era comum mostrar-se satisfeito com o andamento do Colégio e da Congregação.

*A espiritualidade salesiana*, confirmada nesse Concílio, principalmente em relação à importância do trabalho na formação espiritual do ser humano, continuou a sua ação no Colégio, atuando, entre outras formas, na alegria e no movimento que proporcionavam, por exemplo, as apresentações teatrais que aconteciam nessa data sob a responsabilidade do grupo CLUTECOPS, cuja história não foi registrada nas Crônicas que tivemos a oportunidade de pesquisar até o momento, e a inauguração da quadra, onde funcionaram dois campos de *spiribol*.

Destacaram-se, também, com o mesmo entusiasmo, os desfiles do dia 7 de Setembro, ocasião em que os alunos e os padres do Colégio se encontraram com autoridades locais, no caso, o prefeito da cidade, em uma troca de homenagens, em razão do respeito ao dia da Pátria. As comemorações do Colégio sempre apresentavam um misto de religião, arte, esporte, pátria e política.

Entre os anos de 1967 e o início dos anos de 1970, temos as discussões e criação do curso Científico e do Científico misto. São importantes ações que causaram profundas mudanças na organização do Colégio e no relacionamento dos padres com a sociedade. Mais uma vez, o Colégio ampliou suas atividades para servir a juventude, atendendo pedidos de personagens considerados ícones no meio social. A implantação do curso Colegial veio de forma gradativa, ou seja, em 1967, funcionou apenas o primeiro ano científico; em 1968 o segundo ano; e em 1969 o terceiro ano.

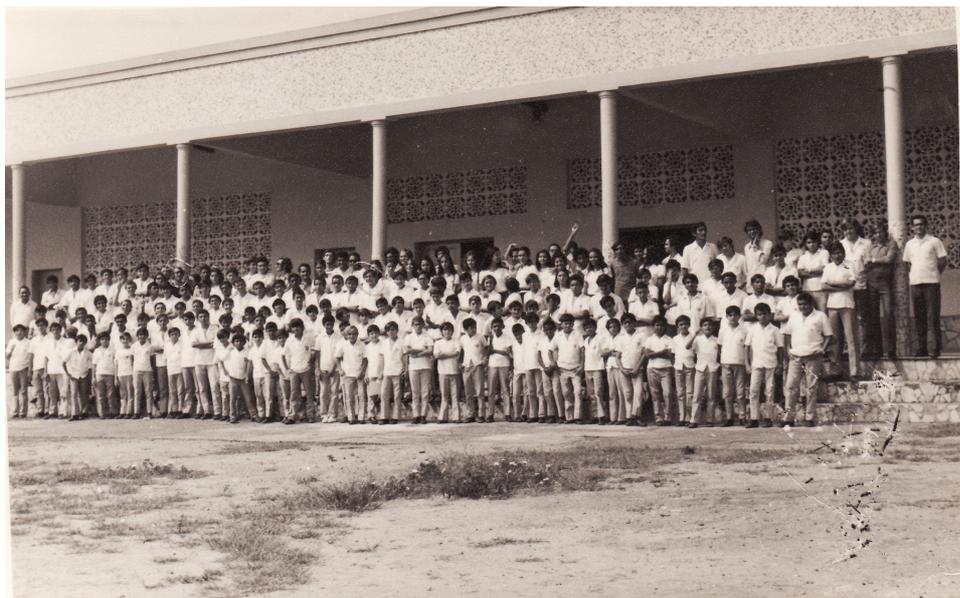


Foto 36 – Alunos e alunas do Colégio Salesiano de Juazeiro do Norte (1969).  
Arquivo: CSJN.

Quando, finalmente, entrou em funcionamento o curso Colegial, o Colégio estava entregue aos seguintes profissionais: diretor da casa – padre Osvaldo Honório de Freitas; prefeito ou ecônomo – padre José Gomes dos Anjos; catequista – padre Murilo Domingues; conselheiro – padre Manuel Isaú. Os nomes citados integram o Conselho da Casa, contando, também, com o padre Mário Cinciripini e o sr. José de Oliveira Primo; confessor – padre Francisco Pinckowski. Demais professores da Casa: sr. Pedro Miele, José Lessa Barbosa, Antonio Rodrigues Araujo, padre Aurino Caracciolo.

A chegada desses padres marcou a ausência de cena do padre Mário Balbi, conselheiro do Colégio por muitos anos, respeitado e, algumas vezes temido por alunos e professores:

Como secretário ele era admirado e sob certos pontos, considerado mesmo pelas autoridades da Seccional de Fortaleza como perito em campo de educação e administração escolar. Debaixo de sua orientação foram promovidos cursos de aperfeiçoamento para professores como da CADES, realizado em Crato, e outros. (CRÔNICA DA CASA, 1967).

Em 1967, também, saiu de cena o padre José Dantas, transferido para Baturité, Ceará, onde ocupou o cargo de prefeito (atualmente denominado ecônomo). Esteve nesse Colégio por dois anos como catequista, diretor do *Oratório Festivo* e encarregado dos esportes do Colégio, com notável atuação, e pelas missas, entre outras ocupações. “Grandes foram os seus préstimos no trabalho de conservação e conserto da Casa, ao lado do padre prefeito”. Ele retornou a Juazeiro do Norte, porém, em 1969 ocupando o cargo de prefeito.

A propalada indicação da qualidade dos ensinamentos dos padres salesianos e a demanda educacional da cidade são testemunhos da sua importância para a história educacional local e para a contribuição que eles ainda têm para oferecer. Por isso, os anos de 1960 se encerraram com uma grande novidade, sendo o Colégio um espaço estritamente masculino, iniciando um processo de mudança significativo. Foi quando admitiu em seu interior uma turma de terceiro ano misto, na modalidade de “Cursinho pré-vestibular”, noturno.

Estes novos tempos do Colégio foram momentos de adaptação às exigências sociais e educacionais emergentes. Constituiu o trabalho daqueles padres que tinham a missão de dar continuidade àquelas mudanças e, ao mesmo tempo, não deixar se perder no trabalho a sua missão pastoral, que deveria continuar, de acordo com a *espiritualidade salesiana* e a vida ativa que sempre tiveram na cidade como seguidores de Dom Bosco. A continuidade dessas ações se apresentara, de acordo com a Crônica da Casa (maio 1969), quando o Colégio participou, com a presença dos alunos, das seguintes festas:

Festa de Nossa Senhora Auxiliadora com procissão no dia 24 de maio. Procissão do Corpo de Deus pelas ruas da cidade. Sete de setembro com desfile pelas principais ruas da cidade. Foi classificado como nos anos anteriores em primeiro lugar. Festa da Inauguração do *Majestoso Monumento ao Padre Cícero*, fundador da cidade, construído na serra do Horto. Participamos do desfile da festa na manhã do dia 1º de novembro. Caracteriza-se o colégio com o carro alegórico que levava um quadro simbolizando o monumento. Arrebatou palmas do Vice-Governador, General Ellery; do prefeito da cidade Dr. Mauro Castelo Branco Sampaio; de Senadores, Deputados Estaduais e Federais e de centenas de representantes de TVs, Revistas, etc.



Foto 37 – Gurilândia Salesiana (01/11/1969).  
Inauguração da Estátua do padre Cícero no Horto.  
Arquivo: Cícera Viana da Silva.

O Colégio Salesiano encontrava-se em um dos momentos mais promissores, com o aumento constante do número de alunos, o reconhecimento de um trabalho educacional de primeira qualidade, tornando-se objeto crescente de desejo de inúmeras famílias que tinham

filhos em idade escolar e, até mesmo, a classe feminina, que já lutava para ter acesso àquela educação. Considerado Colégio-modelo da cidade, ampliou o seu espaço físico interno para melhor atender ao crescente número de alunos. Para tanto, eles acresceram e ainda melhoraram a sala de professores, sala de jogos, construindo, também, mais banheiros.



Foto 38 – Colégio Salesiano (01/11/1969).  
Inauguração da Estátua do padre Cícero no Horto.  
Arquivo: CSJN.

Para completar esse ano cheio de realizações importantes, o Colégio promoveu a festa de certificação da primeira turma do curso Científico. Por gratidão, os alunos tomaram o diretor, padre Osvaldo, para ser o paraninfo da turma.

O relacionamento com a população da cidade foi outro ponto que continuou em ascensão. Esse fato foi percebido quando o padre José Dantas, diretor do *Oratório Festivo*, recebeu grande colaboração do dr. Geraldo Menezes Barbosa, o diretor da rádio Progresso, uma emissora local, e, como tal, fez uma campanha para que o padre José Dantas tivesse condição de premiar os seus 280 oratorianos. Além de noticiar, muitas vezes, fez ainda uma crônica intitulada: “Os meninos de Dom Bosco”, isso agradou muito aos padres salesianos, porque, para eles, elevou o nome de Dom Bosco, dos salesianos, e incentivou o povo para ajudar na premiação.

Este período foi marcado, também, pelo reconhecimento do trabalho do professor Luiz Magalhães e do professor Macário, em relação aos leilões promovidos para ajudar na construção do Santuário.

“O professor Luiz Magalhães tem sido o pivô das festas do Colégio. Passa o dia trabalhando em arrumar palanques e a quadra. Não se preocupa se faz o sol de 43 graus ou se faz frio às 12 da noite. Como costuma passar nas vésperas de desfiles”. (CRÔNICA DA CASA, 1969).



Foto 39 – Desfile de 7 de Setembro, organizado pelo professor Luiz Magalhães.  
Arquivo particular: Professor Luiz Magalhães (s/d).

E foi assim iniciados os anos de 1970. Aquele Juazeiro do Norte considerado por alguns como uma cidade atrasada, ridiculizada, reduto de fanáticos, anteriormente descrita por autores diversos, ficou no passado.

A Igreja Católica tinha à frente novos desafios surgidos com a implantação da ditadura no Brasil e, especificamente, o AI-5. Naquele período, cresceram a tensão entre setores da Igreja Católica e o Estado, em virtude de duas visões radicalmente opostas sobre o homem e a sociedade.

Os bispos do Brasil analisaram a realidade da educação católica e, com a promulgação da Lei nº 5.692/71, a Igreja continuou a se valer da educação, atuando, então, em particular, em todas as escolas, por meio da disciplina Ensino Religioso como antes investira na chamada “catequese escolar”, por meio da formação de professores e catequistas, para alcançar a hegemonia religiosa sobre o conjunto da sociedade. Portanto, durante o período investigado, a educação serviu para a Igreja Católica reunir em seu interior uma camada de intelectuais que a ajudaram, mais tarde, a exercer uma força hegemônica junto a todas as classes, congregando as massas da sociedade nos apostolados e na Pastoral de conjunto.

Desde então, a fé foi traduzida em práticas sociais que levaram a uma nova auto-compreensão da Igreja. Nesse ambiente, aflorou a Teologia da Libertação, que constituiu uma campanha contra as injustiças sociais. Destacamos como sendo não menos importantes, as “Comunidades Eclesiais de Bases”, caracterizadas por pequenos grupos de católicos que deveriam viver a fé em sintonia com a realidade social em que se encontravam. Nesta, o ministério leigo era fundamental, como já previa o Concílio Vaticano II, e a mulher ganhava espaço fundamental nesse novo projeto de Igreja.

No Colégio Salesiano, percebemos que os acontecimentos do *Oratório Festivo* ganharam mais espaço nas Crônicas da Casa, bem como as obras de caridade que se sucederam. Foi quando se deu, também, o encontro dos padres salesianos, por meio do Colégio com a juventude feminina da cidade.

A comunidade se reuniu no dia 14 de novembro para estudar o problema do Científico Misto. A comunidade aprovou a idéia por unanimidade, menos um voto contra, pelos seguintes motivos: 1º O Colégio já possui ambiente regular como trocador e banheiros femininos. 2º o colégio no mais está razoavelmente servido de professores. 3º Não existe no município com cerca de 90 mil habitantes, sendo 32 mil em idade estudantil, nenhum científico diurno. 5º o nosso científico é deficitário financeiramente, daí, em termos administrativos, a exigência de uma providência urgente para evitar o fechamento do curso. Finalmente, o desagrado por parte das famílias que motivados pelo cursinho misto de 1969 e que não teve continuidade, leva-nos a enfrentar com coragem o curso misto e apresentar à consideração do Conselho Inspeitoral. (ATA DE REUNIÃO DO CAPÍTULO DA CASA, nov. 1970).

Este fato constituiu o prenúncio de grandes mudanças e readaptação de funções e relacionamentos nas ações salesianas, pois o *Sistema Preventivo* de Dom Bosco teria de ser trabalhado por padres, atendendo a um público feminino. Um cidadão juazeirense, chamado Fran Barbosa<sup>54</sup>, escreveu em 1971:

Setenta e um, foi iniciado com a concretização de um sonho. Foi mais um objetivo alcançado para nossa sociedade. Trata-se da criação do científico misto, resultado de uma luta sem trégua pela qual muito se empenhou o nosso confrade Valter Barbosa. A nossa juventude feminina tão logo concluiu o ginásio, tinha que se deslocar para outros centros em busca do ensino de segundo grau.

Os padres salesianos na pessoa do seu então diretor Padre Osvaldo Freitas, atenderam as solicitações de um povo cioso de instrução e deu início ao trabalho de fazer funcionar o científico misto que agora surge com um corpo docente a altura dos melhores existentes na capital. Professores de Universidades de Fortaleza, Recife e Ouro Preto. (FRAN BARBOSA, 1971).

O início dos anos de 1970 foi caracterizado, também, pela posse do diretor, João Felipe Guimarães, que levou adiante esse novo empreendimento educacional. O padre Osvaldo partiu para o Recife, depois de ter exercido por quatro anos consecutivos o cargo de diretor.

O Padre Osvaldo, além de saber cativar o povo, também soube trabalhar. Fez muito pelo Santuário em construção; pelo museu, pela casa do horto e, principalmente pelo colégio. Na sua administração criou-se o curso científico, criou-se a biblioteca dos alunos, a cantina, a sala para jogos, a quadra de salão, a sala de espera, a diretoria e reformou a portaria. (CRÔNICA DA CASA, jan. 1970).

Padre Antonio José de Sousa Carvalho era o inspetor salesiano no Nordeste do Brasil, em 1970. Este período ficou marcado pela visita desse inspetor quando da comemoração

<sup>54</sup> Fran Barbosa, cujo nome completo é Francisco de Assis Figueiredo Barbosa, é hoje um médico juazeirense.

solene do “Jubileu de 50 anos Sacerdotais” do padre Francisco Pinkowsky, de nacionalidade polonesa, que chegou ao Brasil em 1913. Ele dirigiu vários colégios salesianos no Estado de Pernambuco e foi vigário da paróquia da Piedade em Fortaleza. Estava com 88 anos de idade e morava em Juazeiro do Norte há 20. Na ocasião, o padre Pedro Falcone, que veio do Recife para participar da comemoração, aproveitou para fazer reunião com os ex-alunos.



Foto 40 – Padre Francisco Pinkowsky ao lado de Dom Pietro Garneiro e salesianos da Casa de Juazeiro do Norte, out. 1970. Arquivo: CSJN.

Esta solenidade mostrou além da amizade da comunidade juazeirense para com o padre, o bom relacionamento dos sacerdotes com as autoridades políticas, que prontamente compareceram à cerimônia, os deputados federal Humberto Bezerra e estadual Aduato Bezerra, representantes políticos de destaque nos anos de ditadura.

No dia primeiro de março de 1970, a “Crônica da Casa” iniciou se reportando das atividades iniciais do *Oratório Festivo*. Em seguida, fala apressadamente das atividades iniciais do ano letivo do Colégio com a participação de todos os professores.

Pertenceram ao Colégio, como salesianos, os padres, clérigos e coadjutores, entre os anos de 1970 e 1971, conforme Crônica da Casa: diretor – João Felipe Guimarães, que após um ano foi substituído e ocupou o cargo de diretor o padre José Gomes dos Anjos; prefeito – José Dantas Silva; catequista – César Casetta; conselheiro – José Pereira de Lima; confessor: Francisco Pinkowsky; e professores coadjutores – Natanael Francisco dos Santos e Antonio Rodrigues Araujo. Em 1971, chegaram os clérigos Israel Andrade, Adonias e Vitorio. Padre Nestor Sampaio era o responsável pela construção do Santuário.

Pertenciam ao Colégio como professores externos: dr. Raimundo Santana, Joaquim Lôbo Macedo, José Agamenon Damasceno, Abraão Bezerra Batista, José Bezerra e Silva, Joaquina Gonçalves Santana, Luiz Magalhães, José Macário, Judite Viana de Oliveira, Odorina

Tenório, Terezinha Dantas, Zenilda Chaves Marques e Cícera Viana da Silva.

Os empregados da Casa eram: José Rogério dos Santos, Francisco de Assis Lima, João Batista da Silva, João Gomes (João prefeito), Francisco Guardião de Sousa, Maria Natália Soares, Emília Maria Gama, Francisca Sousa Costa, José Lucas e Severino.

O “Centro de Cultura Inglesa”, mais conhecido como CCI, foi uma importante iniciativa pedagógica do professor José Bezerra e Silva, ofertando, em horário extra, aulas de Inglês para os alunos do Colégio. Enquanto isso, o padre Nestor Sampaio inaugurava oficialmente a parte construída para o Oratório Feminino. Eram dois galpões ao lado do “Centro Maternal”. Como parte da comemoração, foi oferecido um banquete às 28 crianças do “Oratório Feminino”, que fazia na ocasião a primeira comunhão, depois de serem preparadas pela irmã Lourdes, que era uma missionária do Ginásio Monsenhor Macêdo. Acreditamos que tenha sido uma ação que buscava sintonia com as novas ações empreendidas pela Igreja Católica, como nos referimos anteriormente.



Foto 41 – Oratório Festivo Feminino (padre Nestor Sampaio e irmã Lourdes).  
Arquivo: CSJN.

Os novos tempos trouxeram, também, a necessidade de uma palestra sobre drogas, proferida pelo dr. Francisco Pinto Façanha. Era uma forma que os padres encontravam para proteger a juventude da cidade contra essa influência que tomava conta do País naquele momento, e que já se fazia presente na cidade.

Apesar da visão radicalmente oposta entre Igreja e Estado, como encontramos analisado por alguns autores, entre eles Matos (2003), o Colégio chegou ao final dos anos de 1970 com um considerável crescimento em número de alunos e reconhecimento da qualidade educacional ofertada.



Foto 42 – Diretor: Padre Pereira e Corpo docente do Colégio Salesiano – década de 1970.

Arquivo: Cícera Viana da Silva.

Contava com a ajuda de vários políticos, com a oferta de bolsas de estudo. A Coelce ofertou 56 bolsas, a maioria destinada aos filhos de funcionários do Colégio; e pelos políticos Mauro Castelo Branco Sampaio, ofertou 50 bolsas, mais subvenção social que contemplava mais 50 alunos; e do Cel. Humberto Bezerra, 73 bolsas, mais uma subvenção social que privilegiava 98 alunos; do MEC, com 148 bolsas. Assim, entre os 953 alunos matriculados, até o mês de abril de 1979, sendo 613 alunos matriculados nas séries do 1º grau e 340 nas séries do 2º grau, 419 eram bolsistas ou recebiam ajuda para custear os estudos.

A procura pelo Colégio veio do sucesso em aprovação no vestibular, ou em concurso para assumir cargos em entidades públicas, que naquele momento era o maior sonho da juventude local, principalmente daqueles que não possuíam os recursos necessários para prosseguir os estudos nas capitais do País.

Houve, também, acentuado interesse de estudiosos e pesquisadores pela história da cidade. Aparecem estudantes da Alemanha, França, Bélgica e Estados Unidos, todos inquietos para conhecer nossa realidade e, assim, levantam questionamentos socioculturais da extensão dos conselhos do padre Cícero Romão Batista. Outros querem conhecer os fenômenos que fazem da cidade uma metrópole em crescimento. Outros confessam sua estranheza diante da realidade dos fatos, que contradizem as suas concepções, pois esperavam encontrar um reduto de ladrões e facínoras. Esse comentário feito pelo padre Murilo de Sá Barreto, em uma de suas prédicas aos romeiros de Juazeiro do Norte, a qual acreditamos ser importante registrar aqui, pois traz uma visão sobre a formação sociocultural dessa gente, como diz o referido padre, e a forma como deveria ser estudada.

Na visão do padre Murilo<sup>55</sup>, a cidade cresceu sem esquecer sua crença e sua fé, porque Juazeiro do Norte é, antes de tudo, uma comunidade religiosa. Entenda-se por *comunidade* a associação não institucionalizada, unidade na diversidade de elementos complementares, haja vista um determinado conjunto de atividades e, *religiosa* é essa abertura para o culto a Deus, como necessária manifestação da contingência humana, considerando a cidade, sua gente, seus habitantes que em pleno século de pluralismo religioso, se orgulha de ser uma comunidade de fé. Portanto, a história de Juazeiro do Norte é a história de um povo que por motivo religioso se encontrou.

Podemos dizer que Juazeiro do Norte é o lugar de um povo crente, que aceita, facilmente, qualquer renovação, como observamos na aceitação e colaboração com os salesianos, desde que não fossem subestimados e subtraídos de sua cultura.

Padre Murilo ainda comenta que o caminho que tomam muitos estudiosos quando chegam com suas ideias preconcebidas, envenenados por uma literatura preconceituosa, não levam em consideração o trabalho realizado pelas paróquias e a missão que estas receberam da Igreja Católica. É um indiferentismo fabricado com a intenção de causar distorções sobre a vida da cidade, por subestimar sua tendência para o religioso e sacral.

As conduções desta pesquisa envolvendo a missão dos salesianos no Brasil, com base na missão da própria Igreja Católica no mundo e suas implicações na educação da juventude local, intentaram entrelaçar as histórias de Dom Bosco e do padre Cícero, transformando as questões individuais da vida desses padres, mas observando a forma como trabalham, comprometidos igualmente com a missão que teriam de cumprir, como membros de uma comunidade católica, cuja intenção maior é espriar pelo mundo uma Educação Cristã e/ou uma mentalidade Cristã Universalizada.

---

<sup>55</sup> Padre Murilo de Sá Barreto. Juazeiro do Norte uma comunidade religiosa. Texto encontrado no Arquivo do Colégio Salesiano de Juazeiro do Norte. Data presumida: 1970.

## 6 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Educar a juventude passou a ser uma necessidade que se impunha cada vez mais perante uma sociedade que se urbanizava rapidamente, em decorrência do êxodo rural e das romarias. Esse crescimento demográfico ditava novas regras de convivência no espaço cotidiano, pois, sendo a população juazeirense composta em grande parte de romeiros, era motivo de discriminação e preconceitos. A educação era vista pelo padre Cícero como uma das formas de resolver tal problema. Para isso, a oferta educacional foi sendo ampliada quantitativamente. Inúmeras escolas foram inauguradas, particulares, inicialmente, depois vieram escolas públicas. Uma escola católica, porém era fundamental para alcançar o ideal de desenvolvimento idealizado pelo padre Cícero.

A pesquisa realizada nos fez rever a importância de enxergar a cidade do Juazeiro do Norte como um marcante espaço agregador das culturas nordestinas, além de exercer forte liderança política, congregando forças políticas econômicas e religiosas da região. A pesquisa sobre a gênese e o desenvolvimento do Colégio Salesiano de Juazeiro do Norte, desde a instalação da Congregação na cidade, passando pelos momentos de construção e inauguração, até os anos de 1970, possibilitou reconhecê-lo em sua identidade institucional católica. Percebemos que, desde a sua origem, ele se apresentou como um espaço educativo eminentemente religioso.

Para traçar os motivos que nos levaram a esta investigação inserimos o nosso estudo em um contexto histórico mais amplo. A Igreja Católica precisava encontrar uma maneira rápida para abarcar a todos os cidadãos no processo de recristianização. O sistema de ensino salesiano foi a solução encontrada para dar a essa juventude uma educação conforme os princípios da reforma ultramontana, confirmando que o ideário salesiano era de aliar educação cristã e formação para a cidadania. Era esse um objetivo estrategicamente buscado pelos padres, na medida em que eles assumiram, naquele Colégio, os saberes vinculados pelo Estado, ao mesmo tempo em que davam a todo o conteúdo e espaço escolar um caráter de religiosidade, além de propor explicitamente a continuidade e o chamamento para divulgar a fé católica de acordo com a Santa Sé.

Podemos asseverar, então, que o Colégio Salesiano de Juazeiro do Norte é uma obra confessional católica estabelecida no início dos anos de 1940, por iniciativa e realização de importantes segmentos da sociedade, por intermédio de seus representantes. Inicialmente, o padre Cícero, articulado com representantes da Congregação espalhados pelo mundo, e

depois alguns representantes políticos e delegados de outros setores da cidade.

Foi um processo demorado porque teve de enfrentar uma luta contra as autoridades eclesiais do Estado do Ceará, especialmente do bispo, Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, da diocese do Crato, embora a história tenha revelado que a vinda e permanência dos padres salesianos tenha sido comemorada, também, pela própria Diocese e houve grande aceitação do processo educativo que ali se realizou, mostrando que as instâncias que se entrelaçam nessa história que compreende os romeiros e os filhos da terra, bem como o Estado e a Igreja, foram muito bem articuladas por aqueles padres.

Sendo a cidade de Juazeiro do Norte um lugar para onde se dirigiam os excluídos e deserdados dos bens materiais necessários à sobrevivência, castigados pelas secas periódicas que ocorriam no sertão nordestino, os sertanejos pobres buscaram o acolhimento espiritual e material que o padre Cícero poderia proporcionar para as suas vidas.

Entendendo que a religião, o trabalho e a educação são fatores fundamentais dessa empreitada rumo à transformação da realidade social, o Padre, que lutou para trazer a Congregação, tornou-se um homem dividido, pois, como presbítero, representa a Igreja Institucional e, como homem, é delegado do povo sertanejo por entender-lhes as manifestações simples de catolicismo e não conseguir vê-los como contrários às orientações da Santa Sé. Esse fato traz, ao longo dessa história, vários desdobramentos, entre eles o da discriminação social e étnica, bem como alimenta elementos de circularidade cultural, pois temos uma sociedade composta de ricos e pobres, e, entre esses segmentos sociais, fanáticos, intelectuais, analfabetos, filhos da terra e romeiros, com todas as tramas sociais mediadas por política e religião.

Acreditamos que uma das identidades de encontro entre o padre Cícero Romão Batista e Dom Bosco é que ambos exerceram uma pastoral do diálogo voltada para uma camada socialmente discriminada e desamparada; na Itália, Dom Bosco fez um trabalho com a juventude pobre, composta por vítimas do processo de industrialização, enquanto em Juazeiro do Norte, padre Cícero trabalhou com as vítimas do latifúndio e das constantes secas que marcaram a história do Nordeste.

Tratamos de uma pesquisa no campo da História das Instituições Educacionais, por meio do Colégio Salesiano de Juazeiro do Norte, no período de 1939 a 1970, com o objetivo de conhecer o seu processo de criação e implantação. A Instituição Salesiana, desde sua origem até os primeiros tempos em que se estabeleceu na referida cidade, revelou e manteve sua identidade confessional católica, empenhando-se por fazer da educação um espaço de explicitação de suas crenças a respeito da pessoa humana e da sociedade. O lema

“formar bons cristãos e virtuosos cidadãos” condensa toda uma visão a respeito da educação e dos sujeitos nela envolvidos. E o “espírito de família,” princípio que rege primeiramente a própria vida daqueles religiosos, foi também o fundamento educativo daquela Instituição.

O estabelecimento do Colégio Salesiano nesta cidade e a relevância deste estudo, então, podem ser entendidos com suporte na confluência de fatores que vão desde o investimento da Igreja Católica na educação, num contexto de longo confronto com as ideias positivistas da República nascente, que trazem um desconforto em relação aos princípios da liberdade e da laicidade no ensino, bem como a defesa de uma escola primária gratuita, passando pela modernização das relações econômicas e sociais que produziu o enfrentamento de forças políticas, inclua-se a Igreja, as quais propuseram várias reformas educacionais como meio de perpetuar sua hegemonia; estava em jogo, também, a educação incluída na política nacional.

Nessa contextura histórico-educacional, buscamos meios para justificar a periodização desta pesquisa. A base primordial foram os documentos investigados, por meio dos quais observamos que o Colégio passou por quatro fases. A primeira diz respeito à chegada da Congregação, em 1939, dando início aos trabalhos no Círculo Operário São José e com a criação da primeira escola funcionando precariamente numa casa situada à rua São José; a segunda fase é o seu desenvolvimento, que vai desde a transferência, nos anos de 1942, para o prédio construído para abrigar uma grande escola, até meados dos anos de 1950, dando início, então, a um período de transição, marcado por diversos encontros regionais para discutir reforma do ensino, que reuniam vários profissionais da educação, realizados pelo Governo do Estado; e por fim, a sua consagração, que vai de 1960 até os anos de 1970.

Em 1970, a escola entrou numa nova etapa da implantação já estabelecida. Os padres buscaram adequá-la aos níveis novos de exigência das leis brasileiras de educação e às necessidades de ampliar o espaço físico do estabelecimento, para atender a uma crescente demanda.

Os caminhos traçados para alcançar o objetivo maior deste estudo procuram conhecer, inicialmente, os aspectos fundamentais da história de uma instituição educacional, com origem no seu envolvimento com o projeto de cristianização da Igreja Católica, que se espalhou pelo mundo; em seguida, compreender a Constituição da Congregação Salesiana na Itália, mediante os fundamentos teológicos, filosóficos e pedagógicos da formação intelectual de seu criador, Dom Bosco; por fim, fomos analisar o contexto histórico-educacional no qual o Colégio foi criado em Juazeiro do Norte, investigando os elementos relacionados à implantação e desenvolvimento do Colégio em relação ao relacionamento com a população da

cidade, infraestrutura, saberes propostos, prática disciplinar, professores e alunos.

Para a realização deste trabalho, foi de suma importância o contato com os documentos do período, em especial as Crônicas da Casa, as Atas de Reuniões dos Capitulares, os Relatórios Anuais, os livros de visita, as entrevistas e os relatos via internet. Todos esses documentos forneceram preciosos e indispensáveis elementos para a análise.

Podemos dizer que o Colégio Salesiano de Juazeiro do Norte é, portanto, uma obra educativa confessional católica de meados do século XX e que foi a primeira escola de educação católica masculina da cidade. Os salesianos iniciaram sua obra educativa com o Oratório Festivo, logo estendendo suas ações para a criação de uma pequena escola e depois um grande Colégio situado no alto de uma pequena colina. Segue a proposta católica de educação hegemônica, característica de cada tempo em que se situa. Assim, desde que os salesianos se instalaram no Brasil em 1893, passaram a fazer parte do enfrentamento que se deu em tempos de República nascente: de um lado, as teses liberais e positivistas, ditas progressistas, e as de caráter conservador, dentre elas a educação católica.

Observamos, nas entrevistas com ex-alunos e professores de períodos diferentes, que a proposta pedagógica católica foi bem aceita pela maioria da população de Juazeiro do Norte, especialmente no seu período de desenvolvimento, sofrendo críticas, mais tarde, de alguns profissionais da educação e de intelectuais da cidade, mais interessados no aprimoramento das atividades em prol da juventude. Suas críticas foram direcionadas ao relacionamento entre professores, padres, leigos e alunos, algumas queixas contra os conteúdos ministrados e a rigidez da disciplina. Mesmo assim, a Igreja pôde desenvolver sua meta na cidade.

Foi importante compreender que a vinda desses padres italianos estava relacionada aos vários problemas que a Igreja contava no Brasil e, entre eles, era encontrar o corpo docente para os seminários e colégios. Por isso, houve a opção por padres estrangeiros, pois já estavam moldados pelos ideais ultramontanos, cujo projeto educacional era bastante conservador, não concordavam com os métodos modernos, porque adotavam um racionalismo que se contrapunha ao providencialismo, que constituía a base da doutrina católica. Eles se acreditavam como os únicos capazes de salvar a sociedade e, encontraram na educação o melhor caminho para esta finalidade.

Os padres salesianos chegaram a Juazeiro do Norte em pleno processo de romanização da Igreja Católica no Ceará. Os seus objetivos instrucionais e educacionais foram identificados com o objetivo maior da Igreja, sendo o objetivo final, mais amplo, formar jovens cristãos, católicos, cultos, sociáveis, mas, antes de tudo, cidadãos para a liderança

política regional.

Procuravam exercer a educação e o seu apostolado de acordo a espiritualidade salesiana que se caracterizava pela espiritualidade de São Francisco de Sales e com a pedagogia de Dom Bosco, que era o Sistema Preventivo, identificado com o seu carisma: amor, religião e carinho. Suas maiores convicções doutrinárias foram deduzidas com base em sua vida e de seus esquemas mentais, onde podemos observar a matriz da sua ideia de salvação redentora na Igreja Católica. Daí constituiu sua santidade e a que propõe aos demais, apoiado na grandeza da salvação, dignidade e caridade ativa. Nem sempre, no entanto, os padres conseguiam exercer essa educação, fato verificado pelas entrevistas de ex-professores.

A pedagogia dos padres era conveniente para o tradicionalismo daquelas famílias, pois seria por intermédio de uma educação católica, preparando intelectualmente a juventude, que formariam a elite local, por meio de costumes mais refinados, seguindo os critérios propostos pela educação religiosa. Foi dessa forma que eles formaram na cidade uma elite católica, hierarquizada, moralizada, cristã, com traços modernos e tradicionalistas, ao mesmo tempo, formando homens para a liderança social e, mesmo aqueles que receberam uma instrução mais restrita se tornaram profissionais eficientes e cristãos católicos convictos.

Percebemos, também, que restava aos padres, mediante a pedagogia salesiana, participar criativamente no projeto social que estava sendo gestado na cidade. Os salesianos, ao chegar encontram um povo disposto a colaborar, uma juventude preparada para aprender, uma sociedade que se entregava aos seus cuidados, uma juventude consciente do que queria em relação ao ambiente social em que vivia.

Esses padres tinham o dever de atrair para si essa juventude e ensinar-lhe outra forma de viver a sua fé católica para romper com as expressões de fanatismo encontradas. Era o que esperavam o bispo diocesano, Dom Francisco de Assis Pires, e a própria Igreja Católica. Portanto, instalar na cidade a Congregação não era um sonho somente do padre Cícero. Dessa forma, o Sistema Preventivo afirmou-se pela maneira como participou, naquele momento, do contexto social e do saber social que constituiu e, assim, permitiu a sobrevivência de uma sociedade em meio a complexos problemas ocasionados pela morte do padre Cícero.

A seguir, serão destacados alguns pontos fundamentais que identificaram a Pedagogia Salesiana na cidade de Juazeiro do Norte.

As procissões são um provável ponto de circularidade cultural. Os padres trataram de readaptar, retirando o que demarcava religiosidade popular e introduzindo elementos da cultura salesiana. Estes elementos apareceram para o público como mais uma importante forma de cultivar os santos, não pareciam rejeitadas pelas novidades que apresentavam, ao

contrário, eram motivo de orgulho. Esse espetáculo se repetiu durante muitos anos, agregando mais tarde outros colégios, assim como os carros alegóricos que abrilhantavam as procissões e os desfiles de 7 de Setembro, que confundiam religiosidade e nacionalismo.

Com a análise, concluímos que a educação não se reduzia à relação educador-educando no interior de um processo pedagógico. Percebemos que a ação educativa salesiana em Juazeiro do Norte estava inserida em um processo social mais amplo, como parte de um todo, onde se encontrava uma sociedade com seus dinamismos e conflitos, em um território explicitamente dividido pelas religiosidades.

Entendemos, também, que a educação salesiana não levou a juventude a um processo de aculturação tão fechado, porque alguns jovens continuaram a defender a autenticidade de suas crenças, ou seja, eles continuaram fiéis ao catolicismo popular, mas admitiam a necessidade de transformação para alcançar o desenvolvimento que tomava conta do País.

Partindo do encontro de culturas diferentes convivendo em um mesmo lugar, compreendemos que houve um movimento recíproco e contínuo, que influenciou esses diferentes níveis culturais. Mediante a educação confessional católica ofertada pelos padres italianos, assim levaram a romanização do culto católico à cidade e, ao mesmo tempo, os alunos encontraram a educação desejada. Portanto, as ações dessa instituição não podem ser vistas como algo arbitrário, pois existia uma permissão da família. Era, na verdade, uma escolha. Elementos de circularidade cultural ficam evidentes em todo esse percurso histórico do Colégio, que unem professores, alunos e as famílias, chamados a colaborar com o trabalho dos padres em busca de melhoria social por meio da apropriação dos conhecimentos escolares que circulam e do respeito dos padres para com a sociedade local, no sentido em que caminhassem juntos em todos os eventos de ordem política, religiosa e social.

O Colégio, que veio para cumprir a missão desejada pelo padre Cícero, mediado por uma “obra completa”, como indica o seu testamento, constituiu dois espaços culturais: um de inclusão social, por meio das oficinas, oratórios e escola de educação regular gratuita, ação que possibilitou, pela aprendizagem, amenizar problemas ocasionados pelos males sociais, e o desemprego; e outro, da diferença, ou seja, aquele trabalho que, em comum acordo com a família, forma atores sociais adequados para ocupar as posições sociais mais elevadas dentro de uma “determinada hierarquia social” e que é objeto comum de desejo em todas as camadas sociais.

Os salesianos tinham consciência do alcance social de sua obra, tomando a educação como espaço e instrumento de mudança social. Desta forma, podemos considerar

que o trabalhando em parceria com a população da cidade se tornou um projeto bem-sucedido de romanização em terras sertanejas.

As diferentes formas de enfrentamento entre os salesianos e a sociedade local foram observadas em movimentos recíprocos e contínuos que influenciaram os diferentes níveis culturais nesta cidade. A validade dessa escolha é confirmada agora, que estamos encontrando os momentos finais da pesquisa.

Observamos, também, que os romeiros tinham curiosidade em conhecer os salesianos e sabiam que eles eram herdeiros do padre Cícero; porém, não se percebem ações de padres salesianos para uma aproximação melhor com eles. Esse distanciamento dos padres ocasionou, também, a pouca confiança dos romeiros em relação a eles.

A juventude da cidade se apropriou da nova dinâmica emprestada da circularidade cultural, tendo acesso aos conhecimentos produzidos por uma determinada cultura letrada, e esta adaptando suas novas leituras do mundo às vivências cotidianas de uma comunidade sertaneja.

A experiência de escolarização oferecida por esse Colégio católico confessional ofereceu “boa educação” a uma parcela de crianças e jovens pertencentes a uma alta classe média e uma determinada burguesia da cidade. Portanto, contava com alunos oriundos de famílias que ocupavam cargos na administração da cidade, comerciantes, profissionais liberais, proprietários de terras e políticos; e outros oriundos das classes menos abastadas, alguns com bolsa de estudo, gratuitos ou semigratuitos; outros estudando no turno noturno gratuito.

As famílias tinham a convicção de que formar o filho dentro dos muros daquele Colégio significava um futuro garantido de sucesso, com uma boa posição social; é tanto que vários representantes das diversas gerações podem ser encontrados hoje em postos de direção, tanto no setor público nos níveis estadual e federal, quanto no setor privado. Além disso, alguns deles ocupam posições de destaque no espaço de produção cultural caririense e em outras regiões brasileiras.

Então, tivemos a preocupação mais ampla de conhecer as experiências de escolarização dos diversos grupos sociais, como um ponto de partida, capaz de tornar compreensíveis os problemas da diferenciação sociocultural que esses grupos expressam em momentos específicos de sua história. Assim, entendemos que a escolarização (cultura escolar) é responsável pelo processo por meio do qual se aprende a ser agente social, ou seja, aquele que participa das interações e ocupa posição de *status*, em que se adquirem as habilidades e a sensibilidade apropriadas para uma determinada participação na sociedade.

Observamos que esse contato com a cultura do Colégio não retirou aquela juventude

de sua cultura, mas, ao contrário, realçou a especificidade de suas interpretações, adaptadas a uma realidade ainda refratária a abstrações e fortemente marcada pela vivência concreta e materializada dos fenômenos religiosos de cunho popular. Por isso, foi importante situar a juventude dessa cidade no entrecruzamento de grandes eventos históricos que envolviam não apenas o catolicismo popular e suas consequências, como também estavam presentes na efetivação e modernização da República, por meio, inclusive, de reformas educacionais. A dinâmica e os embates culturais formam em Juazeiro do Norte uma cultura religiosa diferenciada, condensando elementos racionais, poéticos e místicos.

Na década de 1970, o Colégio completava 40 anos de história na cidade, e, a partir do que foi exposto até aqui, já podemos constatar que a experiência salesiana vivida em uma cidade peculiar como Juazeiro do Norte justificou a escolha do conceito de Circularidade Cultural de Ginzburg, dando curso à reflexão que teve início antes mesmo de iniciar este trabalho; reflexo de uma curiosidade que envolveu a busca de conhecer o relacionamento daqueles padres italianos interagindo num espaço social, considerado violento e fanático, que ali deram prosseguimento a uma luta em favor de uma Igreja romanizada.

Destacamos os componentes culturais do processo educativo salesiano, pela criação de espaços, imbricados com a cultura local, ambos permeados por apelos proféticos, ou seja, anunciavam uma revolução redentora. Neste parâmetro, o Colégio se apresentou como o salvador, que conquistou uma nova grandeza coletiva, fato que poderia nos levar a pensar numa elaboração messiânica elitizada.

Assim, consideramos que, ao tentar desfazer os mitos da religiosidade popular, os padres italianos estabelecem o mito da romanização. Mediante um conjunto de princípios didaticamente trabalhados, pretenderam uma unidade de pensamento, que culminava com a pretensão de transformar o indivíduo em um homem completo, de formação integral, religiosa, moral, intelectual, física, artística e profissional, que supunham estar em sintonia com o desejo das famílias, independentemente da posição social que ocupavam.

Os elementos que ilustram esse posicionamento se encontram, por exemplo, quando o Colégio se afirma como o melhor em qualidade na representação de uma instituição coerente e completa, desenvolvendo atividades que conduzem a juventude a alcançar os melhores posicionamentos sociais, por intermédio do detalhamento das atividades relativas aos trabalhos escolares, ao ensino e à disciplina presentes ao longo do texto, quando observamos as preocupações voltadas para a qualidade pedagógica da escola, a disciplina, o cumprimento das tarefas escolares, e, quando se tratava de contratar professores externos.

Outro ponto observado são as nostalgias passadistas, quando ex-alunos relembram

a apoteose dos desfiles em homenagem à Pátria; quando os padres se apropriaram também de elementos, tais como: imagens, ritos, símbolos e ressonâncias afetivas que mostravam que a cidade era muito receptiva aos mitos; destacamos aqui os certames catequéticos e sua apresentação rigorosa, disciplinada, mostrando respeito aos preceitos religiosos, como aprendizagem indispensável à formação de um bom cristão. Assim, também, eram as procissões, com sua organização e apoteose, que deixavam o povo “comovidíssimo”, como afirmam as Crônicas da Casa, e o incentivo dado às vocações, que enchiam de orgulho as famílias que viam seus filhos como escolhidos.

Podemos definir o Colégio Salesiano como caracterização do ideal da educação humanista cristã no Juazeiro do Norte, em um tempo em que se caminhava rumo à Modernidade, porém dentro de padrões conservadores. Essa imagem criada pelos diretores salesianos remete à busca das ações realmente efetivadas no cotidiano, que, em alguns momentos, aparecem com clareza e, em outros, de forma velada, mas que identificamos nas ações, por meio das quais tentam produzir a crença nesses alunos e em suas famílias, assim como na sociedade local, como um todo, de que ali se formavam aqueles que compartilhavam o mais alto grau que se podia atribuir às ações competentes de um fazer escolar.

Nestas condições de escolarização, encontra-se um Colégio dividido internamente em dois mundos, que auxiliam a produzir uma hierarquia social, caracterizada por alunos oriundos de famílias mais abastadas e aqueles que frequentavam as escolas profissionalizantes em turnos separados. Essa separação dos discentes nada mais é do que um reflexo da própria sociedade juazeirense, visto que estes se encontravam separados dentro do convívio social, além dos muros da escola.

Quanto à missão da Congregação Salesiana no Brasil, tópico inicial deste estudo, notamos que o projeto de cristianização e romanização da Igreja Católica é fortalecido com o poder de alcance da educação católica desses padres, dando curso às novas concepções e posições da Igreja junto ao movimento moderno que ganhou força no Brasil a partir dos anos de 1920. O catecismo articulado com padrões advindos do movimento da Escola Nova nos faz constatar um dos indicativos de uma articulação entre tradição e Modernidade, conservadorismo e inovação, presente intensamente em todo o percurso da história do Colégio em Juazeiro do Norte.

É preciso lembrar que todos os momentos em que apresentamos os posicionamentos da Igreja em relação às questões do seu tempo suscitam diferentes leituras, entre elas, a flexibilidade e capacidade de se renovar para manter e alcançar os seus objetivos, que culminam com a formação de uma nação intrinsecamente cristã. A presença salesiana em

Juazeiro do Norte revela a solidez da presença e da atualização do catolicismo em relação às práticas educacionais da época.

Para finalizar, alertamos para o propósito de não fechar essa questão, mas contribuir lançando renovadas perguntas, novas visões, outra interpretação, uma elaboração de outras pertinências, peculiar a cada historiador ao fazer a sua leitura do processo histórico.

## REFERÊNCIAS

- AFILHADOS *do Padre Cícero*. Juazeiro do Norte: Fundação Educativa Salesiano Padre Cícero, 2004
- ALVES, Francisco de Assis Francelino. Sobre a necessidade de uma história e memória da formação de professores no Estado do Ceará na passagem dos séculos XX a XXI. In.: LIMA, Roberto. *História e memória da educação no Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002.
- AMARAL, Eduardo Lucio Guilherme. Educação para a disciplina da fé: a construção do catolicismo romano no Ceará, 1867-1920. In.: *Rev. Humanidades*, v. 21, n. 1, p. 79-86. Fortaleza: jan./jun. 2006.
- ANAIS do V Congresso Brasileiro da História da Educação. *O ensino e a pesquisa em História da Educação*. Sergipe: 2005 (p. 4188-4195). Disponível em: <[www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/378CarlosNazareno.pdf](http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/378CarlosNazareno.pdf)>. Acesso em: 17 nov. 2010.
- ANDRADE, Iarê Lucas. “*Da linha do trem pra lá*”. O discurso sobre a prostituição na cidade do Crato – 1940/1960. [Dissertação de Mestrado]. Rio de Janeiro: UFRJ/UFC, 2000.
- ANDRADE, L. Costa. *Sertão à dentro: alguns dias com o Padre Cícero*. Rio de Janeiro: Typ. Coelho: 1922.
- ANSELMO, Otacílio. *Padre Cícero: mito e realidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.
- ARAÚJO, Raimundo Rodrigues. *Juazeiro do Padre Cícero: antologia, 1914-1994*. Juazeiro do Norte: Gráfica Mascote, 1994.
- ARRUDA, João. *Padre Cícero: política, religião e sociedade*. Fortaleza: INESP, 2002.
- AUBRY, Joseph. (cood). *Escritos espirituais de São João Bosco*. Trad. Fausto Santa Catarina. Roma: n/d. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas.
- AZZI, Riolando. *A obra de Dom Bosco no Brasil: a consolidação da obra salesiana 1908-1933*. São Paulo: Salesiana, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A obra de Dom Bosco no Brasil: a implantação da obra salesiana 1883-1908*. São Paulo: Salesiana, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Os salesianos no Brasil à luz da história*. São Paulo: Dom Bosco, 1982.
- BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Coimbra: Minerva Coimbra, 1999.
- BARBOSA, Fran. *Científico misto para Juazeiro*. Juazeiro do Norte: Tipografia São Francisco, 1971.

BARBOSA, Geraldo Menezes. *História do padre Cícero ao alcance de todos*. 2. ed. Juazeiro do Norte: Edições ICVC/Sesquicentenário (1844-1994), 1994.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. A cultura e a política: encontros frutíferos de uma agenda de pesquisa. In.: *Revista de Ciências Sociais: processos culturais e práticas políticas*. Universidade Federal do Ceará, v.28n.1/2, 1987.

BARROS, José D'Assunção. *O Campo da história: especialidades e abordagens*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcante. *Juazeiro do Padre Cícero: a terra da mãe de Deus*. 2.ed. Fortaleza: Editora IMPEHP, 2008.

BEM FILHO, Mário. *Formação religiosa de Juazeiro do Norte*. Fortaleza: ABC Editora, 2002.

BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. “A casa Giocosa” “Oratório São Girolamo” “Oratório de São Francisco de Sales”: experiência que se refazem e se aprimoram. In.: *Anais do V Congresso Brasileiro da História da Educação: o ensino e a pesquisa em História da Educação*. Sergipe: 2005.

BOSCO, São João. *Memória do Oratório de São Francisco de Sales: 1815-1855*. Trad. Fausto Santa Catarina. São Paulo: Editora Salesiana, 2005.

BOSCO, Teresio. *Dom Bosco: una biografia nuova*. Roma, Torino: Editrice Elledici, 1979.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: TA Queiroz, 1979.

BOURDIEU, Pierre (org.). *Compreender*. In.: *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRAIDO, Pietro. *Padre dos jovens no século da liberdade*. Trad. Geraldo Lopes e José Antenor Velho. São Paulo: Editora Salesiana, 2008. (v. I e II).

BROCARDI, Pietro. *Dom Bosco: profundamente homem, profundamente santo*. Trad. Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. 2. ed. São Paulo: Editora Salesiana, 2005.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

CASIMIRO, Renato. *Antes qu'eu m'esqueça*. Fortaleza: AFAJ/IPESC/ICVC, 2000.

CASTELO, Plácido Aderaldo. *História do ensino no Ceará*. Fortaleza: Departamento de Imprensa Oficial, 1970.

CASTRO, Afonso. *Carisma para educar e conquistar: espiritualidade, alegria e prazer na educação salesiana*. São Paulo: Editora Salesiana, 2002.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia (org.). *História e memória da educação no Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_; SÁ, João Hippolyto de Azevedo e. *O espírito da reforma educacional de 1922 no Ceará*. Fortaleza: UFC Edições, 2000.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHATIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. (Trad. Maria Manuela Galhardo). 2. ed. Portugal: DIFEL, 1998.

CONSTITUIÇÕES E REGULAMENTOS. *Constituições e regulamentos da Sociedade de São Francisco de Sales*. Mooóca, SP: Escolas Profissionais Salesianas, 1884.

CORDEIRO Celeste. *Antigos e modernos: progressismo e realidade tradicionalista no Ceará provincial*. Editora Annablume, 1997.

CORTEZ, Antonia Otonite de Oliveira. *A construção da “cidade da cultura”*: Crato (1889-1960). Dissertação de Mestrado em História Social. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro: 2000.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (org.) *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Trad. Maria Yedda Linhares. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

DIÁRIO OFICIAL de 30 de março de 1944. *Estatuto do Instituto Salesiano Padre Cícero*.

FEITOSA, Neri. *O Padre Cícero e a opção pelos pobres*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

\_\_\_\_\_. *Monsenhor Joviniano Barreto, 1889-1950*. Crato-Ceará: Cadernos do Cariri, 1966.

\_\_\_\_\_. *Padre Cícero: vítima do autoritarismo*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1986.

FERREIRA, Antonio da Silva. *Não basta amar: a pedagogia de Dom Bosco e seus escritos*. São Paulo: Editora Salesiana, 2008.

\_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. *Usos e abusos da história oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas (FGV), 2001.

FORTI, Maria do Carmo Pagan. *Maria do Juazeiro: a beata do milagre*. São Paulo: Annablume, 1999.

FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Memória intelectual da educação brasileira*. Bragança Paulista: EDUSF, 1999.

FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: USP, 2002.

- FOUCAULT, Michael. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GEERTZ, Clifford. *Saber local*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1985.
- GIRARDET, Raul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- HALBWACH, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; RAVEL, Jacques. *A história nova*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. *História e memória*. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2003.
- LEITE, Francisco de Assis (org). *Almanaque do Cariri: histórico, informativo literário recreativo*. s/l, 1949.
- LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom. *Joaseiro do Padre Cícero: cenas e quadros do fanatismo no Nordeste*. São Paulo: Melhoramentos, 1926.
- MACEDO, Nertan. *O padre e a beata*. Rio de Janeiro: Edições o Cruzeiro, 1961
- MACHADO, Paulo. *Cartório como fonte de pesquisa: certidão histórica da comarca de Juazeiro do Norte-CE*. Juazeiro do Norte: s/Ed., 1994.
- \_\_\_\_\_. *Padre Cícero entre os rumores e a verdade: o inventário do Padre Cícero Romão Batista (textos e documentos)*. Fortaleza: ABC Editora, 2001.
- MAGALHÃES, Justino Pereira de. Contributo para a história das instituições educativas: entre a memória e o arquivo. In: FERNANDES, Rogério; MAGALHÃES, Justino (orgs.). *Para a história do ensino liceal em Portugal: actas dos colóquios do I centenário da reforma de Jaime Moniz (1894-1895)*. Braga, Portugal: Universidade do Minho, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Tecendo nexos: história das instituições educativas*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.
- MARCIGAGLIA, Luiz Pe. (SDB) *Os salesianos no Brasil: ensaio da crônica dos primeiros vinte anos da obra de Dom Bosco no Brasil (1883-1903)*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1955.
- MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa história: 500 anos de presença da igreja católica no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2003. (Tomo 2: Período Imperial e Transição Republicana).
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. São Paulo: Paulinas, 2003. (Tomo 3: Período Imperial, Período Republicano e Atualidade).
- MENDONÇA, Ana Waleska P.C. Do pensamento pedagógico brasileiro à história das instituições escolares. In.: *Educação em Revista*. Belo Horizonte, n. 34, dez. 2001, p. 125-127.

MENEZES, Barbosa. *Crônica: Padre Francisco*. Juazeiro do Norte, 9. out. 1970.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. "Escola confessional" (verbete). In.: *Dicionário interativo da educação brasileira* – Educa Brasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=243>>. Acesso em: 28 jun. 2009.

MENEZES, Fátima. *Generosa: última pupila do Padre Cícero*. Juazeiro do Norte: HB Editora e Gráfica, dez./1999.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. Serviço de estatística da educação e saúde. *Estatística do ensino elementar, médio e superior* (excluído o ensino primário geral). Estado do Ceará, 1947.

MIRANDA, Julia. *O poder e a fé: discurso e práticas católicos*. Fortaleza; Edições UFC, 1987.

MONSENHOR JOVINIANO BARRETO. Poliantéia. In: *Cadernos do Cariri*, n. 5. Crato, CE, 1966.

MOSCOVICI, Sergi. *A representação social da psicanálise*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MOTTO, Francesco. *Giovani Bosco: ricordi confidenziali al direttore* (1863, 1871, 1886) test critico dicuradi Francesco Motto. *Tratto SSR 4* (1984), p. 125-166.

\_\_\_\_\_. *Memorie dal 1841 al 1884-5-6*. Testamento Spirituale. Roma: ASC, 1985.

MOURA, Luiz Gomes de. (org.). *Salesiano uma escola viva na memória e no coração: uma lembrança dos filhos de Dom Bosco em Juazeiro do Norte*. Recife: s/Ed, 2008.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na primeira república*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NASCIMENTO, F.S. *História política de Juazeiro: do Padre Cícero ao ano 2000*. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1998.

NUNES, Maria José Fonteles Rosado. In: MIRANDA, Júlia. *O poder e a fé: discurso e práticas católicos*. Fortaleza: EUFC, 1987.

OLIVEIRA, Amália Xavier de. *História da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte*. Fortaleza: Secretaria de Educação, Cultura e Desporto, 1984. (Edição Comemorativa do 50º Aniversário de sua Fundação, 1934-1984).

\_\_\_\_\_. *O Padre Cícero que eu conheci: verdadeira história de Juazeiro do Norte*. Rio de Janeiro: Olímpica, 1981.

OLIVEIRA, Luiz. *Centenário da presença Salesiana no Norte e Nordeste do Brasil: Salesiano cem anos, de 1933 a 1964*. Recife: Escola Dom Bosco de Artes e Ofício, 1994.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_.: dos primórdios até 1932. Recife: Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, 1932. (v. I).

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_.: de 1933 a 1964. Recife: Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, 1932. (v. II).

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_.: de 1965 a 1994. Recife: Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, 1932. (v. III).

\_\_\_\_\_. *Dai-me almas*: retrospectiva do centenário do Colégio Salesiano Sagrado Coração. Recife: Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, 2001.

\_\_\_\_\_. *Inspetoria Salesiana São Luiz de Gonzaga*. Recife: Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, 2005. (v. I).

PERINE, João Carlos. *Padre Cícero fedele Allá chiesa e Allá sua gente*. Juazeiro do Norte: Gráfica Nobre, s/d.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In.: *Estudos históricos*, v. 2, n. 3. Rio de Janeiro: Cpdoc/FGV/Associação de Pesquisa e Documentação Histórica – Semestral, 1989.

QUEIROZ, Zuleide Fernandes. *Em cada sala um altar, em cada quintal uma oficina: o tradicional e o novo na história da educação tecnológica no Cariri*. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

RAMOS, Francisco Regis Lopes. Juazeiro e caldeirão: espaços de sagrado e profano. In: SOUZA, Simone de. *et al* (org.). *Uma nova história do Ceará*. 3. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha. 2004.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O verbo encantado: a construção do Padre Cícero no imaginário dos devotos*. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 1998.

REIS, Carlos. XXXI Congresso Eucarístico Internacional. In.: *Brasil Revista*. Disponível em: <[fotolog.terra.com.br/luizd:1345](http://fotolog.terra.com.br/luizd:1345)>. Acesso em: 1 fev. 2011.

REVEL, Jacques. *Proposições: ensaios de história e historiografia*. Trad. Claudia O'Connor dos Reis. Rio de Janeiro, Editora da UERJ, 2009.

RIBEIRO, Senhorzinho. *Juazeiro em corpo e alma*. 2. ed. Juazeiro do Norte: Gráfica Royal, 1994.

RODRIGUÉZ, Jaime. *Sabedoria do coração: a assistência salesiana*. Trad. Claudia Maria Castro. 2. ed. São Paulo: Editora Salesiana, 2003.

SALESIANOS DE DOM BOSCO. *Constituições e regulamentos*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1985.

SCHIÈLÉ, Robert. *Dom Bosco: fundador da família salesiana*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

SILVA, Antenor de Andrade (SDB). *Cartas do Padre Cícero: 1877-1934*. Salvador, BA: Editora Salesiana, 1982.

\_\_\_\_\_. *Os salesianos e a educação na Bahia e em Sergipe – Brasil, 1897-1970*. Roma: Instituto Histórico Salesiano, 2000.

\_\_\_\_\_. *Padre Cícero: mais documentos para sua história*. Salvador, BA: E.P. Salesianos, 1989.

\_\_\_\_\_. *Os Arquivos do Padre Cícero*. Crato-CE: Empresa Gráfica LTDA, 1977.

SILVA, Carlos Leôncio da. *Sete lustros da inspetoria salesiana norte do Brasil: 1895-1930*. São Paulo: Lorena, 1967.

SILVA, José Bernardo da. *Os sermões do padre Carlos Galli*. Juazeiro do Norte: 1956. (Literatura de Cordel).

SOBREIRA, G. Dias. *Curiosidades e fatos notáveis do Ceará*. Rio de Janeiro: TYP, 1921.

SOBRINHO, Vicente Ribeiro. *Juazeiro de ontem e de hoje*. Juazeiro do Norte: s/ed., 2007.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TORRES, João Camilo de Oliveira. *História das ideias religiosas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1968.

VAIFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história*. São Paulo: Campus, 2002.

VASCONCELOS, Rita Maria de; BINDÁ, Thirza Maria Bezerra; FROTA, Alexandre Gonçalves *et al* (orgs.). *Papiro da memória: cento e vinte e cinco anos de presença das filhas de Sant'Ana no Brasil, 1884-2009*. Sobral-CE, out. 2009.

VIDAL, Diana Gonçalves (ORG.). *Na batalha da educação: correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo, 1929-1971*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

VILLANUEVA, Chaves Pascoal. *Eduquemos com o coração de Dom Bosco*. São Paulo: Editora Salesiana, 2008.

WALKER, Daniel. *História da Independência de Juazeiro do Norte*. Juazeiro do Norte: HB Editora, 2010.

ZARBINO, Pietro. *I sogni di Dom Bosco*. Roma, Torino: Editrice Elledici, 1987.

## PERIÓDICOS E JORNAIS

*BOLLETINO SALESIANO*, ano VI, jul. 1882, p. 118-119.

*BOLETIM SALESIANO*. 1916, p. 107.

BOLETIM SALESIANO. *A formação espiritual dos seminaristas*. Alocução do santo Padre João XXIII, aos diretores espirituais dos seminários da Itália. Roma, Casa Generaliza, 1962.

\_\_\_\_\_. *Dom Bosco e a família salesina*. Recife: Inspetoria Salesiana, 2011.

\_\_\_\_\_. *Nos 500 anos de evangelização: presença salesiana na América*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1992. (tradução do original espanhol).

\_\_\_\_\_. *Órgão de comunicação da família Salesiana*: “...Quis o Divino Redentor coroar os méritos de seu servo fiel, Pio X”, ano. 34, n. 2, mar./abr. 1884.

COLÉGIO SALESIANO DE JUAZEIRO: esplêndida conquista de um povo. *In.: Jornal da inauguração do Colégio*. Edição dedicada ao Crato, 30 de abril de 1942.

DEUS SALVE O REIZINHO: ópera apresentada pelos Canarinhos do cariri. *Tribuna de Juazeiro*. Juazeiro do norte, 15 jan., 1967.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO CEARÁ. *Estatuto do Instituto Salesiano Padre Cícero*, publicado em 30 de março de 1944. Juazeiro do Norte, CE: ISPC, 1944.

*FLOR DO SERTÃO*. Órgão dos alunos do Ginásio Salesiano São João Bosco. Abr./maio. 1949, p. 32.

ALBUM DE JUAZEIRO DO NORTE, 1872 a 1951

JUAONLINE, 21 de ago. de 2007, n. 17.

## ARQUIVOS DO COLÉGIO SALESIANO DE JUAZEIRO DO NORTE

- ESTATUTOS

ESTATUTOS. *Obra social salesiana Dom Bosco*: de 1956 a 1982.

ESTATUTOS do Instituto Salesiano Padre Cícero. Juazeiro do Norte-CE: Tip. “*O Juazeiro*”, s/d.

\_\_\_\_\_. Juazeiro do Norte-CE, publicado em agosto de 1967. *Reforma dos estatutos da sociedade civil de Juazeiro do Norte*. Juazeiro do Norte, CE: ISPC, 1967.

ESTATUTO da *Associação de Educação Católica do Ceará* (AEC). s/d.

REGIMENTO INTERNO do *Colégio Salesiano São João Bosco*. Juazeiro do Norte-CE. Aprovado pelo Parecer nº 206/1979.

- ATAS

*ATA DA SESSÃO DE INSTALAÇÃO OFICIAL DA CONGREGAÇÃO SALESIANA* em Juazeiro do Norte, elaborada em 31 de março de 1939.

*ATAS DAS PROVAS ORAIS DOS EXAMES DE SUFICIÊNCIA 1943-1948 e exame de segunda época 1949.* (Manuscrito). GINÁSIO SALESIANO SÃO JOÃO BOSCO.

*ATAS DO CONSELHO DA CASA.* Reuniões do Capítulo da Casa. Abril 1955 a 1960 e 1966 a 1974, 1980.

*ATAS DO CONSELHO DA CASA.* 1955 a 1980. Ginásio Salesiano São João Bosco.

*ATAS DE RESULTADOS FINAIS.* Colégio Salesiano São João Bosco. 1942 a 1965

*ATAS DE RESULTADOS FINAIS.* Colégio Salesiano São João Bosco. 1966 a 1979.

*ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA.* Sindicato dos Diretores do Cariri. Colégio Salesiano São João Bosco. 1962.

- DIVERSOS

*CADERNO DE RASCUNHOS DE AMÁLIA XAVIER DE OLIVEIRA. Discursos, correspondências, duetos, dramatizações, relação e notas de alunos, carta para Dr. Moreira de Sousa.* 1943 (22 p).

*CENTRO ARTESANAL PADRE CÍCERO (CAPC).* Ginásio Salesiano São João Bosco. *Histórico do Centro Artesanal Padre Cícero.* Juazeiro do Norte, 10 de fev. 1966.

*TURMA CINQUENTENÁRIA. Diplomados de 1961, Antônio Ferreira Barros.* Ginásio Juazeiro do Norte-CE: Salesiano São João Bosco. Arquivo particular.

*DISCURSO. Solene inauguração do Colégio Salesiano de Juazeiro.* 26 de abril de 1942.

*HISTÓRICO DO CENTRO ARTESANAL PADRE CÍCERO.* Juazeiro do Norte, 10 de fev. 1966.

- CRÔNICAS

*CRÔNICAS DA CASA:* 1939 a 1979.

*CRÔNICA DO APRENDIZADO AGRÍCOLA:* 1960.

- RELATÓRIOS

*RELATÓRIO DAS Atividades do Encontro dos Professores do Ceará – Zona Sul.* Juazeiro do Norte, 23 a 25 abril 1963.

*RELATÓRIOS DO COLÉGIO SALESIANO SÃO JOÃO BOSCO. Boletim dos Exames de Admissão.* 1946.

\_\_\_\_\_. *Boletim de Exercício e Exames. Estatística de Aproveitamento, Grade Curricular, Corpo Docente, Quadro de Matrícula, 1ª a 4ª Série Ginasial.* 1945/1946/1947.

\_\_\_\_\_. *Boletim de Frequência, 1ª a 4ª Série Ginasial.* 1947.

\_\_\_\_\_. *Boletim de Médias Gerais, 1ª a 4ª Série Ginasial.* 1945/1947.

\_\_\_\_\_. *Boletim de Médias, 1ª a 4ª Série Ginasial e Fundamental.* 1946.

\_\_\_\_\_. *Oratório festivo: estatuto.*

\_\_\_\_\_. *Oratório festivo: Instituto Salesiano Dom Bosco.*

\_\_\_\_\_. *Relação de alunos submetidos a provas práticas, pontos para prova parcial de Canto Orfeônico, Geografia, Ciências, Matemática, Inglês, Francês, Latim, Português, História do Brasil, História Geral, Educação Física, 1ª a 4ª Série Ginasial, dez.* 1947.

*RELATÓRIO DE INSPEÇÃO: Dr. José Odorico de Moraes (Sanitarista).* 1944.

## DOCUMENTOS MANUSCRITOS

ESCOLA AGRÍCOLA SÃO JOSÉ. *Registro escolar: de 1948 a 1963.* Juazeiro do Norte.

GINÁSIO SALESIANO SÃO JOÃO BOSCO, Juazeiro-Ceará. *Boletim de exames, 1ª e 2ª época do 1º Ciclo da 1ª a 4ª série do Curso Ginasial.* De 1948 e 1949.

\_\_\_\_\_. *Boletim de frequência, 1º Ciclo da 1ª a 4ª série do Curso Ginasial.* 1947.

\_\_\_\_\_. *Boletim de notas de exercícios, 1º Ciclo da 1ª a 4ª série do Curso Ginasial.* 1947.

\_\_\_\_\_. *Certificados de aprovação em exame de admissão à 1ª série ginasial.* De 1946 a 1949. República dos Estados Unidos do Brasil. Ministério da Educação e Saúde.

\_\_\_\_\_. *Histórico escolar da 1ª a 4ª série do 1º Ciclo.* De 1943 a 1947.

\_\_\_\_\_. *Histórico do Centro Artesanal Padre Cícero.* Juazeiro do Norte, 10 de fev. 1966.

*RELATÓRIO das Atividades do Instituto Padre Cícero.* 1965.

*RELATÓRIO de Atividade Anual.* 1965.

*RELATÓRIO de visita do Inspetor Antonio Stelita Silva (Diretor da Divisão do Ensino Secundário).* 1954.

*RELATÓRIO de visita do dr. Elyσιο Figueiredo, inspetor federal, 07 de dezembro de 1957.*

*RELATÓRIO de visita do Inspetor Itinerante.* Juazeiro, abr. 1958.

*RELATÓRIO do Encontro Pedagógico dos Educadores do Ceará: zona sul. 23 a 25 de abril de 1963.*

*RELATÓRIO do Oratório Salesiano Dom Bosco.* Juazeiro do Norte, 1975.

## CARTAS

ARQUIVO SALESIANO CENTRAL EM ROMA. *Cartas de Don Ricaldone, Dom Francisco de Assis Pires e Don Guido Barra.*

ARQUIVO SALESIANO DE JUAZEIRO DO NORTE. *Cartas do Padre Cícero.*

CARTA AO S. PADRE, MÃO PRÓPRIA. *Santíssimo Padre Benedito XV.* Roma. Pelúcio Correia de Macedo. Juazeiro, 17 de julho de 1917. 18p.

CARTAS DE DON RICARDONI, *Dom Francisco de Assis Pires e Dom Guido Barra*, 1938 e 1939. (ASC EM ROMA).

*CARTAS DO PADRE CÍCERO.* Arquivo Salesiano de Juazeiro do Norte.

CARTA MORTUÁRIA. *Homenagem da família salesiana e da comunidade juazeirense ao ex-diretor, Padre Gino Moratelli.* Trad. Padre Bartolomeu Almeida. Itália, 1986.

CIRCULAR. *A propósito do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional.* Crato: 14 de abril de 1955. Francisco, Bispo do Crato.

CIRCULAR. *Ministério da Educação e Cultura- Diretoria do Ensino Secundário. Inspeção Seccional de Fortaleza.* Fortaleza-Ceará: Confecção de relatório, 20-2-1956.

CIRCULAR. *Vº Encontro de professores secundários patrocinado pela CADES.* Fortaleza: A.E.C. do Brasil (Associação de Educação Católica), 18 nov. 1960.

CIRCULAR. *VIº Congresso Internacional pela liberdade do ensino.* Rio de Janeiro: A.E.C. do Brasil (Associação de Educação Católica), 1961.

DISCURSO. *Aniversário dos 60 anos do Instituto Salesiano Padre Cícero em Juazeiro do Norte.* Anchieta Martínez de Mont'Alveren (ex-aluno salesiano). 12 de setembro de 1999.

DOM BOSCO. “*Carta de Roma*”, edição das Constituições Salesianas.

*FORÇA Aérea Brasileira ao Diretor do Ginásio Salesiano São João Bosco.* Assinada pelo Major de Brigada do Ar, Engº. Antonio Guedes Muniz – Diretor Geral do ensino.

JOASEIRO, A CARTA ABERTA DO SNR. NICODEMOS, n.18: *Resposta de José de Arimathéa: Quem fez pretensos os milagres de juazeiro.* (ASC em Roma).

MINISTÉRIO DA MARINHA. *Da Diretoria do Pessoal para o diretor do Ginásio Salesiano.* Assinada pelo Capitão de Marinha e Guerra, Vice-diretor: Aurélio Linhares.

*PADRE Mário Balbi Para Monsenhor Pedro Rocha.* Juazeiro do Norte, 13 de fevereiro de 1958.

SACRA CONGREGAZIONE DEGLI AFFARI ECCLESIASTICI STRAORDINARI. Brasile: Lettera: Suprema Sacra Congregazione del Santo Ofício. Vaticano – Roma, 21 ottobre, 1915; 30 maggio, 1916; 6 de giugno, 1916 (del Eugênio Pacelli, Segretario della S.C. degli aa. E.E. SS. E e Assessor, Donato Ibarreti). (ASC, ROMA)

*SACRA CONGREGAZIONE DEGLI AFFARI ECCLESIASTICI STRAORDINARI*. Brasile, 1916-1917: Carta: Suprema Sacra Congregazione del Santo Ofício, Roma 30 de maio de 1916. (Eugênio Pacelli, Secretário). (ASC, Roma)

## ENTREVISTADOS

Antenor de Andrade Silva (SDB)  
Francesco Motto (SDB – Roma)  
João Carlos Perine (SDB)  
José Dantas Silva (SDB)  
Padre Antônio de Medeiros Filho (SDB)  
Padre Luigi Cei (SDB, Roma)  
Professor Luiz Moura (SBD)

Professora Cícera Viana da Silva  
Professor Luiz Magalhães  
Professor Renato Dantas  
Professor Robério Ramos (Leigo)

Anchieta M. de Mont' Alverne (ex-aluno)  
Aguinaldo Carlos  
Daniel Walker (ex-aluno)  
Francisco Osani de Lavo (ex-aluno)  
Francisco Sávio Ferreira Melo (ex-aluno)  
Geová Sobreira Magalhães (ex-aluno)  
Luiz Fidelis Lopes (ex-aluno)  
Odilon Pereira da Silva (ex-aluno)  
Paulo de Tarso Gondim Machado (ex-aluno)  
Pedro Ferreira Barros (ex-aluno)  
Raimundo Rodrigues Araújo (ex-aluno)  
Renato Casimiro (ex-aluno)